UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

**OS ANEXOS DA FAU-USP:
DO ATELÊ DA VILA PENTEADO AO CONCURSO DE 1989**

LUIZ EDUARDO VASCONCELLOS JUNQUEIRA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À FAU-USP PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE

área de concentração: PROJETO DE ARQUITETURA

orientadora: PROFA. DRA. HELENA APARECIDA AYOUB SILVA

São Paulo, 2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL, SOB RESPONSABILIDADE DO AUTOR E ANUÊNCIA DO ORIENTADOR.

O original se encontra na sede do Programa de Pós-Graduação da FAU-USP
São Paulo, Julho de 2016

E-MAIL DO AUTOR: levj@uol.com.br

Junqueira, Luiz Eduardo Vasconcellos

J95a Os anexos da FAU-USP: do ateliê da Vila Penteado ao
concurso de 1989 / Luiz Eduardo Vasconcellos Junqueira. -- São
Paulo, 2016.
433 p. : 457 il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Projeto de Arquitetura) - FAUUSP.
Orientadora: Helena Aparecida Ayoub Silva

1.Projeto de arquitetura 2.FAUUSP 3.Vila Penteado – São Paulo (SP) I.Título

CDU 72.011.22

para João e José,

AGRADECIMENTOS

À Helena Ayoub, pela orientação entusiasmada desde nossa primeira conversa, e a confiança e liberdade ao longo da realização deste trabalho.

Aos professores Jon Andoni Vergareche Maitrejean, Arnaldo Martino, Marcos Acayaba, Edgar Gonçalves Dente, João Xavier, Antonio Carlos Sant’Anna e Benedito Lima de Toledo, que me receberam generosamente para longas conversas sobre a FAU-USP e seus anexos. Agradeço especialmente a João Xavier pelas imagens registradas na Vila Penteado dos anos 1950, acervo de importância fundamental para o registro da história da FAU-USP, e a Jon Maitrejean, pela conversa que reorientou o rumo desta pesquisa.

Aos meus companheiros de trabalho, Fernando Guillermo Vázquez Ramos, Marcos Figueiredo, Tânia Senaga e Tales Galvano, pelo suporte durante minha ausência por conta desta pesquisa. Um agradecimento especial ao Fernando, por me receber generosamente em seu escritório e pelas leituras e sugestões, desde o projeto de pesquisa. Ao Tales, pelo modelo digital da Vila Penteado e do Ateliê e o trabalho gráfico desta dissertação, realizados com grande dedicação.

Aos professores Julio Roberto Katinsky e Antonio Carlos Barossi, pela Banca de Qualificação, difícil e necessária. Ao Barossi, um agradecimento especial pelo desenho de reconstituição do projeto de Roberto Tibau.

Ao meu amigo João Sette Whitaker Ferreira, que estimulou continuamente o trabalho aqui apresentado.

Ao Rafael Perrone, dedicado professor, desde o curso de Linguagem Arquitetônica do Anglo até a Pós-Graduação, na FAU-USP. Sua paixão pela arquitetura e pelo desenho é contagiante.

À Luciana Nigoghossian dos Santos, pelo incentivo maior deste projeto e pelas infindáveis leituras e observações sempre pertinentes. Ao meu filho Pedro Junqueira, pelas imagens realizadas junto ao acervo do Setor de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

À Sabrina Fontenele e ao CPC-USP, pela documentação sobre a Vila Penteado.

À Eliana de Azevedo Marques, Antônio José Lásaro Aprilanti e Ruy Debs, pelas imagens da FAU Maranhão.

Aos professores e demais monitores da Disciplina Interdepartamental 1601105 da FAU-USP, onde tanto aprendi.

Ao meu amigo Sérgio Matera, pela grande ajuda no início desta pesquisa.

Ao Artur Rozestraten e ao LAME, pela oportunidade de fotografar o modelo do anexo para a Pós-graduação.

À Biblioteca da FAU-USP, o melhor lugar da Escola.

À Secretaria da Pós-Graduação da FAU-USP.

Ao GEEF-FAU, pelo acervo da documentação referente ao processo do Concurso de 1989.

À querida amiga Luciana Szymanski, pela tradução do resumo.

À Gonçala, pelas conversas e cafés matinais ao longo deste trabalho.

À minha mãe, Maria Augusta, minha tia Isbella e minha irmã Paula, que estiveram sempre por perto.

Com muito amor, para minha família: Luciana, Pedro e Didé, o que há de melhor neste mundo.

RESUMO

A presente dissertação aborda os anexos e ampliações projetados para os dois edifícios principais da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, a Vila Penteado e o Edifício Vilanova Artigas, enquanto obras construídas ou como projetos não realizados.

Deste modo, a pesquisa procura ampliar o entendimento e o conhecimento disponível da presença da FAU-USP nestes dois edifícios, a partir de uma particular e sensível situação de projeto, o desenho de anexos e ampliações, utilizando estes edifícios como recorte de pesquisa, num arco abrangendo a história da FAU-USP, desde seu período inicial na Vila Penteado, em meados da década de 1950 quando ali foi edificado o Ateliê até o Concurso para o Anexo do Edifício Vilanova Artigas realizado em 1989. A pesquisa incluiu também seus desdobramentos, quando, com criação do Curso de Design, no início da década de 2000, cogitou-se ampliar o Anexo construído.

Sendo esta pesquisa centrada no tema dos anexos, investigados desde o ponto de vista das relações estabelecidas com os edifícios de uma escola de arquitetura e urbanismo, esta aproximação se orienta, paralelamente às questões de projeto que os definem e descrevem, por uma reflexão sobre as relações entre estes anexos e o ensino da arquitetura na FAU-USP.

Pelas características únicas e a qualidade arquitetônica excepcional, ambos edifícios impõem parâmetros particulares nas considerações sobre seus anexos, acrescentando elementos que ampliam a complexidade das relações com os edifícios-matriz, permitindo com isso o desenvolvimento de questões potenciadoras deste estudo a partir de reflexões sobre o projeto, o ensino, e a inserção de novos elementos em contextos de preservação do patrimônio edificado, histórico ou moderno.

Palavras-chave: Anexo; Ampliação; FAU-USP; Vila Penteado; Edifício Vilanova Artigas.

ABSTRACT

This dissertation addresses the annexes and extensions that were designed for the two main buildings of FAU-USP: Vila Penteado and Vilanova Artigas' building. It's about the finished buildings that were actually built as well as the unrealized projects.

Thus, the research seeks to expand the understanding and the knowledge of FAU-USP's presence in these two buildings from a particular and sensitive project situation, the design of annexes and extensions, using these buildings as a research out-line that covers FAU-USP's history since its first period at Vila Penteado, in the mid-1950s when the *Ateliê* was built, until the competition to the annex of Vilanova Artigas building held in 1989, including its deployments when it was cogitated to enlarge the built annex after the foundation of the Design Course in the early 2000s.

The research focuses on the annexes' theme, which were investigated from the point of view of established relations with the architecture and urbanism school buildings. This approach is guided by a reflection about how the teaching of architecture at FAU and its annexes are related, in parallel with the design issues that defines and describes them.

Because of their exceptional architectural quality and unique features, both buildings impose particular parameters considering their annexes, as they add elements that make the relation between the main buildings and the annexes even more complex. This allows the development of this research's theme starting from the discussion about the project, the teaching and insertion of new elements related to the preservation of the modern or historical heritage.

Keywords: Annexe; Addition; FAU-USP; Vila Penteado; Vilanova Artigas Building.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
------------	----

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CRITÉRIOS UTILIZADOS	03
---	----

PARTE I	
OS ANEXOS DA FAU-USP NA VILA PENTEADO	15

A VILA PENTEADO	17
-----------------	----

A FAU-USP: A VILA PENTEADO COMO ESCOLA DE ARQUITETURA	39
---	----

O PAVILHÃO DO ATELIÊ	69
----------------------	----

A CANTINA E O GALPÃO DA “MAQUETE”. OUTRAS INTERVENÇÕES	113
--	-----

A MUDANÇA: ABANDONO E DEMOLIÇÃO DOS ANEXOS	127
--	-----

UM ANEXO PARA A PÓS-GRADUAÇÃO	135
-------------------------------	-----

PARTE II	
OS ANEXOS DA FAU-USP NO EDIFÍCIO VILANOVA ARTIGAS	151

A FAU DE VILANOVA ARTIGAS	153
---------------------------	-----

O ESTUDO PARA A AMPLIAÇÃO DE 1979. A PROPOSTA DO ANEXO DE 1988	181
--	-----

O CONCURSO DO ANEXO EM 1989: AS CIRCUNSTÂNCIAS. OS PROJETOS	203
---	-----

O CURSO DE DESIGN: ESTUDOS PARA A AMPLIAÇÃO DO ANEXO	289
--	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	307
----------------------	-----

REFERÊNCIAS	313
-------------	-----

ENTREVISTAS	329
-------------	-----

ANEXOS	333
--------	-----

[...] no âmbito da experiência histórica da arquitetura, seria interessante colocá-la num anexo. Porque considero imensamente poética a história do anexo na arquitetura. Quando você faz uma construção deve imaginar que ao sair desta construção ou dirigir-se de dentro para fora, mesmo que seja com a visão, abrindo uma janela e olhando, você sempre vê o outro. Mas a idéia do anexo é intrigante porque divide em duas partes uma coisa só, de onde um vê o outro, que são o mesmo. O anexo é como se você preparasse o interlocutor. Portanto, a figura do anexo na arquitetura tem, para mim, uma beleza, um encanto muito grande [...]

Paulo A. Mendes da Rocha

INTRODUÇÃO

Dos cinco edifícios que compõem a estrutura de ensino da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), a Vila Penteado e o Edifício Vilanova Artigas¹ se destacam pela importância e excepcional qualidade de sua arquitetura, pelo significado cultural, como documento artístico e histórico do desenvolvimento arquitetônico e urbano de São Paulo. Esta relevância pode ser observada pela quantidade de publicações, informações e pesquisas existentes sobre os dois edifícios, relacionando-os com os mais variados âmbitos de sua concepção, produção e utilização.

No entanto, um aspecto ainda pouco documentado e investigado destes simbólicos e icônicos edifícios são os seus anexos, que a partir de meados da década de 1950 constroem uma presença intermitente e controversa ao longo da história da Escola, incondicionalmente vinculada à sua estrutura de ensino.

Partindo desta constatação, o trabalho recolheu e organizou as informações disponíveis sobre os projetos e obras dos anexos dos dois edifícios principais da FAU-USP, situando-os no contexto do ensino e da história da Escola, desde o projeto e a edificação do Ateliê da Vila Penteado, em 1955/1956, até o concurso interno realizado em 1989 no edifício Vilanova Artigas para a escolha do anexo destinado a abrigar as oficinas práticas. Complementam o registro da pesquisa desdobramentos posteriores, com os estudos realizados no sentido de criar novos espaços e incorporar nesta estrutura de ensino o Curso de Design, a partir do Anexo construído.

O projeto inicial desta pesquisa tinha como objeto de estudo o Concurso realizado em 1989 para a escolha de um projeto para o anexo que abrigaria as oficinas e laboratórios práticos do edifício de Artigas. No entanto, ao aprofundar o conhecimento do antigo Ateliê e do projeto do Anexo para o Programa de Pós Graduação, ambos na Vila Penteado, e tomar conhecimento da proposta de uma ampliação subterrânea para o Edifício Vilanova Artigas e dos estudos de ampliação do Anexo de Gasperini, todos pouco conhecidos e estudados, abriu-se à pesquisa a possibilidade de um ajuste de seu foco, redirecionando seu escopo para um arco de 50 anos de história da Escola.

¹ Além dos edifícios citados, a FAU-USP conta também com o Ateliê Fracarolli, o Anexo e o Canteiro Experimental Antonio Domingos Battaglia.

Deste modo, esta pesquisa busca ampliar o entendimento e o conhecimento disponível da presença da FAU-USP na Vila Penteado e no Edifício Vilanova Artigas a partir desta particular e sensível situação de projeto - o desenho de anexos e ampliações - utilizando os dois edifícios como recorte da pesquisa. Estes tiveram alterações em seus espaços internos ao longo de sua utilização, e acolheram seus anexos, quando por diferentes motivos, considerou-se que já não atendiam plenamente às necessidades para as quais um fora adaptado e outro projetado. Apesar de todas estas transformações, os discursos contidos nos projetos e nos edifícios construídos permanecem.

Pelas características únicas e qualidade arquitetônica excepcional, ambos edifícios impõem parâmetros peculiares nas considerações sobre seus anexos e ampliações, acrescentando elementos que ampliam a complexidade do projeto, e permitem com isso o desenvolvimento de questões potenciadoras do estudo, a partir de reflexões sobre o projeto, o ensino, e a inserção de novos elementos em contextos de preservação do patrimônio edificado, tanto o histórico como o moderno.

Sendo esta pesquisa um trabalho centrado no tema dos anexos, investigados do ponto de vista das relações estabelecidas com os edifícios de uma escola de arquitetura e urbanismo, este olhar se orienta, paralelamente às questões de projeto que os definem e descrevem, por uma reflexão sobre o ensino da arquitetura, o ensino do projeto, lembrando a observação de Rafael Perrone nos debates após a divulgação do resultado do concurso de 1989, que “através da leitura dos projetos para o anexo, pode-se ter uma visão do que os professores pensam em relação ao ensino, o que imaginam que seja a própria Escola”.²

As relações construídas entre os Anexos e a Vila Penteado e o Edifício Vilanova Artigas, tanto no período inicial da sua existência como quando a Escola se consolida como referência no ensino e pesquisa em arquitetura e urbanismo, registram o que estes Anexos teceram no ensino, na vivência e nos espaços da Escola, como obras construídas ou como possibilidades projetadas.

²BOZZO, Cláudia. “Referência sem Reverência”. Revista AU, 24, jun.-jul.1989, p. 79.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CRITÉRIOS UTILIZADOS

[...] afirma cómo la arquitectura, en lo que son sus intenciones, queda presa en el dibujo. [...] el dibujo es la primera construcción de la arquitectura. El arquitecto, quando dibuja, está ya construyendo (dando a la palabra el más directo, inmediato y cotidiano sentido) su arquitectura.

[...] y aunque nuestro propósito era atendernos específicamente a los dibujos, han pasado a ser en gran medida consideraciones sobre las ideas de arquitectura de sus autores, como si la atenta observación de unos dibujos nos hubiera abierto las puertas de un más profundo entendimiento de aquella realidad arquitectónica de la que eran precisamente el reflejo.³

Juan Antonio Cortés e José Rafael Moneo

O propósito deste trabalho, propondo-se uma pesquisa em projeto de arquitetura, busca orientar a leitura destes projetos e obras, a partir dos fatores que os envolvem, das especificidades dos diferentes programas, contextos, disponibilidades técnicas e construtivas, necessidades didáticas e recursos financeiros disponíveis.

Inicialmente, tratam-se de dois edifícios independentes, separados por sessenta anos entre os momentos em que foram projetados, distintos em suas funções originais, e que, no entanto, fazem parte de uma mesma Escola e logram servir dignamente ao mesmo propósito: o ensino e a pesquisa, em suas respectivas escalas. Lembrando as palavras de Flavio Motta: “[...] objetos e

³[...] afirma como a arquitetura, no que são suas intenções, fica presa ao desenho. [...] o desenho é a primeira construção da arquitetura. O arquiteto, quando desenha, já está construindo (dando à palavra o mais direto, imediato e cotidiano sentido) sua arquitetura.[...] e ainda que nosso propósito era ater-nos especificamente aos desenhos, passaram a ser em grande medida considerações sobre as idéias de arquitetura de seus autores, como se a atenta observação dos desenhos nos houvesse aberto as portas de um entendimento mais profundo daquela realidade arquitetônica da qual eram precisamente o reflexo.” in (CORTÉS, Juan Antonio; MONEO, Rafael. *Comentários sobre Dibujos de 20 Arquitectos Actuales*. Barcelona: Ediciones del ETSAB, 1976. p. 2 Tradução nossa).

sujeitos da FAU, uma que foi escola dentro da casa e outra que às vezes quer ser casa dentro da escola".⁴

Dentre os projetos reunidos, há os construídos e os que ficaram no universo dos desenhos e das maquetes, e dentre estes, encontram-se diferentes níveis de aprofundamento em cada situação, havendo desde o Projeto Executivo do Anexo da Pós-Graduação, na Vila Penteado, os anteprojetos do Concurso de 1989, até os Estudos Preliminares, desenvolvidos por intermédio de croquis e desenhos livres de prancheta, como os estudos para a ampliação do anexo do Edifício Vilanova Artigas realizados por Arnaldo Martino e Marcos Acayaba por ocasião da inclusão do curso de Design na estrutura pedagógica da FAU-USP.

A possibilidade de contar com os desenhos originais dos projetos informando a pesquisa é da maior relevância.

A versátil e polivalente relação existente entre desenho e arquitetura, orienta o desenvolvimento deste trabalho, onde o desenho é usado como instrumento analítico disciplinar específico, uma ferramenta que possibilite interpretar e relacionar os diferentes projetos e proposições, permitindo um juízo crítico sobre os mesmos, buscando respostas nos próprios desenhos, na investigação dos mecanismos conceptivos, do fazer da arquitetura, interpretados e organizados a partir de critérios e ferramentas conceituais, constituindo um modo específico de investigação, num campo difuso e fugidio, além do âmbito da ciência clássica e dos domínios do fazer artístico autônomo, onde se processa o fato criador que é o projeto de arquitetura.

Sob este aspecto, algumas observações são necessárias a respeito dos trabalhos aqui reunidos. Dentre os anexos estudados, dois contaram com atenção especial no que concerne à sua documentação gráfica: o Ateliê da Vila Penteado e o primeiro estudo realizado por Roberto Tibau em 1979 para uma ampliação subterrânea do Edifício Vilanova Artigas. São projetos que contam com escassa ou nenhuma documentação original, e houve um necessário esforço de (re)construir suas representações por meio do cruzamento das informações contidas nos desenhos originais localizados, nas imagens disponíveis, em

⁴ MOTTA, Flavio L. *A Velha FAU*, in *Vila Penteado. Catálogo da exposição*, São Paulo, FAU-USP, 1976. p.15

documentos oficiais e atas de reuniões, nos depoimentos, desenvolvendo com isso alguns ensaios das relações entre estes anexos e os edifícios aos quais se reportam, por intermédio de projeções ortogonais e reconstruções gráficas em 3D. No caso do Ateliê, já demolido, os poucos desenhos originais localizados trazem informações apenas sobre o próprio anexo, não sendo suficientes para uma leitura adequada do conjunto criado com a Vila Penteado. Quanto ao estudo da ampliação subterrânea realizado por Tibau, como arquiteto do Fundo de Construções da USP (FUNDUSP), os seus desenhos não foram localizados, possivelmente extraviados em alguma das mudanças do arquivo do órgão. Nestas condições extremas, procurou-se ao menos a possibilidade do registro da idéia, buscando construir uma representação desta a partir de informações dos que tiveram conhecimento deste estudo.

Em relação aos 17 anteprojetos participantes do Concurso de 1989, procurou-se organizar uma classificação dos mesmos a partir de características similares de intervenção identificadas, e então foram relacionados os projetos considerados representativos destas linhas de atuação.

*The value of uncompleted things is very strong... If the spirit is there and can be recorded, what is lost? The drawing is important, the incomplete scheme is important, if it has a central gravitational force which makes the arrangement not just an arrangement but something which gives a richness to the associations which are lost. Recordings of that which has not been done must be made much of*⁵

Dos anexos aqui estudados, apenas dois foram edificadas, e um deles já foi demolido, ficando os demais como projetos não construídos. Deste modo, a atividade central de investigação será realizada sobre o conjunto de desenhos e representações. Convergindo com as observações sobre as relações entre desenho e arquitetura, importa situar no âmbito da pesquisa o papel do projeto não construído, da idéia não realizada fisicamente, afirmando sua importância, considerando-os como repositórios de um conhecimento específico, portadores de idéias arquitetônicas possíveis de serem apreendidas, transformadas e desenvolvidas, alimentando novas idéias e propostas, particularmente no âmbito da pesquisa em projeto.

A história da arquitetura traz exemplos evidentes da relevância e vitalidade dos projetos não construídos. Os projetos utópicos de arquitetos visionários como Claude-Nicolas Ledoux e Étienne-Louis Boullée, por exemplo, constituem uma significativa quantidade de edifícios e programas ideais que jamais foram construídos, e nem todos foram necessariamente desenhados para sê-los. No entanto, criaram novos caminhos para a arquitetura, contribuindo para realizações arquitetônicas e desenvolvimentos teóricos futuros, como foram os grandes espaços dos pavilhões das exposições e feiras mundiais que

5 MERRILL, Michael, *Louis Kahn – On the Thoughtful Making of Spaces. The Dominican Motherhouse and a Modern Culture of Space*. Baden: Lars Müller, 2010.

“O valor das coisas incompletas é muito nítido... Se o espírito está lá e pode ser registrado, o que está perdido? O desenho é importante, um esquema incompleto é importante, desde que tenha uma força gravitacional central que faça da organização não apenas uma organização, mas algo que enriqueça as associações perdidas. Os registros daquilo que não foi realizado, precisam ser feitos” (Tradução nossa).

povoaram os séculos XIX e XX, ou as formas geométricas puras, as esferas, calotas, troncos de cones e volumes cúbicos, referências para projetos de Le Corbusier e de Oscar Niemeyer, ou nas obras e teorias de Aldo Rossi e nos espaços de Buckminster Fuller, realimentando continuamente a reflexão disciplinar ao longo da história da arquitetura.

Na arquitetura moderna é significativo o papel assumido por alguns projetos não construídos, como modelos ou apoio para o desenvolvimento de novas proposições. As idéias e as imagens de projetos como as duas torres de Berlim, com pele de vidro,(1921-1922) ou a *Casa de Tijolos* (1923), de Mies Van Der Rohe, os projetos urbanísticos de Le Corbusier, ou os trabalhos visionários do Archigram, constituem referências por vezes mais importantes e fixadas que muitos projetos construídos dos mesmos arquitetos.

Buscando identificar características de um anexo, o que o define e qualifica, quais as especificidades dos projetos para anexos em relação à projetos sem este vínculo estreitado no compromisso de sua relação funcional, com um outro edifício ou conjunto de edifícios. As definições de alguns dicionários sobre o termo *Anexo* auxiliam a situar uma aproximação:

Anexo, originado do latim, segundo o Dicionário Latino-Português⁶, *annexus*: particípio passado de *annectere*, ligar a, juntar, união de uma coisa à outra, colocar junto a, formado de *ad*, em, junto, mais *nectere*, juntar.

De acordo com o dicionário Houaiss:⁷ *anexo*: 1. que se anexa ou anexou...apenso, contíguo, unido. 2. que apresenta uma relação lógica com outra coisa, correlacionado. 3. aquilo que se anexou, coisa ou parte que está ligada à outra considerada como principal.

De modo mais sucinto, o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa:⁸ ligado, junto, incorporado; sujeito; aquilo que está ligado como acessório, dependência.

⁶ CRETELLA JÚNIOR, José. CINTRA, Geraldo de Ulhôa. Dicionário Latino-Português. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1956.

⁷ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

⁸ Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

Na língua inglesa, o dicionário *Webster's New Universal Unabridged Dictionary*⁹ traz o termo *annexe*, no sentido do termo em português, como específico objeto arquitetônico: *a subsidiary building or an addition to a building, no entanto, o termo mais adequado parece ser Addition: a wing, room, etc. added to a building*. O *Cambridge International Dictionary*¹⁰, amplia o conceito introduzindo certa noção hierárquica de escala: *annexe: a building joined or added to a larger one*. O *Standard Dictionary of the English Language/Britannica World language Dictionary*¹¹ insere a relação de distância associada à hierarquia: *An addition to a building; also, a nearby building used in addition to the main building*.

Na língua francesa, o dicionário *Micro Robert*¹² traz: *annexe: I. Qui est rattaché à quelque chose de plus important, à l'objet principal. II. Bâtiment annexe*. Em outra edição, complementa: *annexe lat. annexus, attaché à. Ce qui se rattache accessoirement à quelque chose de plus importante, qu'il sert à agrandir*. No *Petit Larousse*¹³: *annexe: ce qui est relié à une chose principale*.

O Dicionário da Arquitetura Brasileira¹⁴, define *anexo* como “nome dado à certas partes do edifício que não se incorporam à ala principal, que constituem os apêndices da construção, com função diferenciada no programa. Assim, o alojamento de empregados pode ser o pavilhão anexo ao edifício do hotel, etc. Toda função arquitetônica que está ligada secundariamente à outra. Dependência, acessório”.

Este breve levantamento etimológico fixa uma das particularidades do assunto aqui desenvolvido: a caracterização dos anexos segundo certa condição formal, derivada das relações criadas com o prédio ao qual se reportam, ou ainda às posições hierárquicas verificadas. Assim, os termos anexo, adição, ampliação, extensão, asa, e mesmo o

9 Webster's New Universal Unabridged Dictionary. New York: Barnes & Noble Books, 1996

10 Cambridge International Dictionary of English. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

11 Britannica World language Dictionary. New York: Cambridge University Press, 1995.

12 Le Micro Robert. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1988.

13 Petit Larousse. Paris: Librairie Larousse, 1966.

14 CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. Dicionário da Arquitetura Brasileira. São Paulo: Edart, 1972.

tradicional *puxado*¹⁵, de presença constante e universal no desenvolvimento dos usos e dos programas arquitetônicos, podem ser empregados para a qualificação de um anexo, orientando no entanto, de modo similar, os procedimentos de projeto dirigidos à sua concepção.

É assunto ainda de escassa bibliografia específica, que se resume a alguns poucos livros que tratam do tema diretamente. Há uma quantidade pouco maior de trabalhos acadêmicos, disponíveis em publicações online.

O arquiteto norte-americano Paul Spencer Byard desenvolveu um trabalho teórico e projetual sobre anexos e ampliações, publicando suas reflexões em livros, revistas e artigos acadêmicos. No livro *The Architecture of Additions - Design and Regulation*, Byard emprega o termo *combined works*, traduzido livremente como *trabalhos conjugados*, no sentido de que um objeto arquitetônico, ao ter suas condições físicas e simbólicas redefinidas em função de acréscimos ou ampliações, pela presença de *um outro*, transforma-o enquanto é transformado em função das novas relações e significados estabelecidos.

A conceituação proposta permite organizar teoricamente o assunto com maior flexibilidade. Byard ressalta a importância da expressão arquitetônica na articulação e equacionamento das relações entre edifício-matriz e anexo, enriquecidas com as possibilidades expressivas aportadas pelo Movimento Moderno.

The impacts of architecture on architecture [...] are apparent in the process that creates what might collectively be called combined works. In works of this type, new architecture is added to old architecture to meet some need for change, creating a new combined identity expressing new meanings...they represent, in the best instances, the work of successive intelligences taking advantage of and adding to existing expressive material and generating in the process valuable new combined meanings.

¹⁵Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o termo *puxado*, ou *puxada*, pode ser definido como acréscimo de um ou mais cômodos em uma casa, aproveitando uma das paredes externas.

*In each case their success is a function of value received, value added, and value generated by the interaction of the two.*¹⁶

Edmund Bacon, arquiteto e urbanista norte americano, no livro *Design of Cities*, publicado em 1967, dedica um pequeno capítulo ao que ele conceitua e define como o *Princípio do Segundo Homem*, onde [...] *expone uno de los problemas éticos y técnicos más complejos con los que se han de enfrentar el arquitecto: como relacionar su obra arquitectónica con los espacios y edificios ya construidos anteriormente. Por supuesto que no existe ninguna receta para resolverlo pero, por lo menos, ayuda a plantear las preguntas adecuadas.*¹⁷

No âmbito do desenho urbano, porém em leitura extensível ao tema aqui estudado, usa o exemplo da evolução da *Piazza della Santissima Annunziata* e o *Ospedale Degli Innocenti*, de Filippo Brunelleschi, do começo do *Quattrocento*, em Florença, formulando que um dos atributos da boa arquitetura é a virtude que ela deve possuir de suscitar a qualidade presente em sua constituição ao desenvolvimento de seu entorno.

O edifício com arcadas projetado por Brunelleschi, finalizado em 1427, ocupou uma das laterais da praça, sendo o primeiro edifício importante ali edificado depois da basílica da *Santissima Annunziata*, já existente desde o século XIII. Com um projeto simpático ao trabalho de Brunelleschi, em 1516 o arquiteto Antonio da Sangallo propõe o edifício que ocupa a face da praça oposta ao *Ospedale*. A sensibilidade de Sangallo permite

Evolução da Praça S. S. Annunziata, Florença.
Fonte: BACON, Edmund. *Design Of Cities*, 1967

¹⁶ BYARD, Paul Spencer. *Architecture of Additions: Design and Regulation*. New York: W.W.Norton, 1998. pag. 14:

“Os impactos da arquitetura na arquitetura [...] são aparentes no processo criativo do que pode ser chamado coletivamente de trabalhos conjugados. Em trabalhos deste tipo, uma nova arquitetura é adicionada à uma arquitetura pré-existente, buscando responder ao desenvolvimento das necessidades, criando uma nova identidade combinada, expressando novos significados... representam, nos melhores casos, o trabalho de inteligências sucessivas, se alimentando do material expressivo existente, com o qual também contribui, gerando neste processo, de modo combinado, importantes significados novos. Em cada situação o resultado é função do valor recebido, do valor adicionado e do valor gerado pela interação de ambos.” (Tradução nossa).

¹⁷ “expõe um dos problemas éticos e técnicos mais complexos que o arquiteto tem a enfrentar: como relacionar sua obra arquitetônica com os espaços e edifícios já construídos anteriormente. É certo que não existe nenhuma receita para resolvê-lo, mas ao menos, ajuda a colocar as perguntas adequadas.” Em <<http://elblogdefarina.blogspot.com.br/2011/04/edmund-bacon-el-segundo-hombre.html>> Acesso em: 9 fev. 2016. (Tradução nossa).

Praça S. S. Annunziata. Fonte: www.commonswikimedia.org

que ele, superando vaidade ou desejo de expressão artística pessoal, siga em seu projeto praticamente o exato desenho proposto por Brunelleschi, quase 100 anos antes, para o *Ospedale*.

*The quality of Piazza della Santissima Annunziata is largely derived from the consummate architectural expression that Brunelleschi gave the first work, the Innocenti arcade, but it is really to Sangallo that we owe the piazza in its present form. He set the course of continuity that has been followed by the designers there ever since.*¹⁸

Assim Bacon formula seu princípio, a partir deste exemplo, salientando que “é o segundo homem que determina se a criação do primeiro será valorizada e aperfeiçoada ou será prejudicada”. Com este projeto, Sangallo desenha não só seu edifício, mas inicia também o desenho da praça, que com uma reforma da Basílica em 1601, quando uma *loggia*, com arcos e colunas, é edificada em seu alçado para a praça, complementa a edícula de acesso principal construída por Michelozzo em 1454, e conclui definitivamente seu desenho, dotando-a de unidade e harmonia, epítome das praças renascentistas.

A interação entre a arquitetura pré-existente e as novas proposições, tanto enquanto ampliações e anexos com obrigações funcionais e programáticas específicas, quanto como objetos construídos que compartilham, desenharam e definem um mesmo ambiente urbano, embute-se no cerne do próprio ofício do arquiteto. A necessidade desta contínua transformação do espaço construído, por meio da evolução do uso, da experiência acumulada, à reconfigurar continuamente seus significados, remete à própria e ininterrupta transformação do homem.

¹⁸ BACON, Edmund N. *Design of Cities*. London: Thames & Hudson, 1995. p.106-109. “A qualidade da Piazza della Santissima Annunziata é em grande parte derivada da expressão arquitetônica consumada que Brunelleschi conferiu ao trabalho inicial, a arcada do Ospedale degli Innocenti, mas é realmente a Sangallo que devemos a praça na sua forma atual. Ele definiu uma rota de continuidade que tem sido seguida pelos projetos ali desde então.” (Tradução nossa)

CARLOS EKMAN. ARCHE
1902.

PARTE I

OS ANEXOS DA FAU-USP NA VILA PENTEADO

A VILA PENTEADO

A Segunda Fundação de São Paulo¹⁹

Vista de São Paulo no início do século XIX.
Fonte: www.commonswikimedia.org

Casario paulistano. Fonte: Album Comparativo Cidade de São Paulo 1862-1887

O Triângulo na Planta da Cidade de São Paulo em 1810.
Fonte: www.capital.sp.gov.br

As histórias da Vila Penteado e da FAU-USP estão profundamente enraizadas no extraordinário desenvolvimento urbano e social verificado na cidade de São Paulo, a partir do último quartel do século XIX.

Ao longo de seus três primeiros séculos, São Paulo pouco cresceu, e consistia, até a metade do século XIX, numa provinciana vila colonial, tendo seus principais limites ainda definidos pela topografia e pelos cursos d'água que favoreceram a sua fundação como acrópole na colina do Triângulo histórico. Esta conformação natural terá este desenho vagamente geométrico enfatizado pelas vias que ligavam os conventos e largos de São Francisco, São Bento e do Carmo. Segundo Toledo²⁰, era uma cidade de taipa, estreitas ruas de terra e um característico casario colonial, concentrado e de construção muito simples, com as casas, quase sempre térreas e geminadas, escorando-se umas às outras. Ao longo desta paisagem, despontavam as torres das igrejas e um ou outro casarão com mais andares, sinalizando sua maior importância.

A transformação da cidade é significativa, sustentada pelo desenvolvimento trazido com a vinda do cultivo do café para o oeste paulista e a consequente chegada da estrada de ferro, transformando a cidade num entroncamento ferroviário e no entreposto da produção cafeeira exportada pelo porto de Santos, reunindo consequentemente o setor financeiro desta economia²¹. Entre 1890 e 1900 a cidade quadruplica sua população, constituída por trabalhadores com menor qualificação, escravos libertos, trabalhadores provenientes das decadentes fazendas de café do Vale do Paraíba, e principalmente pelos europeus vindos com a imigração, subvencionada pelo Estado, visando à substituição do trabalho escravo. Nesta década, chegaram ao porto de Santos mais de 600.000 europeus, em sua maioria italianos, que em grande parte foram enviados ao interior do estado, na extensa região da monocultura cafeeira. Muitos imigrantes, no entanto, permaneceram na promissora cidade do planalto, ou voltaram para ela, após experimentar as difíceis condições de trabalho

¹⁹ Título do artigo de Eurípedes Simões de Paula, publicado no jornal Folha da Manhã, em 25/01/1939, acerca do desenvolvimento excepcional da cidade de São Paulo entre 1870 e o final da década de 1930.

²⁰ TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: Três Cidades em um Século. São Paulo: CosacNaify / Livraria Duas Cidades, 2004. p.10

²¹ TOLEDO, Roberto Pompeu de. A Capital da Solidão. São Paulo: Objetiva, 2003. p.363

verificadas nas fazendas de café. Em São Paulo se estabeleceram principalmente aqueles com habilidades demandadas diretamente pela cidade que crescia, ligados principalmente ao comércio e serviços, como sapateiros e alfaiates ou à construção civil, como os pedreiros, marceneiros, mestres-de-obra, estucadores e pintores, trazendo técnicas e saberes até então não disponíveis na construção civil aqui praticada. Juntamente com esta nova população, parte da aristocracia cafeeira se transporta das casas senhoriais das fazendas no interior do estado para os casarões e palacetes urbanos, construídos por esta mão-de-obra imigrante, tendo como vizinhos prósperos industriais e comerciantes.

A expansão do tecido urbano paulistano se deu principalmente com a criação dos novos bairros, ocupando os espaços livres ao redor da área central, sem contar, no entanto, com um planejamento regulador desse crescimento. A população se acomoda nesta nova configuração urbana de acordo com suas condições financeiras. Em direção a oeste, se instalaram os bairros da elite, como Higienópolis, Vila Buarque, Santa Cecília e a região do espigão da Paulista, contando com casas bem construídas e confortáveis, ou mesmo palacetes como a Vila Penteado, instalados nas melhores terras. Em direção a leste e ao norte, nas áreas mais baixas, nas várzeas dos rios Tietê e Tamanduateí, por onde passa a ferrovia, instalam-se as primeiras indústrias. Com elas, chegam os bairros operários, ocupados em grande medida pelos imigrantes, como Bom Retiro, Pari e o Brás, locais onde surgiram as outras vilas da cidade, as Vilas Operárias. Diferentemente dos primeiros aristocratas do café, os fazendeiros do Vale do Paraíba, os novos barões dos cafezais do oeste paulista souberam diversificar seus investimentos e seus rendimentos, tornando-se também muitos deles prósperos industriais, além de banqueiros, acionistas de ferrovias e donos de firmas de exportação e importação, concentrando os vários negócios da economia cafeeira. Neste sentido, a biografia de Antônio Alvares Penteado é exemplar, um modelo de empreendedor paulista daquele período. Em 1874, aos 22 anos, no início deste renascimento planaltino, contando com mão-de-obra escrava, funda a Fazenda Palmares, em Santa Cruz das Palmeiras, interior do estado de São Paulo, destinada à produção cafeeira, chegando a contar com centenas de milhares de pés de café. Na década de 1890

Mapa da malha ferroviária de São Paulo.
Fonte: www.historiadesaopaulo.wordpress.com

Planta de Cidade de São Paulo em 1881. Além do "Triângulo", na área central, vemos o crescimento da cidade à noroeste.
Fonte: www.capital.sp.gov.br

Publicidade das Fabricas de Tecidos Alvares Penteado.

Fonte: www.sampahistorica.wordpress.com

O primeiro Viaduto do Chá, construído em estrutura metálica, 1892.

Fonte: TOLEDO, Benedito Lima. São Paulo: Três Cidade em um Século.

se estabelece em São Paulo, num casarão do bairro de Santa Ifigênia. Com a abolição, sua produção agrícola, em grande expansão, passa a ser trabalhada pela mão-de-obra imigrante. Na virada do século, o conde Alvares Penteado já é também um industrial. Criou a Fábrica de Tecidos Sant'Anna em 1889, com sua própria Vila Operária, uma tecelagem de juta para embalar e exportar o café produzido, por ele próprio e por outros cafeicultores. Visando um mercado em crescimento pela expansão demográfica extraordinária, fundou também a contígua Fábrica Penteado, em 1898, uma tecelagem de lã, produzindo os tecidos consumidos pela população.

Os estabelecimentos comerciais da região do Triângulo intensificavam as atividades, impulsionadas pelo interesse da população pelas novidades trazidas com o incremento da importação. Importava-se de bens de consumo e alimentos até materiais direcionados à construção civil, como tijolos, telhas e refinados materiais de acabamento e decoração, fato de que a Vila Penteado é testemunho vivo. Este centro, que a partir do processo de loteamento das áreas do seu entorno será conhecido como "Centro Velho", passa a concentrar um crescente setor de serviços, com os escritórios e bancos, as repartições públicas, além de manufaturas e pequenas indústrias, atendendo às necessidades e demandas da população, que se diversificava e crescia.

As melhorias e benfeitorias urbanas acontecem ao longo de toda cidade, viabilizadas pela acumulação do capital proveniente da comercialização da produção cafeeira. A construção do viaduto do Chá, inaugurado em 1892, permite conectar efetivamente a região do triângulo histórico com os novos bairros a oeste. Posteriormente, em 1913, mais um viaduto, o de Santa Ifigênia, conectaria a região do Triângulo com a cidade nova. A introdução dos bondes elétricos, da iluminação pública com luz elétrica, dos serviços de abastecimento de água e esgoto; pavimentação e criação de novas ruas, parques e jardins públicos, fazem crescer as boas condições de vida na cidade. O saneamento da várzea do Tamanduateí, com a intenção de diminuir os efeitos das frequentes enchentes na região, iniciado com a com sua primeira retificação em meados do século XIX, é ampliada a partir de 1894, e permitiu uma ligação mais estruturada da "Cidade Velha" com a várzea do

Carmo, o Brás e os espaços gradualmente ocupados pelas plantas da nascente indústria.

Higienópolis, dentre os novos bairros criados neste período, possuía características que o destacavam dos demais. Idealizado pelos alemães Martinho Burchard e Victor Nothmann, seus empreendedores, o loteamento teve início em 1895 com o nome de Boulevard Burchard e por suas características de salubridade e qualidade de vida, foi renomeado posteriormente com o sugestivo nome que até hoje carrega. Seu desenvolvimento foi realizado em duas etapas e incluía a presença de lotes de razoáveis dimensões, com condições de abrigar as residências isoladas no terreno, até então pratica pouco comum na cidade de tradição colonial portuguesa. As suas ruas eram largas e arborizadas, seguindo sempre que possível um traçado regular ortogonal. O bairro já nascia servido por instalações de água, esgoto e iluminação a gás e servido por linha de bonde, serviços de disponibilidade recente na cidade. Contava com duas avenidas principais, a Avenida Itatiaia, depois renomeada Angélica, e a Avenida Higienópolis, onde a Vila Penteado foi construída no primeiro terreno à esquerda, ocupando toda a quadra compreendida entre a avenida e as ruas Sabará, Maranhão e Itambé. Era também um bairro guarnecido de áreas abertas, que futuramente se tornariam as praças Vilaboim e Buenos Aires e o Terraço Germaine, no final da Av. Higienópolis, já sobre as encostas do Pacaembú, onde um belvedere oferecia à vista o vale e o córrego de mesmo nome, e mais adiante, os bairros das Perdizes, Freguesia do Ó, Santana, e a Serra da Cantareira.

Planejado para receber a elite, incluindo aí os estrangeiros abastados, que viam no bairro condições de moradia próximas das que estavam habituados na Europa, o loteamento foi um sucesso, transformando-se em cartão de visitas da cidade, e em 1902, sete anos após o lançamento do loteamento,

[...] deu-se um acontecimento que seria de suma importância para o prestígio do bairro de Burchard. Subia para Higienópolis, proveniente de Santa Ifigênia, Antonio Alvares Leite Penteado, fazendeiro de café e

Planta do Boulevard Bouchard, o futuro bairro de Higienópolis.
Fonte: HOMEM, Maria Cecília N. Higienópolis Grandeza de um Bairro Paulistano.

Vista da Avenida Higienópolis. À esquerda o lote que será ocupado pela Vila Penteado.
Fonte: HOMEM, Maria Cecília N. Higienópolis Grandeza de um Bairro Paulistano.

A antiga residência da família Alvares Penteado antes da mudança para Higienópolis.

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

Os principais engenheiros e arquitetos que atuaram em São Paulo na virada do século XIX e início do século XX.

Fonte: www.novomilenio.inf.br

industrial, detentor de uma das maiores fortunas da época. Adquirira a primeira quadra do lado ímpar da Avenida Higienópolis, onde fez construir uma rica residência, a “Vila Penteado”. Esta, por suas proporções, pelo luxo, e pelo prestígio social de seus moradores, constituiu um dos palacetes excepcionais da cidade, e o mais importante do loteamento de Burchard.²²

Subia, pois o conde Alvares Penteado e família vinham do bairro que fora anteriormente uma das concentrações das residências da elite cafeeira que chegava a São Paulo. Em Santa Ifigênia, descendo em direção ao vale do Anhangabaú, ocuparam um casarão edificado na década de 1890, na rua Brigadeiro Tobias, a antiga rua da Alegria. Fora construído no alinhamento da calçada, com entrada por jardim lateral, e anos depois abrigou o Hotel Albion. Este é um momento importante de ressaltar, pois aqui o conde e família davam continuidade a um ciclo iniciado anos antes, com a saída da Fazenda Palmares. Assim como fora a Fazenda, este casarão também é emblemático de uma arquitetura, um modo de morar e uma ocupação fundiária característicos dos bairros escolhidos como residência pela classe abastada nas últimas décadas do século XIX. A mudança para o lote de Higienópolis, com um palacete isolado em meio a uma grande área livre e ajardinada, com um competente projeto *art nouveau*, conclui com ousadia e sensação de novidade o ciclo de residências privilegiadas pelas quais passou o conde e sua família, acompanhando o roteiro desenhado pelos movimentos da economia cafeeira.

O projeto e a construção das casas habitadas por esta elite agrária, industrial e comercial, foram realizados pelos engenheiros e arquitetos, geralmente europeus ou com formação europeia ou norte-americana, estabelecidos em São Paulo a partir do final do século XIX. Profissionais como Antonio Francisco de Paula Souza, o fundador da Escola Politécnica, Francisco de Paula Ramos de Azevedo, por longo tempo o “arquiteto oficial” de São Paulo, “não apenas por ser responsável pela maior parte dos edifícios públicos produzidos no período, como por ter constituído um conjunto de empresas que abarcava

²²HOMEM, Maria Cecília N. Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano. São Paulo: EDUSP, 2011. p.86

todo o setor da construção civil e de produção da cidade”²³; Domiziano Rossi, Maximilian Hehl, George Krug e Ricardo Severo, entre outros. Os engenheiros e arquitetos que atenderam à este grupo social privilegiado, com o projeto e construção de suas residências, são os mesmos que realizaram as obras públicas deste período, tanto na cidade quanto no interior do Estado de São Paulo, o que pode ser explicado pelas relações de convívio social entre profissionais e clientes, pela elevada demanda provocada pelo desenvolvimento trazido com o café, e certamente pela alta qualidade do trabalho destes profissionais, que, se em muitos projetos se limitavam a seguir os preceitos de uma arquitetura de extração clássica e acadêmica, adaptada às condições e materiais locais, destacam-se pela excelente qualidade das construções, para a qual contribuiu grandemente a mão-de-obra especializada dos imigrantes.

Nas questões ligadas ao projeto, ao modo de conceber a arquitetura e de empregar as técnicas construtivas, sobressaem-se pela peculiaridade de sua produção dois arquitetos, Victor Dubugras e Carlos Ekman. O trabalho destes arquitetos destaca-se nitidamente do grupo anteriormente citado, que era identificado principalmente por características ligadas à Academia e aos ideais arquitetônicos oitocentistas. A de Dubugras e Ekman, já é obra marcada por uma nova expressão artística, experimentando conhecimentos técnicos inovadores e o emprego de materiais desenvolvidos pela indústria, vislumbrando as posturas que delineavam um horizonte moderno para a profissão.

Na virada do século, a paisagem construída, as ruas e praças, os espaços públicos e a população de São Paulo afirmavam o processo que se consolidava com as transformações urbanas, sociais e econômicas, à que Eurípedes Simões de Paula denominou como “segunda fundação de São Paulo”, a origem da metrópole que a cidade viria a se tornar a partir da década de 1940, após o final da Segunda Grande Guerra.

Residência da Marquesa de Iru, projetada e construída por Ramos de Azevedo, 1900.
Fonte: Arquivo do Condephaat.

Residência Horácio Sabino, projetada por Victor Dubugras em 1903.
Fonte: www.nettleland.net/hsampa/mansoespaulista/mansoes.htm

23 SIQUEIRA, Renata M. A Inserção da FAU-USP no Campo de Arquitetura e Urbanismo em São Paulo: As Contribuições de Anhaia Mello e Vilanova Artigas. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP 2015. p.18

O Art Nouveau em São Paulo

Cartaz da Exposição Universal de 1900 em Paris.

Fonte: Acervo Museu Carnavalet.

A estação Bastilha do metrô parisiense, projetada por Hector Guimard em 1899 e demolida em 1962.

Fonte: www.mheu.org

O projeto e construção da Vila Penteado, na quadra que era a porta de entrada do bairro, na Av. Higienópolis, nº 1, foi pensado e realizado seguindo as linhas arquitetônicas do movimento artístico conhecido como *art nouveau* e se deveu ao interesse suscitado no conde Alvares Penteado pelo estilo, em visita à Exposição Universal de 1900²⁴, a extraordinária Feira Mundial realizada em Paris entre abril e novembro daquele ano, numa escala até então sem precedentes neste tipo de evento, atraindo mais de cinquenta milhões de visitantes, um número espantoso para a época e só superado por eventos do gênero, na França, já nos anos 1970. Nesta Exposição, o *art nouveau* foi praticamente elevado a estilo oficial da mostra. A inauguração do Metropolitano de Paris apresentou ao público as estações de Hector Guimard, elegantes e leves, projetadas no estilo *art nouveau*, e com os materiais que mais o caracterizaram, o ferro e o vidro. A Feira também celebrou a difusão da energia e iluminação elétricas, dos veículos, associando o *art nouveau* ao progresso e desenvolvimento então alcançados pelas atividades industriais nos países europeus.

As transformações técnicas, econômicas e sócio-culturais ocasionadas pela Revolução Industrial, se evidenciaram com maior intensidade a partir de meados do século XIX, quando fica patente a crise gerada pelo descompasso entre os problemas propostos por estas novas condições e os sistemas figurativos que deveriam representá-los e organizá-los. Nesta crise, na busca de um caminho, os sistemas de representação operados pelo historicismo e pelas posturas acadêmicas, originaram soluções neogóticas, neo-renascentistas, entre outras releituras amaneiradas e ecléticas. Estas já não dão conta de abarcar as novas questões e solicitações impostas por uma nova ordem, ainda que em formação, induzindo assim a procura por outras possibilidades de apreensão e expressão dos novos valores.

Ao expandir-se pela Europa, os aspectos essenciais e estruturais do movimento se adaptam e transformam-se de acordo com particularidades locais, recebendo ainda designações específicas e absorvendo características distintas em cada região. Ficou conhecido na França e Bélgica como *art nouveau*, na Áustria como *secession*, na Alemanha como *jugendstil*, na Itália como estilo *liberty*, entre outras denominações menos citadas.

²⁴HOMEM, Maria Cecília N. Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano. São Paulo: EDUSP, 2011. p.88

No Brasil, houve manifestações no estilo em locais como Rio de Janeiro e Belém, mas foi precisamente em São Paulo, que o *art nouveau* pode realmente expressar a ambiguidade de um mundo dividido. Por um lado, usufruía dos avanços e do desenvolvimento alcançados com o dinheiro da produção cafeeira, da ainda incipiente industrialização, com crescimento e urbanização da cidade, agora construída com o emprego de novos materiais, técnicas e mão de obra²⁵. Por outro lado, nos anos conturbados do início da República, servia à uma sociedade ainda estruturada em arcaicas relações, alvoroçada com a chegada dos imigrantes europeus, mas herdeira de uma estrutura social colonial, convivendo com a realidade de um sistema de produção predominantemente agrário num país ainda marcadamente rural. No caso paulista, foi expressão de uma industrialização crescente, da abolição da escravidão e a adoção do trabalho livre assalariado, com a presença marcante dos imigrantes europeus num momento de expansão da economia cafeeira. É um produto agrário, o café, que irá sustentar economicamente este crescimento e a implantação da indústria. Assim, no contexto que proporciona este extraordinário desenvolvimento da cidade, o desenho e a construção da Vila Penteado enredam tensões que conformam e estruturam os conceitos do movimento *art nouveau*: o conflito entre arte e técnica, natureza e indústria, procurando a conciliação destes aspectos por meio do desenho.

Ressaltando a dimensão alcançada pela presença do *art nouveau* em São Paulo, Flavio L. Motta, professor da FAU-USP, um importante e pioneiro pesquisador do tema, observa que o estilo, ou seus elementos constitutivos mais significativos, acabaram seguindo também os rumos que a economia cafeeira e a ferrovia delinearam em direção aos principais centros produtores no interior do Estado:

São Paulo, enriquecendo-se com sua cultura cafeeira, instalando suas indústrias e estradas de ferro, também se animava diante das novas conquistas da técnica e do progresso. O *art nouveau* representava então mais um gesto de clarividência e confiança. Acompanharia a valorização

²⁵Ernani da Silva Bruno, em História e Tradições da Cidade de São Paulo, comenta que no final do século XIX, “os peninsulares representavam três quartas partes dos pedreiros e quase a totalidade dos mestres-de-obra em atividade na cidade”. p.948

A Estação Ferroviária de Mayrink, 1907, projetada por Victor Dubugras.

Fonte: www.jornalcruzeiro.com.br/materia/536703/predio-da-estacao-e-patrimonio-nacional

O Largo da Memória. Projeto de Victor Dubugras, 1919.

Fonte: TOLEDO, Benedito Lima. São Paulo: Três Cidades em um Século.

do café no seu roteiro, desde o Vale do Paraíba até Ribeirão Preto, nas residências das fazendas, nos coretos dos jardins públicos, nas estações de estrada de ferro, nos quartéis e nos grupos escolares. O *Modern Style* ou o *New style* - como também era conhecido o *art nouveau*, representava a última palavra, o coroamento espiritual na vida daquela gente que se enriquecia com o café e se iniciava na vida industrial.²⁶

Os dois arquitetos anteriormente destacados, Carlos Ekman e Victor Dubugras, atuavam em São Paulo na virada do século e foram os profissionais que mais e melhor se expressaram utilizando o repertório arquitetônico e plástico do *art nouveau*.

Victor Dubugras, nascido na França e formado na Argentina, onde iniciou sua carreira profissional, se estabeleceu em São Paulo a partir da última década do século XIX. Além do inegável talento “é reconhecido como precursor da Arquitetura Moderna na América Latina. Os primeiros edifícios de caráter moderno, construídos em Paris, em concreto, foram o prédio de apartamentos da rue Franklin (1904) e a garagem da rue Ponthieu (1905) de autoria de Auguste Perret. O projeto de Dubugras para a Estação Ferroviária de Mayrink, com linhas protomodernas, é de 1906”²⁷. Dubugras foi professor do Curso de Engenheiros-Arquitetos da Escola Politécnica, e realizou importantes obras públicas, dentre elas o notável exemplo de reordenação urbana que é o Largo da Memória, realizado em 1919. Projetou e construiu também uma série de residências privadas para a elite, onde empregou com frequência o estilo. “Cremos que os melhores exemplos de verdadeiras residências estilo art-nouveau em São Paulo foram os de Victor Dubugras e Carlos Ekman e, deste, sobrou a solitária casa dos Álvares Penteado.”²⁸

26 MOTTA, F. “São Paulo e o “art nouveau”. In: Revista Habitat, no. 10, 1953. p. 3-18

27 REIS FILHO, Nestor Goulart. Victor Dubugras - Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina., EDUSP, São Paulo, 2005.p. 13

28 LEMOS, Carlos A. C. A Construção da Vila Penteado. in Vila Penteado 100 anos. São Paulo: FAU-USP, 2002.

O Arquiteto Carlos Ekman

Carlos Ekman nos interessa especificamente, pois foi o arquiteto responsável pela concepção do projeto e pela direção da obra da Vila Penteado. Nascido em Estocolmo, de uma família burguesa com algumas posses, seu pai, também arquiteto e construtor, trabalhava com madeira e implantou na Suécia algumas indústrias de elementos construtivos pré-fabricados com as quais chegou a fazer fortuna, vindo porém a falir após crises financeiras. Ekman estudou arquitetura na Escola Politécnica de Estocolmo, e em 1886, apenas formado, deixa a Suécia, partindo para Nova York em busca de melhores oportunidades de trabalho, onde consegue emprego como desenhista. Em 1888, Ekman segue para a Argentina, que vivia um momento de notável prosperidade, por conta das exportações de trigo e carne. Em Buenos Aires, consegue empregar-se, novamente como desenhista até 1890, quando, novamente sem trabalho, decide ir para o México. Em uma escala no Rio de Janeiro, Ekman toma conhecimento de algumas possibilidades de trabalho na cidade, decide permanecer na capital, onde fica por dois anos, retornando a Buenos Aires em 1892. Nesta segunda temporada na capital argentina, realiza os primeiros projetos de arquitetura de sua autoria como arquiteto autônomo. Em 1894, Ekman segue para São Paulo, aceitando o convite do amigo, também arquiteto, Augusto Fried, já estabelecido na cidade, para formarem uma sociedade, a firma Fried & Ekman.

Em São Paulo trabalha por um breve período como desenhista da São Paulo Railway e logo inicia o trabalho associado com Fried, desenvolvendo projetos e dirigindo obras públicas e privadas. Sua obra revela suas qualidades como arquiteto e construtor de talento, iniciativa, versatilidade e ousadia profissional, caracterizadas no desenvolvimento de projetos e obras dos mais variados programas e escalas. Além de muitas residências para a classe abastada em regiões nobres como Higienópolis e a Av. Paulista, destacam-se propostas públicas como o projeto do teatro desenhado para o Largo do Arouche (1900), quando sugeriu à prefeitura a sua construção na parte nova da cidade, responsabilizando-se pelo projeto e viabilização da obra, cabendo à prefeitura a cessão do terreno para sua implantação. Apesar de não ter seguido adiante, o projeto para o Teatro do Arouche claramente emprestou elementos para a concepção de outro teatro desenhado e construído

O arquiteto Carlos Ekman.
Fonte: Vila Penteado 100 Anos.
FAU-USP, 2002.

Carimbo do escritório de Ekman.
Fonte: Vila Penteado-FAU: Trajeto
de uma Casa Paulistana, 1989.

Corte transversal. Teatro Arouche, 1900.
Carlos Ekman.
Fonte: Vila Penteado 1902-2012. Pós
Graduação 40 anos.

O Teatro São José. Carlos Ekman.
Fonte: O Art Nouveau em São Paulo. Revista Habitat n.10, 1953.

Cadeia Pública de São José do Rio Pardo, 1900.
Carlos Ekman.
Fonte: DEL GUERRA, Rodolpho J. Riquezas do Baú Provinciano, 2000.

Escola Comércio Álvares Penteado, 1907.
Carlos Ekman.
Fonte: TOLEDO, Benedito Lima. São Paulo: Três Cidades em um Século.

por Ekman, o Teatro São José, na cabeceira do Viaduto do Chá, no lado do Centro Novo, onde hoje se localiza o edifício ocupado pelo Shopping Light, um terreno com considerável desnível entre a cota da rua Xavier de Toledo e a parte inferior na rua Formosa. Funcionou entre 1909 e 1923, permanecendo como o mais importante teatro de São Paulo até a inauguração do Teatro Municipal, em 1911.

Ekman projetou também importantes casas comerciais, como a Casa Alemã (1904/1910), das mais importantes e sofisticadas lojas da época em São Paulo, situada na Rua Direita, e para a qual Ekman fez dois projetos, fazendo uma loja maior e mais imponente após um incêndio ter destruído a primeira em 1909; e a Casa Bamberg, construída na esquina das ruas Quinze de Novembro e Ladeira General Carneiro.

Nestes projetos, Ekman utilizou-se de estruturas metálicas, geralmente importadas da Europa, de modo inovador no contexto da produção destas obras na cidade, com a utilização de grandes panos de vidro nas fachadas, estruturas esbeltas, vazios centrais com balcões iluminados naturalmente por clarabóias, mantendo assim a linguagem típica do material nos interiores dos prédios apesar dos exteriores mais sólidos em muitos deles, com fechamentos e acabamentos mais convencionais de alvenaria.

Trabalhou com edifícios institucionais, como é exemplo a Escola de Comércio Álvares Penteado (1907), no Largo de São Francisco, construída sob os auspícios da Família Penteado, ou obras públicas no interior do estado, como a Cadeia Pública de São José do Rio Pardo, de ambígua memória na vida do arquiteto, e exemplo de sua extremada dedicação ao trabalho, como Ekman mesmo relata ao descrever o ritmo da obra e as consequências da malária contraída na cidade, onde realizou: “[...] a construção da cadeia [...] que ataquei com todas as minhas forças, permanecendo o dia inteiro nos andaimes. O resultado, economicamente, foi bom, pude pagar minhas dívidas e construir nosso prédio. A saúde, porém, deixei em São José do Rio Pardo. As perturbações nervosas e moléstias do intestino foram os meus prêmios para toda a vida”.²⁹

²⁹Manuscrito do Arquiteto Carlos Ekman, transcrito pelo arquiteto Domingos Ribeiro Jaguaribe Ekman, seu neto, exclusivamente para a publicação do livro Vila Penteado: 100 Anos, São Paulo: FAU-USP, 2002, p.59.

Projetou ainda a Catedral de Ribeirão Preto, vencida por meio de uma concorrência em 1901, quando disputaram o primeiro prêmio dois concorrentes, Victor Dubugras e Carlos Ekman, com a comissão dos jurados decidindo-se finalmente pelo projeto de Ekman, o único exemplar de arquitetura sacra que realizou.

No ano seguinte, volta a compor novamente sociedade com Augusto Fried, que se estabelecera no Rio de Janeiro, e trabalham na controversa reformulação das fachadas dos edifícios da Avenida Central³⁰, realizando dois projetos de cujas obras também ficaram encarregados, o Ed. Hasenclever e o Ed. Stoltz, desenhados com fachadas compostas de acordo com procedimentos compositivos neoclássicos. Ekman realizou ainda trabalhos atendendo a outros programas mais inusitados, como um sistema de *Plataformas Flutuantes para Descarga de Vapores em Alto Mar* ou uma proposta para solução das famigeradas *Porteiras do Brás*, no cruzamento da movimentada Av. Rangel Pestana com a via férrea, que por conta das frequentes passagens das composições causavam enormes transtornos com os congestionamentos decorrentes da interrupção do tráfego.

Em seu primeiro retorno à Suécia natal, onde fica por um ano, Ekman escreve um livro sobre o país que o acolheu definitivamente, editando em 1910, *Det Moderna Brasilien (O Brasil Moderno)*, onde trata de aspectos econômicos e sócio-culturais do país.

A partir da década de 1920, associa-se ao filho, Sylvio Jaguaribe Ekman, engenheiro formado pela Universidade Mackenzie. Retira-se aos poucos do ofício de arquiteto e construtor, passando a dedicar-se à pintura. Ekman faleceu em Santos em 1940, e não chegou a ver o palacete que desenhara transformado em escola de arquitetura. No entanto contribuiu para a construção do seu ensino na FAU-USP por meio de sua obra,

³⁰ A atual Av. Rio Branco, a Avenida Central foi uma das principais realizações da reforma urbana empreendida pelo prefeito Pereira Passos no início do século XX, tendo sido objeto de um Concurso de Fachadas, para os edifícios já existentes, promovido pela Comissão Construtora da Avenida Central.

Fachada da Casa Alemã, 1910. Carlos Ekman.
Fonte: BARBUY, Heloisa. A Cidade-Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.

Projeto para as Porteiras do Braz. Carlos Ekman.
Fonte: www.saopauloantiga.com.br

dos conhecimentos tangíveis e intangíveis, transmissíveis por meio da própria arquitetura, do eloquente silêncio do vazio e da matéria trabalhada, uma ininterrupta aula ministrada pelo espaço, pela idéia construída, recorrentes tanto na Vila Penteado de Carlos Ekman quanto na FAU de Vilanova Artigas:

[...] pensando ao fim, na formação de tantos arquitetos que Ekman ajudou a educar, e que perpetuam, às vezes inocentemente, seu saber à memória de sua ação em nosso meio, só me cabe lembrar uma observação de Rabelais: Les beaulx bastisseurs nouveaulx de pierres mortes ne sont escriptz en mon livre de vie. Je ne bastis que pierres vives, ce sont hommes.³¹

Na Vila Penteado, o nicho com a escultura apelidada "Faustina" pelos alunos da FAU-USP.

Fonte: Catálogo da Exposição Vila Penteado. FAU-USP, 1976.

A Vila Penteado

O projeto e a construção da Vila Penteado têm a peculiaridade de convocar para sua realização os principais elementos conformadores desta nova cidade, com suas virtudes e contradições. Ocupada pela família de um cafeicultor, depois industrial, num bairro novo, foi projetada e erigida por um arquiteto sueco, desenhada num estilo "moderno", e construída com mão de obra imigrante, basicamente de italianos. Virou escola pública de arquitetura. Nela se formaram gerações de arquitetos e urbanistas que viriam a contribuir, de vários modos, na conformação e no desenho da cidade de São Paulo.

31 KATINSKY, Julio R. A Vila Penteado e o Desejo de Mudança em São Paulo. in Vila Penteado - 100 Anos. São Paulo: FAU-USP 2002. p. 145

"Os belos construtores novos de pedras mortas, não estão inscritos em meu livro de vida. Só construo pedras vivas: São os homens." (O Terceiro Livro dos Fatos e Ditos Heróicos do Bom Pantagruel. François Rabelais. Ateliê Editorial. 2006. Tradução de Élide Valarini Oliver)

Ekman encontrou uma sociedade voltada para o capitalismo de exportação, que se colocara dentro da chamada divisão internacional do trabalho, liderada econômica e tecnologicamente pela Grã-Bretanha. Tanto em nível local como nacional, era comandada pelos cafeicultores, que se mostraram progressistas e criativos, pois souberam passar do ciclo de tropa de mulas e da escravidão para o transporte ferroviário e ao trabalho livre e assalariado, bem como às atividades industriais vinculadas à cafeicultura. Instituíram a imigração europeia subvencionada e transformaram o governo republicano em oligarquia. Possuíam um pé no latifúndio, outro na capital e na Europa, atraídos principalmente por Paris, a metrópole por excelência do século XIX.³²

A Vila Penteado, concebida com elementos oriundos de distintas manifestação do *art nouveau*, reúne em sua composição os elementos mais rigorosos das referências *secessionistas* húngaras e vienenses, na organização da volumetria, da planta e nas proporções do edifício, com a delicada liberdade do estilo floreal belga e francês que Ekman emprega nos detalhes e elementos construtivos isolados, como maçanetas, guarda-corpos, na decoração da fachada e nas pinturas internas. Este projeto conduziu a precisa e sofisticada execução empreendida por Ekman, com dedicação exclusiva ao trabalho, prevista no contrato com o conde Alvares Penteado. Ekman já possuía uma importante experiência em projetos e obras, com conhecimento de técnicas inovadoras de construção, e soube empregar os novos materiais e a mão-de-obra especializada então disponível com os imigrantes, principalmente os italianos, sintetizando com habilidade estas circunstâncias na obra.

No projeto da Vila Penteado, chama à atenção inicialmente a implantação da residência, num lote de topografia e localização privilegiados, na *entrada* do antigo Boulevard Bouchard, com o portão de acesso principal da mansão junto do entroncamento das cinco vias que se cruzam neste ponto, as ruas Itambé, Maria Antônia, Major Sertório e Veridiana com a Av. Higienópolis. No terreno fronteiro ao lote dos Alvares Penteado, como a formar um

A Vila Penteado como residência. Implantação e localização dos anexos de serviços.

Fonte: PRADO, Alberto S. Vila Penteado: Vida Nova em Velho Prédio, 1979.

Perspectiva aérea de Vila Penteado.

Fonte: Relatório Gestores da Vila Penteado 2005.

32 HOMEM, Maria Cecília N. *Carlos Ekman, um Inovador na Arquitetura Paulista*. in *Vila Penteado, 100 Anos*. FAU-USP, São Paulo, 2002. p. 67

O saguão da Vila Penteado mobiliado e ocupado quando residência.

Fonte: HOMEM, Maria Cecília N. Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano.

As salas Maria Antonieta e Luis XV, os ambientes de convívio social do casal Alvares Penteado.

Fonte: HOMEM, Maria Cecília N. Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano.

nobre portal de acesso ao bairro, ocupando um lote de similar magnitude, fora construído um palacete, a Vila Maria, residência de D. Veridiana da Silva Prado, erguido em 1884, com projeto e materiais importados³³, e tal como a Vila Penteado, até hoje existente no local.

O terreno da Vila Penteado, com um considerável desnível entre a rua Maranhão e a Av. Higienópolis, possuía em sua origem uma área de quase 14.000m² - hoje, depois dos desdobros quando da partilha da herança, a área que restou para a Vila Penteado é de pouco mais de 3.900m². O programa trabalhado por Ekman constituía-se da residência propriamente dita, implantada no platô mais alto do terreno, em sua parte central, o que permitia descortinar desde a mansão, vistas dos arredores e da cidade. Na parte posterior da lote foram organizados os anexos que uma propriedade deste porte demandava. Assim, sempre neste platô ao longo da rua Maranhão, Ekman distribuiu as instalações para funcionários, coqueiras e garagens. Ao lado do pequeno volume saliente da *porte-cochère* lateral da casa principal, um destacado volume, com um trabalho decorativo externo tal como o da Vila, era ocupado por uma estufa destinada ao cultivo de plantas. No lado oposto, próximo da rua Sabará, foi implantada uma quadra de tênis. À frente do alinhamento da residência, apenas um chafariz e um pequeno lago. Um espraído e bem cuidado jardim, cortado por caminhos sinuosos, ocupava o restante do lote. Esta situação de implantação, a cavaleiro na topografia, conferia monumentalidade ao conjunto, principalmente quando visto desde a Av. Higienópolis.

A casa principal formava um pátio em “U” voltado para a Rua Maranhão e compunha-se de duas alas separadas pelo saguão de pé-direito duplo. Na fachada principal da Vila, orientada à nordeste, o que conferia excelente exposição solar para o conjunto, ficavam os cômodos mais importantes, embaixo as salas de recepção e o saguão, no pavimento superior os aposentos principais. Antecipando o espaço interno do saguão e das salas de recepção social dos proprietários, um longo terraço elevado, guarnecido com rebuscados guarda-corpos, faz a transição entre os espaços externos e internos. O terraço tem sua parte

³³ “D. Veridiana [...] adquiriu o terreno de Santa Cecília onde construiria em 1884, um palacete, formando a “chácara que denominou “Vila Maria”. Trouxe a planta da Europa, em estilo Renascença francês, a qual foi construída pelo engenheiro Luiz Liberal Pinto com material todo importado”. (HOMEM, Maria Cecília N. Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 42)

central coberta, conectada diretamente com o Saguão central.

A conformação em alas auxiliava na organização do programa solicitada pelo conde à Ekman para abrigar sua família e também a de sua filha e seu genro em setores razoavelmente independentes dentro do conjunto da Vila:

[...] A Vila Penteado ficava em terreno ligeiramente sobranceiro à Avenida Higienópolis. De grandes proporções, com dois andares e porão, parecia metade palácio metade chácara. Situava-se em meio a jardins, horta, coqueiras, pomar, lago artificial e estufa com plantas exóticas. Junto da Avenida Higienópolis, um renque de jabuticabeiras levava até uma quadra de tênis, construída no ângulo formado com a rua Sabará. Era tudo muito bem cuidado pela criadagem estrangeira e verdadeiro exercito de jardineiros [...] O palacete possuía duas alas: na primeira da esquerda residia o industrial com sua mulher, Ana de Lacerda Alvares Penteado, e dois de seus filhos, Silvio e Armando Alvares Penteado. Na ala direita, Eglantina e Antônio Prado Jr.³⁴

Na parte posterior, as extremidade das alas eram ocupadas pelos cômodos de serviços, como cozinhas, depósitos e demais dependências, e foram construídas com um pavimento apenas. Logo em 1906, a Vila Penteado tem sua primeira alteração significativa. Ekman, a pedido do conde Penteado, amplia a residência, acrescentando mais um pavimento sobre as duas alas de serviço, criando novos cômodos ocupados com aposentos para as governantas, empregados e rouparia. Podemos observar aqui algo similar ao que ocorreu depois com a inversão hierárquica das fachadas, no que respeita certa generosidade da Vila com as alterações com as quais tem precisado ajustar-se: ao comparar as volumetrias do conjunto, antes e depois da intervenção, não parece ser o caso de afirmar que tenha perdido qualidades ou virtudes com a ampliação, a qual ainda enfatizou a conformação do pátio posterior com o chafariz, que futuramente organizará sua nova entrada.

Membros da família Alvares Penteado reunidos no terraço da Vila Penteado.
Fonte: Acervo Histórico de São Paulo.

A Vila Penteado antes da reforma de 1906.
Fonte: www.sampahistorica.wordpress.com

A Vila Penteado após a reforma de 1906.
Fonte: www.sampahistorica.wordpress.com

³⁴ HOMEM, Maria Cecília N. Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 88

Maquete da Vila Penteadó como residência realizada pelo LAME para a exposição de 1976.
Fonte: Catálogo da exposição Vila Penteadó, 1976.

Maquete da Vila Penteadó como residência realizada pelo LAME para a exposição de 1976.
Fonte: Catálogo da exposição Vila Penteadó, 1976.

Fachada principal da Vila Penteadó. Fonte: TOSCANO, João W.; ARTIGAS, Rosa C. João Walter Toscano.

Especialmente, a inovação significativa trazida por Ekman no projeto é a função que exerce seu saguão, o espaço que define uma nova distribuição e novas relações entre os ambientes da residência, em ambos pavimentos, com passagens, balcões, mezaninos, articulando-os de modo bastante distinto do agenciamento que se fazia comumente nas residências aristocráticas paulistas. A circulação vertical providenciada pela escada principal, com seu patamar-púlpito lançado à meia altura, descortinava toda o espaço e a decoração do saguão, com os cuidadosos trabalhos de revestimento em madeira, a lareira inglesa, as pinturas e relevos murais e os quatro painéis alegóricos à indústria têxtil brasileira fixados nas paredes do saguão.

Pela primeira vez, construía-se um exemplar erudito art nouveau, em que o espaço realmente se comportava como a tônica principal da composição arquitetônica. Havia ali a necessária continuidade espacial, condicionada a pés direitos duplos, profundos balcões internos, a elementos curvos que davam movimento ondulante às visuais que percorressem a decoração variada e concatenada em sucessivas surpresas ornamentais. O seu monumental hall central estava absolutamente inserido nos postulados arquitetônicos do art nouveau, que davam primazia ao espaço liberado do paralelismo das paredes retas e, nisso, o espírito barroco estava também presente, o que prova terem sido possíveis inéditas soluções espaciais dentro dos limites de alvenaria.³⁵

Quanto aos materiais e técnicas empregados, Ekman pode contar com toda a disponibilidade permitida pela importação, com disposição de recursos vultosos possibilitada pela fortuna do conde Alvares Penteado. A residência era composta do porão, do pavimento térreo elevado do solo, do pavimento superior e do espaço de forro, sob a cobertura. A fundação foi levantada, com paredes estruturais de tijolos, “os lanços das primeiras alvenarias de embasamento, grossas mais de metro, definindo, abaixo do rés-do-chão, os porões da futura ‘vila’”. Logo acima do embasamento, sempre com o tijolo

Vista da antiga sala íntima do segundo pavimento da residência transformada em seção de pessoal. Fonte: www.skyscrapercity.com

Abobadilhas de tijolos estruturadas com vigas de aço no porão da Vila Penteado. (Foto do autor.)

³⁵ LEMOS, Carlos A. C. Alvenaria Burguesa. São Paulo: Nobel, 1989.

Maçaneta de porta, Vila Penteado.
Fonte: TOFFOLI, Roberto. Patrimônio da FAU-USP.

Guarda-corpo do terraço.
Fonte: www.skyscrapercity.com

cerâmico, material com que se reconstrói então a cidade de São Paulo, são levantadas as "paredes de elevação", gradualmente com sua espessura reduzida, conforme diminui a carga suportada, no piso superior e nas platibandas e paredes da cobertura. Estas paredes, em vários ambientes da mansão, definem arcos, estruturando os vãos mais extensos. As paredes são revestidas de argamassa e apresentam trabalhos ornamentais em alto e baixo-relevo, e receberam pinturas decorativas. Na estrutura dos pisos e da cobertura são utilizados vigamentos de madeira. Excepcionalmente, o pavimento da área central do primeiro piso sob o saguão, elevado do solo pela presença do porão que saneava a construção, foi construído com uma série de vigas metálicas paralelas, escorando abobadilhas, realizadas também com tijolos, para criar o *piano nobile* da residência, debruçado sobre a paisagem e a cidade. No segundo pavimento, o piso de assoalho de tábuas está estruturado sobre vigas de madeira. A cobertura da Vila foi executada com placas de ardósia, apoiadas em assoalho de tábuas fixadas sobre o caibramento. Tesouras e terças de madeira sustentam os planos de cobertura. Alguns trechos desta são arrematados em chapa de cobre, o mesmo material utilizado nas calhas e condutores pluviais. O trabalho de madeira de portas, janelas, escadas e revestimentos decorativos foram desenhados por Ekman e realizados pelos artesãos do Liceu de Artes e Ofícios, assim como os elementos construtivos e decorativos metálicos, como guarda-corpos, maçanetas e os gradis, entre outros.

Após a morte do conde Alvares Penteado ocorrida em Paris em 1912, a casa continuou movimentada pelos filhos, netos e bisnetos, mas a condessa já vivia sozinha, ao cuidado de empregados, após trinta e cinco anos vividos na residência, vinte e cinco dos quais como viúva. "Com a morte de D. Ana Alvares Penteado, em 1938, a Vila permaneceu fechada durante cerca de dez anos [...] os bisnetos entretanto, continuavam a brincar nos jardins, e às vezes, faziam abrir a casa para ensaiar e fazer apresentações de seu teatrinho. Os espetáculos eram dados no hall [...]".³⁶ Em 1946, com a separação da quadra em lotes divididos entre os herdeiros, os irmãos Sílvio e Armando adquiriram a parte que cabia às irmãs e decidiram doar a Vila Penteado para a Universidade de São Paulo, com a condição e o compromisso de que nela fosse instalada uma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

³⁶ HOMEM, Maria Cecília N. A Vila Penteado como Residência in Exposição Vila Penteado. São Paulo: FAU-USP, 1976. p.76.

A FAU-USP: A VILA PENTEADO COMO
ESCOLA DE ARQUITETURA

A Criação da FAU-USP

Planta dos edifícios da Escola Politécnica por volta de 1940. Em destaque o edifício São Thiago.
Fonte: Revista Cidade n. 5, 1998.

Edifício São Thiago da Escola Politécnica onde a FAU-USP funcionou em seus dois primeiros anos de existência.
Fonte: Acervo FATEC

O desenvolvimento e modernização da cidade de São Paulo a partir do último quartel do século XIX provocou alterações profundas na estrutura urbana, nas construções e na organização social da cidade, e concorreu para a necessidade de institucionalização do ensino técnico superior visando por meio deste suprir a urgente demanda de profissionais com conhecimentos técnicos capazes de resolver os problemas advindos da expansão física da cidade e de ampliação de suas infraestruturas, da necessidade de projetar e construir inúmeros prédios públicos e residências para uma população que crescia vertiginosamente, de atender os novos programas, como as estações ferroviárias, pontes e viadutos, parques públicos, serviços de pavimentação, obras de saneamento e redes de água e esgoto. Este conjunto de fatores e demandas conduzem à criação da Escola Politécnica, em agosto de 1893, com o início dos cursos em fevereiro do ano seguinte. Contava com “sete professores (incluindo Paula Souza), 31 alunos regulares e 28 ‘ouvintes’, oferecendo os cursos de Engenharia Civil, Industrial e Agrônômica”.³⁷ Foi instalada no Solar do Marquês de Três Rios, no Bom Retiro, e sua fundação é um acontecimento fundamental na história de São Paulo e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, que será criada em julho de 1948. Sintomaticamente, como resposta às demandas impostas pelo crescimento urbano extraordinário de São Paulo e também de muitas cidades do interior do estado ligadas à economia cafeeira e a ferrovia, a Escola Politécnica, logo após sua fundação, instituiu em 1894 o curso de Engenheiros-Arquitetos. Eventos correlatos ocorrem nesta mesma época em São Paulo, servindo ao mesmo propósito, como a reorganização do Liceu de Artes e Ofícios realizada por Ramos de Azevedo em 1895 e a criação do Curso de Engenharia do Mackenzie College em 1896.

De acordo com Sylvia Ficher³⁸, o período em que o ensino de arquitetura em São Paulo esteve vinculado às Escolas de Engenharia, no caso da Escola Politécnica entre 1894 e 1948, pode ser dividido em 3 momentos distintos. Um período inicial, até 1917, pode ser definido como de consolidação e crescimento tanto do ensino institucional das engenharias e da arquitetura, como também da relação destes profissionais com o mercado de trabalho

³⁷ DIAS, José Luiz Pereira da Costa, CARDOSO, José Roberto. *Os 120 anos da Escola Politécnica de São Paulo*. Disponível em: <<http://sites.poli.usp.br/org/informativos/linksite/artengenhariaeducacao618.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2015

³⁸ FICHER, Sylvia. *Os Arquitetos da Poli: Ensino e Profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1989. p. 43

crescente. Neste momento, aparecem publicações dedicadas à divulgação da produção técnica e científica, como o *Anuário da Escola Politécnica*, publicado inicialmente em 1900, a *Revista Politécnica*, editada pela primeira vez em 1904, a *Revista de Engenharia Mackenzie* (1911) e o *Boletim do Instituto de Engenharia* (1917). Num segundo momento (1918/1933), os profissionais já em atividade buscaram naturalmente, na promoção dos interesses da profissão, unirem-se por meio de associações profissionais como o *Instituto de Engenharia* e clubes ligados à classe. O terceiro momento (1934/1947) é identificado pelo processo de separação da profissão do arquiteto da do engenheiro, quando, com o desenvolvimento e o prestígio adquiridos pela profissão, no Brasil e internacionalmente, com a difusão do Movimento Moderno, e as atribuições de cada uma das disciplinas tornam-se mais evidentes. Deste modo, procurando defender os interesses da profissão e das posições nas quais acreditavam, os arquitetos se organizam institucionalmente, e as escolas autônomas de arquitetura são criadas seguindo um currículo, se não ideal, apto a se desenvolver e se transformar a partir do empenho dos alunos, professores, das escolas e de órgãos de classe, como o IAB.

Coincide com o início deste último período estabelecido por Ficher um acontecimento de grande importância na história de São Paulo e da futura Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Em 25 de janeiro de 1934, a Universidade de São Paulo é criada por meio do Decreto Estadual 6.283/34, assinado pelo interventor Armando de Salles Oliveira. A criação da USP foi um dos alicerces do projeto político da oligarquia do Estado de São Paulo, então o mais rico da federação, apeado do Poder Federal pela Revolução de 1930, que buscou criar, por meio de uma instituição de nível superior, uma elite dirigente de alto nível intelectual, científico e cultural, que fosse capaz de conduzir os interesses, o desenvolvimento e a modernização do Estado, de modo condizente com seus interesses e sua importância. Esta Universidade será constituída partir da união dos cursos superiores já existentes em São Paulo e no interior, as Faculdades de Direito, de Medicina, de Farmácia e Odontologia, as Escolas Politécnica, de Medicina Veterinária, o Instituto de Educação e a Escola Superior de Agricultura, em Piracicaba, com novas unidades que seriam criadas, como a Escola de Belas Artes e o Instituto de Ciências Econômicas e Comerciais.

Evento em homenagem a Anhaia Mello por ocasião da criação da FAU-USP.

Fonte: Acervo Oswaldo Corrêa Gonçalves.

O edifício do IAB-SP, 1948. Abelardo de Souza, Galiano Ciampaglia, Hélio Duarte, Jacob Ruchti, Miguel Forte, Rino Levi, Roberto C. César e Zenon Lotufo.

Fonte: Acervo IAB

Em relação à regulamentação da profissão e às condições do ensino de arquitetura, já em 1933 havia sido aprovado o decreto-lei nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933, primeiro marco regulador em nível federal da profissão do engenheiro-arquiteto, mas foi durante a década de 1940 que aconteceram os eventos de maior importância no sentido de consolidar a afirmação da profissão e a criação de um ensino que fosse condizente com esta situação profissional. Em 1943 o IAB-SP é fundado, e se mostrará de grande importância nos rumos da futura FAU-USP, como se verá adiante. Em 1945, ocorre o 1º Congresso Brasileiro de Arquitetos (CBA), organizado na cidade de São Paulo, e neste “[...] Congresso, promovido pelo IAB/SP, a grande polêmica interna do Instituto era a arquitetura moderna, associada à “relevância do projeto arquitetônico”. Para que fossem concretizados esses ideais, o IAB/SP almejou “o ensino de arquitetura desligado do ensino de engenharia e das Belas Artes”³⁹ No mesmo ano, é redefinido o currículo das escolas de arquitetura brasileiras, com a criação e a regulamentação da Faculdade Nacional de Arquitetura:

Com a criação da Faculdade Nacional de Arquitetura, em 1945, o curso de Arquitetura separava-se da antiga escola. A emancipação foi motivo de regozijo entre os estudantes e professores, que consideravam aquela autonomia necessária diante do perfil cada vez mais técnico e científico da profissão, o que parecia escapar ao currículo das Belas Artes. E ainda que o curso, durante algum tempo tenha acrescido a designação “engenheiro” ao título que conferia aos seus formandos, a proposta pedagógica sempre fora formar arquitetos como “artistas”. [...] Por parte do Estado, mais do que a simples ampliação dos conteúdos ministrados, o regulamento da FNA tornou-se referência para todas as escolas de arquitetura do país que precisaram ser remodeladas segundo seu regimento. A criação da FNA não atendeu por completo às ambições do grupo chamado moderno da ENBA, mas inaugurou um novo período no ensino de arquitetura com a criação das escolas autônomas.⁴⁰

39 FICHER, Sylvia. *Os Arquitetos da Poli: Ensino e Profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1989.

40 VIDOTTO, Taiana Car. A Indissociável Relação entre o Ensino e a Profissão na Constituição do Arquiteto e Urbanista Moderno no

Em São Paulo, com as novas perspectivas fomentadas por estes eventos, a busca da autonomia do curso de Engenheiros-Arquitetos em relação à Escola Politécnica ganha maior impulso. O grande reconhecimento internacional conseguido com a Arquitetura Moderna brasileira tem papel fundamental neste sentido, e vão se reunindo as condições para o surgimento de uma nova escola de arquitetura. Para isso, concorreram no interesse desta renovação a atuação de dois importantes professores do Curso de Engenheiros-Arquitetos da Escola Politécnica, Luiz Inácio de Anhaia Mello e João Batista Vilanova Artigas:

[...] o vínculo entre Anhaia Mello e Artigas revelou-se um rico objeto de análise do modo como se estruturou a FAU-USP desde sua fundação e como essa instituição inseriu-se no campo profissional de arquitetura e urbanismo, que naquele momento se fortalecia. Apesar das claras diferenças de posição de ambos - motivadas por diferenças de geração, de origem social, de relações políticas, de objetos de interesse, dentre muitas outras - essa aliança foi fundamental para viabilizar a estruturação da FAUUSP do modo como se deu.⁴¹

Anhaia Mello, Engenheiro-Arquiteto formado pela Escola Politécnica em 1913, após a criação da FAU-USP, da qual foi um dos mais efetivos promotores, foi seu Diretor em duas ocasiões, logo após a sua criação, de 1948 até 1951 e novamente de 1959 até 1961, quando se aposentou compulsoriamente da Universidade. Na FAU-USP, lecionou nas cadeiras de *Teoria da Arquitetura* e *Urbanismo*. Durante a construção da Cidade Universitária, foi um dos responsáveis pelo planejamento do *campus*, e trabalhou para que vários projetos de suas unidades fossem entregues a arquitetos que então exerciam a profissão em São Paulo, identificados com a Arquitetura Moderna, sendo quase todos docentes da FAU-USP e integrantes do IAB-SP. Também organizou e dirigiu o CPEU (Centro de Pesquisa e Estudos Urbanísticos), de 1958, data da sua fundação, até a sua

Estado de São Paulo: 1948 - 1962. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP 2014.

41 SIQUEIRA, Renata M. A Inserção da FAU-USP no Campo de Arquitetura e Urbanismo em São Paulo: As Contribuições de Anhaia Mello e Vilanova Artigas. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP 2015.

Luiz Inácio de Anhaia Mello.
Fonte: www.saopauloinfoco.com.br

João Batista Vilanova Artigas.
Fonte: FERRAZ, Marcelo C. Vilanova Artigas, 1997.

aposentadoria. Além dos aspectos profissionais e acadêmicos de sua atuação como profissional, esteve também ligado à administração pública, sendo prefeito da cidade de São Paulo, por alguns meses em duas ocasiões (entre 1930/1931), nomeado pelo interventor federal do Estado de São Paulo. Anhaia Mello trabalhou fortemente com o intuito de trazer para a FAU-USP, além da graduação em arquitetura, o ensino de urbanismo, a princípio na forma de uma pós-graduação voltada para arquitetos e engenheiros civis, e de acordo com Sylvia Ficher, foi com sua iniciativa que a nova Faculdade recebeu a denominação de *Arquitetura e Urbanismo*.

[...] Gostaríamos de destacar que o papel de Anhaia Mello na formação do campo de arquitetura em São Paulo não havia ainda sido objeto de uma detida atenção, apesar de sua importância. É notável que o urbanista tenha assumido a defesa da arquitetura moderna, trazendo para próximo de si, ainda na Escola Politécnica, profissionais que se notabilizaram como importantes representantes deste movimento, como seus assistentes Zenon Lotufo e o próprio Artigas. Isso interferia diretamente sobre o curso ministrado em sua cadeira, o que era, certamente, uma decisão conscientemente tomada. Anos antes, enquanto presidia o Instituto de Engenharia, acolheu a vinda de Le Corbusier para São Paulo em 1929, possibilitando que o arquiteto professasse suas conferências na sede da organização. Muitos dos profissionais que vieram a desenvolver a arquitetura moderna em São Paulo haviam sido seus alunos na Escola Politécnica, como Artigas, Zenon Lotufo, Roberto Cerqueira César, Ícaro de Castro Mello, Oswaldo Corrêa Gonçalves, Leo Ribeiro de Moraes, entre outros.⁴²

João Batista Vilanova Artigas, o arquiteto que projetará a futura sede da Escola na Cidade Universitária, ao contrário de Carlos Ekman, tem atualmente biografia e obra

⁴² SIQUEIRA, Renata M. A Inserção da FAU-USP no Campo de Arquitetura e Urbanismo em São Paulo: As Contribuições de Anhaia Mello e Vilanova Artigas. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP. 2015. p.168.

bastante divulgadas e analisadas, sob os mais diversos aspectos, principalmente após a celebração de seu centenário em 2015, quando se realizaram debates e exposições, houve a edição de novos livros e um filme sobre Artigas foi produzido. A vida e o trabalho de Vilanova Artigas, sua dedicação ao ensino, permanecem superpostos com a história e o espaço da FAU-USP, e ao longo deste trabalho, estarão presentes em diversas situações, interligados que estão à existência da Escola. Assim, considerou-se desnecessárias maiores descrições biográficas.

Os anos 1940 foram um importante período na constituição e regulamentação da profissão e do ensino nos moldes em que a geração formada pelo Movimento Moderno desejava, com novas atribuições e responsabilidades lentamente conquistadas pelos arquitetos. Vilanova Artigas, então um professor no início de carreira, lecionava na Escola Politécnica, instituição em que havia se formado Engenheiro-Arquiteto em 1937. Em 1946 viaja aos Estados Unidos com uma bolsa da Fundação Guggenheim, como assistente de Anhaia Mello na Escola Politécnica. Segundo o plano de estudos que enviou à Fundação, manifestava seu interesse em estudar os grandes mestres da Arquitetura Moderna estabelecidos naquele país. No entanto, por meio de documentação disponível, podemos constatar seu principal interesse, já com vistas à criação de uma escola autônoma de arquitetura em São Paulo. Mais do que pesquisar os mestres do Movimento Moderno, Artigas queria pesquisar os moldes em que o ensino da arquitetura e urbanismo estavam organizados num país que, como o Brasil, possuía uma história recente, mas que no entanto já contava com uma produção industrial bastante avançada. Assim, o arquiteto esperava cumprir dois objetivos: ampliar o conhecimento e estudo da Arquitetura Moderna e levantar subsídios que colaborassem na reestruturação do ensino de arquitetura na Universidade de São Paulo. A carta enviada ao arquiteto Oswaldo Correia Gonçalves, datada de 27 de Dezembro de 1946, merece ser transcrita na íntegra, pois é bastante esclarecedora deste momento e mostra claramente onde residiam os interesses primordiais de Vilanova Artigas:

Artigas em foto durante sua viagem aos Estados Unidos em 1946.
Fonte: FERRAZ, Marcelo C. Vilanova Artigas, 1997.

N. York, dez, 27. 1946

Caro Oswaldo,

Acabo de receber sua carta. Apresso-me a responder, porque ela trouxe-me algumas notícias que eu precisava. Você diz que eu provavelmente estou aproveitando a viagem. Eu diria que estou antes sofrendo a viagem. Porque as diferenças entre o que vejo e o que há entre nós fazem sofrer, muito antes de gozar. E isso pela simples razão de no Brasil não haver “espírito público”, senso de comunidade de maneira alguma. Agora, só agora começa a aparecer algum espaço coletivo, e nós precisamos aproveitar esse ensejo, custe o que custar; o segredo está na luta em conjunto, na luta organizada, de todos nós para um mesmo fim, mesmo que os nossos pontos de vista individuais divirjam, como sempre acontece. Isso é razão elementar de democracia. Mas eu já estou escorregando para longe do que eu queria dizer. Vou contar a você, para que todos saibam evidentemente, o que tem sido esses três meses de estadia aqui. Na chegada eu trazia uma porção de informações e uma porção de nomes de sujeitos para procurar; é a pior coisa que pode acontecer se a gente não consegue escapar da linha traçada pelos outros. Cedo descobri que nem sempre, ou quase nunca, os nomes da proa representam conteúdo. E assim, me mandaram para Boston, para que eu visse de perto e “estudasse” nas duas grandiosíssimas organizações universitárias dos EUA, Harvard e o MIT. O plano inicial feito para mim, por gente de boa vontade não há dúvida nenhuma, consistia em 5 ou 6 meses de estadia em Boston, na pesquisa de métodos para a arquitetura moderna, ensino, etc...Quase fiquei louco e com um

esforço lento, consegui sacudir a carga de cima das costas como um burro bravo. Um mês, depois larguei tudo porque eu tinha certeza que a turma não estava completamente certa e alguma coisa de novo deveria existir aqui. As grandes universidades têm colunas por fora e por dentro também. São templos por dentro e por fora. E eu, há anos já, venho mostrando banana para monumentos. E venho colecionando a opinião dos alunos, dos arquitetos, dos que trabalham, da turma das revistas, etc. Como você vê, vou começar agora um caminho novo, e que tem se mostrado riquíssimo e promissor. Não posso evidentemente dizer aqui nesta carta o que é, mas um ano não demora muito. E mesmo se eu dissesse agora podia isso não ter proveito porque, inclusive, reservo-me o direito de mudar de opinião. Daqui a alguns dias vou viajar para o sul, para ver umas escolas progressistas que existem por lá, e vou depois a Los Angeles e São Francisco. Se nós mantivermos contato, o que depende tão somente de você, tentarei mantê-lo informado mais de perto do que está se passando. Por agora vi as universidades de Boston e de Columbia, aqui em N. York. Mas vi também um grande número de escolas livres, e algumas de grande importância. E conversei com gente que traça planos, gente que já ensinou e gente que sabe agora, o que deveria ter aprendido e de que maneira. Só mais tarde, bem mais tarde, poderei fazer um resumo da situação e das vantagens e desvantagens, quando tiver visto tudo. Agora passo a dizer o que eu posso em relação ao que você contou na sua carta. Em primeiro lugar não estou certo se eles estão interessados na nossa Escola. É muito mais necessário que nós estejamos interessados. Já mandei há mais de um mês todo o material que eu pude colecionar a respeito das universidades, para o Dr. Anhaia. Com algumas anotações e sem procurar forçar. Ele recebeu já por certo.

2º) Não preste a mínima atenção no programa estabelecido pelo pessoal do Rio. É simplesmente ridículo e superficial. Tremendamente. Quanto mais longe daquilo, nós ficarmos, melhor.

3º) É muito importante. Quando eu estava no Brasil, o Neves me contou que eles estavam procurando levar para a escola de arquitetura os velhos professores que saíram da Politécnica por ocasião da lei de desacumulação. Você sabe: - o Machadão, o Belezinha (Lisandro), etc. Isso não tem importância, eles poderiam até servir. Mas o Neves me disse que eles achavam que, para a escola de arquitetura, qualquer professor serviria – para as cadeiras tipicamente técnicas porque arquiteto não precisa conhecer muito isso. É errado. Exatamente o contrário deve ser o nosso ponto de vista. Para a nova Faculdade, o melhor. Insisto nisso, Oswaldo, porque do tipo de ensino dessas cadeiras básicas, vai depender todo o curso. Mantenha silêncio sobre isso e veja se o nosso pessoal apóia. Mas não critique o pessoal da escola por isso, senão eu vou passar mal depois. Mas o nosso slogan deve ser: para a Escola, o melhor.

4º) Eu não posso contar ou influir por carta o Anhaia por agora. A realidade é que eles não sabem bem o que fazer. Eu mesmo só vou saber depois que eu completar os estudos que eu estou fazendo. Nós poderíamos copiar a organização da Harvard ou MIT (foram as informações que eu mandei pro Anhaia). Mas eu tenho visto que mesmo elas são bastante criticadas aqui. E além do mais é preciso considerar as condições brasileiras. Uma escola de arquitetura deve estar intimamente ligada com a indústria e o povo e tudo o mais, do país a que serve.

Evidentemente ainda é cedo para eu chegar a uma conclusão sobre a relação entre o meio aqui e as escolas. E o que é mais importante, como organizar uma escola para nós de maneira que se adapte às nossas possibilidades, ao nosso meio. E para concluir: eu não quero, nem posso ter o privilégio da verdade sobre o assunto, vamos discutir e brigar sobre isso mais tarde. É o caminho mais democrático e o mais sábio. De antemão posso dizer-lhe que o nosso atraso não tem medida com as unidades do tempo que eu conheço. Às vezes, tenho vergonha de responder perguntas por aqui. Mas tenho dito a verdade, muito embora o sangue pretenda escapar pelos cabelos.

5º) Não tenhamos ilusões sobre o apoio que os reacionários brasileiros nos poderão prestar. Eles vão reagir, eu sei. E não será em três meses que a escola começará a funcionar direito. A culpa também não cai sobre os responsáveis imediatos da Escola. O principal responsável pela precariedade do ensino universitário entre nós é o espírito que o criou. As nossas escolas superiores não têm vitalidade, elas não se transformam nunca; não são autônomas, dependem da politicagem e muito. E depois a coisa bárbara de os professores serem catedráticos e vitalícios. Eles envelhecem e morrem na cátedra; suam velhice nas barbas da gente. Já aqui, uma organização universitária pode mudar a rota da noite para o dia. É só despedir meia dúzia de professores e contratar novos que no mês seguinte a escola exhibe os mais tentadores programas. E isso não é conversa fiada não. Eu venho de presenciar isso no MIT. Os nomes publicados no catálogo do ano passado já não representam nada hoje. E eram uns nomes pesados, pesadíssimos. Quando eu vi o catálogo em N. York, por ocasião da chegada, estremei. Mas lá, a revolução estava se processando. A sala de desenho a mão livre e aquarela a cargo de um

“Ranzini” americano qualquer, estava sendo arrasada. E o termo é esse mesmo: arrasada. Eles acabaram de contratar um rapaz de Chicago, que por sinal é o melhor, e quase o único bom elemento no MIT. E não se perde tempo, nem precisa de aquarela. A sala se transformou num laboratório fotográfico (não é bem isso, mas é o melhor termo que eu encontro em português para definir o laboratório) onde se começa agora a estudar cor, “visual design”, composição com elementos abstratos e uma porção de outras coisas. É quase um laboratório de pesquisa sobre cor, forma e espaço. Um outro ponto em que eu queria tocar, com referência a escolas, é sobre a importância que elas podem ter na vida profissional. Aqui, começa agora, uma espécie de revolução nesse sentido. Bem visível para mim. Em resumo, todo mundo colabora. Por intermédio de conferências para os alunos, feitas por arquitetos de fora, eles ficam ao par, até dos defeitos das suas próprias escolas. E as conferências são objetivas e têm a intenção de ajudar. Não como no Brasil que o sujeito lê um pedaço de papel onde ele arranjou umas frases bonitas. Ninguém lê as conferências. Todo mundo diz o que realmente sabe, sem citar trechos de grandes autores e nomes que ninguém sabe se existem. As conferências em suma, não são os chatíssimos trabalhos de compilação que nós conhecemos no Brasil. Aqui o cidadão sobe no estrado e diz o que sabe, brutalmente às vezes, tal é a sinceridade de alguns; e todo mundo se interessa, e as opiniões são diversas, e o país progride. Mas escapei um pouco. Eu queria dizer que, no fundo, as Escolas não são os lugares onde o cidadão tira um diploma; mas são um laboratório de pesquisa sobre o assunto. Sendo assim elas despertam o interesse não só dos alunos, mas também dos profissionais. E o interesse é mútuo. Não quero dizer que todas as escolas sejam assim e que a coisa esteja se realizando como eu digo acima: pretendo só definir o espírito que está

revolucionando as escolas aqui neste momento. E mostrar a vantagem de elas serem laboratórios que acidentalmente ensinam o assunto a que se dedicam. Por exemplo: o MIT tem uma série de arquitetos que estão estudando pré-fabricação. Eles não ensinam, não são professores: estão numa espécie de laboratório estudando e organizando a experiência que os outros precisam. Quando alguém precisa uma informação, vai à escola para ver se encontra lá. E quando eles podem, publicam o que descobriram também. Que contraste com a nossa universidade, não? O reitor para construir a cidade, veio para os EUA acompanhado de um filho menor de idade e um engenheiro eletricista, ao mesmo tempo em que mandava um fotógrafo de uma escola de dentistas para ver o que se poderia copiar do Chile. E a nossa escola de arquitetura na Politécnica não foi consultada muito justamente porque não tinha autoridade para nada. Absolutamente nada. Vamos trabalhar meu amigo. É a única solução. Vamos aprender a saber. Quem sabe berra alto e se faz ouvir. Eu estou orgulhoso porque vejo confirmadas aqui uma porção de cousas que andei defendendo aí. Mas ainda precisamos trabalhar muito.

A.⁴³

Soma-se a estas circunstâncias um acontecimento único: a possibilidade da Universidade de São Paulo receber um imóvel, a Vila Penteado, de excepcional localização e superior qualidade arquitetônica, para sediar a nova escola. A habilidosa atuação de Anhaia Mello, que dentro de dois anos será o primeiro Diretor da nova Faculdade, foi responsável por uma decisiva articulação e condução das gestões junto dos proprietários da Vila Penteado, os irmãos Silvio e Armando Alvares Penteado e a Universidade de São Paulo, efetivando assim a doação da residência para sediar um novo curso, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo:

43 FAUUSP - 50 Anos da Reforma de Ensino de 1962. Disponível em: <<http://www.dearquitecturas.com>> Acesso em 05 set 2015

Saibam quantos esta virem que aos trinta e um dias do mês de outubro de mil novecentos e quarenta e seis, da Era Cristã, nesta cidade de São Paulo, à Rua Ceará, número dois, em casa de residência do senhor Armando Alvares Penteado [...] compareceram, como outorgantes doadores Silvio Alvares Penteado [...] e Armando Alvares Penteado [...] e, como outorgada donatária, a Universidade de São Paulo, representada pelo seu Reitor, Professor Antonio de Almeida Prado [...] pela presente e melhor forma de direito, doavam à outorgada Universidade de São Paulo o imóvel tal como descrito [...] desde já lhe transmitiam toda a posse, domínio e ações que exerciam sobre o mesmo imóvel, para que dele a donatária use e goze, como seu que fica sendo [...] a presente doação é feita, mediante as seguintes condições: [...] o prédio ora doado destina-se à instalação de uma Faculdade de Arquitetura, devendo para ele ser transferido o Curso de Arquitetura ora existente na Escola Politécnica. Esta Faculdade passará a denominar-se “Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo” [...] A finalidade desta Faculdade será, especialmente, proporcionar um Curso de Arquitetura e artes complementares e um Curso de Urbanismo, consoante às normas geralmente adotadas em estabelecimentos congêneres dos centros mais adiantados na matéria - isto em substituição aos respectivos cursos existentes na Escola Politécnica [...] O imóvel doado não poderá ter outra destino especializado, a não ser o de suas finalidades acima definidas [...] quando a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo [...] venha a ser transferida para um edifício próprio na Cidade Universitária, os ora doadores determinam que o prédio e respectivo terreno da “Vila Penteado” ora doados, se destinem a uma Biblioteca Pública especializada em assuntos atinentes e afins com os objetivos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, bem como com os da Escola Politécnica [...] Então pela outorgada, donatária, me foi dito que aceita a presente escritura.⁴⁴

44 Escritura de doação da Vila Penteado, 1946. Arquivo do Grupo Executivo de Gestão de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

Para efetivar a criação da FAU-USP, algumas condições e obrigações precisaram ainda ser atendidas, como a anuência da Escola Politécnica, na época dirigida por Paulo de Menezes Mendes da Rocha⁴⁵, em extinguir o curso de Engenheiros-Arquitetos, medida que tiraria prestígio e verbas da Escola Politécnica. A resolução de questões da burocracia acadêmica foram tratadas com a Universidade de São Paulo, representada pelos reitores Jorge Americano e depois Antônio de Almeida Prado. Havia ainda a necessidade da articulação política para o convencimento dos deputados em aprovar uma lei estadual necessária para permitir a criação e o funcionamento de um novo curso superior, e este papel coube principalmente à jovens interessados em frequentá-lo, muitos dos quais, já como estudantes, fundariam o grêmio da nova Faculdade, o GFAU.

Assim, em 21 de junho de 1948, foi aprovada pela Assembleia Legislativa de São Paulo a Lei nº 104, que dispunha sobre a sua criação e as finalidades do curso, seguindo o modelo da lei da FNA, de 1945, efetivando a criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

A Vila Penteado como Escola de Arquitetura

O palacete construído no bairro de Higienópolis sediou durante dezenove anos o curso de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Durante seus primeiros dois anos, os alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo tiveram suas aulas nas salas do Edifício Rodolpho Batista de São Thiago, da Escola Politécnica, na Av. Tiradentes. A partir de 1969, o curso de graduação se instala no edifício Vilanova Artigas, na Cidade Universitária, e a Vila Penteado, após alguns anos fechada, passa a hospedar efetivamente o Programa de Pós-Graduação da FAU-USP, instituído em 1972.

⁴⁵ Paulo de Menezes Mendes da Rocha (1887-1967) era engenheiro civil, nascido em Barbacena, MG. Formado no Rio de Janeiro, pela Escola Politécnica, especializou-se em recursos hídricos e navais, coordenando importantes obras neste setor. Foi professor e diretor da Escola Politécnica. Era pai do arquiteto e professor da FAU-USP Paulo A. Mendes da Rocha.

“Banho do Laguinho” no antigo chafariz da Vila Penteado, anos 1960.
Fonte: Arquivo Luiz Fernando Manini.

Foto aérea de 1958 mostrando a quadra da Vila Penteado dividida e em processo de verticalização.

Fonte: www.geoportal.com.br

Planta mostrando a divisão da quadra original e a Vila Penteado com os anexos.

Fonte: PRADO, Alberto S. Vila Penteado: Vida Nova em Velho Prédio.

As virtudes que o edifício possui, imbricadas em sua arquitetura que conjuga sensivelmente arte e técnica, natureza e indústria, fizeram-no permanecer até nossos dias como um modelo e exemplo. A instalação de um curso de arquitetura e urbanismo neste edifício constituiu a materialização de um singular espaço de ensino, um lugar que é memória, documento histórico, arquitetônico e artístico, decantados nas suas condições materiais e também nas intangíveis. Assim como o edifício projetado por Vilanova Artigas na Cidade Universitária, a Vila Penteado compartilha desta comunhão entre edifício e ensino, exercendo celebrada ascendência naqueles que o utilizam como um espaço dedicado à produção e transmissão do conhecimento, da forma polivalente e interdisciplinar que caracteriza o ensino da Escola, principalmente a partir da Reforma Curricular proposta em 1962, e que a tornou modelo para grande parte das escolas de arquitetura brasileiras.

Como visto, com a morte da matriarca da família, a condessa Penteado em 1938, encerra-se o primeiro ciclo da existência da mansão, que permaneceu praticamente fechada pelos dez anos seguintes. Neste período, não deixa de ser usada pela família, para brincadeiras das crianças nos seus jardins e no saguão principal.

Com o processo de partilha dos bens entre os herdeiros, juntamente com a transformação e valorização imobiliária do bairro, há o desmembramento do lote original, e tem início a transformação da quadra ocupada pela Vila Penteado. Do desdobro resultam hoje sete lotes e o maior deles, preservando a mansão, ficou em posse dos irmãos Armando e Silvio, em seu novo endereço, Rua Maranhão, 88.

Os lotes circundantes foram aos poucos ocupados com a construção de edifícios, durante a verticalização de Higienópolis iniciada nos anos 1940, quando foi construído o primeiro deles, o Sabará, na rua de mesmo nome, esquina com a Rua Maranhão. Nos anos 1950, foram construídos os edifícios *Itamarati* e *Lausanne*, e na década seguinte subiram os prédios ocupando os terrenos mais próximos do Mackenzie, os edifícios *Lari* e *Limoges*. No último lote restante, na esquina da rua Itambé com a av. Higienópolis, já na década de 1990 foi demolida a mansão de Honório Penteado, projetada por Jacques Pilon, e

Planta do porão cotejando os ambientes da Vila Penteado como residência (1910) e como escola (1967).
Fonte: Catálogo da Exposição Vila Penteado, 1976.

Planta do pavimento térreo cotejando os ambientes da Vila Penteado como residência (1910) e como escola (1967).
Fonte: Catálogo da Exposição Vila Penteado, 1976.

Planta do segundo pavimento cotejando os ambientes da Vila Penteado como residência (1910) e como escola (1967).

Fonte: Catálogo da Exposição Vila Penteado, 1976.

construído o último prédio da quadra, com o sugestivo nome de *Olympic Higienópolis*, que tem sua entrada no exato local da portaria de acesso principal da antiga propriedade.

Assim, a Vila Penteado viu submergir na sombra dos novos edifícios vizinhos o exíguo terreno que lhe coube nesta segunda fase de sua existência, com 15 metros de recuo no que passou a ser os fundos, e entre 7 e 11 metros nos recuos laterais, conforme os recortes da planta. São estes três recuos os espaços onde serão construídos os seus pavilhões anexos ao longo da segunda metade da década 1950. Na nova fachada de entrada, no espaço externo ao longo da rua Maranhão, manifesta-se de modo surpreendente as virtudes do projeto, capaz de absorver transformações significativas, e responder à elas de modo gracioso e eficaz. O pátio aberto para a Rua Maranhão, a presença da fonte, as extremidades das alas laterais, arrematadas com terraços e varandas, se fazem consonantes com o jardim arborizado, em uma adequada escala de transição entre rua e edifício, um espaço belo e acolhedor, sem deixar de exibir discreta monumentalidade. Não são poucos os visitantes que não conhecendo a história do prédio, demoram a perceber a inversão hierárquica da implantação atual.

A transformação da residência em escola determinou um remanejamento de seus usos, com a reorganização de alguns ambientes, a abertura e fechamento de vãos de alvenaria, integrando ou criando novas salas. Lamentavelmente também cobriu, com pintura branca de cal, parte das paredes internas, com os murais tão importantes na leitura desta arquitetura. Um trabalho coordenado pela pesquisadora Regina Tirello e o CPC-USP documentou o estudo realizado com estas pinturas parietais e o seu processo de recuperação.

Finalizada esta adaptação, o ano letivo de 1950 inicia-se com as aulas da FAU-USP pela primeira vez realizadas em sua nova casa. Esta reforma do interior da residência não pôde prover a Escola de ambientes maiores e versáteis, uma limitação imposta, entre outras, pelo sistema construtivo de alvenarias portantes e estrutura de madeira, consistindo o seu formidável saguão e a Sala dos Espelhos - as salas conjugadas de recepção social do casal proprietário - juntamente com a antiga cozinha, nos espaços mais amplos da nova escola.

Aula na Vila Penteado, década de 1950.
Fonte: Acervo João Xavier

Sala de aula na Vila Penteado.
Fonte: PRADO, Alberto S. Vila Penteado: Vida Nova em Velho Prédio.

Biblioteca da FAU-USP na Vila Penteadó, década de 1950.
Fonte: Acervo João Xavier

A Portaria da FAU na Vila Penteadó, localizada no antigo escritório do conde Alvares Penteadó, década de 1950.
Fonte: Acervo João Xavier

[...] prontamente equipam-se salas e dependências dos pavimentos superiores, de ambas as alas, onde se dispunham as salas de aula ficando reservadas as dependências do térreo, mais espaçosas, para o que seriam os primeiros 'ateliers': a 'sala dos espelhos', para os trabalhos de pranchetas, a antiga cozinha, para a prática de plástica, equipada com equipamentos para modelarem em gesso ou 'plastilina', desenho ao natural com modelo vivo [...] instala-se, em 1950 o embrião da atual biblioteca, no térreo da ala esquerda contígua à 'sala dos professores' e dependências do zelador. Na parte superior, em ambas extremidades, nos girais que se debruçam sobre o vazio do grande 'hall' central instalavam-se, na banda frontal, a Diretoria e ante-salas, e, na banda posterior, a secretaria e seção de alunos. [...] A ampliação progressiva do corpo docente, pressionado pela amplidão de espaço para as atividades didáticas, passa a ocupar as poucas áreas ainda disponíveis dentro do terreno. É quando se constroem os 'puxados', precários telheiros de emergência, para as oficinas, para os ateliers no fundo, o bar e a lanchonete, assinalando, assim, de certa forma, a saturação e o limite de ocupação do espaço.⁴⁶

Com o seu crescimento e o aumento do número de alunos, professores e funcionários, as salas da antiga residência se tornam inadequadas para as atividades destinadas aos trabalhos de ateliê e plástica, que demandavam áreas maiores, mobiliadas com pranchetas e bancadas, espaços para a exposição e discussão dos trabalhos realizados.

[...] ao longo do tempo, surge a grave questão, o inevitável impasse causado pela obsolescência do edifício face às forçosas mutações do programa, pois as atividades ali arroladas e as necessárias relações que mantêm entre si estão permanentemente em processo de mudanças,

⁴⁶ GOMES, José Cláudio. FAU: 1948-1975. Itinerário de uma Metamorfose in Vila Penteadó. Catálogo da exposição, São Paulo, FAU-USP, 1976. pp.118-127

advindas sobretudo do progresso e de novas normas de atuação. A nosso ver, este aspecto é um dos mais fascinantes da prática arquitetônica: criar espaços definidos para o exercício de atividades que sabemos em permanente modificação. Assim, temos pela frente sempre continentes inamovíveis, sólidos, estáticos [...] abrigando conteúdos inconstantes [...] ao contrário dos líquidos, o programa é um conteúdo que, aos poucos, se nega a assumir a forma do continente. Este é que deve se adequar à ele, daí as inevitáveis reformas, os aumentos, os puxados [...]⁴⁷

Neste desenvolvimento e transformação do programa, se encontram os motivos que definem a necessidade da grande maioria dos edifícios anexos e ampliações. A relação desenvolvida entre o edifício e seu programa ao longo do tempo, com as mudanças impostas pela evolução de seu uso, salientam a predominância do programa sobre o espaço construído, e encaminham deste modo, a opção pelos anexos.

Os Anexos

If you want to understand the state of a nation, look at it's architecture, and more particularly, how it is handling possibly the most sensitive of architectural bellwethers, the architecture of additions.

Paul S. Byard⁴⁸

47 LEMOS, Carlos A. C. Casa Paulista. São Paulo: EDUSP, 1999. p.19

48 "Se quer entender o estado de desenvolvimento de uma nação, olhe para a sua arquitetura e, mais particularmente, como ela está lidando com o que é, possivelmente, o mais sensível dos paradigmas arquitetônicos, a arquitetura dos anexos". (Tradução do autor) BYARD, Paul Spencer. *Innovation and Insight in the Contemporary Architecture of Additions*. *Harvard Design Magazine*, 23. 2005/2006, p. 4-11

A Vila Penteados com os anexos, 1975.

Fonte: TOLEDO, Benedito Lima. Vila Penteados: Registros, 2002.

○ Ateliê, ao fundo, e as construções da cantina e da oficina de modelos, nos recuos laterais, constituíram parte essencial da estrutura de ensino, e contribuíram para conformar o espaço construído e o ambiente da Escola nos anos 1950 e 1960, apesar da provisoriedade que determinantemente carregavam. Há um considerável distanciamento entre as qualidades arquitetônicas e expressivas destas construções complementares que ocuparam os recuos da Vila Penteado, e não se pode considerá-las como um corpo coerente e coeso de alternativas e proposições de ampliação visando resolver as necessidades espaciais da Escola. Considerar estas construções como resposta imediata às necessidades práticas de uma estrutura de ensino, pública, implicando a burocracia decorrente desta condição, num momento de crescimento e desenvolvimento, parece nos aproximar da sua realidade. O caráter provisório de sua existência pode ser constatado nos sistemas construtivos utilizados no Ateliê e no Galpão da maquete, empregando estruturas metálicas, de montagem relativamente simples, sem necessitar de grande infraestrutura de implantação e movimentações no terreno. Este caráter provisório se explica certamente pela importância da Vila Penteado, que desde sua construção foi considerada um marco na cidade de São Paulo, mas também pelo fato do planejamento da Cidade Universitária já estar em andamento desde o início da década de 1940, já havendo então a possibilidade da Faculdade futuramente ser transferida para uma nova sede, no campus do Butantã, o que de fato veio a ocorrer 23 anos depois. Como visto anteriormente, uma cláusula específica do documento de doação da Vila Penteado previa sua transformação em biblioteca pública, dedicada às artes, arquitetura e engenharia, caso a FAU fosse transferida para uma nova sede na Cidade Universitária.

Neste ponto se faz importante salientar uma posição assumida por esta pesquisa em relação a estes edifícios, a qual condiciona a estruturação do trabalho. A observação mais atenta desses três anexos, impôs uma atenção distinta em relação ao Ateliê, por alguns motivos, expostos a seguir.

○ pavilhão do Ateliê, projetado por Ernest R. de Carvalho Mange, com a colaboração de Ariaki Kato, foi a primeira construção⁴⁹ de um edifício significativo na área dos recuos

⁴⁹ Como será visto adiante, de fato antes do Ateliê, durante a reforma realizada para adaptar a mansão às suas novas funções,

VILA PENTEADO - QUADRA, c. 1910

FAU-USP VILA PENTEADO - QUADRA 1956

FAU-USP VILA PENTEADO - QUADRA, c. 1963

FAU-USP VILA PENTEADO - QUADRA 2015

IMPLANTAÇÃO
FAU-USP VILA PENTEADO anos 1950/1960

ANEXOS

1 - GARAGEM: Década de 1950

2 - SANITÁRIOS - Construção, c. 1949
Reforma como CANTINA, 1953
Pasta de Assessoria Técnica, Reitoria da USP Processo: 16730/57

3 - RESTAURANTE - 1958, Construção
Autoria Desconhecida
Fonte: Pasta de Assessoria Técnica, Reitoria da USP
Processos: 14930/58 de 02 de outubro de 1958

4 - ATELIÊ - 1955/1956: Construção de Ateliers de Plástica e
Composição Decorativa e retirada de fonte defronte a primitiva fachada
principal (transferida para a Fazenda Palmares).
Autor: Ernst R. Carvalho Mange
Fonte: Pasta de Assessoria Técnica, Reitoria da USP, proc. 10458/55, of.
5074 de 2 de julho de 1955
Processos: 17762/55, 3174/56 e 5160/56

5 - VENDINHA: - Novembro 1967

6 - OFICINA MAQUETE, 1959: Construção do Pavilhão das
Oficinas
Autoria Desconhecida
Empreiteiro: J. R. Machado
Fonte: Pasta de Assessoria Técnica, Reitoria da USP
Processos: 1182/59, 7129/59 e 18141/59

7 - GARAGEM ônibus FAU-USP: Início da Década 1960
Concurso entre os Estudantes: Projeto Arnaldo Martino

8 - ESPAÇO TEMPORÁRIO DE EXPOSIÇÕES:
Início da Década 1960

da Vila Penteado, após a transformação desta em escola. Quando construído, em 1956, o Ateliê desfrutava de uma situação que configurava com a Vila uma situação única, com os dois edifícios implantados face à face, separados pela “rua” que sua edificação naturalmente criou. O fato de não existirem as construções nos recuos laterais quando foi idealizado, deve ser considerado para a adequada compreensão do projeto, pois com a ocupação ostensiva destes recuos nos anos seguintes, e exceto pelo jardim de entrada junto da rua Maranhão, houve uma considerável perda de qualidade do espaço externo em geral, o que afetou significativamente a relação que até então descreviam o Ateliê e a Vila Penteado.

Outro aspecto importante é seu significado simbólico, como o espaço que abrigou a transformação do ensino de projeto na Faculdade, a gênese de um novo modelo de ensino da arquitetura e do urbanismo.

E por fim, pelas relações que a espacialidade do Ateliê, com o passar do tempo cada vez mais aberta, permite estabelecer com os novos ateliês, os estúdios da FAU desenhada por Artigas.

Deste modo, na estrutura deste trabalho julgou-se necessária a consideração destacada e aprofundada deste anexo, o Ateliê, sobre os outros anexos concluídos posteriormente, a Cantina e a “Maquete”.

entre 1948 e 1949, foi construído um banheiro externo com pequena lavanderia acoplada, um rancho, com pouco mais de vinte metros quadrados, transformado em cantina em 1953, e posteriormente ampliado em 1958.

Vista da Vila Penteados com os anexos. (Autor desconhecido.)

Vista posterior da Vila Penteados com os anexos, desde o alto do Edifício Lausanne. (Autor desconhecido.)

No âmbito das questões relacionadas à preservação patrimonial, a reforma empreendida na Vila Penteado para a instalação da Escola e posteriormente a construção dos Anexos, oferece a oportunidade de situar a importância que edifícios do século XIX e início do século XX, fossem eles neoclássicos, ecléticos ou *art nouveau* suscitavam em relação às posturas de preservação do patrimônio arquitetônico edificado. Apesar de ser notório e incontestável o carinho nutrido por alunos, professores e funcionários em relação ao prédio que abrigava a Escola, algumas práticas adotadas na reforma e nas ampliações que transformaram a residência em escola, demonstram que os procedimentos para a preservação cuidadosa de um exemplar altamente conceituado do estilo, como é o caso do edifício de Ekman, ainda não estavam plenamente incorporados à postura dos arquitetos durante a década de 1950. Há que se considerar ainda as contingências e condicionantes de toda ordem que as tramitações de obras públicas tradicionalmente impõem às condições ideais de intervenção.

Durante a década de 1950, a atenção principal dos órgãos de preservação, desde sua criação nos anos 1930 no Rio de Janeiro, estava direcionada primordialmente aos exemplares da arquitetura barroca e colonial, com frequência associados pela historiografia e pela crítica à tradição da arquitetura moderna carioca, primordialmente na figura de Oscar Niemeyer, então produzindo a “arquitetura oficial” no Brasil. Pouco após a instalação da Escola na Vila Penteado, em 1953, o professor Flavio Motta escrevia nas páginas da revista Habitat sobre esta situação, afirmando a necessidade e a relevância de preservação desta arquitetura, denunciando este descaso, chegando a propor a criação de um “museu floreal” em uma residência construída no estilo *art nouveau*, e condenada à demolição:

Penso que esta iniciativa [a pintura branca] tinha um caráter ideológico. Nós alunos desconhecíamos a existência daquelas pinturas. De certa maneira, afirmava-se ideologia moderna, de austeridade e ruptura com a tradição vigente [...] Era considerado um estilo maldito pelos professores, naquele momento [...] estávamos encantados pela qualidade do desenho das portas, das maçanetas, do piso...afinal, desconhecíamos o embate ideológico que era travado no campo das

Flavio Motta em aula na Vila Penteado. Foto de João Xavier.
Fonte: BRAGA, Juliana. Ver Não é só Ver. Dois Estudos a partir de Flavio Motta.

Artigo São Paulo e o Art Nouveau. Flávio Motta.
Fonte: Revista Habitat n.10, 1953.

artes aplicadas. O edifício exercia certa atração nos alunos dada sua qualidade estética diferenciada. Pode-se dizer que o edifício era um convite à arquitetura histórica, e aquela tinta branca tinha um efeito secundário.⁵⁰

Pouco após a instalação da Escola na Vila Penteado, em 1953, o professor Flavio Motta escrevia nas páginas da revista Habitat sobre esta situação, afirmando a necessidade e a relevância de preservação desta arquitetura, denunciando este descaso, chegando a propor a criação de um “museu floreal” em uma residência construída no estilo *art nouveau*, condenada à demolição:

A tal ponto chegou este desvio que a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional está, hoje em dia, transformada em órgão especializado na preservação e estudo dos monumentos barroco-coloniais. Em São Paulo, como restam apenas poucos exemplares de arquiteturas dos séculos XVI, XVII e XVIII a Diretoria tornou-se, por consequência, um órgão de ação restrita.⁵¹

Flavio Motta voltaria a abordar com frequência o tema nas páginas da mesma revista e também em sua Tese de Cátedra, apresentada no concurso à cadeira de História da Arte e Estética, na FAU-USP, *Contribuição ao Estudo do Art Nouveau no Brasil* (1957), ondeaprofunda seus estudos, investigando as relações entre o *art nouveau* e o surgimento do Movimento Moderno e a sua contribuição para o desenvolvimento e a formação artística do país.

50 Entrevista realizada por Roberto Toffoli Simoens da Silva com Julio Katinsky. *Preservação da FAU Maranhão*. in *Vila Penteado 1902-2012. Pós-Graduação 40 Anos*. São Paulo: FAU-USP, 2012. p. 315

51 MOTTA, F. São Paulo e o *art nouveau*. In: Revista *Habitat*, São Paulo, n. 10, p. 3, 1953.

O PAVILHÃO DO ATELIÊ

O Ensino na FAU-USP: 1948/1955

Alunos da FAU-USP na entrada da antiga ala de Eglantina e Antonio Prado Junior. Década de 1950.
Fonte: Acervo João Xavier

Neste período inicial de suas atividades, a FAU-USP ainda conservava, apesar da independência conquistada como Faculdade autônoma, uma estrutura de ensino próxima da que vigia nos tempos do curso de Engenheiros-Arquitetos da Escola Politécnica.

Ao longo do desenvolvimento do curso nos primeiros anos, novos professores são contratados, particularmente um grupo formado por arquitetos cariocas, todos com obras que seguiam os preceitos e uma orientação modernista. Seguindo o perfil da contratação de Abelardo Riedy de Souza, vieram também Hélio de Queiroz Duarte e Eduardo Corona em 1949, e Alcides da Rocha Miranda em 1950.

Com a criação do curso autônomo da FAU-USP, alguns dos professores da Escola Politécnica, como José Maria das Neves, Luís de Anhaia Mello, Bruno Simões Magro, Felisberto Ranzini, Luís Cintra do Prado, Zenon Lotufo, Ariosto Mila, João Batista Vilanova Artigas, Telêmaco de Macedo Van Langendonck e Caetano Fraccaroli tornam-se professores da FAU-USP.

Ao longo dos primeiros anos, com a ampliação da turma de alunos e a chegada de novos professores, o curso vai adquirindo maior dinâmica, e formando as características que podem identificar esse primeiro momento da existência do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da sua criação em 1948, até conseguir a autonomia total em relação à Escola Politécnica, efetivada com a obtenção de um Regulamento próprio, em 1955.

A primeira metade da década de 1950, pode ser caracterizada como um período de implementação e adaptação da nova Faculdade. Com suas estruturas ainda demasiadamente vinculadas à Escola Politécnica, a participação dos alunos e do GFAU nos processos paralelos de criação de instrumentos didáticos é fundamental neste momento.

O GFAU, o grêmio estudantil, é parte integrante fundamental da FAU-USP e de sua história. Nascido formalmente em novembro de 1948, alguns meses após a criação da Escola, podemos considerar que sua organização involuntária precede a própria existência da Faculdade, pois sua primeira direção foi composta em boa medida pelos jovens

que, como visto anteriormente, trabalharam junto da sociedade, da Universidade e dos Deputados da Assembleia Legislativa paulista, responsáveis pela promulgação do decreto de criação da nova Faculdade. As instalações do Grêmio inicialmente situavam-se num desvão de escadaria no edifício S. Thiago, da Escola Politécnica, no Bom Retiro, onde a recém criada Faculdade de Arquitetura e Urbanismo iniciou suas atividades, aí permanecendo nos anos de 1948 e 1949, enquanto aguardava o término das reformas e adaptações da Vila Penteado. Com a chegada da FAU-USP em sua nova casa, no início de 1950, o Grêmio passou a ocupar parte do espaço habitável do porão da Vila Penteado.

O GFAU, neste período inicial da Escola, já era bastante atuante e de enorme importância na investigação, produção e difusão de conhecimentos específicos e culturais. Neste panorama inicial do ensino, com uma série de falhas e lacunas na formação oficial dos alunos, o GFAU desempenhou um papel de fundamental importância na produção e troca de informações, com independência das práticas acadêmicas oficiais:

No velho prédio da Rua Maranhão realizavam-se exposições de filmes de arte e ciclos de conferências sobre a evolução do cinema, programas musicais de vanguarda, conferências sobre arquitetura e artes plásticas em geral, e exposições de obras de arte. Eram programas que indicavam o alto nível de atividade intelectual dos corpos docente e discente da Faculdade. Na ausência de uma escola de artes na Universidade, o saguão da FAU funcionava em boa parte como centro de atividades artísticas e culturais para toda a população universitária, de modo especial para os estudantes das faculdades vizinhas, da própria USP, do Mackenzie e da PUC, que constituíam um público altamente interessado e participante.⁵²

A entrada do GFAU no porão da Vila Penteado.
Fonte: Acervo João Xavier.

Richard Neutra, Vilanova Artigas e Flavio Motta.
Fonte: TOLEDO, Benedito Lima. Vila Penteado: Registros, 2002.

⁵² LEMOS, Carlos A. C. Casa Paulista. São Paulo, EDUSP, 1999. p.19

Artigas com Giulio Carlo Argan e Bruno Zevi na Vila Penteadado.
Fonte: TOLEDO, Benedito Lima. Vila Penteadado: Registros, 2002.

Oscar Niemeyer em visita à Vila Penteadado.
Fonte: Acervo de Antonio José L. Aprilanti.

As viagens, a criação do Centro de Estudos Folclóricos (CEF), a montagem de um acervo de imagens da arquitetura brasileira, tradicional e moderna, as apresentações musicais, exibição de filmes, a edição de cuidadosas publicações, organização de exposições e debates são complementos que contribuíram imensamente para arejar e dinamizar o ensino e o ambiente da Vila Penteadado. Como observa Gustavo Neves da Rocha, de um núcleo de alunos, depois professores da FAU, que articularam as atividades culturais e de pesquisa do GFAU, viria a nascer o futuro Departamento de História da Faculdade, o AUH⁵³.

O evento mais conturbado deste período, ocorreu durante a primeira gestão de Anhaia Mello, em 1951.

Oscar Niemeyer, já gozando de grande prestígio, nacional e internacionalmente - havia acabado de realizar a sede das Nações Unidas em Nova York - é convidado por Anhaia Mello para lecionar na FAU-USP. Naquele momento, Niemeyer atendia a uma série de grandes encargos em São Paulo, como o projeto do Parque e dos edifícios do Ibirapuera, projetados para as comemorações do IV Centenário da cidade. Paralelamente, desenvolvia vários projetos comerciais para a iniciativa privada, como o Edifício Copan (1951), a Galeria California (1951), o Edifício Eiffel (1953) e o Edifício Triângulo (1954).

Com a submissão do convite à Universidade, o nome de Niemeyer é rejeitado por membros conservadores do Conselho Universitário, por conta de sua atuação política no Partido Comunista Brasileiro. Este posicionamento autoritário e reacionário deflagrou uma greve dos alunos, reivindicando a contratação do grande arquiteto pela Universidade de São Paulo. A Reitoria foi inflexível, e sob estas condições, o Diretor Luiz Inácio de Anhaia Mello, se demite, sendo substituído por Bruno Simões Magro, iniciando a seqüência de Diretores da FAU-USP oriundos da Escola Politécnica, até o retorno de Anhaia Mello, em 1959.⁵⁴ “Nos anos subsequentes instalou-se um antagonismo intelectual entre o ‘corpo

⁵³ ROCHA, Gustavo N. da. A Origem Remota do AUH. in Vila Penteadado 1902-2012. Pós-Graduação 40 Anos. São Paulo: FAU-USP, 2012.

⁵⁴ Desde sua criação, foram diretores da FAU-USP: Luiz Inácio de Anhaia Mello (1948-1951); Bruno Simões Magro (1951-1952); Luiz Cintra do Prado (1953-1954); Lysandro Melo Pereira da Silva (1954-1956); Pedro Bento José Gravina (1956-1959); Luiz Inácio

discente' em torno das diretrizes culturais adequadas à uma Escola que pretendia absorver os mais avançados parâmetros da cultura contemporânea, e um 'corpo docente' 'que está visto em grande parte, como indigno de uma Escola Superior'.⁵⁵

Apesar deste evento, a renovação dos docentes foi um dos mecanismos encontrados pela FAU-USP para realizar o seu rompimento com a Escola Politécnica e direcionar seus interesses pedagógicos, de acordo com os desejos dos novos professores, identificados com a arquitetura do Movimento Moderno e com a primazia do projeto de arquitetura, em seus aspectos mais elevados e amplos.

O ano de 1955 será um ano importante para a FAU-USP, um divisor de águas na estruturação do seu ensino. Com a Regulamentação própria, as mudanças não aconteceram imediatamente, mas foram pavimentadas lentamente, ao longo de encontros, reuniões, debates, relatórios, comissões de estudo, principalmente a partir de 1956, em direção à Reforma do ensino, efetivada em 1962. Sintomaticamente, 1956 é também o ano em que se conclui a construção do Ateliê.

O Pavilhão do Ateliê

Na FAU-USP, a partir de 1955, não coincidentemente o mesmo ano em que conquista a autonomia regimental em relação à Escola Politécnica, com a obtenção de seu Regulamento próprio, o termo *Ateliê* passa a ser usado com frequência crescente, e na Vila Penteadado, especificamente, adquire dois sentidos, convergentes.

Por um lado, há o *Ateliê* enquanto definição de uma prática pedagógica

de Anhaia Mello (1959-1961); Lourival Gomes Machado (1961-1964); Pedro Moacyr do Amaral Cruz (1964-1968); Ariosto Mila (1968-1972); Nestor Goulart Reis Filho (1972-1976); Lúcio Grinover (1976-1980); Ariosto Mila (1980-1982); Lúcio Grinover (1982-1986); Ualfrido del Carlo (1986-1990); Gilda Collet Bruna (1990-1994); Julio R. Katinsky (1994-1998); Maria Ruth do Amaral Sampaio (1998-2002); Ricardo Toledo Silva (2002-2006); Sylvio Sawaya (2006-2010); Marcelo de Andrade Romero (2010-2014) e Maria Angela Faggin Pereira Leite, a partir de (2014-)

55 PRESTES, Lucinda F.(org.). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da-USP: Documentos Históricos. FAU-USP, 2011. p. 44.

Croquis do Ateliê na Vila Penteadado realizado por Arnaldo Martino, 2014.

Fachada do Ateliê na Vila Penteado logo após a sua conclusão. Fonte: Revista Bem Estar n. 3, 1958.

Ateliê da Vila Penteado durante a década de 1950.
Fonte: Acervo João Xavier.

Ateliê da Vila Penteado durante a década de 1950.
Fonte: Acervo João Xavier.

Ateliê da Vila Penteado durante a década de 1950.
Fonte: Acervo João Xavier.

Ateliê da Vila Penteado durante a década de 1950.
Fonte: Acervo João Xavier.

multidisciplinar, atinente ao ensino da arquitetura, do projeto, conforme a realidade da prática desenvolvida profissionalmente pelos professores, grande parte deles arquitetos com importante produção no cenário paulista e nacional . Este conceito pedagógico do *Ateliê* se cristaliza no relatório de Carlos B. Millan, *O Ateliê na Formação do Arquiteto*⁵⁶, de 1962.

Por outro, existe o *Ateliê* como espaço físico, um *pavilhão industrial*, edificado em 1956, nos fundos do lote da Vila Penteado, destinado a abrigar as atividades do *Ateliê pedagógico*, entre outras, como se verá adiante.

O *Ateliê* como conceito pedagógico, se por pouco tempo se efetivou em uma prática e escala efetivas, tem sido historicamente uma referência, com forte presença no pensamento da Escola.

O outro *Ateliê*, o *galpão*, embora tenha abrigado o cerne do ensino de arquitetura dentro da FAU-USP por doze anos, entre 1957 e 1968, é hoje um edifício praticamente desconhecido. A edição da Revista Monolito, de 2015, dedicada à Vilanova Artigas e à FAU-USP, ao publicar algumas imagens do antigo *Ateliê*, rendeu uma inédita homenagem a este esquecido e essencial espaço da Escola. Mas é um fato que o *Ateliê*, e também os anexos instalados nos recuos laterais, contam com pouca memória e registro, mesmo dentro da Escola. A edição de um texto sobre o ensino de projeto, de 1994, situa esta condição, referindo-se ao *ateliê* com alguma ambiguidade:

⁵⁶ O *Ateliê na Formação do Arquiteto*: Relatório Apresentado pelo Professor Carlos Barjas Millan, Coordenador do Grupo de Estudos do *Ateliê*, Janeiro de 1962.

Longe está o tempo em que os alunos da FAU-USP dispunham de condições mais adequadas de trabalho.

MARANHÃO, 88

No que concerne à história das estruturas curriculares da FAU o grande marco foi o ano de 1962, quando foi aprovada, pelo conjunto dos professores e alunos, a proposta de modificar o ensino na direção de modernizá-lo. Naquela altura já se haviam passado 14 anos da fundação da Escola. São Paulo crescia em fator exponencial, ocupando várzeas e encostas além dos planaltos e colinas. Havia uma efervescência no ar.

Barracão de Madeirit
De saudosa memória
Coberto de Eternit
Parte da nossa história

Não saberia dizer quem desenhou o barracão, anódino, construído para abrigar as salas de ateliê. Não consta haver reclamações de suas condições de conforto térmico e acústico. Hoje já não está mais lá. Foi sabiamente derrubado para preservar o edifício do começo do século que abriga a FAU. Creio que faz sentido afirmar que aquela construção foi sempre anônima.⁵⁷

A necessidade de espaços mais amplos, com instalações adequadas às práticas disciplinares como desenhos, projetos, reuniões, aulas de plástica, debates sobre trabalhos

⁵⁷YURGEL, Marlene. Virando a Prancheta. São Paulo: FAU-USP, 1994.

realizados e outras atividades afins, manifesta-se pouco tempo após a instalação da Faculdade na Vila Penteado no início de 1950.

A primeira referência encontrada pela pesquisa sobre a ampliação das instalações da Escola, por meio de um anexo para abrigar os ateliês, consta de um ofício do Vice-Diretor Luiz Cintra do Prado de dezembro de 1952, solicitando à Reitoria uma série de obras de manutenção na Vila Penteado, e um “estudo relativo à construção de um novo prédio, o mais singelo possível, nos fundos do terreno, para instalação de salas de trabalho e projetos, permitindo melhorar consideravelmente o funcionamento de várias disciplinas do curso de arquitetura e abrindo margem para atender às necessidades do futuro curso de Urbanismo.”⁵⁸

A frase grifada talvez represente o que se pensava em relação à ampliação de um edifício com as características da Vila Penteado, onde os elementos decorativos típicos do *Art Nouveau*, utilizados em profusão e talento por Ekman, podem sugerir, como contraponto, uma construção com características opostas, um edifício “o mais singelo possível.”

Um outro ofício, da Secretaria da Direção, com data de 19 de outubro de 1954, convida Rino Levi à “[...] examinar as sugestões apresentadas pelos alunos para a construção dos “ateliers” na faixa de terreno nos fundos do prédio desta F.A.U., solicitando a possível brevidade neste exame[...].”⁵⁹. Não foi possível apurar a exata extensão da informação contida neste ofício. Ariaki Kato, estudante da FAU-USP entre os anos de 1950 e 1954, portanto da primeira turma que iniciou o curso na Vila Penteado, informou que o projeto foi realizado no escritório onde trabalhava com Mange, não sendo resultado de trabalho ligado a alguma disciplina do curso.

O Ateliê, o pavilhão dedicado às aulas de projeto e plástica, foi construído pela Diretoria de Obras Públicas (DOP) em 1956, sendo utilizado a partir de 1957⁶⁰. Alguns desenhos originais do projeto deste Ateliê foram localizados no Setor de Projetos da Biblioteca da FAU-

58 Ofício da Direção da FAU-USP, endereçada ao Reitor Ernesto de Moraes Leme em 30 de dezembro de 1952, pelo Vice-Diretor em exercício Luiz Cintra do Prado. Documento organizado no trabalho Vila Penteado/FAU - Trajetos de uma Casa Paulistana. realizado por Silvia Wolff e Walter Pires. CPC-USP. 1989. n.p. (Grifo nosso).

59 ALBUQUERQUE, Roberto Portugal. Uma Escola de Arquitetura – FAU-USP, Edifício e Ensino. Dissertação de mestrado. São Paulo: FAU USP, 2005.p. 344

60 PIRES, Walter; WOLFF, Silvia. Op. Cit.

USP, e as informações encontradas durante a pesquisa confirmam que o projeto foi realizado no escritório de Ernst Robert Carvalho Mange⁶¹, segundo a informação de Jon Maitrejan⁶², reiterada por Benedito Lima de Toledo⁶³ e por Ariaki Kato, que trabalhou por longo tempo associado à Mange, no escritório Planemak⁶⁴. Kato é autor⁶⁵ de dois dos desenhos originais encontrados: um preciso e pormenorizado corte transversal e o detalhamento dos dois módulos de caixilharia empregados na fachada do Ateliê. Junto com estes desenhos, foi localizada uma planta com a distribuição das 44 brocas no terreno.

Este é um ponto digno de atenção no desenho da estrutura do Ateliê, observado por Ariaki Kato em conversa sobre os desenhos. Por conta das dificuldades de realizar as brocas de fundação na maior parte da divisa junto do futuro Edifício Lausanne, Mange e Kato decidiram criar duas linhas de apoio, uma mais leve na fachada e outra mais concentrada na linha de pilares centrais. Por intermédio de vigas-alavanca como baldrames, visíveis claramente no corte transversal, a parte dos apoios no fundo do Ateliê estavam em balanço, eliminando a necessidade de maiores trabalhos neste trecho.

61 Ernst R. C. Mange formou-se na Escola Politécnica em 1945. Em 1947, parte para a Europa onde trabalha no escritório de Le Corbusier entre 1947 e 1948, colaborando com o projeto da Unidade de Habitação de Marselha. Foi professor da FAU-USP entre 1950 e 1969. Sua obra conta com importantes edifícios realizados para o SENAI, como a Escola Anchieta, o Edifício E1, da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), realizado em colaboração com o arquiteto Hélio Duarte. Ao longo da carreira trabalhou no projeto de várias Escolas Públicas. Integrou o grupo de profissionais do Convênio Escolar, entre 1950 e 1951. Posteriormente, seu escritório com Ariaki Kato, a Planemak, realizou projetos de infraestrutura para o fornecimento de energia, e as urbanizações necessárias para instalação dos complexos canteiros, nas barragens de Jupia e Ilha Solteira, entre outras. Trabalhou em vários cargos públicos, como a EMURB (1975-1979); a COHAB (1977-1979), e foi o primeiro titular da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano, SEHAB. À frente da EMURB, em 1976, Mange foi responsável por evitar a demolição da antiga Escola Normal, o Colégio Caetano de Campos, atual sede da Secretaria da Educação, então condenado pelo projeto do Metrô. A atuação de Mange impediu que o prédio, de grande importância histórica, fosse demolido, e o Metrô precisou alterar o projeto.

62 Depoimento concedido ao autor em 04 de junho de 2014.

63 Depoimento concedido ao autor em 18 de setembro de 2015.

64 Segundo Vianna (2012) “Em 1950, Mange formalizou uma sociedade com Hélio de Queiroz Duarte, sendo o principal campo de atuação da equipe o Convênio Escolar. Em 1955, com a saída de Hélio Duarte, Mange continuou a sociedade com o arquiteto Ariaki Kato. [...] O principal campo de atuação do escritório foi o de infraestruturas para a construção de usinas hidrelétricas. [...] o número de projetos de arquitetura ultrapassou uma centena, com destaque para, além das usinas, o Edifício de Engenharia Mecânica da Escola Politécnica, na Cidade Universitária, USP; o edifício da COSIPA, em Cubatão; a Agência do Banco América do Sul, em São Paulo e o Paço Municipal de Cubatão.”

65 A confirmação da autoria dos desenhos foi feita por e-mail por Ariaki Kato. Identifica-se sua rubrica nas duas pranchas de arquitetura que foram localizadas, com o corte transversal e o detalhamento de caixilharia.

Planta de Fundações do Ateliê. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

Detalhe Mostrando o baldrame-alavanca concebido por Ernst Mange e Ariaki Kato. Desenho de Ariaki Kato. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

Estes desenhos, ao que parece, são ainda inéditos. A numeração das pranchas encontradas, folhas 3 e 4, respectivamente o corte transversal, com data de 3 de agosto de 1955, e a planta de fundações, especificando a posição das brocas, com data de 8 de julho do mesmo ano. Esta numeração remete à pelo menos dois outros desenhos, talvez a planta baixa e um corte longitudinal, não localizados. A prancha de caixilharia, sem numeração, tem data de setembro de 1955. Antes do encontro destas pranchas, procurando aproximar a compreensão entre o Ateliê e a Vila Penteado, foram realizados para a pesquisa desenhos com base nas fotografias da década de 1950 e 1960. O encontro do corte transversal, meticulosamente detalhado, permitiu atualizar alguns detalhes bastante sofisticados de ventilação e montagem. Para um projeto com estas características, o corte transversal é o que realmente conta. A partir dele, deduz-se perfeitamente os demais planos, a ordenação estrutural principal, a conformação espacial interna, o fluxo de cargas, de luz natural.

O processo para a construção do Ateliê deu entrada na DOP em 1955⁶⁶, sendo edificado no ano seguinte. É possível situar a época da finalização dos trabalhos por meio de um ofício de 2 de fevereiro de 1957, endereçado à Abelardo Riedy de Souza, então presidente do Departamento de Arquitetura da FAU-USP, onde a Comissão de Ensino solicita a “redistribuição do espaço disponível no prédio da Faculdade, após a terminação dos ateliers”.⁶⁷

Para sua construção foi removida uma das fontes originais da residência, localizada na frente da fachada principal, sendo transferida e instalada na Fazenda Palmares, de propriedade da família Penteado.

O Ateliê, segundo Marcos Acayaba, que o frequentou como aluno entre 1964 e 1968, “ocupava toda a largura, no fundo do terreno da faculdade. Com cerca de 8m x 60m, era uma construção industrial, metálica, com dois sheds de comprimento. Tinha quatro setores, separados por fileiras de mapotecas sobrepostas”.⁶⁸

66 Construção de Ateliers de Plástica e Composição Decorativa, 1955/1956. D.O.P. Pasta de Assessoria Técnica, Reitoria da USP, Proc. 10458/55, Of. 5074 de 2 de julho de 1955 Processos: 17762/55, 3174/56 e 5160/56. In PIRES, Walter; WOLFF, Sílvia. Vila Penteado/FAU - Trajeto de uma Casa Paulistana. CPC-USP. 1989. n.p.

67 ALBUQUERQUE, Roberto Portugal. Uma Escola de Arquitetura – FAU-USP: Edifício e Ensino. Dissertação de mestrado. São Paulo: FAU-USP, 2005. p.346

68 ACAYABA, Marcos. *Marcos Acayaba*. São Paulo: CosacNaify. 2007. pag. 29

Corte transversal do ateliê. Desenho de Ariaki Kato. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

Corte transversal. Detalhe do muro de divisa dos fundos. Desenho de Ariaki Kato. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

Corte transversal. Detalhe da fachada com a varanda. Desenho Ariaki Kato. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

Corte transversal. Detalhe da treliça. Desenho Ariaki Kato. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

A proposta confrontava, como contraponto, um austero galpão industrial à fachada floreal da Vila, com o espaço interno do Ateliê antecipado por uma pequena e leve varanda contínua, de divisa à divisa, apoiada em uma simples e delicada estrutura de perfis tubulares metálicos, coberta com telhas de fibrocimento, distando aproximadamente cinco metros do elegante e curvilíneo terraço na fachada principal da Vila Penteado. Esta imagem, criando uma pequena e estreita rua entre os dois edifícios, desenha uma situação impensável em relação à implantação original do lote, ocupando a quadra toda.

O Ateliê formava uma nave de 561m² de área⁶⁹, coberta por duas águas formando dois *sheds* longitudinais, estruturados por uma treliça vencendo os 60 metros de comprimento do edifício, apoiada nas extremidades e em cinco apoios internos, distribuídos irregularmente. O seu espaço interno, ao longo das transformações da Escola e de seu ensino, foi organizado e reorganizado de distintas maneiras, condição favorecida pela estrutura industrial e modulada. Por meio das fotografias, percebemos três distintos modos de divisão do ateliê ao longo dos anos em que foi utilizado como espaço dedicado ao ensino. Nas imagens dos anos cinquenta, os estúdios estavam divididos com painéis de madeira, acompanhando o desenho das duas águas, isolando totalmente cada estúdio. Em outras imagens, provavelmente mais próximas da virada da década, a separação se faz apenas por mapotecas e armários, criando separações entre os ambientes com aproximadamente 2 metros de altura, as quais remetem à uma associação com a imagem das lâminas divisórias dos estúdios da FAU de Artigas. Com a reestruturação curricular proposta pela reforma de 1962, as divisões entre os ateliês são eliminadas e alunos de todas as turmas compartilham do generoso espaço. Posteriormente, após a saída da graduação da Vila Penteado, o Ateliê foi subdividido atendendo à outras funções, como será visto adiante.

A grande treliça, com aproximadamente 1.70m de altura considerando sua viga inferior, cobria toda a largura do lote. Era composta por uma sofisticada e complexa associação de perfis metálicos comuns, como Ts e cantoneiras de bitolas mais modestas,

O ateliê na década de 1950 com as salas divididas por painéis de madeira. Fonte: Acervo João Xavier

O ateliê no final da década de 1950 com os armários funcionando como divisórias. Fonte: Acervo João Xavier

O ateliê aberto na década de 1960. Fonte: Acervo Antonio José L. Aprilanti

⁶⁹ Levantamento Cadastral dos Imóveis da USP, realizado pela Universidade em 1971, lista as áreas da Vila Penteado, com os três anexos, e o Edifício Vilanova Artigas. Arquivo do Grupo Executivo de Gestão de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

Planta de levantamento da FAU-USP realizada em 1968, pelo aluno Jiro Kimura.

Fonte: Acervo Biblioteca da FAU-USP

contraventada diagonalmente, com os *sheds* guarnecidos com caixilhos metálicos, num eficiente modo de prover o espaço interno com iluminação natural e ventilação contínua. Instalada entre o Ateliê e a varanda, o plano da fachada se constituía por uma estrutura mais leve, com mais apoios, distribuídos ao longo da modulação dos caixilhos permitindo neste *shed* da fachada vãos de iluminação e ventilação sem a necessidade da treliça presente nos vãos centrais. É interessante observar, com devida lembrança à escura clarabóia do saguão da Vila, que o ateliê foi o primeiro espaço de ensino da FAU-USP a empregar soluções de iluminação natural imbricadas no desenho de sua estrutura. Praticamente todos os espaços criados para a Escola daí em diante utilizaram este característico procedimento de projeto: magistralmente por Vilanova Artigas na FAU, no anexo da Pós-Graduação, e na maior parte dos anteprojetos do concurso de 1989, utilizando-o de modo mais ou menos enfático, inclusive nos estudos do realizados pelo Prof. Arnaldo Martino para as instalações solicitadas com a implantação do Curso de Design.

Por razões que não puderam ser esclarecidas pela pesquisa, a estrutura do ateliê, composta por componentes metálicos, racional e modulada, não apresentava uma disposição regular dos apoios internos, formados por cinco perfis metálicos *H*. Os levantamentos encontrados mostram que as colunas de aço que apoiavam esta treliça, ao invés de criar presumíveis 5 módulos de 12m, constituíram vãos irregulares, sendo o primeiro, a partir da esquerda de quem observa o Ateliê desde a Vila Penteado, com 3.60m, seguido por 4 vãos regulares de 11,20m e finalmente um sexto vão com 11,60m. Estas dimensões foram cotejadas com as informações contidas na planta, com características de desenho executivo, de locação das fundações.

Além das peças gráficas encontradas, a reconstituição se apoiou ainda em dois levantamentos da Vila Penteado, com registros do Ateliê, localizados no Setor de Projetos da Biblioteca, sendo no entanto desenhos de menor precisão, realizados um em fevereiro de 1968, em um trabalho do curso de Graduação, e o outro por ocasião da exposição sobre a Vila Penteado, acontecida em 1976.

Vista da varanda do ateliê. Fonte: Acervo João Xavier

Eduardo de Almeida na varanda do ateliê. Fonte: Acervo João Xavier

Prancha com detalhamento de caixilharia para o ateliê da Vila Penteados. Desenho de Ariaki Kato. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

A varanda do Ateliê.

Fonte: TOLEDO, Benedito Lima. Vila Pentead: Registros, 2002.

O ateliê recebendo a exposição Artistas de Domingo, década de 1960.

Fonte: Acervo João Xavier.

Alunos trabalhando no ateliê na década de 1960. Fonte: Acervo Antonio José L. Aprilanti

O ateliê utilizado para a exposição Artistas de Domingo.

Fonte: Acervo João Xavier.

Aspecto do ateliê na década de 1960.
Fonte: Acervo Edgar G. Dente.

Alunos no ateliê na década de 1960. Fonte: Acervo Edgar G. Dente.

O ateliê hospedando uma formatura, década de 1960. Fonte: Acervo Vicente Bicudo.

Formandos no Ateliê, década de 1960. Fonte: Acervo Vicente Bicudo.

Possivelmente, as soluções utilizados pelo escritório de Ernst Mange e Ariaki Kato, que naquele período realizou projetos para o SENAI (Serviço Nacional da Indústria), sejam uma referência para a compreensão da espacialidade do Ateliê. Sobre a Escola Anchieta, realizada com Hélio Duarte, Mange comenta:

[...] continuei a exercitar a arquitetura e a engenharia nas escolas SENAI. Consegui convencer o meu pai, na época diretor do SENAI, que a arquitetura que o SENAI fazia era uma arquitetura obsoleta, era arquitetura do Ramos de Azevedo. Ele então me deu o projeto da Escola Anchieta do SENAI para fazer. Foi um dos meus projetos mais difíceis. Foi feito para o IV Centenário. [...] Nessa escola, usamos um conceito pela primeira vez, que, depois, o SENAI adotou: em vez de esconder as oficinas no fundo, como se fosse uma coisa feia, eu disse “Meu Deus, se o SENAI procura formar técnicos, nós temos que valorizar isso, isso é a vitrine dele! Vamos pôr isso para a frente da escola, com vidro! [...]”.⁷⁰

É interessante observar, com devida lembrança à pouco luminosa clarabóia do Saguão da Vila Penteadado, que o ateliê foi o primeiro espaço de ensino da FAU-USP a empregar soluções de iluminação natural imbricadas no desenho de sua estrutura. Praticamente todos os espaços criados para a Escola daí em diante utilizaram este característico procedimento de projeto: magistralmente por Vilanova Artigas na FAU, por João W. Toscano no anexo da Pós-Graduação, e na maior parte dos anteprojetos do Concurso de 1989, utilizando-o de modo mais ou menos enfático. Foi ainda empregado nos estudos realizados por Arnaldo Martino para a ampliação cogitada com a criação do Curso de Design, no início dos anos 2000.

Foto interna da oficina. Escola SENAI Anchieta, São Paulo, 1954. Projeto de Ernst Mange e Hélio Duarte. Fonte: Arquivo Escola Anchieta.

⁷⁰MANGE, Ernst R. C. Depoimento disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ernest.pdf>> Acesso em: 20 fev. de 2016.

O Ensino na FAU-USP: 1956/1962. A Reforma de 1962

Levantamento do pavimento térreo da FAU-USP na Vila Penteadão em 1961, realizado por Gustavo Neves da Rocha.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

Levantamento do segundo pavimento da FAU-USP na Vila Penteadão em 1961, realizado por Gustavo Neves da Rocha.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

Na segunda metade da década de 1950 a idéia de Ateliê como uma estrutura didática começa a tomar forma, configurando um conceito pedagógico fundante, caro à formação do pensamento que a Escola construiu em relação à transmissão do conhecimento disciplinar. Fisicamente, este conceito se materializa com a construção do pavilhão do Ateliê em 1956, nos fundos da Vila Penteadão, e ao longo dos anos seguintes, acompanhando o amadurecimento de uma nova proposta de ensino, há um consequente rebatimento espacial na estruturação do espaço de ensino no ateliê.

A partir deste mesmo ano, com a publicação pelo Departamento de Ensino do GFAU intitulada *Seminário de Ensino*, onde “o então aluno Julio R. Katinsky redige um texto introdutório e as respostas são registradas, constituindo importantes depoimentos dos professores Mario Wagner Vieira da Cunha, Luis Saia, Lina Bo Bardi e Vilanova Artigas [...] Esses depoimentos foram o embrião da Reforma de Ensino de Arquitetura de 1962”⁷¹. Os depoimentos destes destacados professores trazem, por distintos vieses, as aproximações entre teoria e prática, entre o ofício e o ensino do projeto que almejavam os alunos e parte do corpo docente.

Em 1957, por meio de uma comissão tendo o prof. Roberto Cerqueira César como relator, professores e alunos interessados em empreender novas condições e perspectivas para o ensino da arquitetura na FAU-USP, ainda herdeiro de rígidas estruturas ligadas às tradições da Escola Politécnica, começam a organizar um novo desenho curricular para a Escola, identificado com a autonomia adquirida com sua criação. Lutava-se por um ensino condizente com as posições conquistadas pela arquitetura brasileira naqueles anos, refletindo as novas atribuições da profissão em relação ao projeto de desenvolvimento nacional, principalmente a partir do pós-guerra. Esta postura foi sintetizada no documento resultante deste processo, o relatório do prof. Carlos B. Millan, de janeiro de 1962, *O Ateliê na Formação do Arquiteto*. Vilanova Artigas, ao escrever sobre o papel do Ateliê, comenta:

⁷¹ PRESTES, Lucinda F.(org.). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da-USP: Documentos Históricos. FAU-USP, 2011. p. 31

O atelier, ou departamento de composição, tem finalidade didática – de formação do arquiteto. Nele estão enfileiradas cadeiras e disciplinas organizadas em três linhas fundamentais de associação, cada uma delas seguindo uma orientação específica ainda que inter-relacionadas. Uma linha de “comunicação visual” – para formação gráfica e plástica do aluno; outra de “desenho industrial” aplicado à arquitetura e uma terceira de composição arquitetônica, na qual, partindo do treinamento na organização do espaço interno de edifícios, termine na composição urbanística e paisagística. Didaticamente o atelier tem métodos e organização decorrentes do tipo de conhecimento e experiência que se pretende transmitir ao aluno. Desenvolver-lhe a imaginação e a aptidão para a linguagem das formas, para a criação em termos de plástica. As cadeiras técnicas reunidas em departamentos podem aperfeiçoar os seus programas, livrando-os de várias superposições com o ensino do atelier. A intenção é dar importância ao ensino técnico, maior ainda, evitando que o ensino técnico se confunda com o ensino artístico como de certa forma vinha acontecendo devido à origem do ensino de arquitetura no passado brasileiro, enquadrado numa cadeira dos cursos de engenharia que se chamou “arquitetura, construção e higiene das habitações”. Na verdade entre estes dois canais de ensino, o atelier e o conjunto das matérias técnicas, já há uma diferença bastante grande, originada da contradição entre arte e técnica, entre uma visão sensível do mundo e uma visão racional. O atelier tem sua origem num processo de transmissão de conhecimento anterior ao ensino técnico, mas legítimo até hoje na sua essência. A formação técnica deve introduzir métodos de verificação das propostas que a sensibilidade artística determina e concorrer para a sistematização da experiência. Certas cadeiras técnicas, como as cadeiras de Construção Civil ou Materiais de Construção, com

a organização do departamento de técnicas, poderão escolher novas orientações que de perto informem o desenvolvimento da indústria brasileira correlata, seus métodos e a melhor maneira de organizá-la. A convivência entre matérias técnicas e o atelier melhora e surgem novos pontos de encontro cada vez em nível mais elevado.⁷²

Neste período de transformação e consolidação do ensino de arquitetura e urbanismo em São Paulo, é importante situar o papel que o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB, Seção São Paulo), exerceu no esforço coletivo de modernização do ensino de arquitetura, principalmente junto da FAU-USP, em uma relação que vicejou uma frutífera e eficiente troca de informações e experiências, pois o IAB via na convergência de seus interesses com os dos alunos e parte de seu corpo docente, empenhados em transformar o ensino, um mecanismo de afirmação e continuidade dos preceitos da arquitetura moderna, que orientava as posições do Instituto. Por outro lado, os componentes da Escola que atuaram neste sentido, lembrando que parte significativa dos professores da FAU-USP também fazia parte do corpo diretivo do IAB-SP⁷³, viam o Instituto, naquele momento bastante prestigiado com a importância adquirida pela Arquitetura Moderna brasileira, nacional e internacionalmente, como um ponto de apoio qualificado e necessário para enfrentar a burocracia e o conservadorismo acadêmico da Escola Politécnica e da USP, que se constituíam nos maiores entraves para a efetivar a modernização do ensino na Escola:

Deve-se também notar que cada uma das instituições de arquitetura e urbanismo que foram sendo criadas ao longo do século XX em São Paulo não eram estanques e isoladas entre si, mas houve uma interação

⁷²VILANOVA ARTIGAS, João B. Sobre os Ateliers e as Disciplinas Técnicas: <http://www.dearquitecturas.com/2012/05/fauusp-50-anos-da-reforma-de-ensino-de.html>

Fizeram parte de distintas direções do IAB, entre outros, os professores da FAU-USP: Rino Levi, Eduardo Corona, Ícaro de Castro Mello, Luis Saia, Zenon Lotufo, Ariosto Mila, Vilanova Artigas, Roberto Cerqueira Cesar, Oswaldo Correia Gonçalves, Eduardo Kneese de Melo, Hélio Duarte e Abelardo Riedy de Souza.

⁷³Fizeram parte de distintas direções do IAB, entre outros, os professores da FAU-USP: Rino Levi, Eduardo Corona, Ícaro de Castro Mello, Luis Saia, Zenon Lotufo, Ariosto Mila, Vilanova Artigas, Roberto Cerqueira Cesar, Oswaldo Correia Gonçalves, Eduardo Kneese de Melo, Hélio Duarte e Abelardo Riedy de Souza.

entre elas para o desenvolvimento de determinadas atividades. Por exemplo, o IAB-SP associou-se aos diretórios acadêmicos da FAU-USP e do Mackenzie para a organização de cursos. Além disso, os mesmos profissionais atuaram em diversas dessas instituições ao mesmo tempo. Muitos professores da FAU-USP fundaram o IAB-SP ou participaram de sua direção - Rino Levi, Eduardo Kneese de Mello, Ícaro de Castro Mello, Roberto Cerqueira César, Abelardo de Souza, Luiz Roberto de Carvalho Franco, Carlos Alberto Gomes Cardim Filho, Artigas, dentre outros.⁷⁴

A dissertação de Taiana C. Vidotto, *A Indissociável Relação entre o Ensino e a Profissão na Constituição do Arquiteto e Urbanista Moderno no Estado de São Paulo: 1948 - 1962*, traz à luz muitos dos detalhes desta virtuosa simbiose, uma determinante aproximação entre os professores da FAU-USP e o IAB-SP, então a principal organização profissional. “Para o IAB-SP [...] Era importante que os novos arquitetos também fossem formados diante dessa nova profissão que se configurava. Por isso, a luta inicial do IAB/SP teve como foco a criação de Escolas autônomas de arquitetura, de modo que a ideologia profissional defendida pelo Instituto fosse introduzida na formação dos novos arquitetos.”⁷⁵

Foi, portanto, para superar essa situação, construir a identidade do arquiteto e implementar um projeto ousado de formação acadêmica e profissional que, em 1962, a FAU-USP passou por sua primeira e decisiva reforma. Ela buscava garantir uma formação ampla, diversificada e abrangente reunindo disciplinas teóricas, históricas, artísticas e técnicas. A prática do projeto adotaria como objeto a arquitetura, o urbanismo, o desenho industrial, a comunicação visual e o paisagismo. Um pouco mais tarde, seguindo orientação dessa proposta foram criados os três departamentos estruturadores da Escola: Projeto, Tecnologia e História.

74 Apresentação de Ermínia Maricato, A FAU Pesquisa nos seus 60 Anos. FAU-USP. 2008.

75 VIDOTTO, Taiana Car. A Indissociável Relação entre o Ensino e a Profissão na Constituição do Arquiteto e Urbanista Moderno no Estado de São Paulo: 1948 - 1962. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP. 2014. p. 61

Esse modelo, liderado pelo Professor Villanova Artigas entre outros pioneiros, já se encontrava plasmado no projeto do novo edifício que iria ser construído no campus universitário. Havia no projeto do edifício um lugar especial reservado para o Ateliê Interdepartamental, local onde os 3 departamentos da faculdade se integrariam por meio do exercício do projeto. Projeto de Escola e projeto do edifício estavam fortemente apoiados por uma geração de profissionais, professores e estudantes entusiasmados e unidos por uma esperança forte no futuro do país que estava em processo acelerado de industrialização e urbanização.⁷⁶

Nas já referidas reorganizações internas do Ateliê, atreladas ao desenvolvimento da organização curricular do curso na FAU-USP, a imagem de um momento crucial da Escola, talvez o mais importante desde sua criação, a *Reforma de 1962*, é descrita por Edgar Dente, conjugando dois espaços vitais da Escola, o Saguão da Vila Penteado e o Ateliê, com as transformações afirmadas no ensino refletidas no uso e na conformação de seus espaços:

[...] entrei no saguão mágico do palácio da Rua Maranhão. Através da porta do fundo, que já fora frente, vi os restos da demolição das paredes que dividiam o atelier. No meu primeiro dia de FAU assisti o surgimento do mais forte rito que os alunos da FAU criaram. De tempos em tempos, obedecendo rigorosamente o mesmo intervalo - a partir de então - os alunos movidos por estranha e inexplicável força demolem as paredes que sorrateira e labirinticamente foram reedificadas para separá-los. Em 1956 se constrói o galpão no fundo do prédio da Rua Maranhão, para o desenvolvimento das aulas de atelier. Ali se projetará o novo ensino da arquitetura na FAU. A partir dessa experiência Artigas começa a propor a reformulação do ensino que só se efetivaria seis anos depois, em 1962.

⁷⁶ Apresentação de Ermínia Maricato, A FAU Pesquisa nos seus 60 Anos. FAU-USP. 2008. p.7

Para efetivá-la, os alunos tiveram que demolir as paredes que o dividiam em salas, turmas e idéias e assim criar a FAU - a Escola de Vilanova Artigas.⁷⁷

Luis Cintra do Prado, Diretor, Vice-Diretor e professor da Escola, na Aula Inaugural para a turma da FAU-USP de 1964 ressaltava as virtudes do Ateliê, ao realizar as atividades didáticas na ampla nave livre do Ateliê:

[...] para todos os alunos da Faculdade; e, nele, a prática escolar se processa ciclicamente, por série de aulas que, para o mesmo tema de trabalho, se estendem por dias consecutivos. A existência de um único atelier, a par de alguns inconvenientes de ordem prática, tem certamente a vantagem de estabelecer contato diário entre alunos e professores de todos os anos, o que redundava em constantes trocas de idéias, amplas e improvisadas, representando repetidas ocasiões para real progresso em conhecimentos.⁷⁸

Um aspecto essencial da experiência vivida pelos alunos e professores, entre as décadas de 1950 e 1960, derramava-se além dos portões da Rua Maranhão, 88, integrando-os ao excepcional ambiente cultural, acadêmico, cada vez mais politizado, que se consolidou na região neste período, esvaziado pela repressão após o Golpe de 1964, e destruído com a invasão da Faculdade de Filosofia, na Rua Maria Antônia, em 1968, e a mudança das unidades da USP da região para o Campus da Cidade Universitária.

A chegada da FAU-USP a Higienópolis, em 1950, contribuiu significativamente com o ambiente estudantil existente naquele trecho da cidade, então um efervescente centro universitário de São Paulo, que já contava com a presença da Faculdade de Filosofia, sediada na Rua Maria Antônia, a Universidade Mackenzie logo ao lado, na Rua Itambé,

77 DENTE, Edgar G. Estudo Crítico e Proposta para a Estrutura Curricular da FAU-USP. São Paulo: Edição do Autor, FAU-USP, 1987.

78 Tendências no ensino de arquitetura. Aula inaugural na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 12 de março de 1964.

a Faculdade de Economia e Administração, na Rua Dr. Vila Nova, a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, a Santa Casa. Havia naquela época uma frutífera troca de informações entre os estudantes de arquitetura de ambas as universidades. A proximidade entre as duas únicas Escolas de arquitetura então existentes em São Paulo era bem maior que os poucos metros que as separavam. Arquitetos formados no Mackenzie atuaram na FAU-USP como professores, primeiro com a vinda de Luiz Roberto de Carvalho Franco, em 1958 e Carlos Millan no ano seguinte. No início dos anos 1960, os dois principais auxiliares de Vilanova Artigas, o mais importante professor de projeto da Escola, eram dois brilhantes jovens arquitetos e professores formados nas pranchetas do Mackenzie, Paulo Mendes da Rocha e Pedro Paulo de Melo Saraiva, mestres que marcaram profundamente o ensino do projeto na Escola.

PLANTA
FAU-USP VILA PENTEADO
ATELIÊ

0 2 5 15m

CORTE AA / ELEVÇÃO NOROESTE
FAU-USP VILA PENTEADO
ATELIÊ

0 2 5 15m

CORTE BB / ELEVÇÃO SUDESTE
FAU-USP VILA PENTEADO
ATELIÊ

0 2 5 15m

CORTE FF
FAU-USP VILA PENTEADO

0 2 5 15m

CORTE GG / ELEVÇÃO R. MARANHÃO
FAU-USP VILA PENTEADO
O ATELIÊ, a CANTINA e a MAQUETE

0 2 5 15m

CORTE DD
FAU-USP VILA PENTEADO

0 2 5 15m

ELEVAÇÃO DO ATELÊ
FAU-USP VILA PENTEADO

0 2 5 15m

Vista do Ateliê aberto da década de 1960. No centro da Imagem, de costas, vestindo avental branco, Rimas de Lima Brochado, memorável funcionário da FAU-USP . Fonte: Acervo Edgar G. Dente.

Reconstruções digitais da Vila Penteadó e do Ateliê. Modelo realizado por Tales Galvano.

Perspectivas Isométricas da Vila Penteadó e dos Anexos. Modelo realizado por Tales Galvano.

Perspectivas Isométricas da Vila Penteado e dos Anexos. Modelo realizado por Tales Galvano.

Associada a esta vida universitária, havia a proximidade da “Cidade”, como eram conhecidos até a década de 1970 o “Centro Novo” e o “Centro Velho”, no antigo “Triângulo”. Ai estavam localizados os escritórios de arquitetura, os cinemas e teatros, as galerias comerciais a atravessar quadras e edifícios, os bares, as lojas e livrarias, alcançados com quinze minutos de caminhada. E no caso específico dos estudantes de arquitetura, mais próximo, já na Vila Buarque, estava a sede do IAB-SP, o órgão que tanto atuou, por intermédio de seus membros mais destacados, muitos atuando na docência da FAU-USP, no sentido de modernizar seu ensino.

O depoimento de Walter Ono, para o Museu da Pessoa, ilustra a admirável dimensão sócio-cultural da Escola e de seu entorno urbano, acadêmico e cultural naquele momento:

Em 66, entrei na FAU [...] ficava em Higienópolis, na Rua Maranhão, e os escritórios dos arquitetos que davam aula na Escola, também ficavam na General Jardim, na Major Sertório, todo mundo na Vila Buarque, inclusive, o IAB fica lá até hoje. Então, a gente saía da aula e ia trabalhar. [...] Eu sou aquela pessoa que posso chamar de geração 68. Vivi toda essa explosão universitária da época, aquelas passeatas todas. Quando eu entrei no primeiro ano, o Chico Buarque já estava no quarto, mas já não ia mais na Escola, ficava no jardim da Escola só cantando e tocando violão. O que pra nós era muito bom. E a FAU tinha esse poder de catalisar, porque todo mundo passava pela Maria Antonia. A Vila Buarque, na época, era a verdadeira cidade universitária: ficava a Filosofia, a Economia, a Santa Casa, o Serviço Social, o Sedes Sapientiae, então, ali, era uma cidade universitária...tinha o Mackenzie. E a Maria Antonia ficou essa rua tão popular por causa disso, porque todos passavam por ali, inclusive os artistas que estavam começando [...] Ali foi, realmente, uma outra experiência fantástica, a de ver toda essa MPB começando. [...] E a coisa mais interessante que aconteceu na FAU, foi quando o Caetano

Veloso e o Gilberto Gil foram lá uma noite explicar o Tropicalismo, junto com Décio Pignatari. Foi a fase da semiologia ou semiótica, que foi o auge também do Umberto Eco. Aquela coisa de comunicação de massa. Então, ali, começou a se discutir o mundo de novo. Todos os filósofos, os existencialistas, os beatniks. O pessoal do pé da estrada. E vinha muito arquiteto de fora. A FAU também, a USP, tinha essa coisa bem elitizada, que tinha essa troca de professores, de informações com universidades de fora. Então, vinha muita gente de fora fazer palestra. Pra gente foi uma maravilha, porque foi uma época de ouro. A gente achava poderia ter um novo renascimento, porque era um Brasil muito dinâmico. E a gente precisava fazer essa nova renovação da cultura brasileira, que não se conseguiu. Nós íamos fazer a revolução mesmo, porque nós tínhamos tudo na mão, foi o auge do teatro oficina José Celso Martinez, o Teatro de Arena, começou tudo, ali. Teatro de Opinião no Rio de Janeiro. Aí vieram os Festivais de Música. Foi a época do Tuca, com Morte e Vida Severina, foi quando o Chico fez a primeira trilha sonora. Quer dizer, o mundo estava acontecendo aqui, era o novo renascimento mesmo. Na FAU, nós tínhamos aula o dia inteiro, de manhã e a tarde, então, era muito puxado, e às cinco começava o que a gente chamava de “sambafo”, que era samba, pinga e cerveja no grêmio da FAU. Era no porão da FAU na Rua Maranhão. E aí, quem tocava violão era o Chico Buarque. E o Manini, aquele da queixada, da Disparada, que tocava o atabaque. Foi logo no comecinho, 1967, 68.⁷⁹

O “Sambafo” no GFAU. Porão da Vila Penteado, década de 1960.
Fonte: Acervo Luiz Fernando Manini.

⁷⁹ Depoimento de Walter Ono ao Museu da Pessoa. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/uma-formacao-de-imagem-49432>

A CANTINA E O GALPÃO DA "MAQUETE".
OUTRAS INTERVENÇÕES

O “Rancho” da Cantina

O recuo lateral “da Sabará” recebeu, provavelmente na reforma de 1949⁸⁰, um “puxado”, colado ao muro de divisa, de aspecto e fatura extremamente simples, desprovido de outro atrativo ou relação mais elaborada com a Vila. Era ocupado por um conjunto de banheiros masculinos externos e uma pequena área de serviços, com tanques, como está registrado no levantamento realizado em julho de 1953. Este pequeno bloco, com medidas de projeto de 8.10m de comprimento e apenas 3.10m de largura, não consta do levantamento realizado no ano anterior pela D.O.P., informando os elementos da Vila Penteado a construir e a demolir. No ofício já referido de 1952, quando o Vice-Diretor Luiz Cintra do Prado solicita o estudo para a construção do Ateliê, pede também “a adaptação de um rancho externo para cantina”. O termo empregado por Cintra do Prado situa as características desta construção. A prancha do levantamento do porão realizado para a obra, inclui a medição do “rancho”. Este bloco seria transformado em uma cantina externa com uma pequena cozinha e balcão, como registra o desenho com a proposta de alteração, datado de Julho de 1953. A mesma prancha apresenta também uma sugestão de ampliação das aberturas existentes nos ambientes habitáveis do porão da Vila Penteado, onde se localizavam o GFAU e as oficinas, alteração que evidentemente não foi realizada.

Posteriormente, em 1958⁸¹, o bloco original da Cantina foi ampliado, passando a contar com um salão maior, abrigando ainda a “vendinha”⁸² da Escola, na extremidade dos fundos, próximo do Ateliê. Com a ampliação, segundo um levantamento cadastral de seus imóveis ⁸³ realizado pela USP em janeiro de 1971, sua área total somava 96m².

Esta construção se assemelhava à grande parte do que era construído na cidade de São Paulo entre as décadas de 1920 e 1950, inclusive pela falta de alinhamento da

80 Os desenhos que constam do processo de Reforma da Vila Penteado entre 1948 e 1949, para abrigar a FAU-USP, consultados no Setor de Projetos da Biblioteca da FAU-USP não trazem nenhuma informação gráfica ou textual deste puxado, aparecendo apenas no levantamento realizado para a reforma realizada em 1953.

81 PIRES, Walter; WOLFF, Silvia. Vila Penteado/FAU - Trajeto de uma Casa Paulistana. CPC-USP. 1989. n.p.

82 Segundo Marcos Acayaba, o local onde os estudantes compravam materiais de desenho, maquete, etc. Ainda segundo Acayaba, parte do material mais básico, era fornecido pela Escola.

83 Levantamento Cadastral dos Imóveis da USP, realizado pela Universidade em 1971, lista as áreas da Vila Penteado, com os três anexos, e o Edifício Vilanova Artigas. Arquivo do Grupo Executivo de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

ampliação do “rancho”. No térreo do Edifício Sabará, o primeiro prédio construído ao lado da Vila Penteadó, há um puxado com características muito semelhantes. As paredes foram levantadas com alvenaria de tijolos e revestidas com argamassa de cimento. As coberturas, claramente visíveis nas imagens tomadas do alto dos prédios vizinhos, utilizavam telhas francesas sobre estrutura de madeira, com quatro águas encaixadas em pequenas platibandas, em cada um dos blocos adossados. Entre as duas coberturas, um trecho com laje abrigava as caixas d’água de cimento amianto. As aberturas, com molduras simples remarcando-as externamente, limitavam-se a prover os ambientes internos com alguma iluminação e ventilação, e não guardavam outra relação com a Vila Penteadó logo ao lado. Eram guarnecidas por caixilhos feitos com perfis de ferro, os ordinários vitrôs basculantes ou de correr, um artefato cuja execução era dominada por qualquer serralheira de então.

CORTE EE
FAU-USP VILA PENTEADEO
ELEVACÃO da CANTINA

0 2 5 15m

Levantamento do banheiro externo.

Projeto da cantina.

Plantas de levantamento e projeto de reforma da cantina, 1953. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

Aspecto externo da cantina. Fonte: Acervo Antonio José L. Aprilanti

Vista do "rancho" externo transformado em cantina em 1953.
Fonte: PRADO, Alberto S. Vila Penteado: Vida Nova em Velho Prédio.

Vista do bloco de ampliação da cantina construído em 1958. (Autor desconhecido.)

A “Maquete”

Vista do galpão da “Maquete” e a *porte-cochère* da Vila Penteadó.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

O galpão da “Maquete”, como era informalmente conhecido por alunos e professores era a maquetaria da Escola, o futuro Laboratório de Modelos e Ensaios, o LAME. O prédio foi construído em 1959⁸⁴, no recuo lateral da fachada sudeste da Vila Penteadó, e ocupava uma área de 279m², segundo o levantamento cadastral de imóveis da USP⁸⁵.

Antes da construção deste galpão, nos primeiros anos do curso, esta atividade, de indiscutível e crescente importância na estruturação da prática e do aprendizado de projeto, era realizada em um dos porões da Vila Penteadó:

[...] As origens do LAME encontram-se na Vila Penteadó, no início do curso de Arquitetura e Urbanismo, na Oficina de Maquetes, abrigada no porão da FAU-Maranhão, que esteve sob a responsabilidade de José Zanine Caldas (1919-2001), arquiteto autodidata, profundo conhecedor de madeiras e marcenaria, designer de móveis, além de maquetista excepcional. Desde então a confecção de modelos tridimensionais e de objetos na FAU-USP configurou-se como atividade criativa, experimental, aberta a investigações extracurriculares de iniciativa e interesse dos alunos. Tal liberdade de experimentação ampliou-se no momento em que esta primeira Oficina transferiu-se para o edifício da Cidade Universitária [...] e passou a ser denominada como Laboratório de Modelos e Ensaios, sob a coordenação de Caetano Fracaroli (1911-1987). Além de modelos de edifícios e ambientes urbanos, o LAME sempre ofereceu espaço e suporte técnico para ensaios e experimentos vários, como o design de móveis e automóveis, por exemplo. Com a conclusão das obras do edifício Anexo em 1997, o Laboratório foi transferido para o espaço que hoje ocupa, ao lado do edifício Vilanova Artigas. Reconhecendo sua

84 Construção do Pavilhão das Oficinas, 1959. Autoria não identificada. Empreiteiro: J. R. Machado. Fonte: Pasta de Assessoria Técnica, Reitoria da USP, Processos: 1182/59, 7129/59 e 18141/59. in PIRES, Walter; WOLFF, Silvia. Vila Penteadó/FAU - Trajeto de uma Casa Paulistana. CPC-USP. 1989. n.p.

85 Levantamento Cadastral dos Imóveis da USP, realizado pela Universidade em 1971, lista as áreas da Vila Penteadó, com os três anexos, e o Edifício Vilanova Artigas. Arquivo do Grupo Executivo de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

trajetória de liberdade de experimentação crítica e inventiva, a FAU-USP e seu Laboratório de Modelos e Ensaio se mantêm em um processo de transformação contínua, entendendo que o campo de atividade da Arquitetura, do Urbanismo e do Design se conforma para além da excelência técnica.⁸⁶

Este galpão era conformado por um único volume compacto, um retângulo de aproximadamente 7 metros de largura por 40 metros de comprimento, com estrutura de perfis metálicos simples. Uma base de alvenaria apoiava a estrutura ao longo de seu perímetro, sendo o vão acima da linha das aberturas e os oitões laterais vedados com placas de fibrocimento. A cobertura era formada por uma água apenas, utilizando telhas de fibrocimento, com o caimento em direção à divisa do lote, onde havia, de modo similar à situação do Ateliê, uma calha ao longo do muro de divisa. Duas situações se destacam de imediato ao observarmos as poucas imagens existentes deste galpão: sua generosa caixilharia ao longo da maior fachada e, principalmente, a maneira como seu volume empareda a antiga *porte-cochère* lateral da Vila Penteado, de modo abrupto e seco, destituído de maiores cuidados. Uma solução de projeto que levasse em conta este elemento, considerando-o como dado de projeto, poderia amenizar este incômodo conflito, certamente um dos pontos que contribuíram negativamente para a reputação destas ampliações.

Com as aberturas predominantemente voltadas para a fachada sudeste da Vila, afastada poucos metros de seu alinhamento, o galpão dispunha de muita sombra e pouca iluminação natural. Buscou-se equilibrar a pouca iluminação com o emprego dos grandes panos envidraçados, utilizando a tradicional caixilharia de perfis de ferro, com ventilação por meio dos módulos basculantes. Este modelo de caixilharia, muito utilizado nas construções da época, por suas dimensões, dotava o galpão de um aspecto fabril, não de todo distante da linguagem utilizada no Ateliê, e provocava um forte contraste com a delicadeza e refinamento da Vila.

Vista da caixilharia da “Maquete”. Instantâneo do vídeo “FAU 50 Anos”.

Fonte: www.intermeios.fau.usp.br.

Exemplo de trabalho realizado na maquetaria para a disciplina de Desenho Industrial. Fonte: Publicação reunindo trabalhos de Desenho Industrial de 1962.

⁸⁶ Perspectiva histórica constituída a partir de relato do Prof. Dr. Julio Roberto Katinsky. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/fau/secoes/lame/breve_historico.html>. Acesso em: 15 fev 2016.

O galpão da Maquete, já deteriorado.
Fonte: PRADO, Alberto S. Vila
Penteado: Vida Nova em Velho Prédio.

Encontro da *porte-cochère* da
Vila Penteado com o galpão da
"Maquete".
Fonte: PRADO, Alberto S. Vila
Penteado: Vida Nova em Velho Prédio.

Artigas e Joaquim Luiz Bessa Neto no galpão da "maquete". Fonte: Acervo Flávia Bessa.

Vista interna da "Maquete". Fonte: Acervo Antonio José L. Aprilanti

Vista da lateral do galpão da "Maquete". Fonte: Autor Desconhecido.

CORTE II
FAU-USP VILA PENTEADO
ELEVÇÃO da MAQUETE

0 2 5 15m

As Garagens, a “Rua” coberta e o “Puxado da Vendinha”

Vista da garagem coberta.
Fonte: Autor desconhecido.

Recepção a Vilanova Artigas. Notar a estrutura de madeira e a telha translúcida da “rua” coberta.
Fonte: Acervo Antonio José L. Aprilanti

O espaço expositivo na “rua” coberta.
Fonte: Acervo Luiz Fernando Manini.

No mesmo recuo lateral ocupado pelo bloco da Cantina, após a rampa desde a Rua Maranhão, foi levantada, em data não identificada dos anos 1950, uma garagem, coberta com telhas de fibrocimento sobre estrutura de madeira, com apenas uma água, com o caimento para o lado da Vila Penteado.

Registram-se ainda a presença de outras intervenções nas áreas externas da Vila Penteado.

No início dos anos 1960, foi realizado um concurso entre os alunos, do qual saiu vencedor Arnaldo Martino, para a construção de uma garagem destinada ao abrigo do ônibus *Mercedes Benz*⁸⁷ adquirido pela FAU-USP, “os famosos ônibus que foram comprados por influência do Artigas. Ele pressionou, na Rua Maranhão ainda, para que comprassem os ônibus, que eram para ir para o Rio de Janeiro, para conhecer as cidades históricas de Minas Gerais, para Brasília. O ônibus não parava. A FAU tinha um ônibus dela”.⁸⁸

Não foram localizadas imagens ou desenhos desta cobertura, implantada na rampa do galpão da “maquete”, e segundo depoimento do autor, era feita com estrutura de madeira e coberta com telhas *Eternit*.

Nesta mesma época, na rua formada entre a fachada da Vila Penteado e a varanda do Ateliê, foi criada uma área coberta, utilizando estrutura de madeira, coberta com telhas plásticas translúcidas. Era uma área destinada a exposição de projetos e trabalhos artísticos realizados pelos alunos. Esta estrutura, provisória, ficou montada por um certo tempo⁸⁹ e em algumas imagens da época podemos discernir detalhes da mesma.

Uma última intervenção na área exterior da Vila Penteado foi feita pouco antes

87 “No interesse do ensino e da pesquisa, a fim de propiciar aulas fora da Faculdade, visitas a monumentos arquitetônicos, indústrias ligadas à construção civil, obras etc., foi adquirido um ônibus ‘Mercedes-Benz’ com 36 lugares.” Relatório de Atividades de 1962. São Paulo: FAU-USP, 1962, pp.5-6.

88 Entrevista de Pedro Paulo de Melo Saraiva. Corredor das Humanas – A Poesia Que Poderia Ter Sido e Que Não Foi. São Paulo: GFAU, 2009. p.17.

89 Depoimento de Arnaldo Martino concedido ao autor em 01 de julho de 2014

da mudança da Escola para a Cidade Universitária, um “puxado” entre o galpão da “maquete” e a varanda do ateliê, para abrigar a “vendinha”, onde os alunos podiam comprar materiais comumente utilizados nos trabalhos do curso. No local onde ficava a loja anteriormente, na ponta do bloco da cantina, houve a adaptação do cômodo para a instalação de um banheiro masculino. Estas alterações foram realizadas, e estão registradas em imagens e nos desenhos do FUNDUSP, localizados nos arquivos SEF (Superintendência do Espaço Físico da USP), datados de novembro de 1967, pouco mais de um ano antes da mudança da Escola para a Cidade Universitária.

Prancha do projeto para o “puxado” da “vendinha” construída entre a “Maquete” e a varanda do ateliê, 1967. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Prancha de reforma para realização de banheiro externo no bloco da cantina, 1967. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Vista das coberturas da “Maquete”, da “vendinha” e da varanda do ateliê. Observar os travamentos metálicos posteriormente instalados entre os *sheds*.
 Fonte: PRADO, Alberto S. Vila Penteado: Vida Nova em Velho Prédio.

Vista da “vendinha”. Fonte: PRADO, Alberto S. Vila Penteado: Vida Nova em Velho Prédio.

A MUDANÇA:
ABANDONO E DEMOLIÇÃO DOS ANEXOS

A Vila Penteadado Vazia. O Processo de Tombamento.

Aspecto da Vila Penteadado nos anos 1980, após a demolição do ateliê.
Fonte: www.arquicultura.fau.usp.br.

A Porte-Cochère da Vila Penteadado, ao fundo, vista da fachada do ateliê.
Fonte: PRADO, Alberto S. Vila Penteadado: Vida Nova em Velho Prédio.

A mudança da Escola para o novo edifício na Cidade Universitária, em fevereiro de 1969, encerra um ciclo da sua existência na Vila Penteadado. Neste período, a casa volta a ficar fechada por algum tempo. Com a criação do programa de Pós-Graduação em 1972, a Vila volta a ser ocupada paulatinamente pelas atividades de ensino e pesquisa, continuando e desenvolvendo uma relação iniciada mais de 20 anos antes. As condições de saturação física dos espaços da Vila Penteadado e a excelência do projeto de Vilanova Artigas para o novo prédio, na Cidade Universitária, certamente fez com que alunos, funcionários e professores pouco lamentassem a mudança, em que pese a saída de uma área central para o então distante Butantã. Havia a expectativa e o entusiasmo gerados pelo projeto da nova FAU, apesar do ambiente reacionário e repressivo que respirava a Universidade e o país.

Em dezembro de 1966, ainda na FAU Maranhão, mas já discutindo o projeto de Artigas para a Cidade Universitária e o início das obras, o Diretor Pedro Moacyr A. Cruz escreve ao Diretor Executivo do FUNDUSP, Adalberto M. dos Santos, e informa claramente sobre a relação entre a Direção e os alunos, professores e funcionários naquele momento:

Sabe V. Exa que a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, na atual conjuntura, é uma mentira à *sã* política universitária. É uma Faculdade tumultuada, perdida, no meio da massa estudantil do bairro de Higienópolis. Difícil a sua administração eficiente. Praticamente impossível o seu disciplinamento: quer do corpo discente, quer do corpo docente, quer do corpo administrativo. Baixo rendimento didático, com reduzido número de admissões para uma despesa anual sempre crescente. Vivendo intensamente toda a vida da Faculdade, pois sou o seu professor catedrático mais antigo ainda em exercício, desde a minha primeira aula em agosto de 1948, sinto melhor, agora como seu Diretor, a absoluta inconveniência da permanência da faculdade aonde se encontra. É urgente o início das obras, para que se possa transferir, o mais breve possível, integralmente, toda a Faculdade.⁹⁰

⁹⁰ Ofício datado de 7 de dezembro de 1966, do Diretor Pedro Moacyr do Amaral Cruz ao diretor Executivo do FUNDUSP, Adalberto M. dos Santos, saudando o contrato lavrado para a edificação do edifício da Faculdade no campus do Butantã.

O edifício principal teve seu processo de tombamento aberto em abril de 1969, logo que a graduação da FAU-USP desocupou o prédio, e transcorreu ao longo da primeira metade da década seguinte, sendo efetivado em 1977. A necessidade de documentar o processo de tombamento, fez com que se pesquisasse extensivamente a história da Vila Penteadado, seu projeto e construção e o desenvolvimento de seu uso residencial e depois escolar. A pesquisa e a documentação foram organizadas pela Comissão de Atividades Extracurriculares da FAU (CAEC), um grupo multidisciplinar de professores e técnicos dos Laboratórios, de Programação Gráfica (LPG) de Modelos e ensaios (LAME) e Vídeo e Foto (LRAV). Esse momento possibilitou o início de um processo continuado de pesquisa e documentação do edifício da Vila Penteadado, para o qual este trabalho procura contribuir. “Ao recolher o material para proceder à informação do processo de tombamento, o trabalho evoluiu para a organização de uma comissão para o estudo do prédio e proposição de medidas visando sua conservação, valorização e uso e, de outro lado, constituição de um grupo de trabalho que desenvolvesse pesquisa histórica e documental, para apoio e informação do processo. Era a retomada de um projeto que nos havia sido sugerido por Lourival Gomes Machado em 1962, quando era Diretor da FAU e implantou a grande reforma modernizadora desta Faculdade”.

Dado que a obra representa um documento de uma etapa do desenvolvimento urbano de São Paulo e que possui características de projeto e execução que denotam elevada qualidade, e que salvo pequenas alterações resultantes da instalação da FAU, a obra apresenta sua integridade original, propomos o tombamento do prédio. O gradil ainda existente na face voltada à Rua Maranhão bem como o chafariz aí existente não podem ser desvinculados do conjunto. O mobiliário faz parte integrante do conjunto e deve ser tombado juntamente com o edifício.⁹¹

Capa do processo de tombamento da Vila Penteadado no CONDEPHAAT. Fonte: www.arquicultura.fau.usp.br.

91 Processo 8638/69, do CONDEPHAAT, aberto pela solicitação de Nestor Goulart Reis Filho, in OLIVEIRA, Claudia T. A.; SOARES, Isis S. R. Vila Penteadado: Histórico e Descrição Formal. Vila Penteadado 1902-2012. Pós-Graduação 40 Anos. São Paulo: FAU-USP, 2012. p. 276

Quanto aos anexos, de acordo com a documentação e imagens disponíveis no processo de tombamento do edifício, o bloco da cantina e o Ateliê permaneceram ainda de pé, sendo que um levantamento realizado em 1978 informa uma nova subdivisão do espaço interno do Ateliê, provavelmente abrigando funções administrativas, bastante repartido, com salas de variadas dimensões. Este levantamento simplificado, não registra a presença da varanda do Ateliê e tampouco das construções nos recuos laterais, ainda que as imagens e os documentos anexados ao processo de tombamento, solicitando autorização para a demolição destes anexos, no CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico), em março de 1988, confirmem a permanência do ateliê e do bloco da cantina naquela data.

A Demolição dos Anexos

A cantina durante a demolição.
Fonte: Acervo Osvaldo Gomes da Silva.

No início de 1988, o então diretor da FAU-USP, Ualfrido Del Carlo, solicita ao CONDEPHAAT uma vistoria no “galpão anexo” (certamente o Ateliê) pois o mesmo encontrava-se com as peças de madeira (os forros e sua estrutura de suporte) contaminada por cupins, colocando em risco o edifício principal. No mesmo documento é pedida também a autorização para a demolição da cantina, dos vestiários e da garagem, todos ocupando o recuo lateral da ala esquerda. Esta informação faz pressupor que o galpão da maquete tenha sido demolido anteriormente, pois não é citado neste documento. Sem dúvida, era o anexo que mais interferia no palacete dos Alvares Penteado, junto com o “degenerado” bloco da cantina, “construído [...] ao arpejo de todas as normas de preservação, de tombamento, e ambiência de bens tombados, ou mesmo de qualquer noção de equilíbrio com uma obra de arte como a que já constituía o edifício, muito antes do tombamento”, como relatou com precisão a secretária do Conselho, Thereza Katinsky de K. e Pielez, em março de 1988, no documento autorizando a demolição dos anexos.

Após a demolição, estes anexos foram praticamente esquecidos, com raras referências e informações a respeito em trabalhos sobre a FAU-USP e a Vila Penteado, seus espaços, sua história.

A demolição dos galpões e anexos, construídos ao longo dos anos, permitiu uma recuperação, ao menos plástica, da qualidade cênica dos recuos laterais e de fundo do prédio, de modo que este possa ser compreendido em toda sua integridade, em todas as fachadas, por seus usuários. [...] Ao final dos anos 90, uma reforma dos espaços livres, visando eliminar as marcas dos galpões destruídos deixadas nos pisos, introduzir vegetação nas laterais, criar vagas formais de estacionamento, foi parcialmente levada a efeito, seguindo um projeto dos professores Maria Franco e Silvio Macedo.⁹²

Há praticamente um consenso sobre a inadequação dos anexos erigidos nos recuos laterais da Vila, sobre o necessário caráter provisório que orientou sua execução, por constituírem-se coadjuvantes de uma obra ímpar, cuja plena fruição espacial externa já fora tão prejudicada pelo desdobro da quadra, num momento em que estas instalações já não eram necessárias para as atividades pedagógicas desenvolvidas o edifício.

Os sheds do Ateliê antes de sua demolição.
Fonte: www.arquicultura.fau.usp.br.

Vista da Vila Penteadó durante a reforma da cobertura. Notar as marcas da demolição do Ateliê.
Fonte: Acervo Osvaldo Gomes da Silva.

⁹² MACEDO, Silvio S. A Vila Penteadó. Significado Paisagístico. in. SAMPAIO, Maria R. de Amaral et al. Vila Penteadó 100 anos. São Paulo: FAU-USP, 2002.

Aspecto interno do Ateliê antes de sua demolição.
Fonte: www.arquitectura.fau.usp.br.

Detalhe dos pilaretes metálicos deteriorados da varanda do Ateliê.
Ao fundo vê-se a ponta do bloco da cantina.
Fonte: www.arquitectura.fau.usp.br.

Vista da fachada do ateliê antes de sua demolição. Fonte: www.arquitectura.fau.usp.br.

UM ANEXO PARA A PÓS-GRADUAÇÃO₃

A Pós-Graduação da FAU-USP na Vila Penteado

Com a saída do curso de Graduação para o edifício projetado por Artigas na Cidade Universitária, a Vila Penteado volta a ficar vazia, trinta anos depois do encerramento do seu ciclo residencial, quando ficou fechada por aproximadamente dez anos até a conclusão do processo de doação e o início das reformas que a adaptaram à sua nova função. Desta vez, o período com as portas e janelas fechadas será breve e a continuidade de sua efetiva utilização, apesar das dificuldades de manutenção e preservação que o edifício possui, irá assegurar novamente sua permanência. Mais do que isso, a sua nova função como sede de um curso consagrado à pesquisa e produção de conhecimento permitirá que o mesmo se constitua em um laboratório vivo, um canteiro experimental de restauro e preservação, contribuindo com sua existência material e com os aspectos imateriais que sua produção encerrou, um aprofundamento do conhecimento existente em relação ao edifício, à sua arquitetura, aos aspectos sócio-econômicos e culturais que o conformaram, juntamente com a história da própria Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. A partir desta nova condição, os estudos e investigações acerca da rica e complexa história e constituição do edifício são um continuado e crescente capítulo de sua existência.

A partir de 1973, o edifício passa a abrigar efetivamente a estrutura do Programa de Pós-Graduação da FAU-USP, autorizado a funcionar desde o ano anterior, iniciando assim o terceiro ciclo de sua existência. O curso de Pós-Graduação, mais aberto e flexível, com foco na pesquisa e produção científica, com dinâmicas, características didáticas e de utilização do edifício bastante distintas do curso de Graduação, sugere uma utilização adequada à sua escala, sendo referência, guardadas as proporções, o ambiente do curso na primeira metade dos anos 1950, de certo modo perdido com a dimensão atingida pela Graduação na década seguinte.

Os primeiros estudos de Pós-Graduação na USP acontecem no início dos anos 1940, com a regulamentação do Doutorado em algumas de suas unidades, estruturadas de modo autônomo e conformadas segundo as condições, necessidades e características de cada unidade. A partir do início da década de 1960, foram estabelecidos critérios e formas

gerais para o doutoramento na USP, e com a controversa Reforma Universitária em 1968, foram regulamentados pela legislação federal os mecanismos de institucionalização da Pós-Graduação no país, a partir de 1970, centrado nos cursos de Mestrado e Doutorado.

A Reforma Universitária de 1968 produziu efeitos paradoxais no ensino superior brasileiro. Por um lado, modernizou uma parte significativa das universidades federais e determinadas instituições estaduais e confessionais, que incorporaram gradualmente as modificações acadêmicas propostas pela Reforma. Criaram-se condições propícias para que determinadas instituições passassem a articular as atividades de ensino e de pesquisa, que até então – salvo raras exceções – estavam relativamente desconectadas. Aboliram-se as cátedras vitalícias, introduziu-se o regime departamental, institucionalizou-se a carreira acadêmica, a legislação pertinente acoplou o ingresso e a progressão docente à titulação acadêmica. Para atender a esse dispositivo, criou-se uma política nacional de pós-graduação, expressa nos planos nacionais de pós-graduação e conduzida de forma eficiente pelas agências de fomento do governo federal. Nos últimos 35 anos, a pós-graduação tornou-se um instrumento fundamental da renovação do ensino superior no país. Sua implantação impulsionou posteriormente um vigoroso programa de iniciação científica, que tem contribuído para articular pesquisa e ensino de graduação e impulsionado a formação de novas gerações de pesquisadores. [...] por outro lado, abriu condições para o surgimento de um ensino privado [...] a partir de estabelecimentos isolados, voltados para a mera transmissão de conhecimentos de cunho marcadamente profissionalizante e distanciados da atividade de pesquisa, que pouco contribuem com a formação de um horizonte intelectual crítico para a análise da sociedade brasileira e das transformações de nossa época.⁹³

93 MARTINS, Carlos B.. "A Reforma Universitária de 1968 e a Abertura para o Ensino Superior Privado no Brasil. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 106, jan./abr. 2009

A USP reformulou seu estatuto visando atender estas solicitações, e o curso de Mestrado veio complementar as possibilidades de aperfeiçoamento acadêmico, consolidando de modo sistemático as relações entre ensino e pesquisa, com procedimentos e requisitos determinados, possibilitando o desenvolvimento de carreiras acadêmicas. Em outubro de 1969, o então diretor da FAU-USP, Ariosto Mila, designa uma comissão para elaborar os regulamentos da Pós-Graduação da Faculdade. Nos estudos preliminares de avaliação da situação, a comissão conclui que naquele momento a Escola ainda não possuía as condições ideais para organizar seu curso de Pós-Graduação de acordo com as áreas de concentração de cada um dos departamentos que compõem sua estrutura de ensino (História, Projeto e Tecnologia) e assim, inicialmente, define-se uma única e abrangente área de concentração, capaz de absorver as diferentes linhas de pesquisas possíveis num curso de características multidisciplinares, recebendo a denominação de Estruturas Ambientais Urbanas. O regulamento foi aprovado pelo reitor, Prof. Dr. Miguel Reale, em abril de 1971, e em seguida a FAU-USP instala sua primeira Comissão de Pós-Graduação (CPG), incumbida do preparo da estrutura inicial do Mestrado, aprovando-a em julho de 1972, junto à Câmara de Pós-Graduação (CPGr) da Universidade de São Paulo, recebendo autorização para seu funcionamento em agosto do mesmo ano. Em 2 de maio de 1973 acontece a aula inaugural do Mestrado da FAU-USP no edifício da Vila Penteado. Ao longo desta década o curso será continuamente aperfeiçoado, passando por algumas reestruturações e adaptações. Pela qualidade e pioneirismo do curso, passou a receber alunos e pesquisadores de outras universidades, e apesar desta evidente conquista, devido ao fato de não ser credenciado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), seus títulos de Mestre eram válidos apenas dentro da própria Universidade de São Paulo. A importância crescente de seu Programa de Pós-Graduação, primeiro e durante muito tempo o único no país, o leva a receber o credenciamento do MEC em janeiro de 1982. Neste contexto, a partir do aprimoramento e consolidação do curso de Mestrado, em 1979 a CPG julga oportuna e necessária a criação do curso de Doutorado, possibilitando aos Mestres já formados estabelecerem uma carreira acadêmica, expandindo e aprofundando a excelência do Programa, e neste propósito, forma a comissão responsável por delinear seu

formato. O Doutorado na FAU-USP é aprovado pela CPG_r em março de 1980, recebendo o credenciamento do MEC em 1986.

Como visto, o uso do palacete para as atividades do Programa de Pós-Graduação coincidiu com a tramitação do processo de seu tombamento, pelo CONDEPHAAT, e neste período, as condições de preservação do edifício já demandavam atenção pelo intenso e amplo uso que proporcionou nos anos em que abrigou a Faculdade. Sem as condições necessárias para empreender o desejado restauro da Vila, após breve reforma, visando adequar seus ambientes à nova utilização, a estrutura do Programa foi sendo instalada gradualmente, ocupando inicialmente apenas parte das salas.

Os anexos tiveram neste período distintas funções. O galpão da “Maquete” foi abandonado, servindo eventualmente como depósito. O bloco da Cantina abrigou alguns ambientes utilizados pelos funcionários, como vestiário e copa, e no Ateliê, com sua planta livre subdividida, funcionou por algum tempo a ABEA (Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura). Os acontecimentos desta década são de fundamental importância na manutenção das condições de preservação da Vila Penteado. A convergência do processo de tombamento e da instalação de um centro de pesquisa com a Pós-Graduação, resultou na produção de cuidadosa pesquisa e documentação a respeito do edifício, para informar o processo, e ao mesmo tempo iniciar um contínuo trabalho de investigação tendo a Vila como objeto.

A reunião desta documentação de estudos críticos, técnicos e sócio-culturais, contribuiu para instruir o processo de tombamento e também para estabelecer a Vila como um organismo vivo de pesquisa, de caráter interdisciplinar, iniciando um caminho que vem sendo seguido e aperfeiçoado desde então e com o qual a presente pesquisa procura contribuir.

O material produzido e organizado é apresentado na importante exposição de 1976, registrada por meio do catálogo *Exposição Vila Penteado*⁹⁴, editado no mesmo ano. Uma vez mais na história da FAU-USP, o ensino e a pesquisa encontram-se solidamente imbricados com os edifícios que os acolhem.

Levantamento da Vila Penteado realizado na década de 1970, durante os trabalhos de pesquisa para o processo de tombamento e a exposição de 1976. Notar a nova divisão interna no Ateliê. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Catálogo da Exposição Vila Penteado, 1976.

⁹⁴HOMEM, Maria Cecília N.; Machado, Lucio G. (Coords.). *Exposição Vila Penteado*. São Paulo: FAU-USP, 1976.

O Projeto do Anexo para a Pós-Graduação

Any really great work has within it seminal forces capable of influencing subsequent development around it, and often in ways unconceived of by its creator.⁹⁵

Edmund Bacon

O anexo para a Pós-Graduação, de autoria de João Walter Toscano com a colaboração de Julio R. Katinsky, foi projetado em 1989, e destinava-se a abrigar laboratórios de restauro e conservação de imagens e papéis, arquivos, espaços administrativos, um auditório com espaço expositivo, apoios fundamentais para o curso de Pós-Graduação. O projeto, não construído, foi desenvolvido até a etapa de projeto executivo, com nove pranchas. Como o Atelier, tinha sua implantação na parte posterior do terreno, ocupando toda a faixa entre as divisas laterais, colado ao muro de arrimo do Edifício *Lausanne* (1958), projeto do arquiteto Adolf Franz Heep. O projeto implanta o anexo numa faixa escavada, conectada com o interior da Vila Penteado por meio de passagens técnicas subterrâneas, junto dos núcleos de circulação vertical que acedem ao porão. A entrada principal se faz sob uma marquise no pavimento térreo. O projeto colocase de modo simples e discreto ante a fachada principal da Vila Penteado, ecoando o estilo desta com uma proposta de forte expressão, caracterizada principalmente pela marquise de acesso em balanço, e pela grande viga de 40m. Esta peça estrutura os espaços do anexo por meio da luz natural, trabalhada de acordo com as necessidades específicas dos ambientes, desde a escada no saguão do auditório até os ambientes mais reclusos dos laboratórios. Novamente, a presença de uma estrutura marcante, agora uma grande viga de concreto, com 2m de altura, sustentando a cobertura e provendo os ambientes

⁹⁵ BACON, Edmund N. *Design of Cities*. London: Thames & Hudson, 1995. "Toda grande obra traz em si forças seminais capazes de influenciar o desenvolvimento subsequente de seu entorno, e frequentemente de modos inimaginados por seu criador" (Tradução nossa)

com iluminação zenital, caracteriza um espaço da Escola. Este aspecto recorrente permite relacionar os elementos da estruturação longitudinal utilizados nos dois casos: nos anos cinquenta, no ateliê, uma grande treliça metálica atravessava um espaço com características e aparência de edificação industrial, num momento em que a questão da industrialização da construção, de seus meios de produção, cada vez mais se incorpora na estruturação do ensino e pesquisa do projeto de arquitetura na Escola.

O Anexo da Pós-Graduação constrói e relaciona sua expressão com o edifício da Vila Penteado por meio de uma deliberada economia de recursos arquitetônicos, logrando com simplicidade e abstração um bonito e discreto contraponto ao prédio de Ekman. A cuidadosa implantação, suavizada por jardins e espelhos d'água e pela entrada principal rebaixada, desenvolvem uma delicada relação com o palacete floreal de Carlos Ekman e além de abrigar equipamentos fundamentais para o ensino e pesquisa, transforma o recuo dos fundos, até hoje usado apenas como estacionamento, em um novo ambiente externo de evidente qualidade, um estar ao ar livre, restituindo parte da importância subtraída da elegante fachada principal do palacete, um privilegiado elemento da composição deste espaço. No “fosso” criado entre a antiga frente da Vila Penteado e os altos edifícios que a circundam, a cobertura deste anexo atua como uma quinta fachada, acomodando dignamente o edifício original num peculiar trabalho com a paisagem disponível. Distintamente do ritmo contínuo e modulado que o Ateliê contrapunha à fachada principal da Vila, há uma relação de assimetria que o projeto propõe face à sua “simetria díspar”: dispõe a entrada principal, envidraçada, no canto a nordeste, sob uma marquise metálica, criando um espaço coberto para o acolhimento de quem chega, já rebaixado por alguns degraus, em relação ao piso externo.

Simbolicamente, a proposta sinaliza a importância dos trabalhos de pesquisa e documentação, dotando a Vila Penteado de espaços que tanto carece, como um auditório adequado para defesas, palestras e apresentações, um espaço expositivo e os laboratórios de restauro de imagens e papeis, fundamentais para a manutenção do importante acervo de livros, imagens e projetos mantidos sob os cuidados e responsabilidade da FAU-USP.

Implantação do anexo na Vila Penteados projetado por João Walter Toscano para a Pós-Graduação, FAU-USP, 1989. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Planta do subsolo. Anexo na Vila Penteado projetado por João Walter Toscano para a Pós-Graduação, FAU-USP, 1989. Fonte: Acervo SEF (Superintendência do Espaço Físico da USP).

Corte longitudinal. Anexo na Vila Penteadão projetado por João Walter Toscano para a Pós-Graduação, FAU-USP, 1989. Fonte: Acervo SEF (Superintendência do Espaço Físico da USP).

Corte transversal pelo auditório. Anexo na Vila Penteadão projetado por João Walter Toscano para a Pós-Graduação, FAU-USP, 1989. Fonte: Acervo SEF (Superintendência do Espaço Físico da USP).

Corte transversal pelos laboratórios e uma das conexões com a Vila Penteadão. Anexo projetado por João Walter Toscano para a Pós-Graduação, FAU-USP, 1989. Fonte: Acervo SEF (Superintendência do Espaço Físico da USP).

Elevação frontal. Anexo na Vila Penteado projetado por João Walter Toscano para a Pós-Graduação, FAU-USP, 1989. Fonte: Acervo SEF (Superintendência do Espaço Físico da USP).

Elevação posterior. Anexo na Vila Penteado projetado por João Walter Toscano para a Pós-Graduação, FAU-USP, 1989. Fonte: Acervo SEF (Superintendência do Espaço Físico da USP).

Elevações laterais. Anexo na Vila Penteado projetado por João Walter Toscano para a Pós-Graduação, FAU-USP, 1989. Fonte: Acervo SEF (Superintendência do Espaço Físico da USP).

Modelo original apresentado pelo arquiteto, pertencente ao acervo do LAME, FAU-USP. (Fotos do autor)

PARTE II

OS ANEXOS DA FAU-USP NO EDIFÍCIO VILANOVA ARTIGAS

A FAU DE VILANOVA ARTIGAS

A Cidade Universitária e o “Corredor das Humanas”

Um dos planos iniciais para a Cidade Universitária da USP.
Fonte: www.acervo.estadao.com.br

Vista da região onde foi instalada a Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira.
Fonte: Acervo Instituto Butantan.

A criação da Universidade de São Paulo em 1934, além dos propósitos previamente comentados, também buscava, inclusive com previsão no estatuto de sua criação, a *Integração Universitária*, a ser proporcionada pelo convívio de seus estudantes e professores, criando um *Espírito Universitário*, onde a transmissão e troca de conhecimentos não se daria apenas dentro de cada instituição, mas também pelo intercâmbio mais amplo e intenso nas relações entre as distintas unidades que este agrupamento poderia incrementar, tendo como esteio desta Universidade a Faculdade de Filosofia. Este propósito, imaginava-se, seria conseguido de modo mais efetivo com a criação de uma Cidade Universitária.

Com este objetivo, em 1935 uma comissão foi criada pelo Reitor Reynaldo Porchat para realizar uma avaliação dos possíveis locais de implantação da Cidade Universitária, e os estudos preliminares partem da decisão de desenvolver o campus da USP junto de alguma das unidades já existentes e que foram incorporadas a ela. Nestas condições, a Escola de Medicina, situada no espigão que separa as bacias dos rios Pinheiros e Tietê, na Av. Dr. Arnaldo, apresentava melhores condições pois situava-se em área com mais disponibilidade de terrenos adequados, contrariamente à Escola Politécnica e a Faculdade de Direito, por exemplo, instaladas em locais de urbanização mais antiga, sem áreas extensas necessárias à envergadura do empreendimento e com preços mais altos. Uma idéia inicial propôs instalar o campus em uma larga faixa, a partir da Faculdade de Medicina, descendo em direção ao rio Pinheiros e estendendo-se até o Instituto Butantan, na margem oposta, instalado no local desde 1901. As dificuldades financeiras e técnicas para a apropriação de uma área tão grande foram consideradas incontornáveis e a área destinada de fato à implantação do campus se restringiu ao trecho disponível além do rio Pinheiros. Assim, em 1943, por meio da Secretaria de Viação e Obras Públicas, foi apresentado um plano de implantação do *campus*, ocupando a área desmembrada da Fazenda Butantan, onde se localizava o Instituto. O plano inicial é revisto e alterado inúmeras vezes e praticamente um outro projeto é aprovado em 1949, quando instituída a Comissão da Cidade Universitária da USP. Ao longo de duas décadas, várias proposições e revisões são feitas, sem que as sucessivas administrações e comissões encarregadas de sua realização lograssem a implementação

dos planos por completo. Entre os anos de 1935 e 1955, foram propostos cerca de 10 anteprojetos para a Cidade Universitária. As obras de infraestrutura, os espaços e edifícios que integrarão o *Campus* começam a ser desenvolvidos e executados no início da década de 1950, no governo de Lucas Nogueira Garcez, a partir da obtenção de financiamento do Governo Federal para o início das obras, com os necessários serviços como terraplanagem e arruamento. No entanto, uma efetiva ocupação da Cidade Universitária acontecerá principalmente ao longo das décadas de 1960 e 1970. Entre 1959 e 1963, durante o governo de Carvalho Pinto, estas obras são alavancadas por seu Plano de Ação do Governo Estadual (PAGE), e os edifícios de várias unidades começam finalmente a sair do papel.

Após a seqüência de planos gerais realizados para a Cidade Universitária ao longo dos anos 1940, os primeiros projetos de cunho marcadamente moderno para edifícios do campus são realizados por Rino Levi entre 1952/53, ao desenhar o Centro Cívico e o Conjunto Residencial dos Estudantes, e posteriormente, o projeto de um Centro Social (1961/63). Os projetos no entanto não foram construídos, e apenas a Torre do Relógio, do conjunto do Centro Cívico foi realizada, já na década de 1970, em frente da Reitoria.

Entre 1955 e 1959 o Escritório de Engenharia e Arquitetura da Comissão da Cidade Universitária de São Paulo é assumido pelo arquiteto Helio Duarte, e em 1956 conduz o replanejamento do *Campus*, com a colaboração do arquiteto Paulo de Camargo e Almeida. Neste novo plano, se introduz a idéia da criação de um *Core* para a Cidade Universitária, um conceito debatido a partir das proposições apresentadas no VIII Congresso dos CIAM, realizado em 1951 na Inglaterra, cujo tema central foi a humanização das cidades. O conceito de *Core* buscava articular as variadas funções urbanas a um espaço físico determinado, polivalente social e culturalmente, capaz de proporcionar à comunidade um lugar onde “encontram assento os sentimentos humanos mais elevados e mais necessários para a plenitude de uma arquitetura em busca de um novo humanismo.” É importante observar que as discussões sobre o *Core*, havidas no VIII Congresso, tinham como origem uma reflexão sobre os centros históricos europeus, um contexto bastante distinto de uma Cidade Universitária em construção, num país da América Latina.

Vista da Cidade Universitária em obras, com o conjunto de blocos do CRUSP e a Reitoria ao fundo.
Fonte: www.crusp68.org

A Cidade Universitária da USP em obras, mostrando o edifício da Reitoria, projeto de José Maria da S. Neves, década de 1950.
Fonte: Arquivo Folha de São Paulo.

Perspectiva do *Core* da Cidade Universitário projetado por Oswaldo Arthur Bratke, 1962/63.
Fonte: SEGAWA, Hugo; DOURADO, Guilherme M. Oswaldo Arthur Bratke.

Implantação do *Core* da Cidade Universitário projetado por Oswaldo Arthur Bratke, 1962/63.
Fonte: SEGAWA, Hugo; DOURADO, Guilherme M. Oswaldo Arthur Bratke.

Os estudos para o *Core* da USP foram realizados pelo arquiteto Oswaldo Arthur Bratke em 1962/63. O programa, elaborado pelo crítico de arte Mario Pedrosa, consistia no conjunto formado pela Reitoria, Conselho Universitário e a Aula Magna, juntamente com a Biblioteca Central e o Museu. Pedrosa lembra no memorial a importância de que este conceito de *Core* seja pensado especificamente para a Cidade Universitária, e não para uma cidade convencional, e complementa:

Todo o seu espaço é constituído de vazios e cheios, como uma escala arquitetônica, para destacar ou articular as atividades formativas do centro comunitário. É que esse não é definido nem vitalizado por mera relação de volumes no espaço fechado, ou apenas materialmente definido pelos edifícios físicos ali erigidos. É, antes, pela inter-relação dinâmica das atividades, que se devem exprimir nas formas arquitetônicas, nos espaços intervalares interiores, nas perspectivas com que se defrontam, nas finalidades a que se destinam. Não se quer dizer, porém, com isso que todas essas atividades se definem pelas simples formas arquitetônicas individuais e isoladas, como símbolos estáticos, que acabam se convencionalizando, mas pelo diálogo permanente de umas com outras, de modo que a área, em conjunto, exprima uma totalidade dinâmica no espaço, dentro da qual cada elemento se afirme sem violar-se, se integre sem sumir-se.⁹⁶

Nesta nova planificação, além da idéia do *Core*, a equipe do escritório técnico do Fundo de Construção da Cidade Universitária propõe um sistema viário mais racional, procurando também suavizar a monumentalidade do plano inicialmente aprovado, e revisa a implantação dos edifícios, desestimulando prédios muito isolados. Nesta outra disposição física dos espaços do campus, a Integração Universitária que se pretendia realizar por meio da Faculdade de Filosofia, dá lugar a um agrupamento das unidades por setores do

⁹⁶ PEDROSA, Mario. "Parecer sobre o core da Cidade Universitária", 1962. in Oswaldo Arthur Bratke, Hugo Segawa e Guilherme Mazza Dourado, Pro Editores, São Paulo, 1997.

conhecimento, mais próximos da área central, com menos espaços vazios, procurando priorizar a escala peatonal sobre o transporte motorizado, diversamente do plano anterior. A relativa estabilidade na gestão e condução dos trabalhos durante o governo de Carvalho Pinto (1959/1963), aliada à alta qualidade e experiência da equipe encabeçada por Helio Duarte, cria as condições para a implementação de uma experiência inovadora, trazendo arquitetos ligados à experiência da Arquitetura Moderna em São Paulo para discutir os espaços da Universidade e projetar seus edifícios.

O impulso desenvolvimentista do PAGE, financiado pelo Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (IPESP), investindo pesadamente em planejamento, projetos e obras de infraestrutura e equipamentos públicos e urbanos em todo o estado, demandou uma considerável equipe multidisciplinar, tendo nos quadros técnicos da USP uma colaboração significativa. Os investimentos foram direcionados para a implantação destas melhorias sobretudo em cidades no interior, visando um maior equilíbrio e desenvolvimento do Estado de São Paulo, numa época em que havia um grande descompasso entre os avanços e o progresso verificados na capital e a situação constatada na maioria das cidades do interior. Foram propostos e realizados serviços básicos de saneamento e de infraestrutura urbana, serviços de água e esgoto, edifícios Públicos para a Justiça, Segurança, Educação e Saúde. Obras de infraestrutura de transporte, como ferrovias, rodovias e pontes; obras de infraestrutura energética com a construção de usinashidrelétricas. No âmbito da educação, juntamente com as Escolas Primárias e Secundárias, o Plano de Ação viabilizou a construção de várias unidades e equipamentos para a Cidade Universitária da USP no Butantã. Institucionalmente, incentivou a pesquisa por meio da criação de um órgão de fomento, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) em 1960.

Neste quadro, as obras da Cidade Universitária foram definidas como prioritárias e puderam ter a continuidade e as verbas até então escassas e intermitentes. Muitos arquitetos ligados à FAU-USP e ao IAB-SP participaram do Grupo de Planejamento dirigido por Plínio de Arruda Sampaio e tiveram a oportunidade de conduzir uma significativa produção arquitetônica balizada pelas posições construídas pela arquitetura moderna em São Paulo,

Plínio de Arruda Sampaio, coordenador do Plano de Ação do Governo do Estado (PAGE), na gestão de Carvalho Pinto.
Fonte: www.noticias.r7.com

Edifício da Escola de Minas e Metalurgia da Politécnica da USP, 1960/67.

Fonte: SEGAWA, Hugo; DOURADO, Guilherme M. Oswaldo Arthur Bratke.

Vista do prédio da Faculdade de História. Projeto de Eduardo Corona.

Fonte: XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. Arquitetura Moderna Paulistana.

Conjunto residencial para os estudantes da USP, 1953. Projeto de Rino Levi.

Fonte: Acervo Rino Levi

demonstrando o nível de seu desenvolvimento artístico e técnico. Sob estas condições favoráveis, foram concebidos para a Cidade Universitária, alguns projetos de singular importância no desenvolvimento da arquitetura paulista, no entanto apenas uma pequena parte destes projetos foi realizada.

Igualmente importante teria sido o conjunto de projetos para a Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira. Infelizmente uma parcela pequena desses edifícios foi construída conforme os projetos contratados pelo Plano de Ação. Caso essas obras tivessem sido executadas, seria um dos mais ricos acervos de obras brutalistas. Além dos edifícios construídos, parcial ou completamente: o setor residencial de Eduardo Kneese de Mello; a área esportiva de Ícaro de Castro Mello; as Escolas de Minas e Metalurgia de Oswaldo Arthur Bratke; o departamento de História e Geografia de Eduardo Corona e a FAU de Vilanova Artigas, integrariam esse patrimônio: o Centro Cultural de Oswaldo Arthur Bratke; o Centro de Convivência Social de Rino Levi; a Eletrotécnica de Fábio Pentead e os quatro projetos dos departamentos da FFCHL: Letras - Carlos Millan; Sociologia, Antropologia, Economia Política e História das Doutrinas - Paulo Mendes da Rocha; Geologia, Paleontologia, Mineralogia e Petrologia - Pedro Paulo de Mello Saraiva; e Matemática - Joaquim Guedes, todos professores da FAU. Apesar de inseridos em um campus isolado e afastado da dinâmica metropolitana, cada um desses projetos era um ensaio sobre as possibilidades da arquitetura para a construção do espaço urbano.⁹⁷

Dos projetos arquitetônicos modernos que chegaram a ser construídos no *campus*, listados por Monica Junqueira de Camargo, a grande maioria teve algo de suas configurações originais alteradas, com maior ou menor intensidade, tanto durante a fase de

⁹⁷ CAMARGO, Monica Junqueira de. Conexões Brutalistas Paulistas. X Seminário Docomomo Brasil. Curitiba, 2013.

elaboração, por questões orçamentárias, técnicas, administrativas ou políticas, quanto ao longo de sua utilização, pela dinâmica e transformações das atividades que abrigam.

O caso do CRUSP (Conjunto Residencial da USP), no entanto, destoa muito desta situação. Projetado em 1961, previa a utilização extensiva de elementos industrializados nos doze blocos planejados, cada um com seis andares e dez unidades por andar, abrigando três estudantes em cada uma destas unidades. É um projeto que utilizou elegantemente o repertório formal da arquitetura moderna, o uso de *pilotis*, modulação, utilização de elementos cromáticos, o alinhamento “em pente” dos blocos alternados, conectados por uma passarela coberta que atravessa o conjunto de edifícios, criando espaços verdes de convivência e lazer entre eles. O detalhamento das unidades, mobiliário e equipamentos foi pensado com extremo cuidado pelos arquitetos. O CRUSP sofreu ao longo de sua história os mais diversos tipos de violência. Pensado como construção utilizando elementos pré-fabricados, teve metade dos seus 12 prédios levantados por meio de sistemas construtivos convencionais, para atender ao prazo vinculado à realização dos Jogos Pan-Americanos de 1963, para os quais se determinou que o Conjunto Residencial funcionaria como alojamento dos atletas. As alterações promovidas pelas administrações da USP após o Golpe Militar continuaram a minar o projeto. Dos seis edifícios que restavam por ser finalizados, apenas dois foram direcionados à sua função primordial de habitação estudantil. Os dois blocos centrais foram demolidos para permitir a criação de um eixo, com alguma monumentalidade, em direção à Praça do Relógio e à Reitoria, e os dois blocos que ficaram isolados dos demais pela demolição, foram ocupados com funções burocráticas da Universidade. No final da década de 1960 e ao longo da seguinte, muito ligado ao Movimento Estudantil, o CRUSP foi diversas vezes invadido pelo Exército e a Polícia Militar por motivos políticos. Neste período, os espaços livres entre os blocos foram ocupados por construções abrigando serviços e usos administrativos. Por fim, desapareceram parte dos espaços livres no térreo, com os *pilotis*, e toda a elaborada fachada de elementos industrializados, sem a manutenção adequada e necessária, foi substituída por panos de alvenaria e janelas de alumínio, e as cores antes presentes nos painéis de vedação, deram lugar à pintura das alvenarias, descaracterizando completamente o conjunto.

Vista de um dos blocos do CRUSP com a passarela coberta de ligação entre os edifícios.
Fonte: Acervo Paulo Negrão.

Policiais reunidos em uma das invasões do CRUSP.
Fonte: Acervo Paulo Negrão.

Implantação e cortes dos edifícios do “Corredor das Humanas”.
Fonte: O Corredor das Humanas - A Poesia que Poderia ter Sido e que não foi. GFAU, 2009.

Vista do terreno onde seria implantado o Corredor das Humanas. Em primeiro plano o edifício da História e Geografia, e ao fundo, atrás das árvores, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
Fonte: www.arquitetonica.com

Dentre os projetos que não chegaram a ser construídos, estão alguns dos edifícios que foram pensados para o *Corredor das Humanas*, “um projeto moderno para a Cidade Universitária, elaborado na década de 1960, no período de efervescência cultural e política que antecedeu o golpe de 1964, articulava as unidades da então FFCL (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) dentro de um grande eixo estruturado, que reuniria todos os prédios das “humanidades”, as faculdades seriam integradas pelos grandes vãos, que atravessaria e ligaria todos os prédios.”⁹⁸

A criação deste novo eixo estruturador para a Cidade Universitária retoma, potenciada, uma das idéias centrais da criação da Universidade de São Paulo, a de organizá-la a partir da Faculdade de Filosofia. Distintas disciplinas e saberes seriam integrados pelos espaços generosos e democráticos, possibilitando um caminho que, atravessando-os, conectaria todos os prédios. A Universidade era aqui pensada como um espaço de liberdade, e estes edifícios tinham franco acesso aos seus pavimentos térreos, onde seriam dispostos os elementos públicos, como bibliotecas, teatros, museus, grêmios estudantis e áreas livres para serem ocupadas e transformadas com a realização de atos, assembléias, festas, debates e o que mais a própria comunidade universitária desejasse; sem barreiras entre as atividades, entre as áreas do conhecimento, em espaços amplos e abertos a todos, contra a fragmentação do ensino, resgatando outro dos atributos iniciais exaltados no estatuto de criação da USP, a *Integração Universitária*.

Pedro Paulo de Melo Saraiva relata o ambiente de euforia e entusiasmo em que se encontrava o meio profissional, naquele momento, em São Paulo, e comenta a influência de Brasília, com os seus edifícios soltos, suas colunas e apoios trabalhados plasticamente:

Foi uma época muito rica, era um projeto por mês, era uma loucura. A gente estava fazendo esses projetos no meio de um turbilhão, Brasília sendo feita, sendo executada. [...] O *Corredor das Humanas* foi quase uma continuidade da construção de Brasília, coincide exatamente

⁹⁸Editorial. Corredor das Humanas – A Poesia Que Poderia Ter Sido e Que Não Foi. São Paulo: GFAU, 2009.

com a inauguração. Mas tem uma característica diferente, depois foi alcunhado, vamos falar assim, de Brutalismo Paulista. Mas era, mais ou menos, a mesma arquitetura que a gente estava usando. Aquelas idéias do Reidy, do Lucio, todos cariocas, que a gente retomou dentro de uma visão política e de espaços públicos, espaços sociais.⁹⁹

A proposta constituiu uma experiência consonante com os anseios de integração e humanização dos espaços da CUASO, já expressos nos projetos de Rino Levi da década anterior e bastante influenciada pela construção de Brasília e pela implantação da Universidade de Brasília, a UNB, cujo projeto simbolicamente foi “[...] entregue no dia inauguração [...] o primeiro ato assinado pelo presidente na nova capital”¹⁰⁰, compartilhando o compromisso de renovação do ensino universitário brasileiro, de acordo com os ideais pedagógicos e institucionais de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, e da proposta arquitetônica inovadora e ousada de Oscar Niemeyer para o edifício do ICC, o Instituto Central de Ciências, na UnB.

Formavam o “Corredor das Humanas” as seguintes unidades: Geografia e História, de Eduardo Corona; Letras, de Carlos B. Millan; Geologia, de Pedro P. de Melo Saraiva; Filosofia e Sociologia, de Paulo Mendes da Rocha; Arquitetura e Urbanismo, de Vilanova Artigas; e Matemática, de Joaquim Guedes. Apenas os edifícios da História e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo foram construídos, assim mesmo com algumas alterações em relação a seus projetos iniciais. Os edifícios de Carlos Millan e Paulo Mendes da Rocha tiveram suas fundações executadas, mas as obras foram abortadas a partir do fechamento político da USP, após o Golpe Militar, em 1964. O projeto do “Corredor das Humanas” foi desenvolvido sob a direção do arquiteto carioca Paulo de Camargo e Almeida, agora junto do Fundo de Construção da Universidade de São Paulo, o FUNDUSP, sucedâneo do Escritório Técnico conduzido por Helio Duarte, mais aparelhado, contando com maior número de profissionais e verbas disponíveis, inclusive para a contratação de arquitetos de

Edifício do Instituto Central de Ciências (ICC) projetado por Oscar Niemeyer para a Universidade de Brasília. Fonte: www.unb.br

Edifício da História e Geografia. Projeto de Eduardo Corona. Fonte: XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. *Arquitetura Moderna Paulistana*.

Edifício da Faculdade de Filosofia. Projeto de Carlos Millan. Fonte: *O Corredor das Humanas - A Poesia que Poderia ter Sido e que não foi*. GFAU, 2009.

⁹⁹ Entrevista com Pedro Paulo de Melo Saraiva. *Corredor das Humanas – A Poesia Que Poderia Ter Sido e Que Não Foi*. São Paulo: GFAU, 2009.

¹⁰⁰ http://www.unb.br/unb/historia/linha_do_tempo/60/index.php

Corte do prédio para a Faculdade de Geologia. Projeto de Pedro P. M. Saraiva. Fonte: *O Corredor das Humanas - A Poesia que Poderia ter Sido e que não foi*. GFAU, 2009.

Modelo do edifício da Faculdade de Filosofia e Sociologia. Projeto de Paulo Mendes da Rocha. Fonte: *O Corredor das Humanas - A Poesia que Poderia ter Sido e que não foi*. GFAU, 2009.

Modelo do edifício da FAU-USP. Projeto de Vilanova Artigas. Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Modelo do edifício do Instituto de Matemática e Estatística. Projeto de Joaquim Guedes. Fonte: CAMARGO, Monica Junqueira de. Joaquim Guedes, 2000.

fora do seu quadro de funcionários, e estabilidade administrativa, fato raro ao longo do histórico de planos feitos e refeitos para o campus da Cidade Universitária.

Pensar o edifício desenhado para a FAU-USP por Vilanova Artigas como gerador de uma possível idéia de anexo, de ampliação, remete necessariamente à abortada experiência do *Corredor das Humanas*, pois no conceito fundador do edifício está embutida a idéia desta continuidade.

Por sua relevância na criação e estruturação da Escola, pela importância e dimensão de sua obra, e sua estatura no meio profissional de então, o projeto da Faculdade de Arquitetura, naquele momento, só poderia ser feito por Vilanova Artigas. Segundo o depoimento do arquiteto Pedro Paulo de Melo Saraiva, na publicação que homenageou este singular momento da arquitetura e do ensino no país, *Corredor das Humanas - A Poesia que Poderia Ter Sido e que não Foi*, seguindo as novas diretrizes para a construção do Campus e de seus edifícios, Paulo de Camargo e Almeida convidou o arquiteto Ícaro de Castro Mello para indicar os profissionais que colaborariam com o plano, observando a importância do projeto da Faculdade de Arquitetura ser entregue à Vilanova Artigas:

[...] porque aconteceu o seguinte evento que hoje só eu posso testemunhar, eu acho que o Paulo Mendes não estava nesse dia, estavam o Eduardo Corona e o Millan. Nós chegamos para o Paulo Camargo e para o Ícaro de Castro Mello e demos uma “prensa” porque eles não queriam dar a Faculdade de Arquitetura para o Artigas. [...] e dissemos: olha, a gente só vê um cara para fazer a arquitetura, que é o Artigas, que é o cara que tem uma proposta de ensino. Porque ele já estava pensando na famosa reforma da FAU de 1962. [...] A idéia era realmente ligar as seis Escolas [...] Nós inclusive fizemos a revisão do plano da Cidade Universitária, simplificando o plano que foi feito para o Campus¹⁰¹

101 Entrevista com Pedro Paulo de Melo Saraiva. *Corredor das Humanas – A Poesia Que Poderia Ter Sido e Que Não Foi*. São Paulo: GFAU, 2009.

Luiz Inácio de Anhaia Mello, que contava com muito prestígio na Universidade de São Paulo, também fazia parte do Grupo de Planejamento da CUASO e, sendo bastante próximo de Artigas, que fora seu assistente na Escola Politécnica e ativo parceiro na criação da Escola, certamente concorreu para sua indicação a este importante encargo.

A FAU de Vilanova Artigas

O edifício da Cidade Universitária, ocupado pela Escola a partir de 1969, foi projetado por Vilanova Artigas com a colaboração de Carlos Cascaldi¹⁰² a partir de 1961, é obra da maior relevância na história da arquitetura. Um edifício que sintetiza visceralmente, na definição e organização de seus espaços, uma proposta de ensino da arquitetura. O projeto deste novo edifício começa a tomar forma, conceitualmente, alguns anos antes de sua proposição como desenho, como projeto de arquitetura. Como visto, a partir da reflexão crítica sobre as estruturas e as condições do ensino na FAU-USP, conduzida por professores e alunos a partir da segunda metade da década de 1950, inicia-se a proposição de uma reorganização curricular, convergente com a prática disciplinar, buscando sintetizar o complexo processo de produção da arquitetura, estruturado na idéia do Ateliê.

Suas características principais são a adoção de um partido estrutural ousado como definidor da forma, o largo emprego do concreto armado ou protendido, a volumetria compacta encimada por uma cobertura iluminante, a predominância de empenas cegas, obstruindo uma

¹⁰² Carlos Cascaldi (1918-2010), arquiteto, estudou na Escola Politécnica entre 1940 e 1944. Foi sócio de Vilanova Artigas por mais de vinte anos, com algumas interrupções neste intervalo, iniciando esta parceria logo após se formar. Por seu intermédio, o escritório que dividia com Artigas realizou importantes obras em Londrina, no Paraná, entre as décadas de 1940 e 1950. Cascaldi colaborou nos mais significativos trabalhos realizados por Vilanova Artigas, inclusive o edifício da FAU-USP. Por conta da situação política enfrentada por Artigas a partir de 1964, precisou deixar o escritório. Dedicou-se também ao magistério, lecionando na Escola de Engenharia de São Carlos, da USP e na Faculdade de Arquitetura do Mackenzie.

Vista da fachada principal da FAU-USP.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Vista do vazio do Salão Caramelo desde o fosso do auditório.

Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Oswaldo Correa Gonçalves, Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, em frente ao edifício do IAB-SP. Gonçalves é o destinatário da importante carta de Artigas, de dezembro de 1946, transcrita na p. 49.

Fonte: FERRAZ, Marcelo C. Vilanova Artigas, 1997.

Vista da FAU-USP desde a parte mais alta da rua do lago. Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

Edifício Vilanova Artigas, sala de aula, década de 1970. Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

Vista do Ateliê Interdepartamental.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

Edifício Vilanova Artigas, vista do peristilo. Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

Vista externa do Edifício Vilanova Artigas.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

Residência Czapski.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

Residência Telmo Porto.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

Corte da Residência Martirani.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

relação mais franca entre o interior e o exterior do edifício, e a ênfase na criação de uma espacialidade interna contínua. Espacialidade esta, balizada por pátios, jardins ou grandes vazios capazes de trazer atributos “paisagísticos” dos espaços externos para o interior das construções. Sua mais perfeita e importante realização, como não poderia deixar de ser, é o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU), projetado por Artigas em 1961. Um edifício que expressa não apenas uma determinada visão da arquitetura, como também uma firme concepção de ensino, entendido como um saber partilhado entre muitos, e necessariamente interdisciplinar.¹⁰³

A proposta de Artigas para o prédio da FAU-USP também é fruto das experiências espaciais realizadas anteriormente em projetos residenciais, conduzidos e depurados pelo arquiteto ao longo da década de 1950. Residências como a casa Czapski (1949), a segunda casa do arquiteto (1949) e a casa D’Estefani (1950), iniciam um percurso investigativo sobre recursos arquitetônicos que Artigas passa a empregar com frequência em seus projetos, como a continuidade espacial, a idéia corbusiana da *promenade architecturale*, explorada por meio de rampas e amplas relações visuais entre as partes que compõem o projeto; a estrutura como essência e afirmação desta arquitetura; os materiais usados em seu estado bruto, sem revestimentos ou acabamentos dos quais poderia prescindir; a utilização de pátios qualificando e relacionando seus espaços e volumes internos. O aperfeiçoamento e desenvolvimento deste repertório e dos conceitos que o orientam atinge um novo patamar com as residências Taques Bitencourt (1959) e Ivo Viterito (1962). As investigações de Artigas continuam em projetos realizados com a obra da FAU-USP em andamento e mesmo depois de concluída, como nos casos das residências Telmo Porto (1968), Martirani (1969), Jorge Edney Atalla (1971, não construída) e a casa Niclewicz (1978).

¹⁰³ ARTIGAS, João B. V. Guilherme Wisnik, Kenneth Frampton, J.B. Vilanova Artigas. 2G, 54, número monográfico. Gustavo Gili, 2010.

Segundo Wisnik, numa descrição aplicável perfeitamente ao prédio da FAU, é

[...] numa casa de 1962, a Ivo Viterito, que Artigas considera ter atingido a síntese do que deva ser a “solução da casa paulistana”. Mas desde a Casa Baeta, de 1956, é possível reconhecer o “tema” sobre o qual Artigas fará suas variações: uma grande cobertura que acolhe todo o programa de usos. Em si, a cobertura é a representação do ato elementar de abrigar-se - já é a própria solução do habitar enquanto necessidade humana. Sob si, a cobertura-abrigo permite que se articulem os espaços com certa autonomia e liberdade de invenção.¹⁰⁴

Estas relações entre os projetos residenciais e as experiências espaciais levadas para projetos de maior porte e distintos programas, demonstra mais uma vez o decantado papel que o projeto de residências unifamiliares tem, para muitos arquitetos, como um campo de experimentação possível e polivalente.

Também as escolas projetadas por Vilanova Artigas, muitas delas desenhadas concomitantemente com o projeto para a FAU-USP, conduzem parte desta experiência. Em obras como os Ginásios de Itanhaém (1959) e de Guarulhos (1960), o Colégio 12 de Outubro e o Ginásio de Utinga (1962), Artigas trabalha estas mesmas disposições arquitetônicas e espaciais.

Este conjunto de projetos de Vilanova Artigas se insere no que se convencionou chamar, de modo não de todo aceito por seus representantes e por alguns críticos de “Brutalismo Paulista”.

O prédio da FAU, como proposta arquitetônica, defende a tese da continuidade espacial. Seus seis pavimentos são ligados por rampas

Residência Taques Bittencourt.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

Residência Ivo Viterito.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

Ginásio de Itanhaém.
Fonte: FERRAZ, Marcelo C. Vilanova Artigas, 1997.

¹⁰⁴ARTIGAS, João B. V. Guilherme Wisnik, Kenneth Frampton, J.B. Vilanova Artigas. 2G, 54, número monográfico. Gustavo Gili, 2010.

Ginásio de Guarulhos.
Fonte: FERRAZ, Marcelo C. Vilanova Artigas, 1997.

Ginásio de Utinga.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

suaves e amplas, em desníveis que procuram dar a sensação de um só plano. Há uma interligação física contínua em todo o prédio. O espaço é aberto e as divisões e os andares praticamente não o seccionam, mas simplesmente lhe dão mais função. É uma Escola de acabamento simples, modesto como convém à uma Escola de arquitetos, que é também um laboratório de ensaios. A sensação de generosidade espacial que sua estrutura permite aumenta o grau de convivência, de encontros, de comunicação. Quem der um grito dentro do prédio sentirá a responsabilidade de haver interferido em todo o ambiente. Aí, o indivíduo se instrui, se urbaniza, ganha espírito de equipe. O concreto utilizado não é só uma solução mais econômica, como corresponde à necessidade de encontrarem meios de expressão artística, lançando mão da estrutura do edifício, sua parte mais digna. A estrutura, para o arquiteto, não deve desempenhar o papel humilde de esqueleto, mas exprimir a graça com que os novos materiais permitem dominar as formas cósmicas, com elegância de vãos maiores, de formas leves. Este prédio acrisola os santos ideais de então: pensei-o como a especialização da democracia, em espaços dignos, sem portas de entrada, porque o queria como um templo, onde todas as atividades são lícitas.¹⁰⁵

Um aspecto interpretativo que este estudo permitiu delinear, diz respeito à uma possível influência dos espaços e ambientes da Vila Penteado na concepção de alguns elementos presentes no projeto de Vilanova Artigas para o edifício da FAU-USP. Tema controverso, pela dificuldade de se determinar os limites que o definem, parece inegável no entanto a proximidade de algumas situações. A relação mais imediata é a do Salão Caramelo com o saguão central de dupla altura da Vila Penteado. Guardada a escala, a referência permite algumas leituras. Como protagonista no vazio do saguão, a Vila conta com a escada principal e seu patamar projetado; no edifício da FAU, as rampas se entrecruzam ao largo do vazio do fosso do Auditório e do Salão Caramelo. Nos dois prédios, as circulações, ora

¹⁰⁵ WAA. "Vilanova Artigas e a FAU-USP". Revista Monolito 27. São Paulo, Editora Monolito, 2015.

se mostram, ora são resguardadas por paredes e parapeitos, com espaços debruçados sobre o vazio. Outra semelhança diz respeito às múltiplas possibilidades de circulação vertical. Na Vila Penteado, juntamente com a escada principal e outra secundária, interna, há a escada da antiga ala do casal Eglantina e Antonio Prado Jr. No edifício Vilanova Artigas, além das rampas, há o núcleo de escada e elevador, do lado oposto. A situação possibilita diferentes percursos dentro dos edifícios, aproximando-os da idéia de cidade, onde distintos caminhos são possíveis. Por fim, há a possibilidade de aproximação entre a espacialidade adquirida pelo Ateliê ao longo de sua utilização, com a gradual supressão dos elementos que o dividiam e a dos Estúdios desenhados por Artigas, separados apenas por lâminas divisórias, de pouca altura, que permitem perceber a cobertura iluminante como um elemento único e contínuo no espaço interno do edifício, concorrendo para esta sensação de espaço coletivo.

A FAU-USP é um edifício carregado de simbolismo, espaços livres, aberto, sem portas, com um forte sentido do coletivo e social, como a demonstrar quotidianamente esta dimensão essencial da arquitetura. Esse sentido é sintetizado no vazio, no espaço livre e democrático do Salão Caramelo:

[...] Os grandes vazios da FAU-USP têm, inclusive, a sua função: conferem equilíbrio e dinamismo à composição. Funcionalmente são pensados como espaços disponíveis para atividades de natureza coletiva, como assembléias, reuniões, festas, exposições e apresentações. É justamente esse vazio que possibilita a apreensão sensitiva de concomitância existente no edifício, como se o vazio criasse uma instância comum a todos os ambientes e a todos os tempos. O salão caramelo funciona como o foco principal da construção: para ele tudo converge, tudo se comunica e adquire sentido na vida da escola.¹⁰⁶

As disputas acadêmicas, intensificadas pela situação política radicalizada com o golpe

O tradicional “Banho do Laguinho” na FAU-USP de Vilanova Artigas.

Fonte: www.brunojkim.wordpress.com

106 GIANNECCHINI, Ana Clara. Técnica e estética no concreto armado Um estudo sobre os edifícios do MASP e da FAU-USP. Dissertação de mestrado. São Paulo: FAU USP, 2009. p. 217.

O saguão de entrada da Vila Penteadó e o Salão Caramelo.

Fonte: www.skyscrapercity.com
 Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

O ateliê da Vila Penteadó e os estúdios de Vilanova Artigas

Fonte: Acervo Edgar G. Dente.
 Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

As circulações verticais junto dos vazios na Vila Penteadó e no edifício Vilanova Artigas.

Fonte: www.skyscrapercity.com
 Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP

em 1964, e o fechamento reacionário do país, da Universidade de São Paulo, e da própria FAU-USP no período em que seu edifício é projetado e construído, se traduzem em disputas dentro do espaço da nova Escola, com tentativas da Direção, da Congregação e da USP, de modificar o projeto original. "Alterava-se o projeto de Artigas do novo prédio na Cidade Universitária, para retirar-lhe o que tinha de seminal e libertário em termos de ambientação para o ensino de arquitetura".¹⁰⁷ Algumas destas modificações foram adaptadas, outras puderam ser revistas e contornadas com habilidade e astúcia pelos próprios arquitetos:

Em 1965, de fato, Artigas habilmente havia escrito uma carta ao reitor comprometendo-se a fazer as mudanças. Mas, a certa altura, em 1968, quando o diretor da FAU-USP já era Ariosto Mila, repassa em seus desenhos executivos a biblioteca para o primeiro pavimento, fato não aprovado e prontamente notado por Adalberto Mendes dos Santos, diretor executivo do Fundo, "deixando o térreo quase que inteiramente vazio". Isso poderia dar uma "falsa suposição de que a área não aproveitada é excessiva", justamente no momento em que a universidade estava recebendo críticas do poder público por não ter a preocupação com um maior rendimento aluno/área.¹⁰⁸

Ana Clara Gianecchini, no estudo realizado sobre o MASP e o Edifício Vilanova Artigas¹⁰⁹, apresenta de modo comparativo o desenvolvimento do projeto da FAU-USP, definindo as seguintes etapas: o "Estudo Preliminar" (1961), o "Projeto", do mesmo ano; o "Projeto Modificado pela Diretoria" (1965); o "Projeto de Artigas e Cascaldi" (1966) finalizando com o "Projeto construído" (1969). É incluída também uma referência conclusiva com a situação da ocupação do edifício em 2007, tendo como base um levantamento coordenado por Antonio Carlos Barossi. O processo de ajustes do projeto para o início da

Biblioteca no Edifício de Vilanova Artigas.
Fonte: Acervo Biblioteca da FAU-USP.

Espaço da cantina e museu no Edifício de Vilanova Artigas.
Fonte: Acervo Biblioteca da FAU-U

107 DENTE, Edgar G. Estudo Crítico e Proposta para a Estrutura Curricular da FAU-USP. Edição do Autor. São Paulo, FAU-USP. 1987.

108 GIANNECCHINI, Ana Clara. Técnica e estética no concreto armado. Um estudo sobre os edifícios do MASP e da FAU-USP. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU USP, 2009, p. 232.

109 Ibidem pp. 235, 236, 237 e 238.

LAME no Edifício Vilanova Artigas.
Fonte: Acervo Biblioteca da FAU-USP.

construção e posteriormente os debates e alterações realizados durante o andamento das obras, ficaram registrados nos ofícios trocados entre os arquitetos, a Direção da FAU-USP, a Reitoria e a Diretoria do FUNDUSP.

Em carta do Diretor Pedro Moacyr do Amaral Cruz ao Diretor Executivo para o Fundo de Construção da Cidade Universitária, Adalberto Mendes dos Santos, notam-se críticas quanto ao grande número de espaços ociosos, “grandes áreas livres, jardins cobertos”: seria necessário conferir “menos poesia e maior realidade”. O mesmo Diretor, em carta endereçada ao então Reitor, sublinha que apesar do projeto de Artigas para a FAU-USP possuir o aspecto arquitetônico excessivamente original, um tanto exótico mesmo, ele teria sido aceito porque configuraria um “testemunho histórico de uma fase da arquitetura brasileira”.¹¹⁰

Desenhado este panorama, não deixa de ser espantoso o fato de Vilanova Artigas lograr concluir um edifício formidável, complexo tecnicamente, com um projeto original, ousado e inovador, capaz de renovar os padrões estabelecidos para o ensino, dentro de uma Universidade então dominada pelo retrocesso e pelo autoritarismo, mantendo as características fundamentais de seu discurso, apesar de toda a sorte de obstáculos enfrentados pelo projeto, pela obra, e principalmente por seu autor, tanto no âmbito profissional quanto acadêmico e pessoal, ao longo de praticamente 15 anos, situando este período a partir do IPM enfrentado em 1964 e seu sequente exílio uruguaio, passando pelo conturbado período após o seu retorno em 1965, a aposentadoria compulsória em 1969, e a volta após a anistia, exatos dez anos depois. Mas a FAU-USP já não era a mesma.

Apresentação musical com orquestra no Salão Caramelo.
Fonte: Catálogo da exposição realizada em Almada, Portugal em 2000.

¹¹⁰ GIANNECCHINI, Ana Clara. Técnica e Estética no Concreto Armado. Um Estudo sobre os Edifícios do MASP e da FAU-USP. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU USP, 2009, p.231

Estudo Preliminar 1961

Figura 404: Estudo Preliminar 1961, Níveis -3,00 e -1,10.
1. Copa Funcionários 5. Espera (Foyer)
2. Oficinas 6. Jardim
3. Vestiários 7. Cantina
4. Auditório

Figura 405: Estudo Preliminar 1961, Níveis +0,80 e +2,70.
8. Exposições 13. Sala
9. Grêmio 14. WC
10. Espera 15. Diretor
11. Reuniões 16. Vazio
12. Professores

Figura 406: Estudo Preliminar 1961, Níveis +4,60 e +6,50.
17. Departamentos 20. Secretaria
18. Trabalho 21. Vazio
19. WC 22. Biblioteca

Figura 407: Estudo Preliminar 1961, Níveis +8,40 e +10,30.
23. Aulas 25. Vazio
24. WC 26. Atelier

Projeto de 1961

Figura 408: Projeto 1961, Níveis -3,00 e -1,10.
1. Grêmio 8. Sanitário Masculino
2. Laboratório Fotográfico 9. Residência Zelador
3. Publicações 10. Copa
4. Cabine Primária 11. Vestiários Funcionários Masc.
5. Almoanado 12. Vestiários Funcionários Fem.
6. Oficinas 13. Auditório
7. Sanitário Feminino 14. Depósitos

Figura 409: Projeto 1961, Níveis +0,80 e +2,70.
15. Cozinha 20. Secretarias
16. Museu 21. Reuniões
17. Reuniões 22. Professores
18. Espera 23. Portaria
19. Diretor

Figura 410: Projeto 1961, Níveis +4,60 e +6,50.
24. Sanitário Feminino 29. Depto. História e Arte 34. Tesouraria
25. Sanitário Masculino 30. Depto. Matemáticas 35. Sal de Estor
26. Depto. de Construções 31. Secretaria 36. Sanitário
27. Depto. de Urbanismo 32. Sala de Espera 37. Biblioteca
28. Sala de Estudo 33. Contabilidade 38. Ternoço

Figura 411: Projeto 1961, Níveis +8,40 e +10,30.
39. Aulas 41. Sanitário Feminino
40. Sanitário Masculino 42. Atelier

Projeto Modificado pela Diretoria 1965

Figura 412: Projeto Modificado pela Diretoria 1965, Níveis -3,00 e -1,10.
1. Oficinas 7. Copa
2. Gráfica 8. Vestiários Funcionários Masc.
3. Almoanado 9. Vestiários Funcionários Fem.
4. Sanitário Feminino 10. Depósito
5. Sanitário Masculino 11. Auditório
6. Residência do Zelador

Figura 413: Projeto Modificado pela Diretoria 1965, Níveis +0,80 e +2,70.
12. Grêmio 15. Biblioteca
13. Reuniões 16. Portaria
14. Sala de Espera

Figura 414: Projeto Modificado pela Diretoria 1965, Níveis +4,60 e +6,50.
17. Depto. Construções 26. Secretaria 31. Museu
18. Depto. Projetos 27. Diretor 32. Publicações
19. Depto. História 28. Sanitário / Copa 33. Atelier Fotográfico
20. Depto. Ciências 29. Tesouraria 34. Sanitário Feminino
21. Gabinete Com. Visual 30. Contabilidade 35. Sanitário Masculino
22. Expediente, Protocolo, Arquivo, Compras 36. Congregação
23. Gabinete de Pesquisas e Estudos de Projetos e Construções
24. Gabinete de Instrumental de Física e Topografia 38. Seção Exp. de Alunos e Bai
25. Centro de Estudos e Pesquisas de Urbanismo 39. Seção Pessoal
37. Vice, Cursos de Extensão e Pós-Graduação

Figura 415: Projeto Modificado pela Diretoria 1965, Níveis +8,40 e +10,30.
40. Aulas 42. Sanitário Feminino
41. Sanitário Masculino 43. Atelier

A evolução do projeto do prédio da FAU-USP, do projeto inicial de 1961 ao projeto construído em 1969.

Projeto Artigas & Cascaldi 1966

Figura 41: Projeto Artigas & Cascaldi 1966, Níveis -3.00 e -1.10.
1. Oficinas 6. Copa
2. Gráfica 7. Vestiários Funcionários Masc.
3. Sanitário Feminino 8. Vestiários Funcionários Fem.
4. Sanitário Masculino 9. Depósito
5. Residência do Zelador 10. Auditório

Figura 417: Projeto Artigas & Cascaldi 1966, Níveis +0.80 e +2.70.
10. Grêmio 13. Biblioteca
11. Sanitário Feminino 14. Portaria
12. Sanitário Masculino

Figura 418: Projeto Artigas & Cascaldi 1966, Níveis +4.60 e +6.50.
15. Depo. Construções 24. Secretaria 29. Museu
16. Depo. Projetos 25. Diretor 30. Publicações
17. Depo. História 26. Sanitário / Copa 32. Sanitário Feminino
18. Depo. Ciências 27. Tesouraria 33. Sanitário Masculino
19. Gabinete Com. Visual 28. Contabilidade 34. Congregaçã
20. Expediente, Protocolo, Arquivo, Compras 36. Seção Expediente de Alunos e Bedéis
21. Gabinete de Pesquisas e Estudos de Projetos e Construções 37. Seção Pessoal
22. Gabinete de Instrumental de Física e Topografia
23. Centro de Estudos e Pesquisas de Urbanismo
35. Vão, Cursos de Extensão e Pós-Graduação

Figura 419: Projeto Artigas & Cascaldi 1966, Níveis +8.40 e +10.30.
36. Aulas 38. Sanitário Feminino
37. Sanitário Masculino 39. Atelier

Projeto Construído 1969

Figura 420: Projeto Construído, Níveis -3.00 e -1.10.
1. Oficinas 5. Salão Carmelo
2. Tipografia 6. Diretoria
3. Laboratório Fotográfico 7. Portaria
4. Auditório

Figura 421: Projeto Construído, Níveis +0.80 e +2.70.
8. Cantina 12. Secretaria
9. Museu (coracel)
10. Grêmio
11. Biblioteca

Figura 422: Projeto Construído, Níveis +4.60 e +6.50.
13. Departamentos
14. Alameda Interdepartamental
15. Congregaçã

Figura 423: Projeto Construído, Níveis +8.40 e +10.30.
16. Salas
17. Salas de aula
18. Vazio

Situação Atual 2007 (Levantamento Barossi, 2007)

Figura 424: Situação atual, Níveis -3.00 e -1.10.

Figura 425: Situação atual, Níveis +0.80 e +2.70.

Figura 426: Situação atual, Níveis +4.60 e +6.50.

Figura 427: Situação atual, Níveis +8.40 e +10.30.

A FAU-USP Após o Golpe de 1964

Com o Golpe de 1964, as ações visando o desmantelamento desta estrutura de ensino seguem num crescendo, até o decreto do Ato Institucional Nº 5 em dezembro de 1968. O final da década será marcado pela supressão cada vez maior das liberdades individuais e por grandes agitações políticas e estudantis.

Logo após o golpe, em setembro de 1964, os professores Vilanova Artigas e Abelardo R. de Souza, e o aluno Sylvio de B. Sawaya, são convocados para depor no Inquérito Policial Militar (IPM) instaurado na Universidade de São Paulo. Artigas, por ordem do general responsável, fica detido por alguns dias, e quando libertado por meio de um *habeas corpus*, no final de outubro, exila-se no Uruguai, onde fica até meados de 1965¹¹¹.

Interrompendo a breve sequência das gestões de Anhaia Melo e de Lourival Gomes Machado, administrações progressistas e alinhadas no interesse pela renovação do ensino, em 1964 é imposto como Diretor o engenheiro Pedro Moacyr do Amaral Cruz, ficando a FAU-USP novamente sob a direção de um Politécnico. Sua gestão será responsável por tentativas de supressão das conquistas da Reforma de 1962, procurando restaurar alguns dos padrões de ensino praticados enquanto a FAU-USP ainda vivia sob a tutela da Escola Politécnica. Nesta situação, o GFAU organiza um dossiê denunciando à reitoria algumas das realizações da administração de Amaral Cruz claramente contrárias ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa, tais como o fechamento do Laboratório de Fotografia, a extinção do Museu e do CEB (Centro de Estudos Brasileiros), pressionando o Diretor a se licenciar do cargo, sendo o seu mandato concluído pelo Vice-Diretor Eurípedes Simões de Paula. Com a realização de nova eleição em 1968, assume a Diretoria Ariosto Mila, que apesar de não estar alinhado com as posições mais radicais de Artigas, representava uma postura mais liberal na condução administrativa, sendo um dos responsáveis pelas condições que levaram à bom termo a conclusão do prédio da Escola, então em fase final de obra.

Na FAU-USP dos anos pós Golpe Militar acontecem eventos de significativa importância em sua história, conformando as circunstâncias que irão direcionar seu rumo por um longo período. Em 1965 acirra-se a polarização política dentro da Escola, fruto

A presença do Exército, com tanques, na Cidade Universitária. Ao fundo, a Faculdade de Educação.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.

¹¹¹ ARTIGAS, Rosa. Vilanova Artigas. São Paulo: Terceiro Nome, 2015. p.19

de reações distintas ante a realidade da ruptura política, e o consequente distanciamento entre as posições conduzidas por Vilanova Artigas e as de seus alunos do grupo “Arquitetura Nova”¹¹², formado por Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre e Flávio Império. Este debate acontece a partir das publicações dos projetos inovadores do trio, e principalmente dos textos críticos com reflexões sobre e a produção da arquitetura no país, estabelecendo outros paradigmas para o questionamento do papel social da arquitetura e da situação do canteiro que a produzia:

Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre, assim como Artigas, militavam no PCB (Partido Comunista Brasileiro), e em 1967 deixam o Partido e passam a militar na ALN (Ação Libertadora Nacional), de Carlos Marighella. O afastamento entre os jovens professores e Artigas e os demais os arquitetos da Escola Paulista manifestava-se em divergências no âmbito da disciplina arquitetônica, enfatizando suas implicações sócio-econômicas, o emprego da técnica e das possibilidades expressivas, associando a prática profissional com a atuação política, com os distintos caminhos de enfrentamento assumidos, como ressalta Sérgio Ferro:

“Mais que variantes estéticas, estas opções refletiam o debate ético e político que animou a FAU destes anos: grosseiramente, o confronto entre a busca prioritária do desenvolvimento das forças produtivas em arquitetura (Artigas) contra a crítica das relações de produção e de exploração (Flávio Império, Rodrigo e eu)”.¹¹³

Entre os meses de maio e julho, já sob a direção de Ariosto Mila, foi instaurado o Fórum de 1968, que “[...] pretendeu restabelecer as diretrizes de 1962, mas o momento histórico era completamente diferente. A perspectiva otimista que orientara a Reforma de 62 não tinha mais lugar no clima de tensão política que o país vivia em 1968 [...]

Rua Maria Antonia após o conflito entre os estudantes do Mackenzie e da USP

Fonte: Arquivo Folha de São Paulo.

¹¹² Sobre o termo “Arquitetura Nova”, Ana Paula Koury informa que “Ferro viria a esclarecer que o emprega para designar a produção arquitetônica dos três, mas ressaltando que quando tentavam falar do que faziam, e na falta de um nome adequado, aplicavam este termo ou “poética da economia”. É também o título de um ensaio escrito por Sérgio Ferro em 1968.

¹¹³ Depoimento de Sérgio Ferro em Maria Antonia: Uma Rua na Contramão. São Paulo: Nobel, 1988. p.272

após o golpe passou-se a duvidar do poder do Desenho.”¹¹⁴ O Fórum procurou manter e incrementar, no âmbito do ensino, as posições obtidas pelos arquitetos e pela Escola, em relação às atribuições do ofício e da transmissão de seu conhecimento. Enquanto a revisão empreendida em 1962 foi centrada principalmente no eixo dos Departamentos de História e de Projeto, no segundo fórum realizado, as discussões sobre o ensino envolveram também o Departamento de Construção (depois de Tecnologia, o AUT). Articulando a produção da arquitetura, da cidade e do objeto industrializado, com as circunstâncias do crescimento urbano, crescente desenvolvimento e industrialização do país, o Fórum procurou encontrar caminhos, viabilizar o desenvolvimento das relações da Universidade e da arquitetura com a sociedade. No entanto, a ruptura e repressão provocados pelo golpe, e ampliadas pelo AI-5, provocam o desmonte completo deste ideal.

Em fevereiro de 1969, a Faculdade é transferida para o Campus do Butantã, mas Vilanova Artigas praticamente não tem a possibilidade de lecionar no edifício que criou. Em abril, é cassado juntamente com outros docentes da USP, e logo depois são incluídos em outro grupo aposentado compulsoriamente os professores Paulo Mendes da Rocha e Jon A. V. Maitrejean. Neste momento, como observa Roberto Schwarz, já são outras as condições políticas e a escala da repressão:

Se em 64 fora possível a direita ‘preservar’ a produção cultural, pois bastava liquidar o seu contato com a massa operária e camponesa, em 68, quando o estudante e o público dos melhores filmes, do melhor teatro, da melhor música e dos melhores livros já constitui massa politicamente perigosa, será necessário trocar ou censurar os professores, os encenadores, os escritores, os músicos, os livros, os editores — noutras palavras, será necessário liquidar a própria cultura viva do momento.¹¹⁵

¹¹⁴ ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova*. Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos Mutirões. São Paulo: Editora 34, 2002. p.91

¹¹⁵ SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In: *O Pai de Família e Outros Estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.63

O Reitor da USP Hélio Lourenço de Oliveira, o Diretor na FAU-USP Ariosto Mila e Vilanova Artigas.

Fonte: Vilanova Artigas e a FAU-USP. Revista Monolito, n. 27, 2015.

Estudantes subindo as rampas para o vestibular, inaugurando o novo edifício da FAU-USP, em 1969.

Fonte: Vilanova Artigas e a FAU-USP. Revista Monolito, n. 27, 2015.

Além dos três professores cassados em 1969, no ano seguinte os professores do grupo “Arquitetura Nova” também se afastam, com a saída de Flávio Império e as prisões de Rodrigo Lefèvre e de Sérgio Ferro. Neste período, por distintos motivos, importantes professores como Pedro Paulo de Mello Saraiva, Ernst R. Carvalho Mange e Roberto Cerqueira César também deixam de lecionar na FAU-USP. Considerar estas ausências juntamente com a perda causada pela morte precoce de Carlos Millan em 1964, nos permite aquilatar o comprometimento da capacidade de ensino vivida pela Faculdade, principalmente em relação ao Projeto de Arquitetura.

Na virada de 1968 para 69 a resposta do regime foi violenta: a Maria Antonia foi ocupada, o AI-5 decretado, o ensino superior sofreu a intervenção norte-americana e a FAU acabou transferida para o novo campus da Cidade Universitária, quase fora da área urbana, produzindo um grande esvaziamento político. O novo edifício da Faculdade, projetado por Artigas em 1962, adquiria nessa ocasião um sentido contrário ao imaginado originalmente pelo arquiteto: ao invés de espaço onde seria projetada a nova sociedade, tornava-se um exílio (entre idílico e lúgubre) para os que ficaram. Da ofensiva do regime o mestre também não escaparia: no mesmo ano de 69, é cassado junto com outros colegas e proibido de exercer suas funções na Universidade de São Paulo. Os professores que restaram, apavorados, ficaram sem reação - o efeito desmobilizador foi profundo.¹¹⁶

O terceiro Fórum acontece em 1969, mas neste momento, esvaziado, é incapaz de propor qualquer caminho ou alternativa para o ensino. Um novo Fórum só viria a ser instalado em 1978. Estes eventos ajudam a desenhar o panorama que a FAU-USP viveria nos seus anos vindouros.

¹¹⁶ ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova*. Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos Mutirões. São Paulo: Editora 34, 2002.p.95

O ESTUDO PARA A AMPLIAÇÃO DE 1979.
A PROPOSTA DO ANEXO DE 1988

A FAU-USP nas Décadas de 1970 e 1980

Aula de Estudo dos Problemas Brasileiros com Artigas e Joaquim Guedes no início dos anos 1980.

Fonte: FERRAZ, Marcelo C. Vilanova Artigas, 1997.

Como visto, após a metade dos anos 1950, com a regulamentação própria da FAU-USP e o início do processo de reorganização curricular, houve um esforço de estruturar o ensino da arquitetura no projeto, entendido em sua dimensão ampla, multidisciplinar, abrangendo o urbanismo, a programação visual e o desenho do objeto.

Todavia, a partir do início da década de 1970, a situação política do país e da Universidade afastou da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo importantes professores de projeto. No vácuo dessas ausências, concomitantemente com a criação do Programa de Pós-Graduação e da institucionalização da carreira acadêmica, o eixo estruturador do pensamento da Escola se desloca: os cargos administrativos e as posições com poder decisório passam a ser ocupados por professores titulados neste momento inicial da Pós-Graduação, permitindo seu acesso à composição da Congregação e consequentemente à cargos de direção.

Esta perda de espaço da disciplina do Projeto para a de Planejamento também decorre do grande impulso que esta teve com o chamado “Milagre Econômico”. Em seu auge, entre 1968 e 1973, o Estado incrementa sua atuação no planejamento urbano. Em São Paulo tal incremento se dá com a criação de empresas como a EMURB - Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo (1971), a EMLASA - Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano (1974) e a Companhia do Metropolitano de São Paulo - Metrô (1968).

Por outro lado, ressaltando a dimensão da violência que significou sua cassação, Vilanova Artigas recebe em 1972, da União Internacional dos Arquitetos (UIA), o prêmio Jean Tschumi, honrando sua dedicação ao ensino da arquitetura. Paradoxalmente, assim como pôde concluir, sob circunstâncias bastante adversas, o edifício da Escola que ajudou a criar, por conta de seu enorme talento, carisma e relações com ocupantes de cargos técnicos e diretivos em órgãos governamentais, Artigas teve a oportunidade de trabalhar, nos anos afastados da docência, em muitos projetos públicos.¹¹⁷

¹¹⁷ Artigas, após sua cassação, trabalha em projetos no Amapá, ainda Território Federal, projetando a Escola Tiradentes, hoje largamente alterada pela adição de um telhado sobre a laje do projeto original; a sede da Polícia Militar do Amapá (PM/AP) e o prédio da Secretaria de Infraestrutura (SEINF), ambos com melhores condições de preservação. Projeta ainda as Escolas de Vila Alpina (1970), as Passarelas Urbanas de São Paulo (1972), o conjunto do CECAP de Jundiá (1973), em Jaú, projeta a Estação Rodoviária (1973), o conjunto do CECAP João da Velha (1973) e o Balneário (1975); o Plano de Renovação do Anhangabaú

O grupo de professores mais próximos de Artigas toma distintos rumos com o afastamento compulsório. Jon A. V. Maitrejean, entre 1969 e 1972, trabalha no âmbito privado na empresa Duratex S/A Indústria e Comércio, onde desenvolve pesquisa e projetos com produtos industrializados, direcionados para a construção civil e aplicados experimentalmente na residência que construiu para uso próprio entre 1969-1972. Após este período, seu escritório se dedica à elaboração de projetos para novos programas de uso, em outra escala de construção, projetando grandes centros de abastecimento, de distribuição e supermercados. Sob certos aspectos, é um dos arquitetos desta geração que se envolveu mais intensamente com as questões da industrialização na arquitetura e na construção civil. Paulo Mendes da Rocha, logo após sua cassação, projeta o Pavilhão do Brasil na Exposição de Osaka e realiza, ao longo da década de 1970, importantes projetos residenciais que se tornarão obras significativas da Arquitetura Brasileira e servirão de reflexão para a realização de projetos públicos de grande importância.¹¹⁸

Os professores do grupo “Arquitetura Nova” também seguem novos caminhos, sem no entanto se distanciar dos princípios que guiaram suas proposições iniciais, conduzindo, em diferentes campos, uma contínua autocrítica, uma reflexão sobre o ensino, sobre a arquitetura e seu modo de produção. Sérgio Ferro se exila na França, passando a lecionar naquele país e a se dedicar também à pintura. Flávio Império dedica-se à pintura, desenvolve e amplia sua significativa e ascendente carreira como cenógrafo. Rodrigo Lefèvre, após sair da prisão, trabalha no setor de arquitetura da Hidroservice, uma das grandes empresas de projeto e engenharia consultiva que tiveram amplo mercado de trabalho a partir do final da década de 1960 com os investimentos governamentais. Lefèvre volta a lecionar na FAU-USP em 1974, após um processo movido contra a Universidade de São Paulo, vindo a falecer em acidente automobilístico, quando trabalhava na Guiné-Bissau, em 1984.

(1974), o Laboratório Nacional de Referência Animal - Lanara (1975), e a Escola Estadual de Conceiçãozinha (1976), no Guarujá.

118 Mendes da Rocha, após deixar a FAU-USP, continua a desenvolver os conceitos e idéias sobre o espaço da casa e sua construção, a partir do projeto de sua residência no Butantã (1964) e continuados na casa Masetti, no Pacaembu (1967/1970). Projeta neste período as residências Fernando Millan (1970), James King (1972), Artêmio Furlan (1973), Antonio Junqueira (1976) e a casa de Catanduva (1979). Alguns de seus projetos de escala pública realizados nestes anos também tornam-se referência, mesmo quando não construídos. Ao longo da década de 1970, o arquiteto projetou a proposta para o Centro Pompidou (1971), a Escola Infantil do Jardim Calux (1972), o Estádio Serra Dourada (1973), a Reurbanização do Parque da Grota (1973), o Museu de Arte Contemporânea MAC-USP (1975) e o projeto de restauro da Casa das Retortas (1977).

Artigas cumprimenta o funcionário Rimas de Lima Brochado em seu retorno à FAU-USP em 1979.
Fonte: Anistia na FAU-USP. GFAU, São Paulo, 1998.

Mendes da Rocha, Maitrejan e Artigas retornam à FAU em 1979.
Fonte: Anistia na FAU-USP. GFAU, São Paulo, 1998.

Nesta virada de década, o Brasil vivia o apogeu do “Milagre Econômico”, um período de grande desenvolvimento urbano e industrial, com investimentos estatais na indústria pesada, siderurgia, petroquímica, construção naval, rodovias, ferrovias e usinas hidrelétricas. Diante da necessidade de produzir um grande volume de projetos de alta complexidade, que solicitavam elevados conhecimentos técnicos sobre as mais diversas áreas da construção civil e de infraestrutura, abriu-se um campo de trabalho formidável para os arquitetos, tanto enquanto profissionais liberais como quando vinculados às grandes empresas de engenharia consultiva, de projeto, planejamento e consultoria técnica. Além da Hidroservice, destacaram-se em São Paulo, entre outras empresas, a Promon Engenharia, a Themag, que tinha como um dos sócios Telêmaco de Macedo Van Langendonck, e o escritório de Figueiredo Ferraz, ambos professores da Escola Politécnica, e membros do corpo docente da FAU-USP, como catedráticos.

Após a anistia, em 1979, Artigas, juntamente com Maitrejean e Mendes da Rocha retorna à Escola, voltando a lecionar a partir de 1980. É um momento de júbilo e desagravo, como pode ser visto nas imagens realizadas neste dia, o prédio lotado pelos professores e alunos, com os “riscos originais” de Artigas para o prédio da FAU-USP expostos no Museu. No entanto, havia resistência ao seu nome dentro da Faculdade e da USP, e Artigas, aos 64 anos, volta a lecionar na Escola que ajudou a criar como Auxiliar de Ensino, cargo incompatível com sua importância e história. Em 1983 a Congregação da FAU-USP indefere a reabilitação de Artigas no cargo de Professor-Titular, obrigando-o, numa situação ignominiosa, a prestar um concurso para reaver a condição que possuía antes de sua cassação arbitrária. Para Vilanova Artigas é sorteado o tema “A Função Social do Arquiteto”. Apesar da “molecagem medieval”, como se referiu ao processo a que foi submetido, foi também a oportunidade de Artigas, com sua aula, escrever mais um importante e memorável capítulo na história da Escola.

Em relação ao prédio, o desenvolvimento de seu uso naturalmente provocou algumas alterações no programa e na utilização previstos inicialmente, ou pela evolução e mudanças naturais das condições e necessidades do ensino, ou por disputas internas, refletidas no uso

e na ocupação de seus espaços.

Alguns exemplos ilustram as alterações acontecidas durante a década de 1970 e 1980. Na face sudeste do Salão Caramelo, onde havia a varanda que realizava a conexão com o eixo pensado para o “Corredor das Humanas”, foram instalados setores administrativos, fechando a abertura do Salão Caramelo para a área externa e comprometendo um conceito fundante dos ideais que guiaram a concepção do edifício. O espaço destinado ao Ateliê Interdepartamental (AI), fundamental na estruturação da multidisciplinaridade preconizada pela “Reforma de 1962” e incorporada aos espaços da nova Escola, foi nesta época ocupado por parte das instalações do Departamento de Projeto, em labiríntica seqüência de guichês, corredores e saletas, levantados com painéis e pontaletes de madeira, pintados com tinta látex branca, em situação de grande precariedade: quem olhava para o AI desde a passarela do Estúdio 5 enxergava um emaranhado de coberturas improvisadas, que ficou conhecido na Escola como “favela”. Na Biblioteca, a varanda desenhada por Artigas, logo acima da entrada do prédio, ficou fechada por muitos anos, enquanto que o banco que a servia era usado como arquivo do acervo de projetos da Biblioteca.

Ao longo dos vinte primeiros anos de sua existência, o Edifício Vilanova Artigas foi objeto destas e de outras alterações, recebendo-as com a dignidade possível, e mesmo denunciando-as contínua e silenciosamente, tal o despropósito de algumas destas situações, estampadas num edifício franco como é a FAU de Artigas. Com as circunstâncias encontradas no final da década de 1980, o crescimento da demanda pelo espaço para a pesquisa acadêmica e novos laboratórios, o crescimento do Programa de Pós-Graduação e a oportunidade do financiamento concretizado com o Programa USP/BID, faz com que a idéia de um Anexo para o edifício de Artigas se torne uma realidade.

Vista do Ateliê Interdepartamental com a cobertura da “favela”.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

O Estudo para a Ampliação de 1979. A Proposta do Anexo de 1988

Planta esquemática do estudo de ampliação realizado em 1979.

Em 1979, durante a primeira gestão do Diretor Lúcio Grinover, iniciaram-se considerações sobre a possibilidade de expansão da Escola, ocupando com este crescimento uma área de 2.000m², semi-enterrada, situada entre as oficinas, no nível 723.90, e o passeio da Av. Luciano Gualberto. O estudo foi desenvolvido pelo FUNDUSP, sob a responsabilidade do arquiteto e professor da FAU-USP Roberto J. G. Tibau.¹¹⁹ No entanto, não houve a continuação deste processo e o estudo permaneceu como tal.

A partir de 1987, com o anúncio do financiamento a ser disponibilizado pelo Programa USP/BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) o assunto do Anexo volta à discussão, sendo resgatado o projeto do arquiteto Tibau. O Diretor Ualfrido Del Carlo, ao fazer um breve histórico desta primeira ideia de expansão do edifício da FAU-USP, conta que foi um processo “[...] iniciado há dez anos atrás, quando começou a surgir o pensamento de separar os laboratórios das demais dependências da FAU. É dessa época o projeto da expansão subterrânea”.¹²⁰

¹¹⁹ Roberto José Goulart Tibau (1924-2003), arquiteto e professor de projeto da FAU-USP, onde lecionou por 30 anos, foi contratado em 1957 por indicação de Hélio de Queiroz Duarte, na disciplina Plástica IV, subordinada à Cadeira de Grandes Composições, e aposentou-se em 1987. Concluiu o Doutorado em 1973, e a partir de 1978, lecionou também no curso de Pós-Graduação da Faculdade. Nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, e recebeu seu diploma pela Faculdade Nacional de Arquitetura, da Universidade do Brasil, em 1949. Tibau instalou-se na cidade de São Paulo em 1950, quando veio trabalhar no escritório do arquiteto Marcial Fleury de Oliveira. Em 1951 ingressa como arquiteto na Prefeitura de São Paulo, onde desenvolve os projetos dos Teatros Populares e do Convênio Escolar, sob a coordenação de Hélio Duarte. Durante a década de 1950 realiza importantes trabalhos, sobretudo dedicados ao ensino, como as Escolas Técnicas do SENAI, em Bauru (1953), Santos (1956), Jundiaí e São Caetano do Sul (1957). Como parte do trabalho no Convênio Escolar, projeta o Planetário do Parque do Ibirapuera (1953, com Eduardo Corona e Antonio Carlos Pitombo) e a Escola de Astrofísica (1955). No mesmo ano projeta as instalações do Colégio Santa Cruz, no Alto de Pinheiros. Ao longo de sua carreira, Tibau projetou uma quantidade significativa de escolas e outros programas de edifícios públicos, mantendo paralelamente importante produção de projetos residenciais, atuando como arquiteto autônomo ou associado a diferentes arquitetos. A obra deixada por Roberto Tibau é extensa, e da maior relevância no quadro da Arquitetura Moderna brasileira da segunda metade do século XX. Nela, é patente a habilidade do arquiteto em resolver distintos programas, de variadas complexidades, propondo uma arquitetura de serena e delicada elegância. Ao longo de sua obra, há um evidente padrão de qualidade nos projetos, nos desenhos e nas obras realizadas, desde os cuidados com a implantação, a clareza das articulações e circulações, a contenção do gesto grandioso, manifestando apesar deste comedimento, uma consistente expressão plástica, associada com o entendimento preciso, a prescindir de artifícios, do conhecimento técnico e da construção. O mesmo empenho e dedicação, com o respeito e apreço de seus alunos e colegas, se verifica em sua atuação como docente. Em 1976, Tibau ingressa no FUNDUSP como assessor de Planejamento. Em 1988, é contratado em caráter definitivo pelo Fundo, exercendo o cargo de Assistente Técnico, sendo o responsável pela coordenação da definição de Normas e Diretrizes para os projetos arquitetônicos do órgão.

¹²⁰ Ata da terceira reunião do Grupo de Trabalho Projeto Anexo FAU, realizada em 12/09/1988. Arquivo do Grupo Executivo de Gestão de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

Assim como acontecia na FAU-USP, com o anúncio do financiamento, com período de execução previsto entre 1988 e 1991, as demais unidades da Universidade naturalmente iniciam a organização e reivindicação de seus interesses e demandas.

O USP-BID é um financiamento de US\$ 63 milhões concedido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e vinculado a investimentos do governo do Estado de São Paulo no valor de US\$ 95,1 milhões. O objetivo do programa é a modernização da pesquisa, do ensino e da administração da USP. Do total de US\$ 158,1 milhões, US\$ 71,1 milhões (45%) destinam-se ao Subprograma A, que prevê a construção de 112 edifícios e 19 obras de infraestrutura distribuídos pelos campi da USP. O Subprograma B é voltado para a aquisição e instalação de equipamentos e compra de livros e periódicos para o acervo do Sistema Integrado de Bibliotecas (Sibi). O Subprograma C é dedicado ao aprimoramento das condições de desenvolvimento da pesquisa, melhoria da qualidade de ensino (especialmente da Pós-Graduação), intercâmbio de professores com instituições estrangeiras, atualização de professores de ciências do Segundo Grau, modernização dos procedimentos e métodos administrativos e formação de servidores não-docentes.¹²¹

Como anteriormente comentado, a FAU-USP vivia um momento de crescimento de sua estrutura de ensino e pesquisa e a ocupação do Edifício Vilanova Artigas desenvolveu-se sem um planejamento mais abrangente e efetivo. Assim, espaços importantes da estrutura de ensino idealizada por Artigas tiveram suas funções desvirtuadas.

Com a retomada do processo de discussão do Anexo, num primeiro momento, em 1987 “[...] o Grupo de Trabalho dos Laboratórios levantou um programa de necessidades, com 6.000m²; e na ocasião foi apresentada ao FUNDUSP sugestão de um concurso para

¹²¹ BELLESA, Mauro Marcos de Oliveira. Programa USP-BID Possibilita Maior Intercâmbio Científico. in Revista Estudos Avançados, 4, 2010.p.241

Hipótese das relações entre o Edifício Vilanova Artigas e a ampliação subterrânea de 1979. Desenho de Antonio Carlos Barossi.

o projeto do edifício, idéia esta rejeitada pela Prefeitura da USP, por não ser compatível com os regulamentos da administração do Campus.”¹²²

Com a negativa da Universidade em relação à promoção do Concurso e diante da possibilidade concreta de viabilizar a ampliação do Edifício Vilanova Artigas, a idéia do anexo subterrâneo idealizado por Roberto Tibau é retomada, considerando ainda a mesma área de expansão definida em 1979, ao longo do talude da fachada nordeste da FAU, debruçada sobre a Av. Luciano Gualberto.

Verificou-se, no entanto, que esta idéia inicial exigiria um alto grau de complexidade em suas soluções, com muitas interferências, principalmente pelas árvores existentes na área, que nos dez anos desde sua concepção inicial, mudaram consideravelmente de porte, gerando custos e prazos de obra mais elevados.

A Proposta do Anexo de 1988

A partir desta constatação, em agosto de 1987 o Diretor Ualfrido Del Carlo solicitou ao Reitor José Goldemberg a cessão da área existente entre o Edifício Vilanova Artigas e o Instituto de Geociências para que ali fosse implantada a ampliação da FAU-USP, através de um Anexo, com o financiamento do Programa BID-USP:

[...] Analisando o projeto para a construção dos Anexos da FAU para instalação dos Laboratórios dentro do financiamento do BID/USP, verificamos que a construção, que vinha sendo proposta apresentava as seguintes dificuldades:

¹²² Documento de Conclusão do Grupo de Trabalho Projeto Anexo FAU, setembro de 1988. Arquivo do Grupo Executivo de Gestão de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

- o Anexo seria construído abaixo do nível do jardim externo;
- custo seria elevado, além de exigir gastos excessivos com sua manutenção e operação;
- a exigência de remover o jardim com suas árvores e gramado, que já conta com mais de 20 anos;
- dificuldades para garantir a qualidade das condições ambientais.

Após estas considerações, mantivemos contato com Vossa Magnificência, com o Senhor Prefeito, Professor Antonio de Souza Teixeira Junior e Professores desta faculdade, e concluimos que a melhor localização para os Anexos, seria na área entre os edifícios da FAU e do Instituto de Geociências, sendo a construção a céu aberto.

Nesse sentido, vimos solicitar a autorização de Vossa Magnificência, para implantar os anexos naquela área.

Informamos ainda, que sendo o edifício da FAU tombado pelo CONDEPHAAT, designamos uma comissão de três renomados Arquitetos, para estudar a obra em questão. São eles: Prof. Dr. Joaquim Manoel Guedes Sobrinho, Prof. Dr. Gian Carlo Gasperini e Prof. Paulo Archias Mendes da Rocha [...].¹²³

Havia cláusulas bastante rígidas no financiamento, estabelecendo prazos determinados para sua execução, talvez um tanto reduzidos para os padrões burocráticos da administração acadêmica no Brasil. Como verificaremos adiante, a premência na condução das questões ligadas ao Anexo será uma constante em todo o processo, até o desfecho do Concurso em 1989.

¹²³ Ofício da Direção da FAU-USP ao Reitor Prof. Dr. José Goldemberg, com data de 21 de Agosto de 1987. Arquivo do Grupo Executivo de Gestão de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

Para a FAU-USP, há a dotação de US\$ 864.000,00¹²⁴ destinados a custear reformas no Edifício Vilanova Artigas, dando andamento à idéia de reestruturação interna a partir da remoção dos Laboratórios para o Anexo. A proposta em subsolo é abandonada com a obtenção, em 1988¹²⁵ do terreno solicitado pelo Diretor Ualfrido Del Carlo à Reitoria.

Seguindo os trâmites estabelecidos pela legislação da Universidade, os programas e as demandas são encaminhadas pela Faculdade ao FUNDUSP, o órgão oficialmente responsável por gerir os projetos e obras realizados nos *campi* da USP, continuando deste modo, sob a responsabilidade do arquiteto Roberto Tibau. O programa geral, descrito de modo sucinto, era projetar um edifício anexo ao prédio da Escola, “com características e flexibilidade industriais”, para abrigar o LAME, o LPG e o LRAV.

Para este novo terreno, com características bastante distintas, Tibau, como arquiteto do FUNDUSP, desenvolve outro Estudo Preliminar, apresentado-o no início de setembro de 1988 à uma comissão formada na FAU-USP. Por solicitação da Congregação foi criado o “Grupo de Trabalho do Projeto do Anexo”¹²⁶, composto pelo Diretor Ualfrido Del Carlo e a Vice-Diretora Élide Monzeglio, professores, alunos e funcionários supervisores dos laboratórios, com o intuito de conduzir com eficácia o processo necessário à realização do Anexo.

Levantamento Planialtimétrico do terreno destinado à construção do Anexo.

Fonte: Acervo do Grupo Executivo da Gestão dos Espaços Físicos das FAU.

124 No relatório final do Grupo de Trabalho do Projeto do Anexo, encontra-se a seguinte informação: “A verba reservada para a FAU, a um custo de construção de US\$ 320/m², permitiria uma área construída de 2.700m², num prazo de execução de 03 anos.” Atualizado para o ano de 2014, dependendo dos índices considerados, o valor de compra deste montante pode chegar quase ao dobro.

No texto Razões de um Concurso, na revista Arquitetura e Urbanismo n. 24, na matéria sobre o concurso, Eduardo Corona, seu organizador, informa a existência de uma verba de US\$ 700.000,00.

125 Ata da 1ª reunião do Grupo de Trabalho do Projeto do Anexo, realizada em 06 de Setembro de 1988. Arquivo do Grupo Executivo de Gestão de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

126 Segundo o Anexo 1 do Grupo de Trabalho do Projeto do Anexo da FAU-USP, sua composição era a seguinte: Ualfrido Del Carlo e Élide Monzeglio representando a Direção; Gilda C. Bruna, Maria Angela F. P. Leite, Sheila W. Ornstein, Vera Pallamin, José Luiz Fleury de Oliveira, João Roberto L. Simões, Joaquim Guedes, Bruno R. Padovano, Gian Carlo Gasperini, Lucrécia D. Ferrara, Maria Cristina S. Leme, Dario Montesano, Antônio Carlos Sant’anna Jr. e Sérgio R. M. Martins, representando os professores; Sérgio B. Gomes, Marcelo Luis Ursini, Roselene de A. Domingues, Marcello Montore, Eliane A. Guedes e Milton José O. Frangipani, representantes dos alunos; e os funcionários Suzana A. de Toledo (Biblioteca), Adolfo Ferrarin (LAME), Luiz Bargmann (LRAV), Gisela de O. César (LRAV), Edgar Spilla (LAME), Jodete R. Sócrates (CeSAD), Marcia M. Signorini (LPG) e Roberto Bogo (LRAV).

Croqui de estudos para o anexo. Desenho de Roberto Tibau.
Fonte: Acervo do Grupo Executivo da Gestão dos Espaços Físicos das FAU.

A primeira reunião é realizada em 6 de Setembro de 1988, na sala da Congregação da FAU-USP, com o grupo reunido diante dos desenhos e de um modelo físico da proposta, realizado “em regime de urgência pela equipe do LAME”. O “Grupo de Trabalho” voltaria a se reunir nos dias 9, 12 e 14 de setembro, atestando por meio desta rápida seqüência de reuniões e da urgência de produção da maquete, a preocupação gerada com os prazos exíguos. Na terceira reunião do Grupo de Trabalho, o Diretor Ualfrido Del Carlo chegou a ameaçar demitir-se do cargo, caso a Faculdade perdesse o terreno e o financiamento por conta de incapacidade de atender aos prazos e às condições estabelecidos, pois não quer ser “historicamente responsável por esta falha”.¹²⁷

O projeto do Anexo apresentado e defendido por Tibau ao longo destas reuniões cria uma praça rebaixada ao aproveitar a topografia da nova área disponível e ao longo desta praça estão dispostos os dois volumes com os Laboratórios. Alinhado com o talude da Av. Luciano Gualberto, fica o pavilhão mais extenso, com as oficinas do LAME e do LPG, com um pé-direito constante de 4 metros de altura, e é identificado no desenho de implantação como “Oficinas”. Implantado paralelamente à Rua do Lago, próximo do estacionamento, dispõe em um volume mais compacto o LRAV e o Estúdio, formando um volume regular, composto por duas alturas distintas. A parte mais baixa corresponde à área técnica do LRAV, mais subdividida, com um agenciamento espacial correspondente às necessidades das atividades que aí se desenvolvem em cabines, pequenas salas e depósitos. O pé-direito mais baixo cria nestes ambientes relações entre área e altura mais proporcionadas e favoráveis. Na área mais ampla e aberta do Estúdio, o pé-direito é ampliado para 6 metros, novamente em consonância com as necessidades do ambiente, definindo a volumetria deste bloco. A ligação dos anexos com o edifício de Artigas se faz desde a praça rebaixada por meio de uma passarela coberta, em estrutura metálica treliçada atirantada à uma torre, conduzindo até a passagem criada na extremidade sudeste do Salão Caramelo, com a supressão de parte do bloco administrativo. Com a Rua do Lago, os Anexos se conectam por meio de uma nova passagem aberta, descendo em leve rampa até o nível da praça rebaixada, chegando no pátio de manobras, no mesmo nível da praça. À direita deste pátio,

¹²⁷ Ata da 3ª reunião do Grupo de Trabalho do Projeto do Anexo, realizada em 12 de Setembro de 1988. Arquivo do Grupo Executivo de Gestão de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

CORTE A-A

CORTE B-B

CORTE C-C

Faculdade de Engenharia da Universidade de São Paulo			
Disciplina	Projeto de Arquitetura e Urbanismo (PAU)	Matrícula	12.371
Aluno	RAFAEL	Assinatura	
Professor	Prof. Dr. J. S. S.	Assinatura	
Assessor	Prof. Dr. J. S. S.	Assinatura	

R-206-4

FACHADA NORDESTE

FACHADA SUDOESTE

FACHADA SUDESTE

Fondo de Construcción de Universidad de San Pedro			
Proyecto	Edificio	San Pedro de Macoris	1978
Arquitecto	Dr. Carlos	Dr. Carlos	38 378
Proyecto	Edificio	San Pedro de Macoris	1978
Proyecto	Edificio	San Pedro de Macoris	1978

K-206-A

em direção ao Instituto de Geociências, ficam previstas duas áreas para futuras expansões, preservando um espaço de circulação entre elas, quando dois outros blocos poderão definir uma nova configuração para a praça rebaixada.

Tibau usa em seu projeto um módulo estrutural de 4.50m, servindo-se, conforme algumas circunstâncias específicas, de frações de 0.90m, 1.80m e 3.60m (neste caso, especificamente nos espaços onde houve necessidade de subdivisão mais intensa do programa, como no LRAV). A modulação proposta já se apresenta na ligação entre a FAU e o Anexo, na largura da passagem desde o Salão Caramelo e da passarela coberta, ambas com 4.50m. A praça rebaixada tem sua dimensão menor definida pela distância entre os dois blocos, com quatro módulos, perfazendo 18.00 m, sendo esta também a largura de cada um dos pavilhões.

Com a disposição dos volumes, é criada uma praça rebaixada, aberta no sentido do eixo noroeste-sudeste, dando continuidade ao eixo de organização espacial dos volumes no interior do Edifício Vilanova Artigas, e evocando assim a idéia do *continuum* presente no “Corredor das Humanas”. No nível da praça rebaixada, a passarela transforma-se em união entre os dois volumes. Neste ponto, o projeto evita uma óbvia e imediata coincidência da simetria dos eixos da passarela e da praça, deslocando-os um módulo de 4.50 m, aproximando a passarela do bloco do LRAV. Geométrica e simbolicamente, o eixo desta ligação coberta amarra a implantação dos Anexos à FAU de Artigas, associando-a a um dos seus eixos estruturais.

Os dois blocos partem de uma mesma lógica projetual e estrutural, tanto no sentido longitudinal quanto transversal. Nos 18.00m de largura, os pavilhões são estruturados por duas linhas de pilares, com distância de 14.40m entre eixos, complementadas por balanços de 1.80m nas extremidades. No comprimento, as linhas estruturais se desenvolvem em módulos de 4.50m, a partir de um afastamento inicial de 0.90m das laterais menores. O volume das Oficinas tem seu comprimento formado por 18 módulos, mais os afastamentos laterais, perfazendo um total de 82,80m. O LRAV, a partir do mesmo desenho estrutural,

se desenvolve por 10 módulos, mais os afastamentos, totalizando 46.80m de comprimento. Nos dois blocos, este sistema estrutural sustenta lajes nervuradas de aproximadamente 80 cm de altura, em sistema de caixão perdido, acompanhando a variação de alturas, sendo todas as lajes arrematadas por um terraço-jardim formado por platibandas de aproximadamente 50 cm de altura.

A partir deste ponto, as similaridades entre os dois edifícios cessam, e a maneira como são trabalhadas as aberturas e as vedações em cada bloco confere a eles características totalmente distintas, afinadas com suas funções. Enfatizando esta individualização, o artifício arquitetônico usado por Tibau para definir as quinas de cada edifício, ao espelhar a utilização de um elemento em curva, define, de um lado, um grande pavilhão para o LAME e o LPG, com as faces longitudinais envidraçadas e protegidas por beirais, proporcionando ventilação e iluminação cruzadas, adequadas ao trabalho das oficinas aqui alocadas; do outro, um bloco compacto, seco e fechado, marcado por uma única e contínua linha de caixilhos a meia altura, abrigando o LRAV e o Estúdio, programas que por suas características demandam maior controle da iluminação. Neste volume, a curva fechada do desenho da esquina, associada ao predomínio de cheios sobre os vazios, ressalta a sensação de compacidade e a sua natureza mais fechada; no outro, a curva aberta nas esquinas acentua a apreensão da paisagem externa enquanto oferece o interior do edifício com generosidade ao seu entorno imediato.

Durante a apresentação da proposta, e nas reuniões posteriores do Grupo de Trabalho, Tibau precisou rebater uma série de questionamentos, os quais foram transcritos nas atas destes debates, sobre o atendimento dos programas dos Laboratórios no Estudo Preliminar apresentado. Havia diferenças entre o programa de projeto recebido por Tibau e as necessidades efetivas dos Laboratórios, em parte, como foi esclarecido em reunião do Grupo de Trabalho, por conta do fornecimento ao FUNDUSP de programas de necessidades organizados de modo confuso, e mesmo contendo equívocos.¹²⁸

¹²⁸ Ata da 3ª reunião do Grupo de Trabalho do Projeto do Anexo, realizada em 12 de Setembro de 1988. Arquivo do Grupo Executivo de Gestão de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

Neste ponto, o processo que conduz as decisões referentes ao Anexo sofre uma guinada considerável, no momento em que o interesse na constituição de um concurso para o projeto do Anexo se cristaliza numa decisão controversa da Congregação, apoiando a sua realização após tê-la rejeitado. Houve ainda diversas tentativas de alguns colegas professores de manter Tibau envolvido no trabalho, como participante do concurso, consultor convidado ou membro da banca do júri, ao que Tibau elegantemente declinou, retirando-se do processo. Na matéria publicada pela revista *Arquitetura e Urbanismo* sobre o Concurso, já ao final de um dos textos Tibau comenta generosamente que

Fez dois projetos para a FAU, pelo FUNDUSP. Um deles previa a ampliação do prédio aproveitando o talude que dá para a avenida. E no ano passado, levou um mês trabalhando em outro, este ocupando o terreno ao lado do prédio. Partiu de dois princípios básicos. Não conflitar com o prédio existente e, na linguagem, realizar algo que não seguisse exatamente a FAU (repetindo outro prédio), mas que tivesse uma relação com ele, usando concreto, estrutura livre. Um anexo que harmonizasse sem interferir com a escola. Aberto o concurso, preferiu não participar. Considerou o seu projeto defasado em relação ao programa, além de ter que consultar o FUNDUSP. Gostou do projeto vencedor, “um jogo muito interessante entre os três elementos, o triângulo, o círculo e a passarela”.¹²⁹

Como se verá adiante, com a controversa aprovação do Concurso pela Congregação, a questão do Anexo da FAU de Artigas assume uma nova dimensão e alcança contornos mais complexos, envolvendo disputas pessoais, conceituais, acirrando ânimos e gerando muitas discussões e controvérsias. Um novo capítulo na história da Escola. Grande parte dos alunos, professores e funcionários estarão ausentes com o esvaziamento geral provocado pela greve do final de 1988.

O arquiteto Roberto Tibau, 1998.
Fonte: Acervo Roberto Selmer.

¹²⁹BOZZO, Cláudia. “Referência sem Reverência”. Revista AU, 24, jun.-jul.1989, p. 82.

O CONCURSO PARA O ANEXO EM 1989:
AS CIRCUNSTÂNCIAS. OS ANTEPROJETOS

As Circunstâncias e o Concurso

Como visto, a partir de meados do segundo semestre de 1988, quando a idéia de realização do Concurso para o Anexo é encampada, apoiada na decisão obtida em Assembleia Geral, o projeto do FUNDUSP é abandonado e o arquiteto Roberto Tibau retira-se do processo, não sem um razoável mal estar generalizado, como é possível se entrever nos registros das atas das reuniões da Congregação.

Sendo eventos extremamente entranhados, a segunda proposta de Tibau no FUNDUSP e o processo que culminou no Concurso do Anexo, para melhor compreensão dos acontecimentos, retomam-se adiante alguns eventos anteriores, quando o estudo de Tibau ainda era debatido, e a realização do Concurso, com seus críticos e seus defensores, ainda não era uma certeza.

A revista Arquitetura e Urbanismo publicou em sua edição de junho-julho de 1989 uma extensa matéria sobre o Concurso:

No início de 88, quando a FAU recebeu a verba para a construção do anexo que abrigaria oficinas e laboratórios, a direção da escola convocou três de nossos professores para consultá-los sobre a forma de encaminhar a questão do projeto e da construção, junto ao FUNDUSP. Neste momento ter-se-ia iniciado a polêmica entre dois professores a respeito do partido a se adotar para o projeto, que infelizmente não foi ampliada para o conjunto da escola”, comenta o professor Antonio Carlos Sant’Anna. “Poderia ser um grande momento para a FAU se repensar. No segundo semestre chegou a se esboçar um princípio de discussão para a realização de um concurso de idéias. Vários professores e alunos se inscreveram no painel aberto na entrada da escola. Com a greve, a discussão morreu no nascedouro.¹³⁰

¹³⁰BOZZO, Cláudia. “Referência sem Reverência”. Revista AU, 24, jun.-jul.1989, p. 78.

No citado documento encaminhado ao Reitor José Goldemberg com a solicitação do novo terreno para o Anexo, a Diretoria da Faculdade informava também sobre a constituição de uma comissão de “professores notáveis”, para condução das questões sobre o Anexo: Joaquim Guedes, Gian Carlo Gasperini e Paulo Mendes da Rocha¹³¹.

De acordo com João Sette Whitaker Ferreira, que como presidente do GFAU em 1988 acompanhou o debate realizado no Auditório Ariosto Mila, houve uma polarização entre idéias divergentes sobre o Anexo, defendidas pelos professores Joaquim Guedes e Paulo Mendes da Rocha, discordando basicamente quanto ao caráter essencial da natureza do Anexo, do partido a ser adotado:

[...] no debate, houve uma disputa pelo projeto, cada um deles propondo uma solução diferente e antagônica: um projeto de uma torre versus um partido subterrâneo que pouco se confrontava com o edifício da FAU. Imediatamente, o GFAU se mobilizou, questionando por que uma decisão tão importante quanto a construção de um anexo não havia sido divulgada para a escola. Os estudantes propuseram que se fizesse uma oportunidade de realização de um exercício didático de projeto e obra, envolvendo todos os alunos da FAU. Como a greve eclodiu mais ou menos ao mesmo tempo, os alunos votaram a realização de um fórum permanente de debate sobre o ensino, e sugeriram organizar um “concurso pedagógico participativo”: a ideia era que cinco ou seis grandes equipes se formassem na FAU, envolvendo estudantes de todos os anos e grande número de professores em cada uma delas. As equipes trabalhariam no projeto do anexo sob supervisão dos professores, e sem restrição ao debate e à troca de conteúdo entre elas. No fim, seria feita uma consulta à comunidade e escolhido um dos projetos. Chegou-se a fazer uma organização das equipes, em painéis de inscrição colocados

131 Ofício da Direção da FAU-USP ao Reitor Prof. Dr. José Goldemberg, com data de 21 de Agosto de 1987. Arquivo do Grupo Executivo de Gestão de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

na entrada da FAU. Entretanto, com o acirramento da greve que se prolongou até as férias, houve uma desmobilização dos estudantes. Na volta às aulas, fomos surpreendidos com um concurso que havia sido organizado praticamente na nossa ausência. Aparentemente, muitos professores sabiam do mesmo, que foi combinado sem nosso conhecimento, já que mais de uma dezena de docentes apresentaram projetos. O concurso havia sido realizado, sem anonimato (os projetos tinham a autoria declarada) o julgamento feito, e quando chegamos o projeto do Gasperini já havia vencido e seria realizado. Os projetos ficaram então em exposição no Salão Caramelo, por algum tempo. Fim da história. E de um belo sonho de uma atividade pedagógica inédita na FAU. Como estudantes, não ficamos sabendo de todas as disputas e ressentimentos, que pelo jeito eram muitos.¹³²

O comentário ao final salientado por Whitaker, envolvendo “disputas e ressentimentos” parece ser, junto da sensação permanente de urgência, outra característica marcante deste processo. Neste sentido, está presente na ata da reunião do Grupo de Estudos do Projeto do Anexo, realizada em 12 de setembro de 1988, no comentário da representante discente da Pós-Graduação, Yasuko Tominaga, observando que “percebe-se haver inúmeros problemas, conflitos internos e inimizades, que devem ser resolvidos, sob pena desse anexo não chegar a concretizar-se”.

Outro aspecto que orientava o encaminhamento de decisões era relacionado à preservação patrimonial. Sendo o Edifício Vilanova Artigas um bem tombado, o CONDEPHAAT foi consultado pela Direção da Faculdade sobre o projeto do Anexo. Na pessoa de seu Presidente, Paulo de Mello Bastos, o Conselho enviou em setembro de 1988 um ofício em resposta à solicitação da Diretoria da FAU-USP, com as diretrizes do órgão a respeito da realização de um edifício Anexo. O documento do Conselho especifica uma fórmula para o afastamento, onde “a relação entre a altura (h) e o afastamento (A) que

¹³² Depoimento de João Sette Whitaker Ferreira, na ocasião do concurso do Anexo, em 1989, era o presidente do GFAU. Atualmente é professor de Planejamento da FAU-USP.

o edifício anexo deverá manter com o prédio tombado será determinado pela seguinte fórmula: $h = 0,11 A$, estando limitada a altura máxima em 6,80 m a contar do piso do “Salão Caramelo”. As diretrizes ainda observam não ultrapassar o recuo da FAU em relação à Rua do Lago nem o alinhamento da crista do talude da Av. Prof. Luciano Gualberto. Por fim, o Conselho informa que, no caso da necessidade de existência de corredor não subterrâneo de ligação entre os prédios, a altura máxima da cobertura deste deve ser de 2.20m contados do piso do Salão Caramelo, com largura máxima de 4 metros e completa independência do edifício tombado. O Conselho ainda informa que não virá a formar parte de uma eventual comissão julgadora do Concurso e caso haja a sua realização, o projeto definitivo deverá ser enviado para apreciação do Órgão¹³³.

O processo que resultou na construção do Anexo foi bastante complexo e controverso. Circunstâncias como a da greve contribuíram para a falta de debate, de maior transparência e clareza no processo e nas decisões tomadas.

As atas das reuniões da Congregação deste período são fonte de informações importantes sobre as tramitações das questões referentes ao Anexo. Necessariamente precisam ser consideradas do ponto de vista do órgão que tomava as decisões na Escola. Sua associação com outros documentos, depoimentos e informações permite construir um razoável painel da sequência de eventos relacionados ao Anexo.

A 222ª sessão da Congregação¹³⁴, realizada em 30/08/1988, traz entre outras informações sobre o Anexo, a manifestação de Joaquim Guedes informando que considera ser o arquiteto Roberto Tibau “habilitado e experiente, devendo portanto, continuar com o projeto”. Benedito Lima de Toledo, apoiado por Élide Monzeglio, afirmou ser contra a realização do Concurso, pois não poderia avalizar esse desrespeito com relação ao colega Tibau, que já realizara o seu estudo para o Anexo. Geraldo Gomes Serra “informa que o Conselho do AUT¹³⁵ era favorável a um Concurso, porém, diante da premência de tempo,

¹³³Ofício CP-1311/88, do CONDEPHAAT, enviado para a Direção da FAU-USP em 28 de setembro de 1988.

¹³⁴Atas da 222ª Sessão da Congregação, em 30 de agosto de 1988, quando foi votada a possibilidade de se realizar ou não um concurso para o Anexo, ficando decidido por sua não realização.

¹³⁵O AUT é o Departamento de Tecnologia, um dos três que estruturam o ensino na FAU-USP, juntamente com o AUH e o AUP, os

manifesta-se contrario à sua realização.”

Ao final da Sessão, “fica decidido que a FAU, como cliente, promoverá quatro reuniões para discussão e debates sobre o Projeto que vem sendo desenvolvido pelo FUNDUSP, com a presença do professor Roberto José Goulart Tibau, onde poderão ser feitas sugestões a respeito do edifício”. Estas são as reuniões que o “Grupo de Trabalho do Projeto do Anexo” realizou, citadas anteriormente.

Ao ser submetida à votação a realização de um Concurso para o Anexo, desenhou-se o seguinte resultado: 9 votos contra a realização do Concurso; 3 votos à favor de sua realização; e 4 abstenções. Assim, de acordo com a votação da Congregação, o processo em andamento no FUNDUSP deveria prosseguir e o concurso estava descartado.

O clima de inquietação no entanto, continuava bastante ostensivo. Os alunos faziam pressão junto da Congregação para que suas opiniões fossem também consideradas nas tomadas de decisão. Em setembro, uma Assembléia Geral foi convocada pela Diretoria¹³⁶ para que a Escola pudesse debater e deliberar sobre o Anexo e a realização de um Concurso. Submetida à Assembléia a proposta, esta foi aprovada. Assim, verificava-se uma complexa situação, onde uma decisão da Congregação era confrontada por uma decisão tomada em Assembléia Geral.

Na 223ª sessão¹³⁷ da Congregação, em 21 de setembro de 1988, coincidindo com o período em que se inicia a longa greve, o clima parece ser de perplexidade. Joaquim Guedes e Ruy Gama se mostram surpresos com a situação. Guedes se manifesta “estranhando a convocação de uma reunião extraordinária, para apreciar a decisão de Assembléia Geral convocada pelo Senhor Diretor, que contraria a decisão anterior da Congregação de não realizar o concurso para o edifício anexo desta Faculdade”. Gama afirma que a

Departamentos de História e o de Projeto. Além destes, a escola conta com o apoio de Departamentos da Escola Politécnica e do Instituto de Matemática e Estatística.

¹³⁶ Na Ata da 223ª Sessão da Congregação, realizada nos dias 21, 23, 29 de setembro, e 3, 6 e 14 de outubro de 1988, a informação é relatada por Joaquim Guedes.

¹³⁷ Ata da 223ª Sessão da Congregação, realizada nos dias 21, 23, 29 de setembro, e 3, 6 e 14 de outubro de 1988.

Congregação deve ser soberana para ratificar ou não a decisão da Assembleia. Eduardo Corona, favorável à realização do Concurso, manifesta-se observando que é possível uma Assembleia alterar uma decisão da Congregação e cita o “Fórum de 1978” como exemplo. Celso Lamparelli levanta uma série de questões importantes que se impõem aos presentes, cobrando algumas definições, dentre elas: “Qual a natureza do Concurso? Qual a relação deste concurso com o projeto já apresentado?”. Após outras questões, ao concluir, pergunta “a quem competirá informar Tibau de tais decisões?”.

Interrompida, a sessão é retomada em 28 de setembro e informando sobre o andamento do processo, registra o impasse surgido entre as decisões da Congregação e as da Assembléia Geral, conflitantes. Nesta reunião, Joaquim Guedes volta a defender a manutenção de Tibau na condução do projeto, pois a “interrupção do processo implica desprestígio para esse ilustre arquiteto, fato com o qual não pode concordar”. Argumenta também que “não há condições para a realização de um Concurso dentro das normas do Instituto dos Arquitetos do Brasil, com a confecção prévia de bases e programas, a remuneração, o sigilo, bem como o enquadramento em nenhuma das duas categorias possíveis, a do concurso aberto ou a do concurso fechado.”

Guedes ainda comenta a decisão “tomada em reunião de tipo Assembleia Geral, que decidiu pela realização do Concurso, pressionando a Congregação à revisão de sua decisão anterior. Entretanto, aquela reunião com forte presença de alunos, em típico clima emocional, não trouxe qualquer contribuição objetiva ao aperfeiçoamento das conclusões a que chegara a Congregação”. Termina por propor a “ratificação do processo em curso”, e a criação da comissão de três professores representantes da Escola junto a Tibau, a quem caberia concluir o projeto no FUNDUSP.

Após sugestões sobre possibilidades de formatar o Concurso feitas por Ruy Gama e Nestor Goulart R. Filho, a reunião é encerrada. Reaberta em 3 de outubro, continua a 223ª Sessão com a chamada à discussão das sugestões que não haviam sido debatidas na reunião anterior “bem como a minuta de edital apresentada pelo Professor Eduardo

Corona. Após amplos debates, o Colegiado resolve colocar em votação a proposta do Professor Eduardo Corona de se realizar o concurso para o anteprojeto do edifício anexo à FAU, tendo o mesmo sido aprovado por oito votos favoráveis, sendo que a Professora Élide Monzeglio se absteve de votar. Em face deste resultado, o Colegiado resolve solicitar aos seus membros que apresentem na próxima reunião, se considerarem necessário, emendas ao edital apresentado pelo Professor Eduardo Corona”

Na retomada da sessão em 06 de outubro, se o Concurso ainda não é fato consumado, a idéia já se apresenta mais articulada, com o edital discutido item por item, tendo inclusive seu título alterado de “Concurso do Anexo da FAU-USP” para “Concurso de Anteprojetos para Ampliação de Laboratórios da FAU-USP” e as suas cláusulas são debatidas, algumas suprimidas, outras incluídas e outras ainda alteradas. Algumas manifestações frequentes nestas reuniões mostram o receio da perda do terreno conseguido com a Reitoria, o que implicaria grande prejuízo para a Faculdade e a necessidade de manutenção do aspecto didático e pedagógico do Concurso. Esta reunião, no início de outubro, coincide com o momento mais crítico da paralisação e, neste momento, acontece o esvaziamento deste debate, causado em boa medida pela grande greve acontecida nas universidades públicas estaduais a partir do mês de setembro de 1988, com a reivindicação dos professores e funcionários, apoiados pelos alunos, por melhores salários. Esta foi uma das maiores paralisações já registradas na USP e foi reprimida violentamente pelo Governador Orestes Quécia. A greve durou mais de dois meses, o que acabou atrelando-a ao recesso de final de ano, ampliando o período sem aulas para mais de quatro meses, afetando sensivelmente o debate referente ao Anexo e à possível formatação do Concurso, no modo em que ele poderia ter sido encaminhado.

No início de 1989, ainda sem uma definição do Concurso para o Anexo, na 226ª Sessão da Congregação realizada em 27 de janeiro, o assunto volta a ser discutido e o Colegiado é informado pelo FUNDUSP da data para a entrega dos Estudos Preliminares, o dia 28 de fevereiro seguinte. Estranhamente nesta reunião, há ainda uma tentativa de se manter uma espécie de plano B, com o Anteprojeto Tibau/FUNDUSP, algo que o próprio

relator reconhece como algo difícil de ocorrer após o desenrolar do processo de modo tão conturbado. Nesta sessão, tudo o que já havia sido deliberado ao longo da sessão passada, nos meses de novembro e dezembro do ano anterior, volta à discussão. Novamente, parece que o temor e a premência do prazo, provocados pelo ofício do FUNDUSP, fazem a Congregação recuar de decisões que afinal não foram tomadas:

Amplamente discutido o assunto, é submetida à votação a continuidade do processo de concurso interno, para a realização dos Estudos Preliminares, conforme proposta, no ano de 1988. Por expressiva maioria de votos o processo de realização do concurso interno não foi aprovado. Com a palavra, o Professor Jorge de Rezende Dantas sugere que a Congregação designe o Professor Eduardo Corona para entrar em contato com o Professor Doutor Roberto José Goulart Tibau e o Professor Doutor Francisco Romeu Landi, Diretor Executivo do FUNDUSP, para realizar gestões e resolver o caso do Anexo da melhor forma, e se, eventualmente, o Professor Roberto José Goulart Tibau não aceite dar continuidade ao projeto, o Professor Eduardo Corona ficará responsável pelo encaminhamento do assunto. Após amplos debates, o Colegiado, considerando as informações contidas no item 01 do referido ofício do FUNDUSP, decide designar o Professor Eduardo Corona para coordenador do projeto pela FAU-USP, devendo o mesmo estabelecer contatos com a Diretoria do FUNDUSP e com o Professor Roberto José Goulart Tibau, encarregado pelo FUNDUSP da elaboração do anteprojeto, a fim de ser dada continuidade ao processo em tempo hábil. O Colegiado recomenda, ainda, que o Professor Eduardo Corona encaminhe relatório à esta Congregação, sobre o andamento do processo e desenvolvimento do anteprojeto, até 10.02.89, considerando o curto tempo de que a FAU dispõe para entrega do estudo preliminar, que é 28.02.89.¹³⁸

¹³⁸ Ata da 226ª Sessão da Congregação, realizada em 24 de janeiro de 1989.

Nas reuniões seguintes, o Colegiado continua com divergências e incertezas a respeito do assunto e seguem as discussões, com outras possibilidades sendo colocadas pelos participantes, como convidar Tibau para participar do Concurso, a possibilidade de instalar a Comissão de Graduação da FAU no Anexo ou trazer a Pós-Graduação para a Cidade Universitária. Geraldo Gomes Serra se manifesta dizendo não haver novidade no que se discute e que sempre fora contra o Concurso, preocupando-se com o fato da Congregação voltar atrás com decisões tomadas e correr o risco de perder a atenção com outras questões administrativas da Escola, uma vez que já se havia designado membro responsável para isto. Uma nova menção nas atas da Congregação sobre o assunto Anexo aparece em 16 de março, na 228ª Sessão, apenas para relatar o adiamento do prazo de entrega para dia 28 de março próximo, o que nos dá a entender que o andamento do Concurso já estava encaminhado. Nenhuma outra informação consta dos registros até a data programada para a entrega das propostas.

Assim, extensivamente colocados, a complexidade e os problemas havidos ao longo de todo o processo que redundou no Concurso ficam patentes. Novas informações, já após a entrega e a divulgação do resultado, mostram através da manifestação dos alunos o clima reinante, encerrado com a posição irredutível assumida pela Congregação:

[...] nós alunos, abaixo assinados [...] não estamos de acordo com o processo pelo qual o concurso do projeto do prédio anexo foi executado e entendemos como um ato de arbitrariedade do Professor Eduardo Corona assumir a responsabilidade de executar este concurso nos seguintes termos: 1. ausência de aprovação prévia pela Congregação para realização do concurso; 2. ausência de aprovação prévia pela Congregação da escolha dos jurados, selecionados em livre arbítrio; 3. ausência da participação de alunos, contrária à deliberação da assembleia de alunos e professores realizada em setembro de 1988; 4. ausência de respeito às regras do edital do respectivo concurso na

escolha do projeto vencedor. Deste modo, nós alunos apelamos à Congregação pela anulação do concurso, bem como pela prorrogação do prazo para a entrega do anteprojeto do edifício anexo ao FUNDUSP, de modo que uma nova discussão a respeito dos termos do concurso seja feita. Caso a prorrogação de prazo não seja obtida, exigimos uma nova avaliação de projetos onde, de quinze personalidades da arquitetura nacional, não necessariamente pertencentes ao corpo docente da FAU, cinco sejam escolhidos por sorteio em sessão pública para composição do júri. Exigimos também a participação do projeto do Professor Doutor Roberto José Goulart Tibau na avaliação a ser realizada.

E mais adiante,

[...] Antes de mais considerações cabe notar que todos esses documentos são posteriores ao encerramento e julgamento do concurso; 7. A argumentação fundamental que embaça esta argumentação refere-se à ausência de aprovação pela Congregação quer do concurso, quer da escolha dos jurados; 8. Ora, na 226ª Sessão da Congregação o Professor Eduardo Corona ficou responsável pelo encaminhamento do assunto junto ao FUNDUSP, decisão reiterada na 227ª Sessão da Congregação, para que o mesmo, “com ou sem concurso”, resolvesse o assunto da melhor forma; 9. Considere-se que o tema foi motivo de prolongado debate durante quase todo o ano de 1988 tendo a Congregação, e em particular o Senhor Diretor da Faculdade protelado inúmeras vezes uma decisão, para permitir que todas as opiniões fossem ouvidas. A esse prolongadíssimo debate que tomou horas preciosas de atenção da Congregação, seguiu-se a decisão acima referida reiterada por unanimidade dos membros da Congregação, delegando ao Professor

Eduardo Corona poderes para resolver a questão de forma a consultar os mais altos interesses da Faculdade, que se via no risco até de perder até os recursos do financiamento¹³⁹

Seguem-se observações sobre as competências, ilibadas reputações, respeito e considerações em relação aos envolvidos no processo, e ressalta adiante a diversidade de alternativas que estaria presente no conjunto das 17 propostas apresentadas ao Concurso. O projeto vencedor, da equipe de Gian Carlo Gasperini, é de “um arquiteto de renome nacional e internacional, com importantes contribuições à FAU-USP”.

[...] Face ao exposto, verifica-se que ao contrário do que alegam os alunos, houve decisão cabal e reiterada desta Congregação. Houveram-se o senhor Diretor, o Professor Eduardo Corona e os membros do júri com a maior correção e eficiência, tendo sido ouvidas todas as opiniões por longo tempo antes da decisão final. 15. De outro lado não há como a congregação abdicar de sua competência, direito e obrigação na decisão final do processo. Nestes termos, consideramos a solicitação dos alunos inoportuna, por posterior a todos os eventos acima relacionados, e inconveniente, face ao andamento acelerado que a questão exige¹⁴⁰

Por fim, estabeleceu-se fazer um Concurso interno, com as equipes concorrentes devendo ter a coordenação de ao menos um professor da FAU-USP, com a possibilidade de colaboração dos alunos e de arquitetos convidados de fora da Escola.

O convite aos jurados foi formalizado em 22 de março de 1989, poucos dias antes da entrega dos anteprojetos, que tiveram a data definitiva de entrega ampliada para o dia 28 de março.

¹³⁹ Ata da 228ª Sessão da Congregação, realizada em 16 de março de 1989.

¹⁴⁰ Ata da 228ª Sessão da Congregação, realizada em 16 de março de 1989.

O programa não sofreu grandes alterações, visando abrigar parte dos laboratórios da Faculdade (LAME - Laboratório e Modelos e Ensaios; LPG – Laboratório de Publicação e Produção Gráfica; FotoFAU – Laboratório de Fotografia, a Gráfica e a Tipografia). Desta vez, cada Laboratório enviou uma documentação mais detalhada discriminando as funções e as áreas necessárias às atividades desenvolvidas.

O resultado do Concurso foi divulgado por um breve documento, datado de 27 de março de 1989. Este documento, longe de ser uma ata relatando os procedimentos e as condições e critérios de análise e julgamento dos trabalhos, apenas informa burocraticamente que “o júri, analisando detidamente os anteprojetos apresentados, destacou, por suas qualidades, os dos seguintes professores: Arnaldo Martino, Bruno Padovano, Gian Carlo Gasperini e José Claudio Gomes. Após prolongada reflexão, o júri deliberou escolher o anteprojeto de Gian Carlo Gasperini. O júri congratula-se com a iniciativa da FAU-USP e a todos os professores, pelo elevado nível dos anteprojetos apresentados.”¹⁴¹

Após a divulgação do resultado, os debates e manifestações por uma discussão e exposição dos critérios utilizados na avaliação dos trabalhos continuaram, questionando o trabalho de julgamento dos projetos, quais os critérios utilizados pelo júri, sendo esta uma das principais questões colocadas pelos que discordaram deste resultado. Na ocasião do julgamento, Jon Maitrejean, um dos membros do júri, discordou da dimensão tomada por este processo: “[...] tanta gente trabalhando [...] tanta coisa em um tema tão secundário [...] dos projetos, 3 ou 4 trataram o tema como um anexo, uma continuação do espaço funcional”¹⁴². Em seu depoimento, Maitrejean comentou brevemente a situação do julgamento, dizendo que houve um consenso inicial do júri em definir a escolha entre os projetos que assumiram essa interação franca com o prédio de Artigas, “optou-se por prédios isolados, independentes da FAU [...] foi considerado que os projetos que enfrentassem realmente este grande dialogo, esta dicotomia com a FAU, seriam os considerados para ganhar. Foi essa a direção do júri.”

¹⁴³

¹⁴¹ Ata informando o resultado do Concurso do Anexo da FAU-USP. Arquivo do Grupo Executivo de Gestão de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

¹⁴² BOZZO, Cláudia. “Referência sem Reverência”. Revista AU, 24, jun.-jul. 1989, pp. 78-82.

¹⁴³ Depoimento de Jon A. V. Maitrejean concedido ao autor em 04/06/2014.

Os Anteprojetos: Organização e Critérios para uma Seleção

Foram inscritas no Concurso para o Anexo 25 equipes¹⁴⁴, listadas no documento de inscrição. Destas, ao final do prazo estabelecido pela organização para a entrega, com base nos prazos informados pelo FUNDUSP, 17 equipes entregaram seus anteprojetos.

As equipes participantes foram coordenadas pelos seguintes arquitetos, todos professores da FAU-USP: Gian Carlo Gasperini, que apresentou o projeto vencedor, Siegbert Zanettini, Arnaldo Martino, Teru Tamaki, José Claudio Gomes, Francisco Segnini, Sylvio Sawaya, Andreína Nigriello, César G. Bergstrom Lourenço, Marcelo A. Fragelli, José de Almeida Pinto, Dario Montesano, Lucio Gomes Machado, Edgar Dente, Rafael Perrone, Bruno Padovano e Cândido Malta Campos Filho.

O corpo de jurados foi formado por Eduardo Corona, responsável pelo concurso e presidente do júri, e pelos arquitetos Eduardo Kneese de Mello, Jon A. V. Maitrejean, João Carlos Cauduro e Décio Tozzi.

O concurso restrito ao corpo docente da Faculdade, salvo alguns profissionais convidados a participar pelos professores, reflete o pensar e o fazer Arquitetura hoje na FAU. A considerar, ausências significativas. Como resultado geral, decepciona. Há exceções, é claro, e delas falaremos adiante. [...] Surpreende o número de projetos que recorrem a soluções formais e espaciais que se reportam ao edifício de Artigas, trabalhando em escalas menores [...] passam a imagem de pequenas “faus” [...] Em alguns casos, a procura de uma tipologia industrial para os laboratórios nos parece imprópria, literatura em demasia. Trata-se de laboratórios de uma universidade, que implica pesquisa, conhecimento, ensino e aprendizagem. [...] No uso da tecnologia, a mesma impropriedade. É preciso superar a ginástica das grandes estruturas, o expressionismo

¹⁴⁴ A relação dos arquitetos inscritos e das propostas entregues está em documentos arquivados na Pasta dos Documentos do Anexo, no Arquivo do Grupo Executivo de Gestão de Espaços Físicos (GEEF-FAU).

Anteprojeto Arnaldo Martino.

Anteprojeto Edgar Dente.

Anteprojeto Marcelo Fragelli.

Anteprojeto Cesar Bergstron.

Anteprojeto Siegbert Zanettini.

Anteprojeto Dario Montesano.

Anteprojeto Andreina Nigriello.

Anteprojeto José Claudio Gomes.

Anteprojeto Teru Tamaki.

Anteprojeto Francisco Segnini.

Anteprojeto José de Almeida Pinto.

Anteprojeto Lúcio Gomes Machado.

Anteprojeto Rafael Perrone

Anteprojeto Gian Carlo Gasperini

Anteprojeto Sylvio Sawaya

Anteprojeto Candido Malta Campos

Anteprojeto Bruno Padovano

tecnológico-industrial, como primazia. A sociedade já vivência a era pós-industrial, e os frutos tecnológicos carecem de revisões, de precisão.¹⁴⁵

É oportuna a lembrança feita acima sobre as ausências. Importantes arquitetos eram professores de projeto da Escola naquele momento, e no entanto, não participaram do Concurso. Apesar de alguns chegarem a fazer a inscrição, nomes como Joaquim Guedes, Abrahão Sanovicz, Eduardo de Almeida, João Walter Toscano, Paulo Mendes da Rocha, entre outros, não participaram do concurso, fazendo com que o mesmo deixasse de contar com personalidades da maior importância no cenário da arquitetura brasileira, e sem dúvida, privando o Concurso de um considerável material para este debate. Maria Assunção R. Franco, inscrita individualmente, não apresentou projeto próprio, passando a integrar a equipe de Bruno Padovano, a qual contou com o maior número de participantes, uma equipe de perfil multidisciplinar com quinze profissionais, incluídos os consultores. Por outro lado, houve projetos desenvolvidos apenas com o trabalho do próprio autor inscrito, o que é sugerido pela ausência de menção à outros membros participantes.

No sentido de simplificar o longo recorrido pela história da Escola por meio de seus Anexos, neste ponto focal e concentrado representado pelo evento do Concurso, considerou-se conveniente, quanto ao formato, selecionar alguns dos trabalhos apresentados, considerados mais significativos e representativos, por motivos diversos, que serão apresentados ao longo de sua exposição.

No intuito de definir e organizar os critérios que embasaram estas escolhas, decidiu-se por uma classificação das propostas segundo características mais gerais, aspectos compositivos e o modo como consideram e estabelecem novas relações com o edifício de Artigas.

Desde as considerações feitas por Alessandro Castroviejo Ribeiro no artigo *Vontade de Ser*, parte da ampla matéria dedicada ao Concurso, publicada pela revista *Arquitetura e Urbanismo* após o evento, os anteprojetos foram organizados segundo alguns modos

¹⁴⁵RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. "Vontade de Ser". Revista AU, 24, 1989, p. 84-88.

de intervenção, ou partidos, adotados pelos participantes, passíveis de identificações e aproximações dentro do corpo das propostas. No texto, Ribeiro situa com precisão as circunstâncias do Concurso, e em sua análise, organiza os projetos a partir de três agrupamentos principais:

A questão central para analisarmos os projetos apresentados se resume na identificação das várias propostas quanto à definição de sua natureza, identidade e especificidade. Compreender como idéias e conceitos são operados através de processos projetuais e transformados em partido, em projeto. Assim, destacamos [...] três agrupamentos, que refletem atitudes relacionadas ao problema.

I- [...] aqueles que desejam preservar a imagem simbólica da FAU, enterrando por inteiro ou parcialmente o anexo.

II- [...] aqueles que desejam afirmar o anexo, atribuindo-lhe uma identidade.

III-[...] o anexo é pensado a partir das teses que reportam ao urbano, à cidade.¹⁴⁶

A partir desta classificação, em grupos que não são necessariamente excludentes, algumas considerações mais generalizadas e sumárias sobre os partidos e procedimentos projetuais adotados no universo das 17 propostas¹⁴⁷ ajudam a situá-los nesta sistematização.

¹⁴⁶RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. "Vontade de Ser". Revista AU, 24, 1989, pp. 84-88.

¹⁴⁷Os anteprojetos que não tiveram a totalidade de suas pranchas expostas dentro desta organização, encontram-se em anexo, a partir da p.334 desta dissertação.

I- A FAU de Artigas como Templo

Os projetos ditos “enterrados”, consubstanciados nas propostas que apresentaram soluções realizadas predominantemente em subsolo, foram minoria dentre os anteprojetos. Apenas dois trabalhos, os das equipes de Arnaldo Martino e Edgar Dente, desenvolveram sua aproximação com Artigas por meio deste partido, embora com razoáveis diferenças.

As propostas que se filiam à ideia de projetos “que desejam preservar a imagem simbólica da FAU, enterrando por inteiro ou parcialmente o anexo”, encontram eco na própria proposta inicial para o edifício da FAU-USP, como podemos verificar em alguns dos desenhos de Vilanova Artigas nos estudos que integram o *Caderno de Riscos Originais: Projeto do Edifício da FAU-USP na Cidade Universitária*, editado pelo GFAU em 1979 e reeditado em 1998.

Numa suposição especulativa, se pudéssemos perguntar o que faria Artigas para ampliar seu edifício, talvez a resposta já estivesse nestes seus croquis iniciais.

Com a experiência do Anexo construído, carecendo de conexão adequada com o prédio da FAU, podemos avaliar de modo preciso o quanto as soluções de integração física, funcional, entre o Anexo e o edifício principal são pontos críticos, no sentido de viabilizar sua eficiência, favorecendo as possibilidades de utilização.

Além da imagem simbólica do edifício, estes projetos consideraram preservar um espaço livre, necessário, em torno da FAU. São intervenções discretas na paisagem, permitindo a leitura integral do peristilo e das empenas como elementos dominantes naquele contexto. Como observou Ana Paula G. Pontes, “com seu volume prismático retangular, sustentado por colunas de ritmo regular, podemos aproximar a configuração externa do edifício da FAU à tipologia de um templo grego, embora não interessasse a Artigas o ideal de beleza proporcional associado às formas da Grécia Antiga”¹⁴⁸. Edifícios com esta matriz clássica, como é o caso da obra prima de Artigas, por sua própria natureza demandam para sua realização plena o espaço de seu entorno, acomodando as relações geradas pelo peristilo, espaço de transição, alimentando continuamente a permeabilidade

Desenho de estudo de Vilanova Artigas para o projeto da FAU.
Fonte: Caderno de Riscos Originais: Projeto do Edifício da FAU-USP na Cidade Universitária. GFAU, 1998.

¹⁴⁸ PONTES, Ana Paula. “O Templo-Escola”. in Revista Monolito, 27, 2015, p. 109.

Estudo cromático para as colunas da FAU-USP.
Fonte: FERRAZ, Marcelo C. Vilanova Artigas, 1997.

e a troca entre os espaços internos e externos. Artigas logrou reinterpretar magistralmente este código clássico, usando a história da arquitetura como material de projeto. Criou um edifício absolutamente contemporâneo, partindo, entre outros elementos, da reinterpretação abstrata e transcendental do peristilo clássico. Apesar de não se utilizar dela para proporcionar seu edifício, redesenhou formidavelmente a coluna, elemento principal de ordenação desta arquitetura. Dentre o conjunto de proposições, são as que evocam com maior fidelidade o preceito formulado por Edmund Bacon a esse respeito, apresentado na introdução deste trabalho, o *Princípio do Segundo Homem*.

FAU-USP, vista externa.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

O Anteprojeto Coordenado por Edgar Dente

Equipe: Álvaro Razuk, Álvaro Puntoni, Clóvis Cunha e Angelo Bucci.

O projeto apresentado por Edgar G. Dente e equipe conecta o espaço que propõem como ampliação a partir da galeria atrás do Auditório, no nível 722,00, avançando pelo corte aberto no terreno para receber a ampliação, passando entre as duas colunas do peristilo lateral, alargando-se em dois taludes ajardinados assim que se afasta suficientemente daquelas. A nave criada pela ampliação conta com dois níveis. No Superior, conectado diretamente com a referida galeria, estão dispostos os Laboratórios LRAV e LPG em uma faixa central que se desenvolve na direção sudeste, tornando-se um mezanino conforme adentra o vazio ocupado pelas oficinas do nível inferior, 719.40. A iluminação e ventilação deste bloco central do mezanino são controladas artificialmente, como convém ao programa que abriga. As oficinas, ocupando área mais ampla com pés-direito maiores, embutem o volume superior dos Laboratórios, permitindo a integração visual e espacial entre as distintas atividades, sendo ventiladas e iluminadas naturalmente pelas laterais da ampliação, faceando os dois taludes ajardinados criados com a preparação do terreno. O programa destas oficinas está disposto numa engenhosa seqüência de níveis, conectados por lances de escadas e rampas. A cobertura proposta pela equipe como continuação da laje do Salão Caramelo, utiliza vigamento metálico, apoiando em sua face superior um piso formado por grades metálicas soldadas, e na face inferior fechamento com vidro laminado, ou onde necessário, painéis opacos pré-moldados de argamassa armada, numa releitura da cobertura iluminante de Artigas. Sendo transitável, o piso de grelhas metálicas permite a continuidade da ligação entre a Rua do Lago e a Av. Luciano Gualberto.

Uma proposição que merece ser destacada no anteprojeto da equipe, é uma reflexão não apenas sobre a ampliação por meio do Anexo, mas também uma revisão, a requalificação dos espaços da FAU de Artigas. Num caso único dentre os anteprojeto, a equipe produziu plantas de todos os níveis da FAU de Artigas, reorganizando os programas como um todo, no sentido de repensar a estrutura da Escola com a oportunidade trazida pelo projeto do

Perspectiva da Praça dos Estudantes. Projeto de Edgar Dente
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Modelo, proposta de Edgar Dente.
Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo n. 24, 1989.

Anexo. Edgar Dente, comenta sobre a situação existente, as tentativas de viabilizar outras formas de viabilizar uma proposição mais abrangente, considerando de modo enfático a vinculação desta posição com a preservação adequada do prédio de Artigas.

“Quando veio a informação sobre a verba [...] se colocou em questão a necessidade da obra. Afinal, a própria FAU tem problemas: é preciso reequipar, acertar e corrigir muitas coisas. No Departamento de Projeto, por exemplo, estamos numa ‘favela’, resultado das alterações e modificações internas feitas sem que os professores interferissem. Então, era o caso de enfrentar o desafio, confirmado o empréstimo do BID. Houve, a princípio, uma proposta de trabalho coletivo [...] mesmo antes da greve a FAU já estava paralisada pela questão do anexo e outros problemas. Estávamos num processo de crise. A Faculdade se prepara para repensar problemas de ensino e a questão do anexo deveria ser tratada didaticamente. Quando a Congregação, no início deste ano decidiu pelo concurso entre professores, aquelas discussões anteriores nortearam o projeto apresentado. A edificação não deveria confrontar, competir, mas sim complementar - um anexo para resolver alguns problemas. Não havia nenhuma razão para elaborar um prédio com uma expressão arquitetônica ou fazer qualquer tipo de contraponto. Questões de consenso que deveríamos retomar, como a iluminação zenital, resolvendo-a com recursos novos, que não existiam há 30 anos. Não dava para pensar no anexo sem pensar na FAU. Não é só um problema arquitetônico - pegar um objeto e outro e fazer uma composição.”¹⁴⁹

De modo sintético, as alterações propostas pela equipe concentram-se na laje anteriormente ocupada pelas oficinas, que com a mudança destas para a ampliação passam a alojar as instalações da Biblioteca. A partir do fosso do Auditório, aproveitando uma

¹⁴⁹ RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. Vontade de Ser. Revista AU, 24, 1989, p. 84-88.

área lateral, a equipe define uma “galeria de projetos dos alunos”. No Salão Caramelo, recupera a varanda da fachada junto da ampliação, mantendo apenas a Diretoria ao longo do alinhamento da Rua do Lago. O nível da Lanchonete, do Museu e do GFAU, é mantido com sua configuração original. No lugar da antiga Biblioteca, peça fundamental na estruturação conceitual e espacial que Artigas idealizou para o edifício, são instaladas as salas de professores, separadas dos Departamentos, com alguns setores de apoio. Neste nível, recupera-se a Varanda então tomada pelo Setor de Projetos da Biblioteca. A Fupam e a Sala de Informática ficam instaladas na continuação desta laje, na lateral próxima do Instituto de Matemática. No nível dos Departamentos, mantendo-os, Dente reorganiza a distribuição dos seus ambientes e resgata o espaço livre do Ateliê Interdepartamental (AI). Nos níveis dos Estúdios e Salas de Aula também são mantidos os usos já estabelecidos.

Anteprojeto da equipe coordenada por Edgar Dente. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

PROCESSO CONSTRUCTIVO

姓名: 李德全 性别: 男 年龄: 45 职业: 教师 单位: 北京市教育委员会 邮编: 100000
 电话: 010-62312345 手机: 13910123456 电子邮箱: lidequan@bjedu.gov.cn
 联系地址: 北京市西城区三里河大街 100 号 100045 联系地址: 北京市海淀区中关村大街 100 号 100080

定价：每册 0.50 元 每套 1.50 元 邮费在內 汇款地址：北京海淀区中关村大街 27 号 中国科学院图书馆

李 强 李 强 李 强

1. 中国文学史 主编 郭沫若(1927年出版)
2. 中国文学史 主编 胡适(1928年出版)
3. 中国文学史 主编 钱玄白(1930年出版)
4. 中国文学史 主编 鲁迅(1931年出版)
5. 中国文学史 主编 周作人(1932年出版)
6. 中国文学史 主编 陈西滢(1933年出版)
7. 中国文学史 主编 沈雁冰(1934年出版)
8. 中国文学史 主编 茅盾(1935年出版)
9. 中国文学史 主编 郭沫若(1936年出版)
10. 中国文学史 主编 鲁迅(1937年出版)
11. 中国文学史 主编 周作人(1938年出版)
12. 中国文学史 主编 陈西滢(1939年出版)
13. 中国文学史 主编 沈雁冰(1940年出版)
14. 中国文学史 主编 茅盾(1941年出版)
15. 中国文学史 主编 郭沫若(1942年出版)
16. 中国文学史 主编 鲁迅(1943年出版)
17. 中国文学史 主编 周作人(1944年出版)
18. 中国文学史 主编 陈西滢(1945年出版)
19. 中国文学史 主编 沈雁冰(1946年出版)
20. 中国文学史 主编 茅盾(1947年出版)

1997年 7月 4日

1. 教师出示图，引导幼儿说出图意。
2. 引导幼儿思考：图中有哪些动物？它们分别在哪里？
3. 引导幼儿思考：图中有哪些植物？它们分别在哪里？
4. 引导幼儿思考：图中有哪些建筑物？它们分别在哪里？
5. 引导幼儿思考：图中有哪些人物？他们分别在哪里？
6. 引导幼儿思考：图中有哪些交通工具？它们分别在哪里？
7. 引导幼儿思考：图中有哪些自然现象？它们分别在哪里？

SECT. 700-80
701-70

7. PARADA

SECT. 700-80
701-70

1. SALA DE REUNIONES
2. DEPARTAMENTO
3. REPOSICION
4. SALA DE INGENIEROS
5. REPOSICION
6. SALA
7. CORRIDO
8. PASEO
9. SALA DE INFORMACION

SECT. 700-80
701-70

O Anteprojeto Coordenado por Arnaldo Martino

Perspectiva do anteprojeto de Arnaldo Martino.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Equipe: Pedro Mendes da Rocha, Ana Lúcia Ottoni, Adriana Prado e Rogério Machado.

Consultor Estrutural: João del Nero

Arnaldo Martino e equipe apresentaram a proposta mais radical de ampliação com desenvolvimento em subsolo, criando um sofisticado sistema estrutural que permite a disposição do programa de acordo com um módulo básico de dois metros, utilizando peças pré-moldadas de concreto. A grande questão deste gênero de intervenção concentra-se, quase sempre, em resolver adequadamente as questões de iluminação e ventilação naturais. A equipe também empregou uma solução de ventilação e iluminação com *sheds*, no entanto, aqui, numa outra disposição, reinterpretados, eles estão embutidos no sistema que estrutura a cobertura da ampliação e o piso da praça. No projeto há uma rigorosa correlação entre planta e a grelha de cobertura, com os ambientes definidos sempre dentro desta malha, de acordo com a necessidade de área definida pelo programa.

Uma das virtudes destacadas no memorial é a solução do programa em um único nível, permitindo toda sorte de rearranjos futuros. A modulação de 2 x 2m é suficientemente flexível para fornecer alternativas de múltiplos agenciamentos. Ao longo dos arrimos ciclóticos que definem o recorte da ampliação, encaixados paralelamente à Avenida Luciano Gualberto e à Rua do Lago, foram deixadas duas faixas livres e ajardinadas, com 6 metros de largura cada uma, providas de ventilação e iluminação permanentes. Largas calçadas percorrem toda a extensão destes jardins internos e constituem outra alternativa de circulação, mais resguardada, entre os laboratórios e as oficinas.

A união com a FAU se dá do mesmo modo que propunha a equipe de Edgar Dente, pelo nível 722.00, nos fundos do Auditório, sendo o nível acabado da cobertura do anexo o mesmo do piso do Salão Caramelo, 723.80, formando a praça externa que o projeto configura, uma continuação ao ar livre do core da Faculdade.

Este eixo de junção forma uma “rua interna”, com 6 metros de largura, estruturando a distribuição do programa no interior do Anexo em blocos afins, formando três núcleos, perfeitamente distinguíveis em planta, pela configuração específica de cada Laboratório. Na extremidade mais afastada da FAU, a “rua” termina em um largo de convivência, próximo de um pequeno auditório, um jardim e um acesso independente, por escada, diretamente do anexo para a praça.

A importante ligação com a avenida abaixo, é feita por uma rua de pedestres em “suave rampa” que parte da Rua do Lago, cruza com a galeria de ligação entre a FAU e o Anexo na cota 722.00, descendo até terminar na calçada da Avenida Luciano Gualberto.

Ainda nesta avenida, previu-se um acesso de veículos para carga e descarga que atravessa o talude, conectando-se com um pequeno pátio no interior do Anexo.

Como um marco vertical desta intervenção essencialmente horizontal, a equipe propõe na extremidade oposta à FAU, uma estrutura de concreto, de apoio central, qual uma árvore, acumulando a função de caixa d’água e cobertura e demarcando a presença de uma área sombreada, com um bar/lanchonete externo e a referida entrada, mais autônoma, para o Anexo no piso inferior.

Diversos elementos ou conceitos similares à alguns empregados neste projeto estão presentes na obra anterior do autor. O elemento dominante vertical, a estrutura em árvore servindo de abrigo à escada de acesso ao anexo, foi utilizada de modo parecido na Casa da Árvore realizada no Patrimônio do Carmo, em São Roque, São Paulo, em 1976. Guardada a necessária proporção em relação à escala, o desenvolvimento modular livre dentro de uma estrutura mais rígida guarda relações com a proposta feita em equipe, em 1968, para a sede da Secretária de Agricultura do Estado de São Paulo. A cuidadosa aplicação de sistemas modulados também já havia sido investigado pelo autor no desenvolvimento de um sistema construtivo para o Prêmio Brasilit de Arquitetura, em 1979.

Alternativas de ampliação. Anteprojeto de Arnaldo Martino.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Esquema estrutural. Anteprojeto de Arnaldo Martino.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

As possibilidades de ampliação consistem da introdução de mezaninos, com um pequeno rebaixamento do piso para adequação do pé-direito, ou de modo mais extensivo, ampliando a área do anexo, estendendo seu comprimento em direção ao prédio do Instituto de Geociências, seguindo a modulação estabelecida. O anexo proposto conta com 7 módulos primários, estabelecendo eixos construtivos à cada 12 metros, com a possibilidade de crescimento de 5 novos módulos. Sem considerar a criação de mezaninos é um crescimento possível de mais de 70% de sua área.

A característica imediata do projeto é o rigor e horizontalidade da grelha que desenha o piso da praça, contraposta à cobertura que destaca o acesso, como cita o memorial: “uma plataforma que aflorará apenas 0.80m. do nível natural do terreno”. Ainda de acordo com o texto que acompanha o projeto, os autores ressaltam que o Anexo complementar “as necessidades funcionais de ampliação dos Laboratórios, não se constituirá em outra unidade arquitetônica, mas será assessória e implantada de forma a relevar o importante edifício tombado, em continuidade e como parte da sua paisagem próxima.”

Pranchas do anteprojeto da equipe coordenada por Arnaldo Martino. Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

II -Edifício Vilanova Artigas: Ensaios Dialógicos

Elevação. Anteprojeto Marcelo Fragelli.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP

Modelo do anteprojeto de Cesar Bergstrom.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Perspectiva do anteprojeto de Siegbert Zanettini.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Previsivelmente, a segunda classificação, descrita de modo simples e genérico como a dos projetos onde a solução do programa se deu em um volume de tipo pavilhonar, isolado, criando diferentes contrapontos ao edifício existente, acolheu a grande maioria dos trabalhos, 12 propostas. A diversidade significativa de soluções, possível e desejável no âmbito da expressão formal arquitetônica, a partir de diferentes respostas e colocações de um mesmo problema, opera intervenções de mesma natureza em sua essência.

Dentre estas propostas, algumas apresentaram alternativas com uma identidade formal bastante contida e apesar de não partirem de soluções totalmente em subsolo, pautaram-se por uma economia dos recursos e dos elementos arquitetônicos utilizados, como exemplificam os projetos das equipes de Marcelo Fragelli e César Bergstrom Lourenço. Formas prismáticas regulares, básicas, bastante similares nas plantas quadradas, que em gesto enfático mas previsível estão rotacionadas 45° em relação ao edifício de Artigas. O Anexo de Bergstrom é mais fechado, vedado com painéis pré-moldados de concreto, com as aberturas funcionais das oficinas e recortes envidraçados em locais específicos. A área central de seu interior é iluminada zenitalmente. Por um outro caminho, Fragelli trabalha uma trama de elementos verticais, lâminas estruturais de concreto, atuando também como brises verticais, gerando um volume que parte da cota rebaixada do lote, aflorando na paisagem qual um objeto abstrato, como a devolver à sobriedade e à horizontalidade das empenas de Artigas, um ritmo rigorosamente geométrico, vertical e acentuado, igualmente compacto, porém de diversa transparência. A proposta de Fragelli conta ainda com um pátio interno aberto, empregando o mesmo sistema de vedação da fachada externa num resultado expressivo, coincidente com alguns elementos e conceitos que serão bastante empregados na produção arquitetônica internacional, identificados a partir da década de 1990 como minimalistas, não sem as costumeiras controvérsias que quase sempre acompanham estes movimentos da crítica. Em outro extremo, representado pela equipe de Siegbert Zanettini, utilizou-se o mesmo procedimento, porém com linguagem de maior impacto formal e emprego extensivo do recurso cromático nos elementos componentes do Anexo. A planta é constituída por dois blocos curvos contrapostos, com diferentes dimensões. Estes dois

volumes, assentados na depressão do terreno, são gerados a partir de um mesmo feixe estrutural de arcos metálicos em leque e definem um pátio de circulação e convívio, quase um largo, ao longo dos Laboratórios e Oficinas, dispostos sob as áreas onde a estrutura recebe uma cobertura de telhas metálicas. Nos trechos descobertos, a seqüência de arcos funciona como um pergolado sobre o pátio central e conduzem a uma leitura única da solução distribuída em dois blocos. A arquitetura proposta por Zanettini e equipe para o Anexo tem relação com a pesquisa que o arquiteto já vinha desenvolvendo com o aço e caminha no sentido materializado anos depois em vários projetos que realizou, como as unidades da Escola Panamericana de Arte da Rua Groenlândia e da Av. Angélica, em São Paulo.

Os projetos de Dario Montesano e da equipe de Andreina Nigriello se caracterizam pelo uso de treliças metálicas espaciais e pela implantação, que inverte o eixo de desenvolvimento noroeste-sudeste da FAU. Reforçando esta posição, o projeto da equipe de Nigriello utiliza a mesma disposição de apoios do peristilo de Artigas, cinco nas fachadas maiores e dois nas menores. Alguns dos apoios-colunas propostos pela equipe emulam a geometria da conhecida coluna de Artigas nas formas triangulares leves, derivadas da treliça, que encontram a pirâmide de concreto da base, como um “bloco de fundação que aflora do solo”¹⁵⁰ pesado e estável.

A equipe conduzida por José Claudio Gomes utiliza como elemento marcante uma proeminente passarela de 150 metros de comprimento, proposta em estrutura metálica e cobertura por arcos, partindo do Salão Caramelo em direção ao edifício da Geociências, assentando os blocos que compõem o Anexo na depressão do lote disponível. As lajes de cobertura das Oficinas e Laboratórios são utilizadas como terraços, acessíveis desde a passarela. Aqui, mais que volumes isolados, o conjunto é um desenvolvimento de uma trama estrutural que se expande lateralmente, ao longo do eixo longitudinal da passarela.

150 A idéia da coluna de Artigas para a FAU, é interpretada deste modo, como uma ordem composta. Sua parte superior desce da empena, resguardando sua característica laminar porém desenvolvendo a geometria de um triângulo isósceles invertido. A parte inferior, um tronco de pirâmide que brota da terra, como um bloco da fundação que se eleva e encontra-a num ponto virtual. Esta conhecida imagem, motivou a lembrança de Flavio Motta na arguição de Artigas, em 1984, da frase “é preciso fazer cantar o ponto de apoio”, bastante utilizado por Artigas, *dictum* do arquiteto francês Auguste Perret.

Implantação do anteprojeto de Dario Montezano.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Elevação do anteprojeto de Andreina Nigriello.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Corte e elevação do projeto de José Claudio Gomes.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Elevação do anteprojeto de Teru Tamaki.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Corte do anteprojeto de Francisco Segnini.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

No centro da área ocupada pelos Laboratórios e Oficinas, um espaço avarandada, coberto e aberto para os jardins, organiza um ambiente de desafogo e convívio.

O anteprojeto apresentado por Teru Tamaki é o que mais se aproxima da tradicional tipologia do edifício industrial iluminado e ventilado por sheds por conta da utilização explícita que faz da geometria serrilhada que tanto os caracterizam, numa seqüência de 14 módulos, com uma malha estrutural estabelecida à 45° em relação ao prédio da FAU, direcionando com o artifício, as aberturas dos sheds para sul, orientação mais adequada na situação. Nos interstícios desta malha modular, Tamaki dispõe alguns pátios abertos e ajardinados.

Desconsiderando o emprego de materiais como aço ou elementos industrializados, também utilizados por outros concorrentes, esta “identidade industrial”, imagem tão propalada ao longo das reuniões sobre o Anexo, é questionada no texto de Castroviejo Ribeiro sobre os anteprojetos: “Em alguns casos, a procura de uma tipologia industrial para os laboratórios [...] nos parece imprópria, literatura em demasia. Trata-se de laboratórios de uma Universidade, que implica pesquisa, conhecimento, ensino e aprendizagem”.¹⁵¹

Dentro dos anexos deste grupo, alinham-se propostas que trabalharam livremente a organização espacial do programa de modo derivado das experiências desenvolvidas por Artigas em residências e escolas culminando na proposta do edifício da FAU-USP. Volumes, circulações e áreas abertas são articulados por escadas, rampas e passarelas, sob uma grande cobertura, frequentemente provida de elementos arquitetônicos e construtivos que permitem fluir a luz natural sobre os ambientes internos. Dentro desta categoria, incluíram-se os projetos de quatro equipes, coordenadas por Francisco Segnini, José de Almeida Pinto, Lucio Gomes Machado e Gian Carlo Gasperini.

O trabalho apresentado pela equipe de Francisco Segnini soluciona o programa por meio de dois volumes distintos, tratados cromaticamente e organizados sob um grande espaço coberto, estruturado com 11 arcos de aço distribuídos a cada dez metros e cobertos com telhas metálicas. Se aproxima bastante da tipologia de gares ferroviárias, o

¹⁵¹ RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. Vontade de Ser. Revista AU, 24, 1989, p. 84

que é ressaltado pela rua rebaixada, a presença do mezanino e principalmente pela torre e passarelas metálicas contraventadas. A conexão do anexo com a FAU é realizada através de uma passarela coberta, desde o Salão Caramelo, atravessando o vazio entre os edifícios até adentrar a cobertura do anexo, conectando-se com o mezanino. Uma derivação da passarela desce até uma calçada de circulação ao longo da parte inferior dos Laboratórios e Oficinas, situada junto da rua rebaixada. A proposta apresenta ainda um outro acesso, pelo flanco da nova construção junto da torre metálica com a caixa d'água.

As propostas dos anexos desenvolvidos por José de Almeida Pinto e pela equipe de Lucio Gomes Machado, são as que maior proximidade guardam com elementos compositivos e a materialidade da FAU de Artigas.

José de Almeida Pinto implantou, razoavelmente afastada, uma grande cobertura de concreto quadrada, com 66m x 66m, a mesma largura da FAU, com elementos estruturais como lajes nervuradas aparentes e *sheds* de iluminação e ventilação moldados na própria estrutura. A implantação deste novo edifício é referenciada pelo eixo de posicionamento dos seus pilares no mesmo eixo dos pilares centrais da FAU. Externamente, conta com duas empenas de concreto levemente soltas do talude.

A ligação realiza-se com uma longa passarela descoberta que parte do Salão Caramelo, com apenas uma linha de apoio em seu eixo, e adentra o espaço do anexo, atravessando uma grande explanada rebaixada que desce desde a Rua do Lago até a Avenida Luciano Gualberto.

Lucio Gomes Machado, juntamente com Marlene Yurgel e Eduardo J. Rodrigues, desenharam um anexo a ser construído com o mesmo material da FAU, o concreto armado, explorando, assim como fez José de A. Pinto, os recursos formais e elementos característicos do que ficou convencionado identificar, de maneira questionada por alguns autores, de arquitetura da "Escola Paulista". A equipe implantou um volume retangular com sua face aberta voltada para a FAU, com a qual se conecta por meio de uma larga

Perspectiva do anteprojeto de Lucio Gomes Machado.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Perspectiva do anteprojeto de José de Almeida Pinto.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

plataforma que traz o nível do Salão Caramelo para a área externa, transformando-se na laje do piso superior do Anexo ao entrar sob laje de cobertura da ampliação. Uma outra ligação se faz a partir do nível 723.90, conectando a laje das antigas oficinas na FAU com o anexo. Uma terceira conexão se realiza diretamente do subsolo da FAU, no nível 722.00, atravessa o jardim que permeia estas circulações e entra já no nível inferior do anexo. A área com possibilidade de expansão desenvolve-se em direção ao Instituto de Geociências e praticamente permite triplicar a área disponível.

O Anteprojeto Coordenado por Rafael Perrone

Equipe: Anne Marie Sumner, Luis Espallargas, Sophia S. Teles, Rodrigo Egon Chust e Monica Cappa. Alunos: André Leirner, Marcia Porto Translatti e Valeria Midena.

A solução trazida pela equipe conduzida por Rafael Perrone, bastante original dentre o conjunto de propostas, trabalhou também com ideia de um pavilhão independente. No entanto, distintamente das demais equipes que seguiram por esse caminho, manteve uma intensa relação conceitual com o Edifício Vilanova Artigas, “considerando o anexo uma leitura da própria FAU, um deslocamento, uma parte do prédio que se desloca”¹⁵². Notoriamente o edifício da FAU, com sua espartana aparência externa, congrega em seu interior características diametralmente opostas, “o Salão Caramelo, pátio banhado de luz natural e envolvido pelos ‘edifícios’ que abrigam o programa da escola, funciona como uma praça, que, trazida para dentro do edifício, confere a ele caráter urbano, público.”¹⁵³ A opção da equipe constituiu-se, num processo apenas aparentemente simples, em

152 BOZZO, Cláudia. “Referência sem Reverência”. Revista AU, 24, jun.-jul.1989, p. 79.

153 PONTES, Ana Paula. “O Templo-Escola”. in Revista Monolito, 27, 2015, p. 110.

duplicar um destes “edifícios” que coexistem sob a cobertura da Escola, reinterpretá-lo para a resposta adequada ao programa necessário, implantando-o então no terreno ao lado. O edifício resultante, deste modo, guarda as características desta filiação, principalmente pelo emprego do peculiar e identitário desenho da caixilharia pensada por Artigas. Além deste processo de traslado, enquanto vários projetos que buscaram uma correlação virtual com a FAU o fizeram por meio do alinhamento dos pilares, novamente num movimento original, a equipe elege a extensa lâmina de concreto que separa o Museu do Salão Caramelo como referencial de ancoragem conceitual do seu Anexo. A lâmina, estendendo-se para fora da FAU como virtual prolongamento do seu espaço interno, articula a ligação com o Anexo através de rampas que partem da varanda do Salão Caramelo, restituída à existência. Esta proposição de recuperação da varanda se verifica em praticamente todos os anteprojetos apresentados, ressaltando sua importância na concepção original de Artigas.

O anexo, acompanhando a continuação da empena, assenta-se no nível da depressão central do lote proposto. É composto por dois volumes; um subterrâneo, de menor dimensão, abriga o programa do LRAV, cujas atividades necessitam de iluminação controlada, adequando-se à condição mais reclusa deste bloco. A iluminação natural se faz por meio de cubos de vidro que afloram do gramado acima da laje. À noite, a iluminação interna do Laboratório cria caixas de luz, como esculturas contra o plano da empena trazida do espaço interno da FAU. O outro volume, afastado do bloco subterrâneo pela largura das rampas de ligação com a FAU, é mais extenso, com dois pavimentos e vários espaços com pé-direito duplo e é ocupado pelas oficinas do LAME e do LPG. Procurando resolver as questões de iluminação, ventilação e acesso de veículos, foi aberto um recorte no terreno, criando um longo pátio acompanhando o desenvolvimento do pavilhão maior. Na face nordeste, próximo do talude, um outro corte, desta vez curvo, cria as condições de ventilação cruzada e iluminação natural desejados para as atividades realizadas nas oficinas.

Algumas opções assumidas pela equipe, no entanto, criam pontos onde o vigor da proposta perde um pouco de sua intensidade. “Na composição formal, a linguagem prevalece, é por isso também que a fachada norte, por exemplo, não recebe nenhum

Vista do Salão Caramelo mostrando a direita a empena utilizada como referência no anteprojeto de Rafael Perrone.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Modelo do anteprojeto de Rafael Perrone.
Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo, n. 24, 1989.

tratamento especial para amenizar a insolação, dificultando o uso das oficinas. Os espaços são genéricos, não se particularizam as atividades, o percurso no anexo um tanto extenso. Ainda assim, um projeto com propriedades, que confere caráter ao anexo, um diálogo por acréscimo, encontra a escala, contemporiza”.¹⁵⁴

A ligação entre a Rua do Lago e a Av. Luciano Gualberto, um dado bastante explorado por outras equipes, nesta proposta teve um desenvolvimento menos enfático, já que a solução da empena e das rampas, bastante eficiente seguindo o eixo longitudinal da FAU, apresenta-se menos vigorosa no sentido desta ligação.

¹⁵⁴ RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. Vontade de Ser. Revista AU, 24, 1989, p. 85.

LAME	L.R.V.	L.P.D.	GERAL
1. CONSTRUÇÃO	11. CONSTRUÇÃO	21. MANUTENÇÃO GERAL	31. SANITÁRIO / HIGIENE
2. COZINHA	12. COZINHA	22. ATENDIMENTO	32. SERVIÇO
3. LABORATÓRIO ALUMOS	13. COZINHA ALUMOS	23. ALMOXARFADO	33. LARVA / DESCURSA
4. LABORATÓRIO EQUIPAMENTO	14. COZINHA EQUIPAMENTO	24. ADMINISTRAÇÃO	
5. REPOSICIONAMENTO	15. SALA DE REPOSICIONAMENTO	25. EQUIPAMENTO	
6. REPOSICIONAMENTO	16. SALA DE REPOSICIONAMENTO	26. PROCESSAMENTO	
7. REPOSICIONAMENTO	17. REPOSICIONAMENTO	27. REPOSICIONAMENTO	
8. REPOSICIONAMENTO	18. REPOSICIONAMENTO	28. TRATAMENTO MATERIAIS	
9. REPOSICIONAMENTO	19. REPOSICIONAMENTO	29. EDIÇÃO VÍDEO	
10. REPOSICIONAMENTO	20. REPOSICIONAMENTO	30. MANUTENÇÃO GERAL	
		31. SALA REPOSIÇÃO	

CONCURSO · EDIFÍCIO ANEXO FAUUSP

2

CONCURSO · EDIFICIO ANEXO FAUUSP

4

O Anteprojeto Coordenado por Gian Carlo Gasperini

O projeto vencedor do Concurso, segundo o próprio arquiteto declarou à revista *Arquitetura e Urbanismo*, foi realizado individualmente: “sozinho passou para o papel a sua proposta, num desses fins-de-semana prolongados [...] ‘um projeto espontâneo, que desenhei daquele jeito meu, com lápis de cor, depois chamei o Neco para me ajudar na perspectiva [...] Sempre pensei na possibilidade de construir ali’”¹⁵⁵.

Formado por um volume triangular com dois pavimentos, com um de seu lados encaixado no talude da Avenida Luciano Gualberto, o Anexo volta para a FAU a sua diagonal, enquanto o terceiro lado se abre para um pátio de manobras e serviços, ao lado do local que posteriormente veio a abrigar o Canteiro Experimental.

O anexo tem o acesso e a circulação organizados por meio de uma galeria, que acompanha a linha diagonal dominante no projeto, desde a entrada autônoma, na extremidade próxima da Rua do Lago, passando pelo ponto em que recebe a passarela vindo do Salão Caramelo.

Gasperini distribui o programa dos Laboratórios LRAV e LPG na faixa sobre o talude, no piso superior do anexo, definido na cota 725.80, a mesma do Salão Caramelo. As demais solicitações do programa, constituídas pelas instalações do LAME, são distribuídas no pavimento inferior implantado na cota 723.00, junto da praça circular. Neste nível, o agenciamento define basicamente três setores: os serviços, depósitos, sanitários e instalações ocupam uma faixa, mais fechada, sob os laboratórios do pavimento superior; um espaço aberto, com pé direito duplo, recebe o ateliê de maquetes, local de trabalho específico dos alunos, voltado para a praça circular e a empena lateral da FAU. Separado deste ateliê por uma rampa que desce da galeria de circulação, ficam as oficinas, encerradas por meias-paredes, abertas para o pátio de serviços posterior.

O projeto previa a utilização de elementos pré-moldados de concreto colorido, lâminas trabalhadas com pigmentação num tom avermelhado, criando uma oposição cromática, apesar da identidade dos materiais empregados. Além deste, proposta traz elementos interessantes, mas muitos deles acabaram não se concretizando quando da

Perspectiva da passarela.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Modelo. Vista das fachadas ao longo da Avenida Luciano Gualberto.

Fonte: Aflalo e Gasperini Arquitetos Associados.

Vista Zenital do modelo.

Fonte: Aflalo e Gasperini Arquitetos Associados.

¹⁵⁵ WOLF, José. Concurso. Revista AU, 24, 1989, p. 75

execução da obra. A elevação da Av. Luciano Gualberto, segundo a proposta do Concurso, era composta por lâminas inclinadas de concreto pigmentado, ladeando os caixilhos recuados, criando deste modo um ritmo contínuo de elementos verticais, sem interferências a alterá-lo, contraposto à horizontalidade da empena da FAU. Muito da abstração volumétrica representada no projeto do Concurso devia-se à questão da pigmentação. Por meio dela, os elementos arquitetônicos tornavam-se mais diáfanos, conferindo ao anexo características de compacidade, quase um objeto. Nas plantas e na volumetria, chama à atenção a ponta do setor dos Laboratórios mais próxima da FAU, onde, num gesto inusitado diante da rigidez formal do triângulo, o arquiteto faz aflorar do plano diagonal o volume prismático do LRAV. Ainda neste sentido, cabe observar que a forma triangular escolhida pelo arquiteto, com seus cantos agudos, se constitui num desafio à uma eficiente organização em planta. Neste caso não foi diferente, e analisando a prancha do nível 723.00, percebe-se algum esforço no ajuste onde estão definidas as áreas de Resinas e de Pintura.

Apesar de toda a polêmica envolvendo o projeto vencedor, inegavelmente a proposta também possuía virtudes, muitas das quais se perderam na passagem da idéia à materialização, não resistindo adequadamente, por distintos motivos, aos percalços que esta transição quase sempre impõe.

Modelo. Vista da passarela e da praça.
Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo, n. 24, 1989.

Modelo, vista desde a Av. Luciano Gualberto.
Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo, n. 24, 1989.

III- A Cidade é uma Escola, a Escola é uma Cidade

Do conjunto de propostas, podem ser destacados projetos identificados por um diálogo mais dinâmico com o entorno imediato, com a Cidade Universitária. De acordo com Castroviejo Ribeiro, as equipes lideradas por Cândido Malta Campos e Bruno Padovano seguem nesta direção. Incluiu-se também a proposta da equipe de Sylvio Sawaya, pelas suas características. “Reafirmar a cidade enquanto lugar, numa era eminentemente urbana, é percebê-la como palco da somatória de experiências do homem, cenário de uma convivência plural. Os conceitos que se reportam ao desenho urbano são essenciais para conferir um novo sentido à arquitetura e às nossas cidades tão novas e fragmentadas”.¹⁵⁶

Sylvio Sawaya e sua equipe distribuem os volumes do Anexo proposto seguindo o eixo noroeste-sudeste, a referência do “Corredor das Humanas”, que a equipe reforça ao identificar os volumes que propõem: “uma torre como a do Millan para a Faculdade de Filosofia” e “um edifício de dois pavimentos com o desenho da FAU do Artigas”. Estes novos volumes tem sua organização estrutural definida a partir da vinculação com os alinhamentos da malha estrutural desenhada por Artigas para a FAU. Sawaya e equipe desenvolvem um eixo de circulação entre a Rua do Lago e a Avenida Luciano Gualberto, criando, no outro sentido, uma movimentada conexão com o espaço da ampliação, explorando seqüências de níveis e acessos entre o Salão Caramelo e o Anexo. O anteprojeto da equipe de Sawaya trouxe, além das pranchas com os desenhos do Anexo proposto, algumas pranchas menores, em formato A3, com textos, desenhos e imagens mais informais sobre o projeto. Em uma delas há um pequeno texto propondo, além das soluções localizadas no Anexo, alterações significativas no arranjo interno do Edifício Vilanova Artigas. A equipe propunha, num texto bastante sumário, mudanças radicais no uso do prédio:

Uma mudança importante

...a biblioteca vai para a maquete antiga; a lanchonete vai para o Anexo 2; o Grêmio vai para a antiga lanchonete; todo o nível da biblioteca

Perspectiva do anteprojeto de Sylvio Sawaya.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

¹⁵⁶RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. Vontade de Ser. Revista AU, 24, 1989, p.88

antiga (contando com as duas laterais) será ocupado pelos Professores e Departamentos; os antigos Departamentos e a área do A.I. se transformam em salas de aula; os ateliês terão suas paredes de concreto internas derrubadas, e passarão a ter vários ambientes, divididos por mobiliário; as salas de aula acima (sob iluminação zenital) serão transformadas em ateliês para projetos interdepartamentais...

Dado o notório tombamento e importância do edifício da FAU-USP e sua organização peculiar, em que pese a previsão de alterações internas, algumas destas proposições podem ser interpretadas como uma postura de protesto ou discordância com a situação do Concurso.

O anteprojeto de Cândido e Paulo Malta Campos foi apresentado por meio de uma bonita sequência de pranchas desenhadas e coloridas à mão. O Anexo projetado implanta-se no terreno perpendicularmente ao Edifício Vilanova Artigas, uma condição também apresentada por outras equipes. A organização do programa se dá em dois volumes propostos para uma primeira etapa; um deles próximo da Rua do Lago, o outro no talude da avenida Luciano Gualberto. Entre estes dois volumes, na área naturalmente rebaixada do lote, o projeto aproveita a depressão para criar um grande átrio aberto que articula as funções e circulações do Anexo por intermédio de uma rampa em curva. A integração com o entorno e o acesso desde a FAU efetiva-se, permitindo, mesmo com a inversão da implantação, manter o notório eixo noroeste-sudeste, que atravessa o átrio central do Anexo. A área de expansão futura se organiza a partir de módulos idênticos ao inicial, dispostos a sudeste, junto do talude possibilitando praticamente triplicar a área inicial, se desejado.

Cândido Malta pretende a integração simbólica e prática da Universidade [...] Considera [...] a vocação da FAU-USP se tornar um centro por excelência do pensamento sobre o espaço cultural. [...] Na definição do partido arquitetônico, opera projetualmente a partir de uma lógica

Corte do anteprojeto de Cândido Malta Campos.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

de crescimento da cidade. O anexo como organismo vivo. Seu edifício baseia-se nos conceitos de flexibilidade e expansão. O acesso ao edifício principal é feito através de um sistema com rampas, com um centro de convivência no cruzamento do eixo da FAU e da passagem que liga o vale à Rua do Lago. Um centro de convivência não restrito apenas as atividades da faculdade, uma atitude em relação à integração.¹⁵⁷

No faixa entre a FAU e o anexo, a característica urbana deste espaço com vocação para rua é ressaltada pela definição de caminhos, áreas ajardinadas e a passarela. Aqui também sugere-se a volta da varanda e a abertura do Salão Caramelo, incrementando as dinâmicas procuradas pelos arquitetos.

O Anteprojeto coordenado por Bruno Padovano

Equipe: Miranda M. Martinelli Magnolli, Maria Assunção Ribeiro Franco, Hector Vigliecca, Adriana Aun, Edson H. Escames, Hélio Rorato, Naide Cotrim Correia, Paulo Yassuhide Fujioka, Rosangela P. de Araújo, Yara Cunha C. Oliva, Monica Nimoiya, Elza H. Kamamura.

Consultores: Aluísio F. Margarido - Estrutura; Eduardo Luis B. Neves - Instalações e Conforto; Paulo Eduardo Oliveira - Custos; Suzana M.S. Padovano - Comunicação Visual.

A maior equipe, em número de participantes, neste Concurso foi organizada por Bruno Padovano com um caráter bastante multidisciplinar, contando com quinze integrantes ao todo, incluindo os consultores. Foi ainda a equipe que apresentou o anteprojeto com maior número de pranchas, evidenciando por seu conteúdo, um trabalho de maior fôlego. Dos anteprojeto entregues, a apresentação do grupo foi a mais determinada

Vista do modelo do anteprojeto de Bruno Padovano.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

¹⁵⁷RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. Vontade de Ser. Revista AU, 24, 1989, pp. 84-88.

em criar condições para uma leitura didática do processo de concepção conduzido pela equipe, onde “cada passo seja transparente e compreensível, produto de um método de ensino que temos defendido em nossa atuação acadêmica”. Um memorial claro e conciso sustenta e justifica as decisões tomadas pelo grupo. Neste documento, a equipe expõe algumas reflexões sobre o contexto, condicionantes do trabalho e seu objetivo. Afirmam o projeto de um Anexo para o edifício Vilanova Artigas como “um ato de fé na arquitetura”, interpretando e dando continuidade ao trabalho do mestre, a partir dos “novos conhecimentos do atual momento disciplinar.” A ampliação é vista como um momento de “rediscutir a produção arquitetônica no âmbito acadêmico”, um processo entre “o pensar e o fazer”, considerando o próprio Edifício Vilanova Artigas “como *corpus* de análise, síntese e proposição.” Quanto à linguagem empregada, sustentam que o novo edifício deva ser “uma reinterpretação da linguagem usada por Artigas no prédio da FAU, respeitando sua lógica interior e traduzindo-a para o novo momento histórico.” A metodologia adotada foi organizada em três ações principais: análise urbanística e arquitetônica, diretrizes para o projeto e a avaliação de possíveis alternativas. O aspecto da relação do projeto com o urbano é reiterado, procurando com essa proposição “novas relações entre o espaço arquitetônico e o espaço urbano, buscando novas relações vivenciais que possam corrigir os dilemas do urbanismo contemporâneo do qual o desenho urbano da Cidade Universitária é decorrente.”

Na análise dos aspectos urbanísticos e arquitetônicos, a equipe levanta uma série de situações relacionadas com os dois edifícios em questão, para definir a sua estratégia de intervenção. O aspecto mais relevante citado pela equipe é o isolamento dos prédios dentro do *campus* e a consequente redução do contato entre as diferentes unidades e seus estudantes, procurando portanto com o desenho do Anexo, propor um modelo possível de integração entre as unidades. Buscando elementos que concorressem para a revitalização do terreno destinado à ampliação, trazem a idéia de emprego de um elemento natural, a água, disponível em nascentes localizadas no bosque da Botânica, fazendo jus à denominação da rua onde está localizada a Faculdade, Rua do Lago.

Relações da proposta com o entorno urbano imediato.
Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Em relação às diretrizes do CONDEPHAAT, a equipe se propõe a criar elementos no sentido de incrementar o vínculo entre o prédio tombado e seu Anexo para além de recuos e gabaritos, considerando também elementos menos “científicos”, como “o ritmo da estrutura, o eixo longitudinal de simetria, o sistema de circulação interna e os materiais utilizados em sua construção.” Como um laboratório universitário, abrigando equipamentos e espaços de ensaios e pesquisa, há considerações sobre o emprego de “soluções técnicas adequadas à flexibilidade de organização dos ambientes”. Ainda com este propósito, por conta da exiguidade da verba disponível, propõem trabalhar com os materiais de acordo com o seu melhor desempenho, considerando as condições de ventilação e iluminação natural e artificialmente induzida, conforto acústico e futuras possibilidades de expansão. Quanto às técnicas construtivas empregadas, procura a economia através da racionalização, utilizando, como exemplo, o concreto nos elementos que atuam à compressão e o aço onde os esforços de tração são predominantes. Nesta mesma busca, também recorrem à utilização da modulação.

Após estas considerações a equipe apresenta algumas possibilidades de intervenção, alinhando cinco alternativas onde se apresentam as vantagens e as desvantagens de cada situação, de acordo com alguns aspectos críticos listados pela equipe, como a articulação com o entorno urbano e com os espaços abertos, a afirmação de identidade e articulação com o edifício da FAU, aspectos ligados ao conforto acústico e térmico, as possibilidades de expansão e os custos, logrando por intermédio deste procedimento uma fundamentação conceitual e técnica do partido adotado.

A solução, se configura em dois pavilhões simétricos, assentados na depressão central do terreno, que define uma praça central rebaixada, conseguindo assim prescindir de maiores serviços de movimentação de terra. A partir das relações estabelecidas com a inserção do Anexo, são criados eixos visuais e de circulação, considerando todo o espaço livre ao redor da FAU e as relações construídas com os edifícios e espaços abertos do

entorno imediato.

O pavilhão mais próximo à Rua do Lago abriga as oficinas do LAME, enquanto o outro concentra os laboratórios, o LRAV e o LPG. De maneira única entre os participantes, a união entre a FAU e o Anexo proposto se estabelece a partir do nível do subsolo, onde dois eixos de circulação alinhados com cada pavilhão conduzem à praça rebaixada, conectados diretamente aos espaços de circulação coberta junto das fachadas dos laboratórios e oficinas. Um outro ponto de união parte do Salão Caramelo, recuperada a sua varanda, e desta, por meio de uma pequena escadaria, ganha-se a área externa com a “rua” de ligação entre a Rua do Lago e a Avenida Luciano Gualberto. Neste ponto de cruzamento dos eixos de circulação, a equipe propôs um *belvedere* debruçado sobre a praça do Anexo, alcançada por meio de duas escadarias e conjuntos de rampas. Na extremidade oposta desta praça, implantou-se o referido lago, outra característica única do projeto, e de grande efeito visual e paisagístico.

As plantas concebidas apresentam grande clareza e simplicidade, sugerindo larga possibilidade de rearranjos, por conta de sua regularidade e modulação, que emprega os mesmos 5.50m derivados da disposição estrutural definida por Artigas. No acesso desde o subsolo, junto do Auditório, o trecho de laje entre os dois pilares centrais da FAU com maior diâmetro é estendido em direção sudeste, definindo com a distância de 22.00m entre os eixos dos pilares, a largura da nova praça. Neste trecho, um volume independente recebe os vestiários e a área de maquinário.

A implantação dos pavilhões considerou seus alinhamentos externos seguindo a largura do edifício da FAU. Deste modo, o conjunto pavilhão/praca/pavilhão fica com os mesmos 66 metros, cada pavilhão com 22 metros de largura.

Os pavilhões, seguindo as diretrizes estabelecidas pela equipe, contam com estrutura mista de concreto e aço, como anteriormente comentado. Tirando partido da situação topográfica, nas faixas mais ao fundo de cada pavilhão, onde este já encontra o terreno

mais alto, optou-se por implantar parte do programa em nível ligeiramente mais alto, com acesso por meio de pequenas escadas. Assim como foi proposto no anteprojeto da equipe de Arnaldo Martino, a possibilidade de ampliação se faz principalmente pela utilização de mezaninos atirantados nas vigas de cobertura.

Além da ventilação cruzada adotada nos dois edifícios, um lanternim possibilita a exaustão por meio de equipamentos eólicos, talvez uma medida com mais efeito plástico do que prático, pelo ritmo conferido às elevações e pela simbologia ligada a espaços fabris que carrega, numa linguagem que remete à apropriação destes elementos, de modo frequente na produção de projetos identificados nos anos 1980 e 1990, com a arquitetura pós-moderna.

Com um projeto propondo uma arquitetura enxuta, sem exibicionismos e malabarismos conceituais, formais ou estruturais, apoiada em elementos aparentemente bastante efetivos como a praça rebaixada e o lago, o resultado obtido pela equipe é bastante consistente, e o caráter urbano da proposta, por todos os elementos que conjuga, se torna evidente.

CONCEITUAÇÃO

[illegible]

RELACIONAR A PAZ COM A RESISTÊNCIA À BOMBA ATUANDO NO AMPLIO ACADÊMICO, COM TROCENSO AJUSTADO QUANTO ÀS DE
ALTO-AUTENTICAÇÃO ENTRE O BOMBA E O BOMBA, EM TROCENSO DE VALORES COM INDIQUEZ TÁLEIS E COME-
MUNDO DOS TROCENSOES DA ESCOLA, NO TROCENSO DE CONDIÇÕES, PARA O ENRIQUECIMENTO DO BOMBA E DA PERSO-
NA, TROCENSO DO TROCENSO TROCENSO DA PAZ COM TROCENSO DE ANÁLISE, TROCENSO E TROCENSO.

ATUAL A TUA EMPRESA QUANTO AO EMPREGO DEBIA AS NOVAS ATRIBUICOES, REORGANIZANDO AS RELACOES DE TRABALHO ENTRE OS MEMBROS ATIVOS DA TURMA DA NOVA ESCOLA A MAIS AVANÇADA E A MAIS EM BUSQUEDA DAS FACILIDADES DE ADQUIRIR O NOVO, REORGANIZANDO ASSIM MÚLTIPLOS PROBLEMAS QUE APARECEM NESTE TRABALHO SEU GRUPO DESDE O INÍCIO DA ATIVIDADE DE EMPREGO E TERMINADA NO ÚLTIMO ANO.

[illegible]

EMSE TRABALHA PARA RECONHECER, ALÉM DE MAIS UMA, O CARÁTER POSITIVO DESSE EDUCACIONAL HUMANIZANTE, EM AQUELA
TEORIA DA PRÁTICA EDUCACIONAL, O NOSSO TRABALHO DE FORMA QUE, PARA NÓS, NÃO TEMO NECESSARIEDADE DE COMPROMISSO. PRODUZ
DESEJO DE UM MUNDO DE BOMAS QUE TEMOS DESEJADO EM NOSSA ATUAÇÃO ACADÊMICA, BUSCAMOS COM NÓS A NOBILIDADE DA
ARQUISTICA NO MUNDO DA CIÊNCIA ALÉM DA ARTE, À QUAL TEM NÓS TRANSFORMAÇÕES AMIGÁVEIS, EMPREGAR A METODOLOGIA
ADOTADA, NÓS A NÓS, NADA QUE NÃO TENHA A DESEJADA DE QUE A POLÍCIA PROTEJA ATUAL DO OBJETIVO DESI-
GNEADO, COMO EM UMA FÉRMULA NATURAL, LUGAR INTERCAMBIAVO ENQUANTO MANTENHA A VALIDADE DE UMA FÓRMULA.

INFORMAÇÃO DE PRIMEIRA MÃO QUE O NOVO BORGÃO ERA NAZ NA REPRESENTAÇÃO DA LUGAR EM
JULHO DE 1940 NO INTERIO DA FIA, ENTÃO EM SUA LUGAR, RESIDE E TRABALHA A FIA O NOVO BORGÃO EM
SUO, PRIMEIRO NA COMPARAÇÃO DE DIFERENÇA ENTRE O BORGÃO ANTIGO E O BORGÃO NOVO, O INVO-
LUCO E O CONTEÚDO, TRANSFORMAÇÃO DA FIA O INTERIO DE SUA CASA, CONHECENDO COM OS BORGÃO ANTIGOS, COM OS BORGÃO
NOVO QUE MANTERAM NA SUA MELHOR QUALIDADE, COM O NOVO BORGÃO.

A INTELIGÊNCIA TRIBUTÁRIA GERAL, DESDE O PONTO DE VISTA DA PSICOLOGIA DO TRABALHO COM SEUS DIFERENTES ASPECTOS QUE ANTERIORES À ELABORAÇÃO DA PROPOSTA APLICATIVA, OU SEJA :

- ANÁLISE ORÇAMENTÁRIA E ARQUITETÔNICA
- DESENVOLVER MAPA O PROJETO
- AVALIAÇÃO DAS ALTERNATIVAS

nos países da OCDE, destacamos a relação entre processo de trabalho, que permitiu gerar mais produtividade e a forma efetiva de decisões em relação ao produto, esta síntese reúne o conteúdo das regulamentações de direito em relação ao âmbito de um processo produtivo como o da FTA, uma série analisamos o conteúdo da discussão jurídica que necessariamente acompanhava o julgamento das diversas propostas apresentadas no Conselho.

O CASO DE ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DO PROCESSO DE UM POVO DO NORDESTE COM OSE ALUTINQUÊS, EM NOVA ESPERANÇA, UM COLÔNIO DE PROFESSORES, E ALUNOS DA ESCOLA E PROFESSORES DAS ÁREAS CONTEMPORÂNEAS DE EMBUTIDA, INVALIDANDO, COM ORO E AVALIAÇÃO DE CADAUMA. ESSA HISTÓRIA É, PORÉM, O FRUTO DE UM TRABALHO DE EQUIPE, NO QUAL MÚLTIPLOS DE DIVERSOS CONHECIMENTOS, TALENTOS E PREOCUPAÇÕES, EM UM EXEMPLO VIVO DE QUE A INTEGRAÇÃO É POSSÍVEL E, COMO ESPERAMOS TER DEMONSTRADO, DESDE CADA VEZ.

FAUUSP/ANEXO

EQUIPE VERDEAZUL

destacando que é possível obter amostra de concreto que é possível, não, fazer uma verificação do processo, mencionando o pequeno tempo levado por um dos funcionários da mediadora em como isso ocorreu. Os alunos, analisando o nível da teoria e da prática, teorizando novas relações entre o espaço arquitetônico e o espaço urbano, analisando novas relações urbanas que possam ocorrer em espaços de urbanismo integrados do qual o estudante usando na cidade universitária se encontrando.

O ANDO DA ENX. DEVE SER UM TIPO DE NÍVEL DE VÍNCULO, DOLO A DOLO, UMA ÁREA APROPRIADA DO CARIÓTIPO, APROPRIADO E DETERMINANDO OS EFECTOS VINCULOS, ELIMINANDO TERREROS OCORRER, DEFININDO COM MAIS CLAREZA AS REAÇÕES DOS RECURSOS DE RECURSOS, DETERMINANDO A UTILIZAÇÃO DO AUTOMÓVEL, ETC.

É UM PAISSE MODERNO, MAS DECIDIDO, EM BUSCA DE UMA MELHOR RELAÇÃO DA CIÊNCIA UNIVERSITÁRIA COM A CIDADANIA. DA QUAL FAZ PARTE E É QUASE TOTALMENTE.

PROF. DR. BRUNO DOMINGOS DE SOUZA (COORDENADOR GERAL) - PROF. DR. MARCELO MARIA DE MELLO GALDAS MARTINELLI MAGALHÃES - PROF. MARCELO ALCANTARA LOPES DE SOUZA - PROF. RICARDO ROBERTO VIEIRA DA SILVA - PROF. ADRIANA DE SOUZA ALVES ALVES - PROF. EDSON FERNANDES DE SOUZA - PROF. ELZA WITTMANN TAVARES KATZBERG - PROF. JULLIO SOARES - PROF. RAONI TAVARES COSTA - PROF. PAULO SARAIVA DE FARIAS - PROF. ROSÂNGELA PEREIRA DE ARAÚJO - PROF. SARA OLIVEIRA COSTA OLIVEIRA - EST. JORDANA NUNES DA COSTA OLIVEIRA

PROF. DR. PAULO ROBERTO MACHADO DE SOUZA - ENG. EDUARDO LUIZ DE BRITO NUNES INACIÃO DE SOUZA - ENG. PAULO EDUARDO DE OLIVEIRA - RAFAELLA DE OLIVEIRA - ENG. JOZANA MARIA SARAIVA DE SOUZA (COORDENADOR GERAL)

2

[illegible]

COM VOS GENÉRIOS PROCEDEM DA CUNHA INDEPENDÊNCIA E ADMISSÃO DO BOM AUTISMO POR
SOMAS NA DIFERENÇA INFERIOR, O QUE ESTABELECE, EM CONDIÇÕES CONTINGENTES E PÁCIDAS, A PA-
NORAMIA DO CARIÓTIPO, PARA RESOLUÇÃO DE FUNÇÕES REPRESENTATIVAS EM SUA ÚLTIMA, AS PA-
NORIAS, PROCEDEM, PARA O AGIR DA PAZ NA SUA TOTAL, PARA A ESTABILIZAÇÃO DE REDES,
QUE, PARA MAIOR INTERACÇÃO ENTRE AS CÉLULAS, NO ENTANTO, CONDIÇÕES, PARA TERMINAR, SUBSIDI-
CIENTES, COM ALGUM DIFERENCIAL TERMINADO NO DIFERENCIAL E LACUNAS, PARA O AGIR, SEM DIFEREN-
CIALIZAÇÃO, O PROGRAMA REPRESENTADO NO DIFERENCIAL DO CONJUNTO.

[illegible]

• O PERÍODO DA PAZ E DO BOM DESEMPENHO, O QUE MOSTRA QUE QUALQUER APLICAÇÃO DE-
BEM, SEMPRE EM CONDIÇÕES DE DESEMPENHO DESEMPENHO, É SUFICIENTE. O PERÍODO DA
INFLAÇÃO DESEMPENHO, OS DESEMPENHOS SEMPRE INDETERMINADOS, AO MESMO TEMPO, QUE O PERÍODO DO
ANEXO DESEMPENHO, ALÉM DOS DESEMPENHOS E DESEMPENHOS DO DESEMPENHO, TAMBÉM CUSTOS CUSTOS -
DESEMPENHOS DO PERÍODO DESEMPENHO, QUE QUANTO O PERÍODO DE DESEMPENHO, É DESEMPENHO DESEMPENHO DE SE
DESEMPENHO E TAMBÉM DE DESEMPENHO DESEMPENHO E, EM DESEMPENHOS DESEMPENHOS DESEMPENHO DE SE DESEMPENHO.

* O EGRESSO DA TRU AVENIDA EMBAÇO É UMA PRIVILEGIADA PARA LOCALIZAÇÃO ENTRE O
BOQUE DA POTÊNCIA E O TALE DO DO INFERNO. LOMARDO DE ANTAS, BRASIL E TOTES
DO NER APRECIADO A RUA DE GRUPO ENTRE DO CAMPO.

O PÓRTO JOSEFO DESTINAR-SE-Á, ESPECIFICAMENTE, AS ATIVIDADES DE LABORATÓRIOS E OFICINA DA FTA, EXISTENDO RECURSOS TÉCNICOS ADEQUADOS A FLEXIBILIDADE DE LAY-OUT, CONFORME ATRE-
PRON (CERTIFICAÇÃO SABERES), ILUMINAÇÃO CONDICIONAMENTO DE AR, CONTROLE ACÚSTICO E SUBSÍDIOS A-
TUAIS DE MANUTENÇÃO E SOLUÇÃO ACQUISIÇÃO DE TERCEIROS O GERENCIAMENTO RUSCO.

• O EDIFÍCIO TEM 170 SEUS GRANDES INTEGRAÇÃO ENTRE SOLUÇÃO ESTRUTURAL E SISTEMA DAS INSTALAÇÕES ELÉTRICAS E HIDRÁULICAS, FACILITANDO A MANUTENÇÃO E MODIFICAÇÕES NAS REDES EM PLANO DOS EQUIPAMENTOS E SÁLAOS UTILIZADAS, EVITANDO-SE REPERTELOS RUÍDEAS EM FUNÇÃO DA PASSAGEM DE CABOS E DUTOS.

• PRÉ-CUIDADO MODERADO NA ELEGIÇÃO DESENVOLVER E RECOMENDAR QUE AS SOLUÇÕES EMPREEN-
HAS SEJAM AS MAIS EFICIENTES PARA CADA TIPO DE PROJETO, ATRAVÉS DE SOLUÇÕES MÚLTIP-
LES QUE PERMITAM A MÁXIMA EFICIÊNCIA DOS MATERIAIS UTILIZADOS, COMO, POR EXEMPLO, O ACESSO
AOS ELEMENTOS ESTRUTURAIS EM COMPRESSÃO E AO PAINEL SUFICIENTES EM TENSÃO, OUTRA
FORMA DE IMBASTAMENTO E ATRAVÉS DA COORDENAÇÃO MODULAR PARA OS DESENVOLVIMEN-
TOS COMPLEMENTARES (VIGAS, DIVISÓRIAS, CALHAS, ETC.) NESTE SENTIDO, O MÓDULO UTILIZADO NO
VOLUME 1 DE 12, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 32, 34, 36, 38, 40, 42, 44, 46, 48, 50, 52, 54, 56, 58, 60, 62, 64, 66, 68, 70, 72, 74, 76, 78, 80, 82, 84, 86, 88, 90, 92, 94, 96, 98, 100, 102, 104, 106, 108, 110, 112, 114, 116, 118, 120, 122, 124, 126, 128, 130, 132, 134, 136, 138, 140, 142, 144, 146, 148, 150, 152, 154, 156, 158, 160, 162, 164, 166, 168, 170, 172, 174, 176, 178, 180, 182, 184, 186, 188, 190, 192, 194, 196, 198, 200, 202, 204, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 220, 222, 224, 226, 228, 230, 232, 234, 236, 238, 240, 242, 244, 246, 248, 250, 252, 254, 256, 258, 260, 262, 264, 266, 268, 270, 272, 274, 276, 278, 280, 282, 284, 286, 288, 290, 292, 294, 296, 298, 300, 302, 304, 306, 308, 310, 312, 314, 316, 318, 320, 322, 324, 326, 328, 330, 332, 334, 336, 338, 340, 342, 344, 346, 348, 350, 352, 354, 356, 358, 360, 362, 364, 366, 368, 370, 372, 374, 376, 378, 380, 382, 384, 386, 388, 390, 392, 394, 396, 398, 400, 402, 404, 406, 408, 410, 412, 414, 416, 418, 420, 422, 424, 426, 428, 430, 432, 434, 436, 438, 440, 442, 444, 446, 448, 450, 452, 454, 456, 458, 460, 462, 464, 466, 468, 470, 472, 474, 476, 478, 480, 482, 484, 486, 488, 490, 492, 494, 496, 498, 500, 502, 504, 506, 508, 510, 512, 514, 516, 518, 520, 522, 524, 526, 528, 530, 532, 534, 536, 538, 540, 542, 544, 546, 548, 550, 552, 554, 556, 558, 560, 562, 564, 566, 568, 570, 572, 574, 576, 578, 580, 582, 584, 586, 588, 590, 592, 594, 596, 598, 600, 602, 604, 606, 608, 610, 612, 614, 616, 618, 620, 622, 624, 626, 628, 630, 632, 634, 636, 638, 640, 642, 644, 646, 648, 650, 652, 654, 656, 658, 660, 662, 664, 666, 668, 670, 672, 674, 676, 678, 680, 682, 684, 686, 688, 690, 692, 694, 696, 698, 700, 702, 704, 706, 708, 710, 712, 714, 716, 718, 720, 722, 724, 726, 728, 730, 732, 734, 736, 738, 740, 742, 744, 746, 748, 750, 752, 754, 756, 758, 760, 762, 764, 766, 768, 770, 772, 774, 776, 778, 780, 782, 784, 786, 788, 790, 792, 794, 796, 798, 800, 802, 804, 806, 808, 810, 812, 814, 816, 818, 820, 822, 824, 826, 828, 830, 832, 834, 836, 838, 840, 842, 844, 846, 848, 850, 852, 854, 856, 858, 860, 862, 864, 866, 868, 870, 872, 874, 876, 878, 880, 882, 884, 886, 888, 890, 892, 894, 896, 898, 900, 902, 904, 906, 908, 910, 912, 914, 916, 918, 920, 922, 924, 926, 928, 930, 932, 934, 936, 938, 940, 942, 944, 946, 948, 950, 952, 954, 956, 958, 960, 962, 964, 966, 968, 970, 972, 974, 976, 978, 980, 982, 984, 986, 988, 990, 992, 994, 996, 998, 1000, 1002, 1004, 1006, 1008, 1010, 1012, 1014, 1016, 1018, 1020, 1022, 1024, 1026, 1028, 1030, 1032, 1034, 1036, 1038, 1040, 1042, 1044, 1046, 1048, 1050, 1052, 1054, 1056, 1058, 1060, 1062, 1064, 1066, 1068, 1070, 1072, 1074, 1076, 1078, 1080, 1082, 1084, 1086, 1088, 1090, 1092, 1094, 1096, 1098, 1100, 1102, 1104, 1106, 1108, 1110, 1112, 1114, 1116, 1118, 1120, 1122, 1124, 1126, 1128, 1130, 1132, 1134, 1136, 1138, 1140, 1142, 1144, 1146, 1148, 1150, 1152, 1154, 1156, 1158, 1160, 1162, 1164, 1166, 1168, 1170, 1172, 1174, 1176, 1178, 1180, 1182, 1184, 1186, 1188, 1190, 1192, 1194, 1196, 1198, 1200, 1202, 1204, 1206, 1208, 1210, 1212, 1214, 1216, 1218, 1220, 1222, 1224, 1226, 1228, 1230, 1232, 1234, 1236, 1238, 1240, 1242, 1244, 1246, 1248, 1250, 1252, 1254, 1256, 1258, 1260, 1262, 1264, 1266, 1268, 1270, 1272, 1274, 1276, 1278, 1280, 1282, 1284, 1286, 1288, 1290, 1292, 1294, 1296, 1298, 1300, 1302, 1304, 1306, 1308, 1310, 1312, 1314, 1316, 1318, 1320, 1322, 1324, 1326, 1328, 1330, 1332, 1334, 1336, 1338, 1340, 1342, 1344, 1346, 1348, 1350, 1352, 1354, 1356, 1358, 1360, 1362, 1364, 1366, 1368, 1370, 1372, 1374, 1376, 1378, 1380, 1382, 1384, 1386, 1388, 1390, 1392, 1394, 1396, 1398, 1400, 1402, 1404, 1406, 1408, 1410, 1412, 1414, 1416, 1418, 1420, 1422, 1424, 1426, 1428, 1430, 1432, 1434, 1436, 1438, 1440, 1442, 1444, 1446, 1448, 1450, 1452, 1454, 1456, 1458, 1460, 1462, 1464, 1466, 1468, 1470, 1472, 1474, 1476, 1478, 1480, 1482, 1484, 1486,

ABSTRACT: O PAPEL-ROLE DO ABAJO ENQUANTO INTERVENÇÃO TRANSMISSIVA, ENFOCANDO-SE AS CONDIÇÕES DE CRIAÇÃO DOS ABAJOS, POR MEIO DE UMA TEORIA INTEGRADA DE ARQUITETURA E TRANSMISSÃO, ONDE SE DEFINEM ESPAÇOS, FORMAS DE ENCONTRO E LIGAÇÕES ESPECIAIS COM OUTROS ESPAÇOS E ATIVIDADES DO ESPAÇO URBANO.

TEM UM RIO DE INTERESSE PARA CADA UM DOS JOGOS DA USP, QUE AUMENTA O POTENCIAL DE UNO TO NOO CONJUNTO ACQUISICIONDO, PROMOVENDO FORMAS DIVERSAS FUNDAMENTAIS PARA UMA UNIVERSI- DADE MAIS DEMOCRÁTICA E INTEGRADA.

* RECORRER AO TEXTO DO ANEXO EM LARGO, APROFUNDANDO O "BUSCA" EXISTENTE NO TÍTULO DA FORMA ECONÔMICA E DE FÁCIL DISCUSSÃO.

RESERVA O DIA DE NÍVEL DA SÉRIE DA FAU, CONSIDERANDO CONJUNTO ARQUITETÔNICO MAIS ESTRUTURADO EM TERMOS FORMAS E ESSÊNCIAS.

• ESTABELECE UM RITO VISUAL BASEADO NO DESLÇAMENTO DAS COLUNAS DA FOLHA PARA O ABRIR
COM VÃOS MENORES, DEFINIDOS PELAS NOVAS NECESSIDADES

INCLINAR AS CIRCULAÇÕES VERTICAIS E HORIZONTAIS AO SISTEMA DE CIRCULAÇÃO DO EDIFÍCIO DA FAU, EXISTINDO O EXCAVAMENTO E MINIMIZANDO AS DISTÂNCIAS A SEREM PERCORRIDAS.

* DAR CONTINUIDADE AO USO DOS MÓDULOS PREENCHIDOS DO EMPÍCIO EXISTENTE.

* CONSERVE-SE UMA SOLUÇÃO DE PLANEJAMENTO E ALOCAÇÃO DOS RECURSOS ARQUITETÔNICOS EVITANDO A MANIPULAÇÃO DO APROVEITAMENTO DAS VISÕES EM DIREÇÃO AO PORQUE E NÃO AO COMO, COM O CUIDADO DE NÃO INTERFERIR COM A VISTA DO BOMSENSE DA ÁREA INTERIORE DO QUARTO.

• ADOTAR SOLUÇÕES ESPECIAIS QUE PERMITAM A ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO NATURAIS DO LABORATÓRIO E DAS OFICINAS

DEFINIR CLARAMENTE OS ESTATOS DE QUALIFICAÇÃO DAS ÁREAS VERDEJANTES, CONCENTRANDO NOS ELEMENTOS OS DEBATE ELEGANTAS PARA A TRAMITAR DE DADOS E CASOS.

* ADOTAR UM SISTEMA NÃO USA A ESTRUTURA DO SOFÓTO (CONCRETO E AÇO)

• ADOTAR O MÓDULO DO FUNGUS ADAPTADO À MODULAÇÃO DA PAU, OBTENDO-SE EFICIÊNCIA E RACIONALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO E, AO MESMO TEMPO, RESERVANDO O RITMO NORMAL DO TRABALHO EXISTENTE.

ALTERNATIVAS

3

ALTERNATIVA	JUSTIFICATIVAS PRINCIPAIS	ASPECTOS CRÍTICOS						
		ARTICULAÇÃO COM O ENTORNO URBANO	ARTICULAÇÃO COM OS ESPAÇOS ABERTOS	IDENTIDADE ARQUITETÔNICA DO ANEXO	ARTICULAÇÃO ESPACIAL COM A FAU	CONTOURO AMBIENTAL DO USUÁRIO	POSSIBILIDADES DE EXPANSÃO	CUSTOS DE EXECUÇÃO
<p>SOLUÇÃO SUBTERRÂNEA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • PEQUENA INTERFERÊNCIA COM O EDIFÍCIO DA FAU • LABORATÓRIOS NÃO CONDIÇÕES COM ÁREAS DE CONVÍVIO (ESPAÇOS ESPECIALIZADOS) EXISTENTES DE LIGAÇÃO AO SUBSÓLO 	-	-	-	-	-	-	-
<p>SOLUÇÃO SEMI-ENTERRADA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • PEQUENA INTERFERÊNCIA COM O EDIFÍCIO DA FAU • ECONOMIA NO SISTEMA DE CIRCULAÇÃO (GRÁFICA) • ECONOMIA NA CONDIÇÃO (GRÁFICA) 	-	-	-	+	-	-	+
<p>SOLUÇÃO INTEGRADA COMPLEXA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • APROPRIAMENTO DE ÁREAS SUBTERRÂNEAS VAGAS • MAIORIDADE DE DESPESAS EM ÁREAS DE CIRCULAÇÃO (GRÁFICA) INTERMEDIÁRIA, TO VENTILADA • MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESPAÇO DISPONÍVEL INTERIORE 	+	+	+	+	+	+	+
<p>SOLUÇÃO INTEGRADA SIMPLES</p>	<ul style="list-style-type: none"> • APROPRIAMENTO DE ÁREAS SUBTERRÂNEAS VAGAS • OBTENÇÃO TOTAL DO ESPAÇO DISPONÍVEL • FACILIDADE DE CIRCULAÇÃO DOS ESPAÇOS INDIVIDUAIS 	+	+	+	-	-	+	-
<p>SOLUÇÃO EM "U"</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CRIAÇÃO DE ESPAÇO VENTILADO ENTRE LABORATÓRIOS E A FAU • APROPRIAMENTO PARCIAL DE ÁREAS SUBTERRÂNEAS VAGAS • MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESPAÇO DISPONÍVEL 	+	-	+	+	-	-	+

FAUUSP/ANEXO

4

267

IMPLANTAÇÃO 1:500

FAUUSP/ANEXO

PLANTA 1:200

6

FAUUSP ANEXO

CORTES 1:200

FAUUSP/ANEXO

ELEVAÇÕES 1:200

FAUUSP/ANEXO

PERSPECTIVA 1

FAUUSP/ANEXO

PERSPECTIVAS 2 E 3

VISTA DO PARQUEIO ELEVADO PARA O LADO

FAUUSP/ANEXO

VISTA DO PÉTIMO PARA A FAU

PERSPECTIVA 4

FAUUSP/ANEXO

ÁREAS PROJETADAS (m²)

LOCAL	ÁREA PROJEÇÃO	ÁREA ÚTIL
LRAV	1. ADMINISTRAÇÃO E DEBITAÇÃO	0,00 0,00
	2. COORDENAÇÃO E BANCOS	14,00 0,00
	3. BANCOS BANCOS	12,00 0,00
	4. CANTINAS ESCOLAS	0,00 0,00
	5. SALA DE FOTOGRAFIA	0,00 0,00
	6. SALA DE SELEÇÃO E SELEÇÃO DE FILMS	18,00 17,00
	7. SALAS DE AVALIAÇÃO	26,00 24,00
	8. CUBÍCULO DE REDUÇÃO E BOMBA DE COMBUSTÍVEL	4,00 0,00
	9. ARMAZENAMENTO E ARQUIVO	1,00 0,00
	10. ALMOXARFADO	4,00 0,00
	11. SALA DE EQUIPAMENTOS	0,00 0,00
	12. SALA DE TRATAMENTO DE IMAGENS	0,00 0,00
	13. SALA DE FOTOGRAFAMENTO DE FILMS	11,00 9,48
	14. SALA DE FOTOGRAFAMENTO DE FILMS	28,00 11,48
	15. SALA DE FOTOGRAFIA E MANUTENÇÃO DE QUÍMICA	0,00 0,00
	16. SALA DE FOTOGRAFAMENTO DE FILMS BOMBA E FILMS	0,00 0,00
	17. SALA DE FOTOGRAFAMENTO DE FILMS BOMBA	0,00 0,00
	18. SALA DE REPRODUÇÃO E DUPLICAÇÃO	16,00 12,00
	19. SALA DE REDUÇÃO	18,00 0,00
	20. SALA DE EQUIPAMENTOS E MANUTENÇÃO	18,00 0,00
	21. CUBÍCULO PARA SELEÇÃO DE FILMS	2,00 0,00
	22. SALA DE COMANDO DE VT	10,00 0,00
	23. BANCOS BANCOS	26,00 0,00
	24. SALA DE ARQUIVO DE OPERAÇÕES	0,00 0,00
	25. BANCOS E MANUTENÇÃO	0,00 0,00
	26. SALA DE REDUÇÃO	22,00 20,00
	27. CIRCULAÇÃO LRAV	20,00 19,00
	SUB-TOTAL LRAV	494,00 494,00
LRG	28. MATERIAL ADMINISTRATIVO E ARQUIVO	0,00 0,00
	29. REDUÇÃO E REDUÇÃO	16,00 20,00
	30. SALA DE CUBÍCULO	16,00 11,00
	31. SALA DE TECNOLOGIA DA IMAGEM	18,00 0,00
	32. REDUÇÃO DE FILMS	18,00 10,00
	33. ACABAMENTO	12,00 12,00
	34. COORDENAÇÃO E REDUÇÃO	16,00 16,00
	35. ADMINISTRAÇÃO E REDUÇÃO	0,00 11,00
	36. REDUÇÃO DE FILMS	22,00 22,00
	37. REDUÇÃO DE FILMS	40,00 40,00
	38. REDUÇÃO DE FILMS	44,00 44,00
	39. REDUÇÃO DE FILMS	44,00 44,00
	40. REDUÇÃO DE FILMS	44,00 44,00
	41. REDUÇÃO DE FILMS	44,00 44,00
	42. REDUÇÃO DE FILMS	44,00 44,00
	SUB-TOTAL LRG	600,00 600,00
LAME	43. ADMINISTRAÇÃO	10,00 10,00
	44. MATERIAL	104,00 104,00
	45. MATERIAL	260,00 260,00
	46. MATERIAL	40,00 40,00
	47. MATERIAL	144,00 144,00
	48. MATERIAL	112,00 112,00
	49. MATERIAL	32,00 32,00
	50. MATERIAL	28,00 28,00
	51. MATERIAL	28,00 28,00
	SUB-TOTAL LAME	1200,00 1200,00
APOIO	52. MATERIAL ADMINISTRATIVO	24,00 24,00
	53. MATERIAL ADMINISTRATIVO	132,00 132,00
	54. MATERIAL ADMINISTRATIVO	132,00 132,00
	SUB-TOTAL - APOIO	288,00 288,00
	TOTAL GERAL	2600,00 2600,00

ESTIMATIVA DE CUSTOS

ITEM	UNIDADE	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO
1. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
2. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
3. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
4. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
5. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
6. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
7. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
8. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
9. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
10. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
11. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
12. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
13. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
14. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
15. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
16. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
17. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
18. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
19. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
20. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
21. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
22. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
23. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
24. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
25. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
26. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
27. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
28. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
29. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
30. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
31. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
32. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
33. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
34. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
35. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
36. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
37. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
38. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
39. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
40. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
41. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
42. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
43. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
44. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
45. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
46. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
47. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
48. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
49. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
50. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
51. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
52. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
53. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
54. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
55. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
56. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
57. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
58. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
59. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
60. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
61. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
62. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
63. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
64. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
65. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
66. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
67. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
68. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
69. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
70. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
71. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
72. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
73. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
74. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
75. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
76. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
77. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
78. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
79. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
80. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
81. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
82. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
83. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
84. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
85. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
86. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
87. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
88. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
89. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
90. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
91. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
92. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
93. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
94. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
95. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
96. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
97. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
98. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
99. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
100. SERVIÇOS DE TERRA	m³	24.000,00	24.000,00
TOTAL		2600,00	2600,00

FAUUSP/ANEXO

Uma Oportunidade Perdida

Com a definição de tão confuso processo há uma esperada discussão posterior à divulgação do resultado, mas os debates que se seguiram ficaram aquém do esperado. Na FAU-USP, os projetos concorrentes são expostos por pouco tempo, e concentrando-se na manifestação dos alunos e de alguns professores participantes. Dentre as revistas especializadas, a revista *AU (Arquitetura e Urbanismo)* abriu um significativo espaço para a divulgação e debate das propostas. Além do espaço dedicado ao processo do concurso e aos anteprojetos, a matéria da revista *AU* publicou também alguns textos de personagens envolvidos no concurso.

Eduardo Corona, ativo membro da Congregação no debate da questão do Anexo, defensor e organizador do concurso e presidente do seu júri, defende sua realização e o seu resultado num texto denominado *Razões de um Concurso*. Como responsável, procura encerrar a questão de modo positivo, ressaltando as qualidades do concurso e virtudes das soluções encontradas:

“A FAU almejava há muito poder ampliar suas instalações, atualmente comprimidas, dada a evolução de sua infra-estrutura. [...] O importante nisso tudo não é discutir a oportunidade do concurso [...] o que vale destacar aqui, e isto é, de fato, emocionante, é que pela primeira vez em um concurso de arquitetura (não poderia ser de outra forma), as idéias apresentadas, os anteprojetos, todos eles sem exceção são possuidores de uma qualidade entusiasmante, de um nível profissional fora do comum. Os alunos da Faculdade tem oportunidade (a exposição está na FAU), agora, de ver trabalhos de seus professores, 17 ao mesmo tempo, apresentando soluções as mais variadas, antagônicas até, todas porém de altíssima qualidade, para um só programa [...] mas que riqueza de idéias: umas com edificações à mostra, outras com construções enterradas [...] E ali estão muitas soluções, todas exeqüíveis e tão diferentes [...] emocionante pleito arquitetônico, no qual as idéias fervilham e as propostas se

equiparam. Tarefa dura para o júri. Um, porém, deveria ser escolhido. E foi, por imposição do dever. Qualquer um deles poderia ser realizado ao lado do prédio de Artigas sem desmerecê-lo ou sem perturbá-lo.[...] Por tudo isso este concurso é revestido de condições didáticas (mesmo que alguns desavisados afirmem o contrário) que darão frutos imediatos e outros no futuro, apesar da má vontade expressa através de opiniões apressadas que tem surgido. Depois de ter participado de dezenas de concursos e de outro tanto de júris, posso afirmar que este realizado, agora na FAU, entre seus professores, é de um valor extraordinário. Foi excelente. Um pleito arquitetônico e universitário. Cada professor-arquiteto deu sua aula. E que aula! Cada uma delas irá se prolongar no tempo e no espaço. Que tirem proveito os alunos [...] outros darão aulas idênticas. Acreditem. “Surge uma idéia de repente, começo a trabalhar”, Oscar Niemeyer.¹⁵⁸

Por outro lado, Francisco Segnini, que participou com equipe da disputa, expõe no texto intitulado *Retrato da Apatia*, pontos importantes como a ausência de um documento mais elaborado sobre os critérios e conceitos avaliados pelo júri em cada proposta, embasando a opção pelo projeto vencedor, lembrando ainda da *oportunidade histórica* de promover um debate e reflexão:

Com o concurso “Anexo FAU-USP” perdeu-se mais uma vez a oportunidade de analisar e discutir arquitetura, e nesse caso excepcional - dentro da Universidade, local privilegiado para a reflexão [...] Embora o resultado apresentado não satisfaça a todos, fatalmente seria criticado [...] por tratar-se de uma escola de arquitetura, no interior da qual diferentes propostas são constantemente colocadas. Razão pela qual se esperava que o júri fosse muito cuidadoso ao elaborar seu parecer, definindo

¹⁵⁸ CORONA, Eduardo. Razões de Um Concurso. AU, n° 24, jun.-jul.1989, p. 89.

critérios de análise com clareza e redigindo um parecer transparente que contribuísse com o desenvolvimento do conhecimento arquitetônico. Infelizmente, o parecer apresentado repete chavões clássicos [...] para analisar é preciso estabelecer critérios, para identificar qualidades é necessário esclarecer defeitos e, para estabelecer uma discussão é fundamental que existam posições divergentes [...] Quando se realiza um concurso para o edifício de uma Faculdade de Arquitetura, ele adquire particularidades que o destacam de qualquer outro concurso público. Assim, pode e deve se transformar num momento de discussão e reflexão no interior dessa escola [...] A ausência da discussão e excesso de cortesia tem permitido a convivência pacata dos modismos, que já foram arquitetura, e tem esboçado o nosso retrato, o retrato da apatia eficiente.¹⁵⁹

A revista Projeto, distintamente da AU, dedicou um espaço bastante reduzido ao Concurso, consistindo num pequeno comentário do professor e crítico Hugo Segawa, no entanto bastante contundente, onde ele observa:

Em fins de março, uma longa e tortuosa discussão que mobilizava a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo alcançou um desfecho: escolheu-se, entre dezessete anteprojetos, a proposta julgada melhor como futuro anexo do prédio da FAU-USP [...] uma expansão avaliada como necessária após quase trinta anos de sua concepção e vinte de sua inauguração. Seria por demais enfadonho reportar-nos às marchas e contramarchas do processo que culminou no concurso [...] fechado, restrito ao grupo de docentes da casa, com a participação de alunos. À primeira vista, uma iniciativa pertinente: parcela dos bons arquitetos paulistas militam como professores na escola

159 SEGNINI, Francisco. Retrato da Apatia. Revista AU, nº 24, jun.-jul.1989, p.90.

e, além disso, recomenda-se que estudantes possam discutir arquitetura com um tema que lhes é familiar, ensaiando projeto simultaneamente como futuros arquitetos e usuários. Se o princípio que alimentou toda a iniciativa é louvável - e devemos reconhecer que, na história recente da arquitetura brasileira, os concursos tiveram um papel fundamental no diálogo dentro da categoria - deve-se lamentar entretanto que a condução do processo se tenha feito com um açodamento incompatível com o potencial alcance de uma proposta desta natureza. [...] o que se viu entre os anteprojetos apresentados: soluções interessantes, algo imaturas ou carecendo de um pouco mais de lapidação, ensaios expressionistas e bobagens. Na média, todos trabalhos corretos ou bem intencionados. Mas nenhuma jogada genial - que resulta, normalmente, de uma reflexão mais longa [...] Mas se houve exiguidade de tempo para a elaboração de anteprojetos, mais encolhida ainda foi a duração da exposição dos trabalhos: no máximo, dez dias.¹⁶⁰

Provavelmente o único livro publicado até o momento com referências ao Concurso do Anexo da FAU-USP, *Brasil: Arquiteturas após 1950*, de Maria Alice J. Bastos e Ruth V. Zein, também apresenta uma visão bastante crítica do Concurso e dos anteprojetos para o Anexo:

Um concurso para equipes capitaneadas por professores da FAU-USP em São Paulo escolheu, em 1989, o projeto para a construção de uma anexo da faculdade destinado a abrigar os laboratórios e oficinas. O parecer do juri, formado por professores e ex-professores da escola é quase desconcertante, levando-se em conta o fato de tratar-se de escola de arquitetura em que o evento poderia ter forte cunho didático. [...] O edifício da FAU-USP tem problemas graves de ocupação e uso, o anexo, viabilizado por uma verba do BID no início de 1988, teve por objetivo

160 SEGAWA, Hugo. Concurso do Anexo da FAU-USP: Oportunidade Perdida. Revista Projeto, nº 123, 1989, p. 63.

desafogar o edifício-sede para melhor acomodar as atividades de pesquisa do corpo docente. Entre o recebimento da verba e o concurso, passou-se um ano, gasto com discussões de como seria encaminhado o projeto do anexo, enquanto o concurso propriamente dito foi realizado no prazo exíguo de trinta dias. O edifício da FAU-USP [...] além de ser emblemático é obra solo, que não foi feita para compor.

Entre as propostas para o anexo da que se colocaram à sombra estão as soluções enterradas [...] e as que buscaram uma clara filiação no edifício principal, lançando mão da laje nervurada, empenas, e caixilharia de vidro. Houve também propostas que se posicionaram com razoável grau de independência [...] num discurso próprio que não chega a estabelecer um diálogo e, por fim as que perseguiram o difícil objetivo de compor com o edifício-sede, estabelecendo com este uma tensão transformadora. Neste último grupo reside o principal material para a então frustrada discussão da contemporaneidade em arquitetura.

A idéia da conservação e reciclagem do arcabouço construído, em voga no período, comporta a idéia de atualização. Ora, a construção de um anexo funciona como uma atualização que pode extrapolar os aspectos mais funcionais, no sentido de acréscimo puro e simples de área, e lograr um novo significado para o edifício existente. O edifício da FAU-USP deve sua aparência externa coesa à grande cobertura que se debruça pelas empenas e deságua nas colunas externas. Internamente, a solução volumétrica permite distinguir duas grandes alas paralelas, defasadas de meio piso e unidas pela circulação em torno do vazio interno. Ora, a equipe de Rafael Perrone criou um novo edifício longitudinal em concreto

e vidro, como se reproduzisse, na sequência, uma dessas alas, trazendo para o exterior o parcelamento dos volumes internos. O projeto vencedor, de Gian Carlo Gasperini, também não deixa de sugerir um parcelamento do volume unitário da FAU com a solução de planta triangular que se opõe à calma do retângulo do edifício principal, a tensão é acirrada pelo fechamento em placas inclinadas de concreto vermelho. Na construção do projeto vencedor não foi executada a passarela de união entre os dois edifícios. A distância entre ambos parece maior que nos desenhos do concurso, e a cor vermelha se perdeu. Com isso, o anexo não atingiu o poder de interferência proposto, parecendo apenas mais um edifício perdido nos grandes espaços do campus.¹⁶¹

Fica patente com a leitura destas transcrições a grande distância existente entre as posições assumidas pela organização do concurso, e as opiniões manifestadas por participantes, alunos e professores, e pela crítica especializada. Apesar de toda a mobilização provocada, o caráter didático e pedagógico do concurso se resumiu à participação de poucos alunos. Não houve qualquer articulação da organização e da Faculdade no sentido de incrementar as condições da participação discente. Se pensarmos no número de alunos da Escola, de modo breve e esquemático, 150 alunos para cada ano fazem um universo de ao menos 750 alunos. Segundo as informações que constam das pranchas apresentadas, 22 alunos participaram do concurso¹⁶², o que mostra que apenas 3% dos alunos se envolveram diretamente com a discussão e o desenho do anexo, mostrando o absoluta falência da conotação didática do concurso, tão aventada nos debates.

¹⁶¹ BASTOS, Maria A. Junqueira; ZEIN, Ruth V. Brasil: Arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 294-296.

¹⁶² Levantamento realizado a partir de informações constando das pranchas entregues pelas dezessete equipes.

O Anexo Construído

O anteprojeto vencedor do Concurso realizado em 1989, foi desenvolvido e detalhado pelo FUNDUSP e pelo escritório de Gian Carlo Gasperini, o Aflalo & Gasperini Arquitetos Associados. Suas instalações começam a ser utilizadas a partir de 1997¹⁶³. Entre o anteprojeto apresentado ao Concurso, o Projeto Executivo inicial e o projeto construído, houve uma série de alterações que comprometeram bastante muitas das proposições presentes no projeto vencedor.

O edifício anexo deve ser considerado, principalmente por ser responsável por alterações no funcionamento do edifício projetado por Artigas. Com o deslocamento dos laboratórios do 2º pavimento para o anexo, esta área foi ocupada pelos laboratórios de pesquisa – atividade em expansão e que, no projeto original, não tinha um lugar definido. [...] Sem entrar em maiores detalhes a respeito do projeto do anexo, o que deve ser ressaltado é a total falta de relação entre os dois edifícios. Por mais que o Prof. Gasperini tenha argumentado, a favor do seu projeto, que decidiu ‘trabalhar com uma postura de projeto mais livre, e levar em conta esses dois pontos que considerava importantes: a linha diagonal, formando com a fachada lateral da FAU uma praça de múltiplo uso e a questão da relação volumétrica, entre os dois edifícios’, esta relação não ficou configurada.

O edifício anexo não estabelece nenhuma relação funcional com o existente. Nos desenhos do concurso há uma passarela de interligação que não foi construída. De qualquer maneira a relação parece muito frágil. A circulação é precária e dificulta o uso das oficinas. O projeto foi implantado como se estivesse em um lote, desconsiderando o entorno.¹⁶⁴

Prancha do projeto pré executivo.

Fonte: Acervo do Grupo Executivo da Gestão dos Espaços Físicos da FAU.

Obra do anexo. Execução dos baldramas.

Fonte: Acervo do Grupo Executivo da Gestão dos Espaços Físicos da FAU.

¹⁶³ Cronologia FAU-USP, Plano Diretor Participativo 2011/2018. São Paulo: FAU-USP, 2012.

¹⁶⁴ OKSMAN, Silvio. Preservação do Patrimônio Arquitetônico Moderno – A FAU de Vilanova Artigas. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP, 2011.

Vista do anexo desde a Avenida Luciano Gualberto.
Fonte: Acervo do Grupo Executivo da Gestão dos Espaços Físicos da FAU.

Montagem da treliça espacial da cobertura do anexo.
Fonte: Acervo do Grupo Executivo da Gestão dos Espaços Físicos da FAU.

As diferenças, que comprometeram profundamente o resultado formal do edifício e as condições de sua utilização, ocorreram por conta de fatores determinantes, como a questão da ligação entre os dois edifícios que, com a supressão da passarela, passou a ser feito externamente, pela entrada autônoma do Anexo, a mais distante, dificultando bastante um uso maior e mais constante deste importante Laboratório. Aqui talvez se encontre, provavelmente, uma das maiores perdas trazidas com a construção do Anexo. O LAME, quando instalado no agradável nível semi-enterrado ao longo da Av. Luciano Gualberto, permitia uma dinâmica entre os Estúdios e a “maquetaria” única, que com a mudança perdeu muito de sua intensidade. Naquele momento, houve uma opção clara sobre o tipo de laboratórios que mais interessava à Faculdade, e os laboratórios de pesquisa acadêmica passaram a ocupar o espaço que inicialmente era dos laboratórios práticos.

A especificação dos elementos das aberturas, no nível do “Ateliê de Maquetes”, um espaço imediatamente ligado à praça e visualmente à FAU, terminaram contando com muito pouca transparência pelo emprego de cobogós de concreto, com trama muito fechada e praticamente nenhuma possibilidade de ligação física com a praça e visual com a paisagem do entorno e a FAU. A instalação de uma entrada externa no topo do talude da Av. Luciano Gualberto, de acesso direto à ala onde estão instalados o LRAV e LPG, também contribuiu para a perda de consistência da proposição inicial, mostrando-se a situação desta entrada completamente inadequada, dissociada da conexão necessária, tanto com a FAU quanto com a Av. Luciano Gualberto, prejudicando demasiadamente uma leitura mais abstrata desta fachada e da grande empena de concreto da FAU, como defendia Gasperini, o que pode ser percebido nas fotos do modelo do projeto vencedor, apresentado no Concurso.

A questão cromática proposta com a pigmentação do concreto pré-fabricado, da maior importância na configuração final do Anexo, foi deixada de lado pelas sempre presentes dificuldades técnicas, financeiras e dos prazos, e também impôs uma considerável perda de leitura e identidade do Anexo. O que se vê hoje é uma profusão de elementos construtivos, painéis de vedação que aparecem aqui e ali, com pintura ordinária, na cor laranja, aplicada apenas nos panos de alvenaria, os quais são constantemente interrompidos

pela presença das lâminas e de outros elementos estruturais mantidos no concreto aparente tradicional, contribuindo bastante para uma percepção fragmentada do edifício realizado.

Vista zenital dos edifícios da FAU-USP.
Fonte: Google Earth.

Edifício Vilanova Artigas e anexo com a cidade de São Paulo ao Fundo.
Fonte: Autor desconhecido.

Edifício Vilanova Artigas e Anexo. Fonte: Jornal da USP.

Vista do ateliê de maquetes do LAME. (Foto do autor).

Vista do ateliê de maquetes do LAME. (Foto do autor).

Vista do pátio de serviços ao lado do Canteiro Experimental. (Foto do autor).

Vista da praça. (Foto do autor).

Vista externa do anexo. (Foto do autor).

Vista da FAU-USP desde o anexo no ponto em que deveria se conectar a passarela. (Foto do autor).

O CURSO DE DESIGN:
ESTUDOS PARA AMPLIAÇÃO DO ANEXO

O Curso de Design na FAU-USP

Em 2006, consolidou-se o processo de criação do Curso de Design dentro da estrutura pedagógica da FAU-USP. O curso começou a ser efetivamente pensado a partir do início dos anos 2000, quando houve uma reestruturação no Departamento de Projeto, e procurou-se formatá-lo contando com a estrutura física e acadêmica disponível na Escola, permitindo um seu aproveitamento e utilização mais abrangentes.

O curso de design do objeto é ministrado por um grupo de professores que, apesar de terem formação em áreas diversas - artes plásticas, design, arquitetura e comunicação - usam igualmente como processo de trabalho a manipulação do objeto. Eles desenvolveram uma metodologia que aperfeiçoam juntos há mais de 14 anos, alguns há mais tempo que outros - período em que Carlos Egidio Alonso, hoje aposentado, também esteve presente. Pretendem, com o curso, tirar os vícios que jovens aspirantes a arquitetos recebem nos ateliês de projeto. E fazem com que os alunos trabalhem diretamente o material, sem desenho ou projeto, e resolvam neste embate direto, muitas vezes de maneira instintiva, os problemas que a materialidade traz.¹⁶⁵

A história da Escola tem, no campo do Desenho Industrial, ou do Design, um marco importante de sua formação, constituindo um dos aspectos que, como novo componente disciplinar do curso de Arquitetura e Urbanismo, caracterizou a Reforma de 1962.

¹⁶⁵TRONCOSO, Úrsula. "Curso de Design do Objeto, FAU-USP. Revista AU, 256, jul.2015, p. 82.

Os Estudos para Ampliação do Anexo

Após a decisão de se implantar na FAU-USP o Curso de Design, foram realizados dois estudos para a ampliação do Anexo construído, solicitados pela Diretoria a Arnaldo Martino, em 2005 e a Marcos Acayaba, em 2006. Estes estudos não tiveram continuidade, e o novo curso foi alocado no período noturno, aproveitando a sofisticada infraestrutura já disponível, evitando eventuais sobreposições de uso.

O Estudo de Arnaldo Martino

A proposta de Arnaldo Martino, realizada na durante a direção de Ricardo Marques de Toledo, foi desenvolvida enquanto o arquiteto era o professor responsável pela gestão dos espaços da FAU-USP, no Edifício Vilanova Artigas e no Anexo. Por intermédio de desenhos à mão-livre, em folhas de papel comum branco, em tamanhos A2 e A3, Martino apresenta o estudo basicamente com as plantas, cortes e alguns alçados, nos traços característicos dos seus desenhos à mão livre¹⁶⁶, sempre primorosos e bastante precisos, geralmente em escala 1:200, com detalhes e croquis exploratórios e de verificação, em escalas não indicadas. O estudo inicial, realizado em abril de 2005, respondia à um programa propondo reestruturar parte das dependências internas do Anexo, ampliando-o com um novo mezanino no nível do LPG, e com quatro pequenos pavilhões adossados, seguindo uma estruturação geométrica derivada do Anexo, instalando-os em uma das extremidades da praça semi-circular do projeto de Gasperini. Cada pavilhão tinha por dimensões a largura de 7.50m pelo comprimento de 22.00m, resultando em uma área de 150m², dispostos na geometria de um paralelogramo, seguindo a diagonal do Anexo e o alinhamento da FAU. Este bloco de pavilhões era coberto por uma trama metálica, modulada na largura de cada pavilhão, revestida em seu lado inferior com um forro acústico e coberta com *Evalon*, uma manta plástica de tecnologia alemã, de pouca espessura e grande resistência, na época um material

¹⁶⁶ Ver BRONZTEIN, Maressa. A Experiência Construtiva na Obra de Arnaldo Martino: Treze Projetos Residenciais. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP. 2013.

de uso recente no Brasil. Os quatro pavilhões correspondem aos laboratórios direcionados às atividades do novo curso: Madeira e Papel, Metais, Cerâmicas e Plásticos e Ergonomia. A ligação do Anexo com o eixo de circulação vertical das escadas e elevador do edifício da FAU se fazia por meio de uma Galeria enterrada, acompanhando o alinhamento longitudinal do Edifício Vilanova Artigas, e além de conectar os dois edifícios de modo mais efetivo que a ligação externa atual, feita pela extremidade mais afastada do Anexo, fazia também o acesso aos novos Laboratórios. A Galeria era ambientada pela presença de um jardim, iluminado e ventilado zenitalmente, por meio do emprego de um piso de grelha metálica, e desembocava no Anexo, no nível da oficina de maquetes do LAME, onde cria um novo eixo de circulação vertical, com um conjunto de rampas, paralelas e contíguas à diagonal do Anexo e duas escadas em seu interior, uma encaixada no talude e outra na extremidade oposta do vazio do LAME. Com acesso pela Galeria, foram adicionados dois novos conjuntos de sanitários.

A iluminação e ventilação dos novos ambientes de pesquisa é provida pelas aberturas instaladas na extremidade dos pavilhões, protegidas por beiral, em face à praça semi-circular que adquire uma nova geometria desenhada pela implantação dos laboratórios. Uma outra linha de iluminação natural foi definida por Martino para resolver, por meio de um *shed* no centro de cada pavilhão, o problema da redução de iluminação natural nas áreas mais afastadas da extremidade aberta. Novamente, em um espaço proposto para o ensino e pesquisa da FAU-USP vemos a criação de uma forma marcante no projeto, determinada por um desenho de cobertura que busca prover o espaço interno com iluminação natural desde o alto, inscrevendo-o numa *linhagem* iniciada com o Ateliê cinquenta anos antes.

No desenvolvimento deste estudo, com data de maio do mesmo ano, Martino ensaia uma nova posição para as rampas, alinhando-a com a lateral da galeria, encaixando-a entre o Anexo o bloco de sanitários da versão anterior.

Uma terceira versão, chamada pelo autor de Revisão, foi realizada em agosto de 2006, sendo considerada pelo autor a versão definitiva deste estudo. Mantém ainda a posição e a volumetria de cobertura dos pavilhões. Redesenha a união da galeria, em novo arranjo da sua articulação com o entorno e com o prédio do Anexo, deslocando as rampas para o

interior deste, no vazio do salão do LAME. Os banheiros, antes bloqueados com as rampas, agora ganham um desenho independente, como um volume semi-cilíndrico levemente girado em relação ao alinhamento da galeria. Esta passa ter uma ligação com o exterior, com aberturas para um pátio, com jardim terraceado. Como na situação anterior, o jardim que acompanha a galeria enterrada contribui para suavizar seu confinamento. Nesta versão, como um contraponto ao volume dos sanitários, Martino desenha um espaço recuado, acoplado à galeria, que toma a conotação de um átrio semi-circular, com bancos e jardim, utilizando o mesmo sistema de iluminação e ventilação da versão anterior, com o piso de grelha metálica. Um pequeno *croquis*, um corte pelo *shed*, no pavilhão dos Laboratórios, é detalhado com a disposição de mobiliário e equipamentos, e suas relações com a escala humana e da construção, identifica a forma de trabalho do arquiteto, verificando continuamente suas proposições em distintas escalas.

Os elementos marcantes da proposta são os volumes alinhados dos pavilhões, com a cobertura característica dos *sheds*, e a reestruturação da relação do Edifício Vilanova Artigas com o Anexo de Gasperini, trazendo com a galeria, as escadas e rampas, uma possibilidade de relação mais próxima e intensa entre os dois edifícios que balizam a ampliação. No âmbito das alterações internas no Anexo, a remoção da rampa existente no vazio das máquinas do LAME, a criação de uma parede envidraçada entre o setor do LPG, no piso superior e o vazio, aparecem como soluções adequadas à uma melhor organização espacial e à uma leitura franca do edifício. Esta rampa removida na proposta acabou por se configurar num elemento de grande interferência negativa neste vazio, constituindo-se mais numa barreira que em uma ligação. A ocupação da parte superior das oficinas junto ao pátio de manobras pelo mezanino também concorre para um melhor agenciamento dos espaços internos, a partir de uma nova configuração dos elementos e das relações em seu vazio, incrementando a conexão visual e física entre os ambientes do piso inferior e superior do anexo.

APPLIÇÕES: 4 NOVOS LABORATÓRIOS / CIRCUITO LÓGICO / SIMULADOR; (CONSTRUÇÃO NOVA)
1008 M2 (INCLUSIVE TUNEL)

$$\begin{array}{r} 574 \text{ mL} \\ 1582 \text{ mL} \end{array}$$

Amperagem : novo medidor :
350 w

1932 42

ESTUDO PARA AMPLIAR
DO PROBLEMA ANEXO DA FAV
NISTA / COM RE

04/2001

O Estudo de Marcos Acayaba, 2006-2007

Em 2006, por solicitação do Diretor Sylvio Sawaya, Marcos Acayaba, como Professor do GPr (Grupo de Disciplinas do Departamento de Projeto) da FAU-USP, realizou um novo estudo considerando outras possibilidades de ampliação, com um escopo mais abrangente e menos definido que o realizado anteriormente por Arnaldo Martino. Sem o estabelecimento de um programa específico por resolver, a proposta desenvolvida por Acayaba, se mostra de cunho mais especulativo, é estudada em desenhos de maior escala, realizados à mão-livre, fazendo uso intenso da cor como organizadora de diferentes setores e circunstâncias de intervenção sem apresentar, no entanto, uma aproximação maior que chegue a identificar ambientes e funções específicos. A proposta revela-se um macro estudo de possibilidades de estabelecer novas volumetrias e relações entre os edifícios existentes e as transformações e ampliações propostas, verificando um possível estoque de área disponível, a partir de uma intervenção na escala e nas condições sugeridas pelo estudo. Acayaba amplia o Anexo desenhado por Gasperini, propondo espelhar, a partir da diagonal, uma laje em “L”, que complementaria a forma triangular pré-existente com outra semelhante, transformando esta base em uma grande plataforma prismática, com um pátio central aberto, no local da praça circular. Acima deste novo embasamento remanesce, como que flutuando, o volume triangular do Anexo original. A possibilidade de ampliação com um bloco encaixado no talude da Avenida Luciano Gualberto é considerada, adicionando outro vetor de expansão. O acesso à esta nova área se realiza internamente desde o nível 722.00, junto do Auditório, sob uma laje que é prolongamento do Salão Caramelo. A partir deste, o acesso à área externa se faz pela antiga varanda, resgatada na face sudeste. No estudo proposto, além do complemento do nível inferior do Anexo, no espaço ocupado pelo Canteiro Experimental implanta-se um terceiro edifício, de planta quadrada e vazio central, contando com 2 pisos elevados do solo, um térreo aberto integrado com o entorno, além de uma extensa área em subsolo. De modo similar ao proposto no Anexo, outro volume encaixado no talude estabelece mais um ponto de possível ampliação. De um outro modo, o estudo de Acayaba recupera alguns elementos e condições presentes na abortada idéia do “Corredor das Humanas”, concentrando-as no âmbito dos espaços da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Corte pela ampliação proposta e pelo Anexo existente.
Fonte: Acervo Marcos Acayaba.

Corte da ampliação do Anexo existente junto ao talude da Avenida Luciano Gualberto.
Fonte: Acervo Marcos Acayaba.

Estudo de iluminação e ventilação para a ampliação do Anexo.
Fonte: Acervo Marcos Acayaba.

Pranchas do estudo de ampliação para o anexo da FAU-USP realizado por Marcos Acayaba. Fonte: Acervo Marcos Acayaba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

○ paradoxo contido na epígrafe de abertura destas considerações traduz alguns dos aspectos da complexidade que envolve o projeto de anexos e ampliações, especificamente em edifícios de valor histórico-cultural e artístico, como paradigmas criativos capazes de transformações sensíveis, conjugando tempo, lugar e história.

A singularidade das circunstâncias que permeiam a existência da Vila Penteado e da FAU de Vilanova Artigas, irmanadas no abrigo das atividades da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, permitiu investigar e relacionar os múltiplos aspectos disciplinares encerrados na relação dos anexos com os edifícios da Escola, com destaque para as questões de projeto e de preservação patrimonial.

○ percurso assumido pela pesquisa ao deslocar seu objeto de interesse de um tema circunscrito, delimitado no tempo e no espaço, como o Concurso de 1989, em direção a uma abordagem mais ampla, articulada por meio do desenvolvimento das condições do ensino nos espaços da Escola, nos permitiu entender melhor sua história por um viés pouco trilhado.

○ estudo, levantamento e descrição do anexos projetados tanto na Vila Penteado como no Edifício Vilanova Artigas constituem um completo acervo documental organizado e estruturado segundo critérios claros, e permitem entender como espaços considerados coadjuvantes, como o Ateliê, foram na realidade espaços importantes na configuração de uma forma específica do ensino do projeto. Assim, organizar as circunstâncias e as características dos anexos projetados para estes dois edifícios impôs a elaboração de nova abordagem, consubstanciada nas relações entre edifício e ensino, característica marcante na história da Escola, iniciada com sua instalação na Vila Penteado e ampliada pela sensibilidade do projeto de Vilanova Artigas para o edifício que hoje leva seu nome.

As mudanças do espaço do Ateliê até sua transformação final num grande ambiente de trabalho, como posteriormente seriam os Estúdios do Edifício Vilanova Artigas, já prefiguravam a relação entre ensino e espaço que depois foi facilmente verificável no novo edifício.

Para os anexos mais antigos, na Vila Penteado, cotejar as informações que surgiram da análise da escassa documentação gráfica disponível com as lembranças e observações de professores e alunos que vivenciaram aqueles espaços foi de fundamental importância para uma compreensão, não só destes, mas do convívio, camaradagem, trabalho e histórias que ficaram gravadas em suas memórias. O redesenho de peças gráficas que fomos levados a realizar por falta de documentação original recebeu dessas informações e comentários um importante caudal de dados secundários, da vida cotidiana, que foram fundamentais para compreender como aqueles espaços existiram – e se transformaram. Uma somatória de história oral e iconográfica, amparada pela prática disciplinar do desenho, permitiu reconhecer as qualidades desses edifícios que tinham sido ignoradas pela crítica e a história tradicional preocupada notadamente com o edifício principal.

Para os anexos do Edifício Vilanova Artigas, uma vez que as pranchas do Concurso de 1989 encontram-se disponíveis no acervo da Biblioteca, nosso objetivo se embasou também pela análise do processo seguido pelo Concurso. Tanto em seus meandros burocráticos, com o estudo das atas e documentos oficiais da Escola, como na representação e avaliação dos anteprojetos apresentados. O levantamento realizado permitiu entender não só a complexidade do processo, mas também os interesses, aspirações e intenções de uma geração de arquitetos representada pelos professores da FAU-USP que apresentaram suas propostas. Um concurso desta ordem, no âmbito de uma escola de arquitetura e urbanismo é evidentemente um momento sensível. Os projetos apresentados devem ser entendidos como uma amostragem representativa da forma de pensar arquitetura em um momento complexo como a virada dos anos 1980 e 1990. Tanto a análise dos mesmos como as circunstâncias nas quais foram realizados continuarão sendo fonte de interesse para quem estude a arquitetura paulista no último quarto do século XX.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ACAYABA, Marcos. Marcos Acayaba. São Paulo: CosacNaify, 2007.

AGRASAR, Fernando. Introducción al Conocimiento de La Arquitectura. A Coruña: COAG, 2008.

ALBUQUERQUE, Roberto.P. (org.). Caderno de Riscos Originais: Projeto do Edifício da FAU-USP na Cidade Universitária. São Paulo: FAU-USP, 1998.

ARANTES, Pedro Fiori. Arquitetura Nova. Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos Mutirões. São Paulo: Editora 34, 2002.

ARTIGAS, João B. V. Função Social do Arquiteto. São Paulo: Nobel / Fundação Vilanova Artigas, 1989.

_____. Caminhos da Arquitetura. São Paulo: CosacNaify, 2004.

ARTIGAS, Rosa. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: CosacNaify, 2000.

_____. Paulo Mendes da Rocha - Projetos 1999-2006. São Paulo: CosacNaify, 2007.

_____. Vilanova Artigas. São Paulo: Terceiro Nome, 2015.

BACON, Edmund N. Design of Cities. London: Thames & Hudson, 1995.

BASTOS, Maria A. Junqueira; ZEIN, Ruth V. Brasil: Arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BROLIN, Brent C. Architecture in Context: Fitting New Buildings with Old. New York: Van Nostrand Reinhold Co., 1980.

BRUNO, Ernani S. História e Tradições da Cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.

BYARD, Paul Spencer. Architecture of Additions: Design and Regulation. New York: W.W.Norton, 1998.

CONSELHO CURADOR/FAU-USP. Plano Diretor Participativo 2011/2018. São Paulo: FAU-USP, 2012.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. Dicionário da Arquitetura Brasileira. São Paulo: Edart, 1972.

CORTÉS, Juan Antonio; MONEO, José Rafael. Comentários sobre Dibujos de 20 Arquitectos Actuales. Barcelona: Ediciones del ETSAB, 1976.

COSME, Alfonso Muñoz. El Proyecto de Arquitectura – Concepto, Processo y Representación. Barcelona: Editorial Reverté, 2008.

CURY, Isabelle (org.). Cartas Patrimoniais. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

DENTE, Edgar G. Estudo Crítico e Proposta para a Estrutura Curricular da FAU-USP. São Paulo: Edição do Autor / FAU-USP, 1987.

EISENMAN, Peter. Ten Canonical Buildings 1950-2000. New York: Rizzoli, 2008.

FERRAZ, Marcelo C. (coord.) Vilanova Artigas. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi / Fundação Vilanova Artigas, 1997.

FICHER, Sylvia. Os Arquitetos da Poli: Ensino e Profissão em São Paulo. São Paulo: EDUSP, 1989.

GFAU. Corredor das Humanas – A Poesia Que Poderia Ter Sido e Que Não Foi. São Paulo: GFAU, 2009.

GFAU. Anistia na FAU-USP – Reintegração dos Professores Cassados Pelo AI-5. São Paulo: GFAU, 1998.

GONSALES, Célia H. C. A Preservação do Patrimônio Moderno: Critérios e Valores. In: Seminário DOCOMOMO, 2008. Salvador, Anais do 2º Seminário DOCOMOMO, 2008.

GREGOTTI, Vittorio. Território da Arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HEARN, Fil. Ideas que han Configurado Edifícios. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOMEM, Maria Cecília N. Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano. São Paulo: EDUSP, 2011.

HOMEM, Maria Cecília N.; Machado, Lucio G. (coords.). Exposição Vila Penteado. São Paulo: FAU-USP, 1976.

JODIDIO, Philip. 100 Great Extensions & Renovations. Victoria: Mulgrave, 2007.

JONES, Peter Blundell. Gunnar Asplund. London: Phaidon Press, 2006.

KATINSKY, Júlio Roberto. A Vila Penteado e o Desejo de Mudança em São Paulo. In: Vila Penteado, 100 anos. São Paulo: FAU-USP, 2002. pp. 131-146

KOURY, Ana Paula. Grupo Arquitetura Nova - Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro. São Paulo: EDUSP, 2003.

LEMOS, Carlos A. C. Alvenaria Burguesa. São Paulo: Nobel, 1989.

LOPEZ-PELAEZ, Jose Manuel. La Arquitectura de Gunnar Asplund. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2002. (Colección Arquithesis, n.11)

MARTÍNEZ, Alfonso Corona. Ensaio Sobre o Projeto. Brasília: UNB, 2000.

MARTINS, Maria Lucia Refinetti Rodrigues. (org.) Vila Penteado 1902-2012. Pós-Graduação 40 Anos. São Paulo: FAU-USP, 2012.

MAHFUZ, Edson da Cunha. Ensaio Sobre a Razão Compositiva. Viçosa: UFFV, 1995.

MONEO, Rafael. Inquietação Teórica e Estratégia Projetual. São Paulo: CosacNaify, 2008.

_____. Remarks on 21 Works. New York: The Monacelli Press 2010.

MONTANER, Josep Maria. Depois do Movimento Moderno - Arquitetura da Segunda Metade do Século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. Arquitectura y Política. Ensayos para Mundos Alternativos. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.

MONTANER, Josep Maria. Sistemas Arquitetônicos Contemporâneos. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

MORNEMENT, Adam. Extensions. Barcelona: Blume, 2007.

NESBITT, Kate (org.). Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica (1965-1995). São Paulo: CosacNaify, 2006.

NORBERG-SCHULZ, Christian. Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. New York: Rizzoli, 1980.

_____. Intentions in Architecture. Cambridge: MIT Press, 1977.

OTXOTORENA, Juan M. La Construcción de la Forma: Para una Aproximación Contemporánea al Análisis de la Arquitectura. Pamplona: T6, 1999.

PEREIRA, Miguel (org.). Sobre Arquitetura Brasileira e Ensino na Virada do Século. Volumes 1 e 2. São Paulo: FAU-USP, 2008.

PIÑON, Helio. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2002.

PISANI, Daniele. Paulo Mendes da Rocha - Obra Completa. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

PRESTES, Lucinda Ferreira (org.). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP: Documentos Históricos. São Paulo: FAU-USP, 2011.

QUARONI, Ludovico. Proyectar un Edificio - Ocho Lecciones de Arquitectura. Madrid: Xarait, 1987.

REIS Filho, Nestor Goulart. Victor Dubugras - Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina. São Paulo: EDUSP, 2005.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAMPAIO, Maria R. de Amaral et al. Vila Penteado 100 anos. São Paulo: FAU-USP, 2002.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In: O Pai de Família e Outros Estudos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil 1900-1990. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. Prelúdio da Metrópole. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SERAPIÃO, Fernando. A Arquitetura de Croce, Aflalo e Gasperini. São Paulo: Parallaxe, 2011

SIMON, Philippe. Additions d'Architecture. Paris: Editions du Pavillon de l'Arsenal, 1996.

SOLÁ-MORALES, Ignasi de. Intervenciones. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

_____. Diferencias – Topografia de La Arquitectura Contemporánea. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

_____. Inscripciones. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

SOUZA, Maria Adélia A. (org.). O Espaço da USP: Presente e Futuro. São Paulo: EDUSP, 1985.

TAGLIARI, Ana, FLORIO, Wilson. Desenho, Projeto e Intenções em Arquitetura: Considerações sobre Projetos Não-Construídos. In Encontro de História da Arte VII, 2011. Campinas: UNICAMP, Anais do VII Encontro de História da Arte, 2011.

TOLEDO, Benedito Lima de. Vila Penteado: Registros. São Paulo: FAU-USP, 2002.

_____. São Paulo: Três Cidades em um Século. São Paulo: CosacNaify / Livraria Duas Cidades, 2004.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. A Capital da Solidão. Uma História de São Paulo das origens a 1900. São Paulo: Objetiva, 2003.

_____. A Capital da Vertigem. Uma História de São Paulo de 1900 a 1954. São Paulo: Objetiva, 2015.

TOSCANO, João Walter; ARTIGAS, Rosa Camargo (org.). João Walter Toscano. São Paulo: Editora UNESP; Instituto Takano, 2002.

UNWIN, Simon. Analisis de la Arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

VENTURI, Robert. Complexidade e Contradição na Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

YOSHIOKA, André H.; SANTOS, Bhakta K. D.; KLIS, Leonardo (orgs.). Oficinas: Espaços da FAU, 2009. Re-Thinking HIL, 2010. São Paulo: FAU-USP, 2011.

Artigos em Periódicos

2G. Vilanova Artigas. 2G, n. 54, monográfico. Gustavo Gili, 2010.

ACRÓPOLE, n. 377. set. 1970.

ARTIGAS, João B. V. Contribuição para o Relatório de Ensino de Arquitetura UIA-Unesco 1974. Revista Caramelo, São Paulo, n. 06. 1993.

ARTIGAS, João B. V. Debate sobre o Projeto do Conjunto Zezinho Magalhães. O Desenho, n. 4. 1972.

ASPLUND, Erik Gunnar. Reconstrucció i ampliació del Palau de Justícia de Gotemburg. (Projecte 1913-35, Execució 1934-37). Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme, n. 157, 1983, pp. 32-37.

BUCHANAN, Peter. Deference, Dialogue and Dissolve - How New Architecture Meets Old. Harvard Design Magazine, n. 23. 2005/2006, pp. 12-17.

BYARD, Paul Spencer. Innovation and Insight in the Contemporary Architecture of Additions. Harvard Design Magazine, n. 23. 2005/2006, pp. 4-11.

BOZZO, Cláudia. Referência sem Reverência. Revista AU, n. 24, jun.-jul.1989, pp. 78-82.

CORONA, Eduardo. FAU-USP. Grande Prêmio Internacional da X Bienal de São Paulo. Acrópole, n. 366, out. 1969, pp. 16-21.

CORONA, Eduardo. Razões de Um Concurso. AU, n. 24, jun.-jul.1989, p. 89.

FAU, O Retrato da Arquitetura Brasileira. A Construção São Paulo. São Paulo, Ano XXVI, n. 1334, set. 1973, pp. 36-40.

FRANK, Edward; McCARTER, Robert. Guggenheim Design Debate. Architectural Record, New York, p.2, dez. 1992.

FREDLUND, Björn. El Palau de Justícia de Gotemburg. Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme, n. 157, 1983, pp. 32-37.

GRAVINA, Pedro B. J. A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Bem Estar, n. 3, nov.-dez. 1958.

MONEO, Rafael. Construir Sobre lo Construido. Arquitectes de Tarragona, n. 10, jan. 2006. pp. 2-15

MOTTA, Flávio L. São Paulo e o "Art Nouveau". Habitat, São Paulo, n. 10, 1953. pp.3-18

PONTES, Ana Paula G. et al. Forum: O Percurso do Ensino na FAU. Revista Caramelo, São Paulo, n. 06. 1993.pp. 9-22.

RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. Vontade de Ser. Revista AU, n. 24, jun.-jul.1989, pp. 84-88.

SCARPA Carlo. Ampliació de la Gipsoteca d'Antonio Canova: Possagno 1956-57. Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme, n. 158, 1983, pp. 12-20.

SEGAWA, Hugo. Concurso do Anexo da FAU-USP: Oportunidade Perdida. Revista Projeto, n. 123, 1989, p. 63.

SEGNINI, Francisco. Retrato da Apatia. Revista AU, n. 24, jun.-jul.1989, p.90.

SERAPIÃO, Fernando et al. Vilanova Artigas e a FAU-USP. Revista Monolito n. 27. São Paulo, Editora Monolito, 2015.

TRONCOSO, Úrsula. Curso de Design do Objeto, FAU-USP. Revista AU, n. 256, jul.2015.

WANG, Wilfried. In Celebration of Complementary Architecture - Architectural History Suppressed Glories. Harvard Design Magazine, n. 23. 2005/2006, pp. 4-11.

WOLF, José. Metáfora em Diagonal. Revista AU, n. 24, jun.-jul.1989, pp. 74-77.

Trabalhos Acadêmicos

ALBUQUERQUE, Roberto Portugal. Uma Escola de arquitetura – FAU-USP, Edifício e Ensino. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU USP, 2005.

BAROSSO, Antônio Carlos. Ensino do Projeto na FAU-USP. Tese de Doutorado. São Paulo, FAU-USP. 2005.

BASTOS, Maria A. Junqueira. Arquitetura Contemporânea Brasileira Após Brasília. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP. 1999.

_____. Dos anos 50 aos Anos 70: Como se Completou o Projeto Moderno na Arquitetura Brasileira. Tese de Doutorado. São Paulo, FAU-USP. 2004.

BIRKHOLZ, Lauro Bastos e NOGUEIRA, Brenno Cyrino Nogueira. A FAU-USP, sua Criação e Funcionamento na Vila Penteado. Sinopses Memória. São Paulo: FAU-USP, 1993, edição especial.

BRAGA, Juliana. Ver Não é só Ver. Dois Estudos a partir de Flavio Motta. Dissertação de Mestrado, FAU-USP, São Paulo, 2010.

BRONZTEIN, Maressa. A Experiência Construtiva na Obra de Arnaldo Martino: Treze Projetos Residenciais. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP. 2013.

BROWN, Robert P. Additions, Extensions, Transformations - New Architecture to Old. Dissertação de Mestrado. Boston, MIT. 1996.

CABRAL, Neyde A. Joppert. A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos. Tese de Doutorado. São Paulo, FAU-USP. 2004.

CAMARGO, Monica Junqueira de. Conexões Brutalistas Paulistas. X Seminário Docomomo Brasil Curitiba, 2013.

DEDECCA, Paula G. Sociabilidade, Crítica e Posição: O Meio Arquitetônico, as Revistas Especializadas e o Debate do Moderno em São Paulo (1945-1965). Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP. 2012.

FAGGIN, Carlos A. M. O Ateliê na Formação do Arquiteto: Uma Análise Crítica do Documento Apresentado por Carlos Millan na FAU-USP em 1962. Sinopses Memória. São Paulo: FAU-USP, 1993, edição especial..

GIANECCHINI, Ana Clara. Técnica e Estética no Concreto Armado: Um Estudo Sobre os Edifícios do MASP e da FAU-USP. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP. 2005.

IWAMISU, Cesar Shundi. A Estação Rodoviária de Jaú e a Dimensão Urbana da Arquitetura. Dissertação de Mestrado. FAU-USP, São Paulo, 2008.

MACEDO, Silvio S. A Vila Penteado. Significado Paisagístico. Boletim Técnico 08. São Paulo, FAU-USP. 1993.

MATERA, Sergio. Carlos Millan: Um Estudo Sobre a Produção em Arquitetura. Dissertação de Mestrado. FAU-USP, São Paulo, 2005.

MILLAN, Carlos B. O Ateliê na Formação do Arquiteto: Relatório Apresentado pelo Professor Carlos Barjas Millan, Coordenador do Grupo de Estudos do Ateliê. São Paulo: Setor de Publicações. FAU-USP, 1962, 46p.

MOTTA, Flávio L. Contribuição ao Estudo do “Art Nouveau” no Brasil. Tese para Concurso de Cátedra. São Paulo: FAU-USP, 1957.

NARUTO, Minoru. Repensar a Formação do Arquiteto. Tese de Doutorado. São Paulo, FAU-USP. 2006.

OKSMAN, Silvio. Preservação do Patrimônio Arquitetônico Moderno – A FAU de Vilanova Artigas. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP. 2011.

PIRES, Walter; WOLFF, Silvia. Vila Penteadado/FAU - Trajeto de uma Casa Paulistana. CPC-USP. 1989.

PRADO, Alberto da Silva. Vila Penteadado: Vida Nova em Velho Prédio. TGI. São Paulo, FAU Farias Brito. 1979.

SELMER JR., Roberto. Roberto Tibau e o Fazer Arquitetura. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU-USP, 2011.

SILVA, Helena A. Ayoub. Abrahão Sanovicz: O Projeto como Pesquisa. Tese de Doutorado. São Paulo, FAU-USP. 2004.

SIQUEIRA, Renata M. A Inserção da FAU-USP no Campo de Arquitetura e Urbanismo em São Paulo: As Contribuições de Anhaia Mello e Vilanova Artigas. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP. 2015.

SODRÉ, João. Arquitetura e Viagens de Formação pelo Brasil: 1938-1962. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU-USP, 2010.

STOCKLER e BREIA, Maria Teresa de. A Transição do Ensino de Arquitetura Beaux-Arts para o Ensino da Arquitetura Moderna na Faculdade de Arquitetura Mackenzie – 1947-1965. Tese de Doutorado, São Paulo: FAU-USP, 2005.

THOMAZ, Dalva E. Um Olhar Sobre Vilanova Artigas e Sua Contribuição à Arquitetura Brasileira. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FAU-USP. 1997.

TIRELLO, Regina A. As Prospeções e Restaurações das Pinturas da Vila Penteadado. Boletim Técnico número 11. São Paulo: FAU-USP, 1993.

TOLEDO, Benedito L. Vila Penteado. Carlos Ekman: Um Arquiteto Sueco no Brasil. Boletim Técnico número 09. São Paulo, FAU-USP. 1993.

TORRES, Zasha Natiana Guzman. Historic Buildings and Contemporary Additions: The Elements of a Cohesive Design Relationship. Master Project. School of Architecture Planning and Preservation. College Park, University of Maryland. 2009.

VALENTIM, Fábio Rago. Casas para o ensino: As Escolas de Vilanova Artigas. Dissertação de Mestrado. FAU-USP, São Paulo: 2003.

VIANNA, Monica P. Da edificação ao traçado urbano. A experiência de planejamento regional integrado na CESP. Dissertação de Mestrado. IAU-USP, São Carlos: 2012.

VIDOTTO, Taiana Car. A Indissociável Relação entre o Ensino e a Profissão na Constituição do Arquiteto e Urbanista Moderno no Estado de São Paulo: 1948 - 1962. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP. 2014.

YURGEL, Marlene. Vila Penteado. Primeira Geração de Arquitetos Formados pela FAU-USP. Boletim Técnico 06. São Paulo, FAU-USP. 1993.

_____. Virando a Prancheta. São Paulo. FAU-USP, 1984.

Sítios Internet

DIAS, José Luiz Pereira da Costa, CARDOSO, José Roberto. Os 120 anos da Escola Politécnica de São Paulo. Disponível em: <<http://sites.poli.usp.br/org/informativos/linksite/artengenhariaeducacao618.pdf>> Acesso em 23/11/2015.

FORTI, Marco Artigas. FAU-USP - 50 Anos da Reforma de Ensino de 1962. Disponível em: <<http://www.dearquiteturas.com>>. Acesso em 26/04/2014.

GDPr/FAU-USP. Seminário de Projetos – Espaços da FAU 2009. Disponível em: <<http://projetoFAU2009.jimdo.com/>> Acesso em 26/06/2014.

LIMA, Zeuler. Museu de Arquitetura Brasileira - Um Diálogo Projetual com o Moderno. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/>>. Acesso em 04/12/2014.

MAHFUZ, Edson. Reflexão Sobre a Base Teórica da Prática Moderna. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/172.pdf>>. Acesso em 06/07/2012.

_____. Transparência e Sombra: O Plano Horizontal na Arquitetura Paulista. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/284>>. Acesso em 06/07/2012.

MANGE, Ernst R. C. Depoimento disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ernest.pdf>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2016.

MARKUN, Paulo; ROIZENBLIT, Sergio. Arquiteturas: FAU-USP. SESC TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WRCzeyrqp-M>>. Acesso em 27/11/2014.

PERRONE, Rafael A.C. Passos à Frente: Algumas Observações sobre o MUBE. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.136/4042>>. Acesso em 02/08/2013.

PERRONE, Rafael A.C.; LIMA, Ana Gabriela G; AGRASAR, Fernando. Uma Pedra no Céu - Elementos da Materialidade Brutalista no Museu Brasileiro da Escultura de Paulo Mendes da Rocha (1988-1995). X Seminário Docomomo Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%2010%20pdfs/OBR_39.pdf>. Acesso em 18/02/2014.

REIS, Antônio Tarcísio. O Guggenheim de Frank Lloyd Wright e a adição de Gwathmey Siegel: Moderno com Moderno. Anais do 7o DOCOMOMO - Brasil, 2007. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%207%20pdfs/007.pdf>>. Acesso em 18/02/2014.

RODRIGUES, Eduardo de Jesus; CABRAL, Fernando F. Vilanova Artigas: Espaço e Programa para a FAU-USP. Depoimento Gravado em Película Super 8mm. São Paulo, 1978. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Srx3zqMtU34&feature=relmfu>> Acesso em 14/07/2012.

ZEIN, Ruth. V. Arquitetura Paulista Brutalista 1953-1973. Disponível em: <<http://www.arquiteturabrutalista.com.br/>> Acesso em 06/07/2012.

ENTREVISTAS

As seguintes entrevistas constituíram-se num dos suportes mais importantes desta pesquisa, contribuindo decisivamente para a construção de um olhar para a FAU-USP e seus espaços, a partir dos seus Anexos. Todas as conversas foram registradas, porém não estão ainda transcritas. Não foi possível entrevistar pessoalmente Ariaki Kato, que no entanto, em conversa telefônica, elucidou diversas questões sobre a construção do Ateliê.

- Entrevista com Jon Maitrejean, realizada em 4 de junho de 2014.
- Entrevistas com Arnaldo Martino, realizadas nos dias 1 e 31 de julho de 2014.
- Entrevista com Marcos Acayaba, realizada em 7 de julho de 2014.
- Entrevista com Edgar Dente, realizada em 11 de setembro de 2014.
- Entrevista com João Xavier, realizada em 29 de setembro de 2014.
- Entrevista com Antônio Carlos Sant’Anna, realizada em 11 de setembro de 2014.
- Entrevista com Benedito Lima de Toledo, realizada em 8 de dezembro de 2014.

ANEXOS

A- Anteprojetos do Concurso de 1989

Andreína Nigriello
Cândido Malta Campos Filho
Cesar Galha Bergstrom Lourenço
Dario Montesano
Francisco Segnini
José de Almeida Pinto
José Claudio Gomes
Lucio Gomes Machado
Marcelo A. Fragelli
Siegbert Zanettini
Silvio Sawaya
Teru Tamaki

B- Projeto Executivo do Anexo da Pós-Graduação

C- Desenho de Ampliação Subterrânea, 1983

D- Documentos

Documentos referentes aos Anexos do Vila Penteado
Documentos referentes aos Anexos da Edifício Vilanova Artigas

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: Andreína Nigriello.

Equipe: Erica Yaeko Inada, Heverson A. Tamashiro e Marcelo Mário.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

ANEXO FAU USP

PROJETO
 ANDRÉIA NISHIYAMA
 ERICA YAMAO INADA
 HEVERSON SILVA TAMAGAWA
 MARCELO MARIN

DESENVOLVIDO POR

ANEXO
ELEVACÃO VOLTADA PARA A FAU
escala 1:200

ANEXO
ELEVACÃO VOLTADA PARA A AV. PROF. LUCIANO GUALBERTO
escala 1:200

ANEXO
ELEVACÃO VOLTADA PARA A FUTURA AMPLIAÇÃO DO ANEXO
escala 1:200

ANEXO
ELEVACÃO VOLTADA PARA A RUA DO LAGO
escala 1:200

ANEXO FAU USP

escala
ANDRÉIA MORELLO
DIEGO TAVES INADA
REYKSON MORA TAVES
MARCELO MARO

ELABORADO

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: Cândido Malta Campos Filho.

Equipe: Paulo Malta Campos.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: Cesar Galha Bergstrom Lourenço.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

AV. PROF. LUCIANO GUALBERTO

IMPLANTAÇÃO
ESCALA 1:500

ELEVAÇÃO
ESCALA 1:500

CONCURSO "ANEXO DA FAU USP"
IMPLANTAÇÃO
CESAR GALHA BERGSTROM LOURENÇO - ARQUITETO

CONCURSO "ANEXO DA FAU USP"
ELEVACÕES E CORTES ESCALA 1:200
CESAR GALHA BERGSTROM LOURENÇO - ARQUITETO

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: Dario Montesano.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

PLANTA BAIXA
15 1/200

- LEGENDA
- LIVRO
- COORDENADOR 1 ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS
2 COORDENAÇÃO E DEPARTAMENTOS
- DEPARTAMENTO 3 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
4 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
5 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
6 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
7 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
8 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
9 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
- DEPARTAMENTO 10 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
11 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
12 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
13 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
14 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
15 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
16 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
17 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
18 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
19 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
20 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
21 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
22 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
23 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
24 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
25 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
26 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
27 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
28 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
29 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
30 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
- DEPARTAMENTO 31 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
32 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
33 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
34 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
35 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
36 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
37 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
38 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
39 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
40 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
41 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
42 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
43 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
44 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
45 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
46 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
47 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
48 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
49 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
50 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
51 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
52 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
53 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
54 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
55 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
56 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
57 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
58 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
59 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
60 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
- DEPARTAMENTO 61 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
62 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
63 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
64 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
65 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
66 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
67 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
68 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
69 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
70 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
71 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
72 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
73 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
74 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
75 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
76 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
77 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
78 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
79 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
80 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
81 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
82 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
83 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
84 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
85 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
86 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
87 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
88 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
89 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
90 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
91 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
92 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
93 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
94 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
95 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
96 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
97 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
98 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
99 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS
100 DEPARTAMENTO DE DEPARTAMENTOS

1

ARG. PROF.
DANIO MONTESANO

PLANTA SUPERIOR
Esc. 1:200

ARG. TREF
DISEÑO MONTESANO

TRUSSA METÁLICA DE AÇO
DE MATERIAL PLÁSTICO TRANSPARENTE
SÓB O CONTO DA ESCADA METÁLICA

ARMADILHA PARA
CONTROLO DE AS DE VENTILADOR

TRUSSA METÁLICA DE AÇO COM TRUSSA METÁLICA

CARTELA
ESC. 1:1200

ÁREIA PROF. LUCIANO GUERREIRO

NEM CONTO, NEM SUBMISSÃO, TORNANDO A
PROVA DE UMA CONSTATIZAÇÃO SEM DUBIDIA
DEBEO UM ANEXO FOI PENSADO COMO
DAL O CONTO DAS ESCADAS REVELA
O TIPO DE PREOCUPAÇÃO.

APENAS AOTA EM OUTRO CONTO DO TEOLO.
ESTRUTURA METÁLICA, COM PISOS COM PERFIL
H. SUSTENTA UMA MALHA ESCALONAR DE AÇO
GARANTINDO SOB UMA COBERTURA TRANSLU-
CIDA SOLUÇÕES ESCAS. JA SUBSTITUIR IMPEDIMENTOS.
AS PISAS DA ESTRUTURA LEVAM CONSOLAS, VA
SUSTENTAR MESQUINHO.
TOD O EDIFICIO TERA ILUMINAÇÃO ADEQUADA
INDIVIDUALMENTE CONTROLADO ADEM O SOM
TOTALMENTE CONTROLADO NAS AREAS
INDIVIDUAIS A 1500 (V.F.P.S.)

ESSAS SOLUÇÕES SÓ FORAM POSSÍVEIS
COM A CRIAÇÃO DO PÓRTO D'ÁGUA, VERSÁVEL O
SISTEMA MECÂNICO CUIDE DE ESSA A CIRCULA-
ÇÃO DE AR FORÇA E OUTRO GRUPO INSTA-
LADOS TODAS AS IMPLEMENTAÇÕES NECESSÁRIAS
AO COTRIBUÍVIMENTO DAS ATIVIDADES DO
LABORATÓRIO COMO AR CONDICIONADO E ETC
(V.F.P.S.)

DUAL PREOCUPAÇÃO NOS CONSIDERAM AS
SOLUÇÕES REPRESENTADAS.
A- A PRESENTA INSTALAÇÃO NO QUE FOI
POSSÍVEL DA INTERFERÊNCIA DAS ATIVIDADES
DE CADA LABORATÓRIO, NÚO MAIS COMO
ESTAVA A CONTENDO NA FAZ, DA DISPERSÃO
DOS LABORATÓRIOS.

2- A ENFASE NO ESTUDO E PROPOSTA
DAS TEMPERAS TRAZ DESCOBERTA EM DEFINITIVO
O PROBLEMA DO TRANSPORTE DE CARGAS
PESADAS.

- A ESTRATEGIA COM O SEU DE
MAQUETES, LIGADO A ENTRADA DE
SERVIÇO, FAZ COM O ACESSO DE
QUALQUER SERVIÇO DE CARGA DE VÁ-
PELO USO DE MEIO LANCE (V.F.P.S.)
DE BANDA

A TÁBUELA QUE LIGA OS DOIS EDIFÍCIOS
PODE SER INVENTADA DEVIDO A GRUVA FOI
COMO SE FORSE UMA CURIOSA AMELIORAÇÃO.
TOTALMENTE TRANSPARENTES, DE MATERIAL PLÁSTICO
TRANSPARENTE, AO MESMO TEMPO QUE QUER
AFIRMAR SUA INEXISTÊNCIA (TRANSPARENTES
DIAPHO) AFIRMA SUA EXISTÊNCIA NA NÓCIA
QUE DÁ DE SI COMO FORMA E ESTRUTURA

Prof. Dr. Danilo Montenegro

ESC. 1:100

IMPRESSÃO
ESC. 1:500

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: Francisco Segnini.

Equipe: Francisco C. Belloube dos Santos e Luiz Recamán. Ugo Tedeschi, consultor de estruturas.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

PLANTA PISO 722
ESCALA 1:100

FAU • ANEXO

EQUIPE FRANCISCO SEGNI
FERNANDO CESAR DELLOUPE DOS SANTOS
LUIZ REGAMAN

CONSULTOR ENTRE
LUIS TEDESCHI

2

 CORTE 1/1
 ESCALA 1/200

 CORTE 2/2
 ESCALA 1/200

FAU • ANEXO

EQUIPE FRANCISCO SEGNI
 FERNANDO CESAR BELLOUPE DOS SANTOS
 LUIZ REGAMAN

CONSULTOR ESTRUT
 UGO TEDESCHI

4

FAU • ANEXO

EQUIPE FRANCISCO SEGNI
FERNANDO CESAR DELLOUBE DOS SANTOS
LUIZ REGAMAN

CONSULTOR ESTRUC
U&O TEDESCHI

6

FAU • ANEXO

EQUIPE FRANCISCO SEGNINI
FERNANDO CESAR BELLOUBE DOS SANTOS
LUIZ REGAMAN

CONSUETE ESTRUT.
UGO TEDESCHI

7

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: José de Almeida Pinto.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

CONCURSO ANEXO DA FAUUSP-ARQ JOSÉ DE ALMEIDA PINTO 1

ELEVACÃO AV. PROF. L. GUALBERTO

ELEVACÃO R. DO LAGO

PLANTA NIVEL 729.60 / 731.50

PLANTA NIVEL 733.40 / 734.30

CONCURSO ANEXO DA FAUUSP-ARQ JOSÉ DE ALMEIDA PINTO 2

CORTE BB

PLANTA NIVEL 725.80

CONCURSO ANEXO DA FAUUSP-ARQ JOSÉ DE ALMEIDA PINTO 4

CONCURSO ANEXO DA FAUUSP-ARQ JOSE DE ALMEIDA PINTO 6

CONCURSO ANEXO DA FAUUSP-ARQ JOSE DE ALMEIDA PINTO 7

CONCURSO ANEXO DA FAUUSP-ARQ JOSE DE ALMEIDA PINTO 8

AA-DESSUSQUEIRE DISSOLTO NO AZUL QUE CUBRIA
COMO PROGRAMAS, MÚSICA, ANIMAIS, NOVA TECLARNA NA
SUA RESOLUÇÃO QUE SE ENCAIXA A SEUS LINGUAGENS COM
A MANEIRA DA SUA MANEIRA DE SE ENCAIXAR
SUA
COM UM TOA CONJUNTAÇÃO NA SUA CUBRO O POC
DO SEU DEBATE DE SUBSTITUIÇÃO PARA RES
DEBATE DE SEU DEBATE CLARA E CUBRO E A
CUBRO DE SEU DEBATE

12 - A LEI Nº 10.000, DE 1994, QUE INSTITUIU O DIA DO VOLUNTÁRIO, TEM COMO OBJETIVO A "MIGRAÇÃO" FUNCIONAL DO TIPO M, PARA O COTIDIANO DA OUTRA CONCEPÇÃO E ATITUDE DESEJADA.

15-19600 O INTERCOMUNICACIONES DE LOS SERVICIOS
O DE LOS SERVICIOS DE LOS SERVICIOS DE LOS SERVICIOS
O DE LOS SERVICIOS DE LOS SERVICIOS DE LOS SERVICIOS
O DE LOS SERVICIOS DE LOS SERVICIOS DE LOS SERVICIOS
O DE LOS SERVICIOS DE LOS SERVICIOS DE LOS SERVICIOS
O DE LOS SERVICIOS DE LOS SERVICIOS DE LOS SERVICIOS

[illegible]

21- TRACO DE CINTURO /BACA
22- LABORATORIO DE CONSTRUÇÃO

[illegible][illegible]

QUE AGORA ENTENDAMOS, NUNCA, MORRAN DE SE-
REARNO JUNTO A FALSA

* O BÍCIO TEM O SEU LADO DO QUADRADO DE LADO
COM O PROTECTOR O ALINHAMENTO DA PAU
ALIM NAO HA COMO LHE CORTAR, AI VIDA DE
ACHO NA ALFAMA!

* AMARILHO NA CORTE: TERÇO DE MIL A TRÊS MIL CORTES
DELA: MILHA QUE ENTRA NO BARRIO EMPLEANDO AS ORE
CUM ALIÁ (MIL MIL) DE INFLAÇÃO A CADA INFLAÇÃO
E A TRÊS MIL DE TONELADA DE INFLAÇÃO MIL A BARRIO MIL
DELA: MILHA DE INFLAÇÃO MIL A BARRIO MIL

* NA COTA ZERO DE UM A LIGACAO TEME AL FUNDOS DO ANEXO E AL BALAI DE REGUA DE ESTABELECIMENTO 000

[illegible]

A CRIAÇÃO DO ENRANCO DE CORTAÇÃO COM A CRIAÇÃO-
TICAÇÃO DE PL. DRETO DUBLO E MEZANINOS DEMONSTR-
TICAÇÃO EM CORTAÇÃO METALICA CORTAÇÃO A SEJA SEJA
EM ENRANCO QUE RESOLVE O PROBLEMA NA QUE RES-
TICAÇÃO O DEMONSTRATIVO DE CORTAÇÃO
AQUÍ ENRANCO ALIADO ALIADO ALIADO ALIADO ALIADO
MEZANINOS DEMONSTRATIVOS O ENRANCO NA O DEMONSTRATIVO
DE CORTAÇÃO CORTAÇÃO ALIADO ALIADO ALIADO ALIADO
E LÍQUO CONFORME RESOLUÇÃO:

ANEXO 10 - CONCLUSÃO: O JUIZ DEZEMBRO ORIGINAL ENTENDEU QUE O TERMO "CONDOMINIO" NÃO TEM NENHUM TIPO DE CONEXÃO COM NENHUM DOS OUTROS TERMOS DA LEI DE AVALIAÇÃO, MAS QUE O LINGUAGEM JURÍDICO DEVE SER CONSIDERADO COMO LÍNGUA DE RESERVA E COMO LÍNGUA DE ESCRITA, O QUE REFORÇA ADOÇÃO DE NENHUM DOS TERMOS.

RELAÇÃO ENTRE NENHUM NÍVEL DE SIGNIFICADO DE AVALIAÇÃO E O CONDOMINIO ENTENDEU A ADEQUAÇÃO E APLICOU OS INSTRUMENTOS CONSIDERANDO O CONTEXTO DE USO COM NENHUM NÍVEL DE AVALIAÇÃO. ENTENDEU QUE ADEQUAÇÃO DE ENTENDIMENTO DO AVALIADEDORE LINGUÍSTICO NÃO É PROBLEMA DO NÍVEL JURÍDICO E ENTENDEU A ADEQUAÇÃO DO NÍVEL JURÍDICO COMO ADEQUAÇÃO DE AVALIAÇÃO JURÍDICA, MAS NÃO COMO PROBLEMA DE TRANSCRIÇÃO DA AVALIAÇÃO DE NENHUM NÍVEL DE AVALIAÇÃO.

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: José Claudio Gomes.

Equipe: Vania Moura Ribeiro e Francisco S. Costa

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: Lucio Gomes Machado.

Equipe: Marlene Yurgel e Eduardo de Jesus Rodrigues

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CONCURSO DE PROJETOS PARA O ANEXO

MARLENE YURGEL
LUCIO GOMES MACHADO
EDUARDO J. RODRIGUES

IMPLANTAÇÃO
ESCALA 1:500

1

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CONCURSO DE PROJETOS PARA O ANEXO

MARLENE YUDGEL
LUCIO GOMES MACHADO
EDUARDO J. RODRIGUES

PLANTA
COTA 725,80
ESCALA 1:200

2

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CONCURSO DE PROJETOS PARA O ANEXO

MARLENE YURGEL
LÚCIO GOMES MACHADO
EDUARDO A. RODRIGUES

ELEVACOES
CORTES
ESCALA 1:200

4

CONCEITO

O presente projeto para o anexo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, tem como finalidade a construção de um edifício que abrigue as atividades de ensino, pesquisa e extensão da faculdade, bem como a realização de eventos culturais e sociais.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo principal a criação de um espaço arquitetônico que reflita a identidade da instituição e que seja capaz de atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão.

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: Marcelo A. Fragelli.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

PLANTA DO
NÍVEL - 2.99

IMPLANTAÇÃO

CONCURSO ANEXO DA FAUUSP

PROPOSTA: ARQ. MARCELLO FRAGELLI

01

CONCURSO ANEXO DA FAUUSP

PROPOSTA: ARQ. MARCELLO FRAGELLI

02

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: Siegbert Zanettini.

Equipe: Guilherme Mattos, Ubirajara G. de Freitas e Farah Naimi.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

O CONCEITO

ANEXO 7	
ACESSO RTO	1
ABRIGADO	1
EDICULA	1

DEFINITIVAMENTE NÃO

A NOVA OBRA NÃO PODE SER UMA
MINI-REVISÃO DA EXISTENTE, SUA MINIATU-
RIZAÇÃO OU O SEU APLACAR.

PREPARAMOS DUAS FORMAS A 35 GRÂUS
GRUPO, CADA UMA COM DUAS PROPRIEDADES
DIFERENTES A 35 COM JANEIRO TONAL
E FUNCIONAMENTO, CADA TUDO NUM
EQUILÍBRIO DUALÍTICO, CONTÉM
CADA PARTE QUE SE REFLECTA A PELA
TIVIDADE DO PAPEL DA OUTRA.

CANABULO ATIVAR'S DE UM PESQUEN
NOMINE JAMANTO DE DIVISORIA .
FUSE FIJO DE SEMBOCA NUMA FRACA
ADOPTE DE DISTRIBUICAO CNDO AS
LOCALIZAM OS VESTIGIOS E SANTI-
TANOS O NUNDO OS INFINCA
DESCOBRINDO LEVE OUPATUTU. MORA
CANDO O PATEO - JAPANE ORIENTAL

ESSE PATEO É ENCRIMADO POR VIGAS-
PERGULA QUE DOBRO EM UTILIZAÇÃO
COMO SUPORTE PARA TUBOS, SUPER-
FÍCIES OU VOLUMES, ESTRUTURAS OU
MODELOS EM ESCALA NATURAL, A 38
MM TESTADOS NESTE CANTIERO EX-
PERIMENTAL DESENVOLVIDO DO GOVER-
NO COM SUPRATUBOS LIVRES DE LONA,
PLÁSTICO, ETC.
EM TORNO DESSAS FICAM DOSEINTRA-
DOES QUE PARACORRIM LONGITUDINA-
LMENTE TODA A FORMA E QUE VOLTA-
M A 48 UNID. NA CUBRA EXTERIOR.

REPRODUZIR UMA FORMA DE GEOMETRIA SEMELHANTE OU CONTER-LOS A CONDIÇÃO DE CADA NAO GERADORA MESMO DA, A FIM DE SUA LIDER. TIMPIDE, MS COLTA EM PLANO MOD-SER-VAVEL DA FORMA ORIGINAL.

COMO CONTRAPONTO CULTURAL É O
MEXILEIRO DE DQUE MICHAEL ESI
SOS: 1968-1974 E EXPRESSO
NESSAS DUAS FORMAS QUE SE UNEM
E INTEGRAM E SE COMPLETAM. NAO
SE ORDEM NEM DE ANTISSONICAM
AFRITAS, NEM DE SENSACIONALIS
TES A PRIMEIRA COMO CADA ME
MEMORIA DA DECADE DE 60 E A
SEGUNDA UMA SUA ANPLACAO NA
DECADE DE 90

FOR OUTRO, COMPLETADAMENTE
FORA DENTRO DE SEUS LIMITES
CONCEITUAIS E FÍSICOS. ESTO
RESISTINDO OS SABARITOS DE
TERMINADOS PELO DONDORHAA
TUA COMORSE DO CADA CADA
COMO AOS AUBOS. E ELI
MITANDO A UMA PROPOSTA CON
CRETA AS SUAS FINALIDADES TIPA
O CONJUNTO DE ATIVIDADES A SEREM
AS DESSENVOLVIDAS. LABORATORIA
EUA DESENVOLVIMENTO DE
TACAO E PRODUCAO.

POSSUE TORMENTO, A SUA MANCA, A
SUA SINGULARIDADE E A SUA PRÓ-
PRIA IDENTIDADE.
COMO ALGUÉM TUPA QUEB" CUSA,
AFIRMA E TESTEMUNHA A AMB" E
A TECNOLOGIA DE SUA ÉPOCA.

A IMPLANTAÇÃO E O PROJETO

UMA ÚNICA BORDA DE LIGAÇÃO NO SENTI-
DO LONGITUDINAL CONECTA O BORDO
DO DA PAU AO NOVO EDEIFICIO.
OBSERVANDO AS DETERMINAÇÕES DO
CONCEPAAAT — INDEPENDÊNCIA DA
ESTRUTURA EXISTENTE, LARG. 4 M. E
ALTURA 2,30 M. — PARTE DO SAÍDO

PROPOSITADAMENTE NÃO SOLOCAMOS NENHUM ACESSO PELA AVENIDA PROFESSOR LUCIANO GALBESITO, MANTENDO A MEDIDA BARBESINA VERDE E O MEIO TALUDE AO LONGO DESTA AVENIDA.

A FORMA PRESENTANTE E' CLARA E NATURALMENTE SE ACOMODA NA DES-
CENDIDA EXISTENTES NO TERRENO E
PRECURSA ASSIM COMO NA MA-
NHEIRA LIVRE E UBICUA O ESPAÇO
EXISTENTE ENTRE A FAIXA E O INÍCIO
DESENCIAS.
COMPLETAM ESSA FORMA PRESSIONAN-
TE, OCORRENDO AS DEFORMAÇÕES PRESEN-
TES AQUELES ESPAÇOS QUE SÃO DEU-
DO - COMO DE SOLDA, PINTURA, PRE-
PARO DE PISINAS, ADESAO DE NICHOS.

TRABALHO DAS OFICINAS - DEBEM TRABALHAR
MAIS PROTEGIDOS PORQUE SUAS CON-
DIÇÕES ADVERSAIS DE PUÍDO INCIEN-
DIO POLUICAO PORQUE TRABALHAM
AS ÁREAS AFIMES.

CONTINUA NA VANGUARDIA DO CONHE-
CIMENTO TECNOLÓGICO, SEU TRATAMENTO CRI-
ATIVO, O INVENTIVO, O VERDE, O RADICAL,
PRETENDO A TRANSFORMAÇÃO DAS IDEIAS,
CONCEITOS, AS MANEIRAS DE SE DESE-
NHA E VISUALIZA, APLICANDO CADA
DE SUAS IDEIAS EM UM DESEJO QUE RE-
PRESENTA QUALQUER PENSAMENTO, LUGAR,
DE AMBIENTE OU A SUBSTITUIÇÃO DE
COMPONENTES DE FORMA A DETERMI-
NAR UM PONTO DE INTERFERÊNCIA E
ENCONTRA SEMPRE ABERTO A INOVAÇÕES
E MANEJOS NA ÁREA DA ARQUITETURA
DESENVOLVENDO A ATIVIDADE CRIATIVA

O SISTEMA ESTRUTURAL

LIM TEMPO SIGNIFICATIVO UNIDOS INVESTINDO NA PESQUISA DO COMPORTAMENTO DOS VÍCIOS: SISTEMAS ESTRUTURADOS PARA A EXPLORAÇÃO COMBATE DAS VÍCIOS: SINGUAGENS DA AVENIDA, DO SONHO, DA MADRGA, DA TERRA, DO PLASTICO DO ADO, ETC.

COMPROMENTIDOS. VARIADOS EM FUNÇÃO
DE SUA POSIÇÃO. E EM UM ÚNICO TIPO DE

[illegible]

ESSA POSTURA SUBORDINANDO A ADOÇÃO
CORRETA DAS TÉCNICAS TECNOLÓGICAS
SÓ ADEQUA NA PRODUÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO
DO NOVO EDIFÍCIO. POSSIBILITAM
O APRENDIZADO E DOMÍNIO DAS VARIÁVEIS
LINGUAGENS PARA OS ALUNOS E A
COMUNIDADE TÉCNICA DE PAU NA OBRA
DE PROJETO, FABRICAÇÃO E MONTAGEM DE
ESTRUTURA, NO PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO
DO CANTO DE OBRAS NA RESOLUÇÃO PROBLEMATIZADA DAS
FASES DE MONTAGEM DOS SUCESSIVOS
SISTEMAS.

O CONFORTO TÉRMICO

IMPLANTADO PRATICAMENTE NOS SE-
DIZ VEZES - OESTE, O NOVO SUPLEN-
TE DE OROS DE VENTOS PRIBONINANTOS
SUSPENSÃO E MONOPOLISTAS - GUS CULINAM
AS DUAS ALIAS - GEM-ENTREPRISAS IN-
DIBOHO AO NULO-CHINA NATURAL
QUANDO PRIO ENTRE CENTRAL.

EXERCÍCIO DAS LAJES MISTAS AÇO/CONCRETO
 DOS PISOS DOS FUTUROS HABITAN-
 DOS. COLOCAÇÃO DOS TUBOS DE VED-
 AÇÃO, MONTAGEM DAS BARRIQUETAS,
 COLOCAÇÃO DAS CORDOES DE COBERTURA,
 INSTALAÇÃO DOS BRISLES, INSTALAÇÃO
 APARELHOS E FLETINGOS DOS SISTEMAS
 DE TUBOS E MANTIMENTO, ACOMPANHANDO O
 CONSUMO DE MATERIAIS E O CUSTO DE
 MANUTENÇÃO.

SETA PROPOSTA AO ELEGER DOIS MATE-
RIAS BÁSICAS PARA A DEFINIÇÃO DE
ESTRUTURA. O ADO DO CONCRETO TEN-
TA PROBATRIA NEMA COMBINAÇÃO PERFE-
SUA COMATIZO DAS CONDIÇÕES DE ES-
TABILIDADE DO TRABALHO ESTRUTURAL
E DO ENCAMINHAMENTO DOS ESTÓFIS
O CONCRETO USADO PARA OS PISOS E
COMPRESSÃO E OADO NAS SUBTÉRREAS A
TRAÇÃO E FLEXÃO.

A ESTRUTURA PROPRIA MATERIAVISA
FUE O CONCORDO E NORMALIZADA EM
MUELA O COMPORTAMIENTO ESTRUCTURAL
DE CADA COMPONENTE.
AS VEGAS DE COBERTURA NOM PRECISAM
CONCORDAR TERCO CERO "I" DE ALICHO
COM ESTEPIERA DE ANA DE 14" E MUELA
DE 14". AS VEGAS DE AO POSSUIM VARI
MANTOS CIRCULARES, DIMINUINDO AO MAI
OR O PESO DA ESTRUTURA E PORAM PO
VEDADAS NUNHA MUELA MODIFICAO FORM
DA EM DESEREN POR DOIS TIPOS DE PE
CAS: VEGAS MEDIO DE 10 MILHA CERO

ESSA VENTILAÇÃO CAUZADA EM TODO O CONJUNTO SERÁ ABSORVIDA PELA EXISTÊNCIA DE VENTILANCIAS CONTROLADAS COMPLEMENTADAS COM O USO DE TELHAS TÉCNICAS EM CIMA DA LAJE PRETENDIDAS COM NÍVEL DE POLUPRISTINO SUPLENDO, NA LIDEIRA DO SUBSTRATO GERALMENTE O ISOLAMENTO TÉRMICO DO PISO DO INTERNO.

[illegible][illegible]

CONCURSO "ANEXO DA FAUUSP"

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: Silvio Sawaya.

Equipe: Koiti Mori, Elsa Walsh Stefer, Maria José Gomes Feitosa, Agnes Beatrice Debelle e Ana Flávia Armani.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

PLANTA 1:500

NÍVEL DOS
ALUNOS E
PROFESSORES

FC
Linha 1
11

PLANTA 1:500
NÍVEL DO 1.º SOLO

Eng. A. Sampaio 28.03.85

A- Pranchas dos Anteprojetos do Concurso de 1989

Projeto Coordenado por: Teru Tamaki.

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

ESTRUTURA METALICA INOXIDAVEL, MODULAÇÃO 50W x 100W x 60W
COBERTURA: TELAS SANDOCH® DE ALUMÍNIO E LÂ DE VIDRO COM BRANCO E CROMADO PERMANENTE
MODO: VENTILADOR, FAN OFF, FAN LOW, BRANCO E CROMADO (PODE HAVER TEMPERATURA AMBIENTAL CONTROLADA)

FAUUSP ANEXO A.F F 4/4
ELEVÇÃO E CORTE
ENC. 1 2002

B- Projeto Executivo do Anexo da Pós-Graduação

Projeto Coordenado por: João Walter Toscano Arquitetos Associados

Fonte: Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

[illegible]

CORTE DO

DETALHE / COLOCAÇÃO
FIG. 1/20 CORTE TÍPICO-DB
ENC. 1/30

DET.

CORTE EE

CORTE FF

PLANTA / FORRO AUDITÓRIO

DET. DE REVEST. DE

"DET.A"

[illegible]

ELEVAÇÃO - 4
ESCALA 1/50

ELEVACÃO - 1
ESCALA 1/100417

TABELA DE ACABAMENTOS

PISO	- PISO INDUSTRIAL DE ALTA RESISTENCIA 12 MM
PAREDE	- LAMINADO MELAMÍNICO DE FÓRMICA
TETO	- FORRO PARALELO CÔNICA
INTERIORES, PORTAS E TAMPOS	- PLAZAS DE COMPENSADO NAVAL REVESTIDO DE LAMINADO MELAMÍNICO (FÓRMICA) EM TODAS AS FACES

LOUCAS SANITÁRIAS BRANCAS LINHA CARNA DA IDEAL STANDARD

Fundação de Construção da Universidade de São Paulo		Processo 000000
Projeto	Projeto de Arquitetura e Urbanismo	
Local	PAU - PAVILÃO	
Objeto	ARQUITETURA	
Disciplina	Projeto - P.E.	
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO		08/09
VILA PENTEADO		
ANEXO LABORATORIO DE RESTAURACAO/MULTIMIO		
PROJETO EXECUTIVO - ARQUITETURA		
PROF. DR. JOSE SANT'ANNA		
ESCALA 1:20

C- Desenho de Ampliação Subterrânea, 1983

Após a entrega desta dissertação, uma prancha contendo informações gráficas sobre um anexo subterrâneo foi localizada no Setor de Projetos da Biblioteca da FAU-USP, em caixa-arquivo contendo desenhos diversos, avulsos ou extraviados, referentes à alterações no Edifício Vilanova Artigas. O desenho traz a autoria de Sidney Abbondanza, e a data de fevereiro de 1983. Não foi possível confirmar ser exatamente o mesmo projeto citado por Ualfrido del Carlo, de 1979, com projeto de Roberto Tibau, ou alguma variação. Não foram localizados outros desenhos componentes do conjunto do qual fazia parte esta prancha.

D- Documentos

Documentos referentes aos Anexos da Vila Penteado

Fonte: www.arquitectura.fau.usp.br

Documentos referentes aos Anexos do Edifício Vilanova Artigas

Fonte: Grupo Executivo da Gestão dos Espaços Físicos das FAU-USP.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º 47

Do P.CONDEPHAAT Número 08638 Ano 69 Rubrica

INT.: CONDEPHAAT

ASS.: Solicita o tombamento da casa que serviu de sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Capital.

Senhor Presidente

Solicita o Senhor Diretor da FAUUSP, Arquiteto Ualfrido Del Carlo:

1. Aprovação da demolição feita, em caráter de emergência, do galpão construído ao lado do prédio e dentro do terreno da Vila Penteado à Rua Maranhão nº 88 nesta Capital, devido à constatação de ataque de insetos xilófagos.

2. Autorização para demolição do anexo onde funcionavam a cantina, garagem e vestiários. Este anexo foi construído em época muito posterior à da construção original, ao arrepio todas as normas de preservação, de tombamento e ambiência de bens tombados, ou mesmo de qualquer noção de equilíbrio com uma obra de arte como a que já constituía o edifício, muito antes do tombamento.

Pelos motivos expostos, estamos de acordo com a demolição dos galpões, e com isenção medidas judiciais ou administrativas quanto à eventual ilegalidade do ato e não só aprovamos como propomos a demolição dos anexos citados.

STCR, 08 de março de 1988.

THEREZA DE KATINSZKY
Diretora Técnica Substituta

/ahm.

MUNICÍPIO OFICIAL DO ESTADO - Modelo Oficial 17

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira
Casa Postal 3225 São Paulo Brasil

OF ADM 08088/FAU/170388

São Paulo, 17 de março de 1988.

146

Prezados Senhores,

Tem o presente, a finalidade de informar V.Sas. que, ao vistoriarmos o galpão anexo ao nosso prédio, sito à Rua Maranhão, 88 - Higienópolis, constatamos na oportunidade, que o mesmo estava em estado precário, com toda madeira contaminada por "cupins".

Nestas condições, para preservar o Edifício Principal "Vila Penteado", tombado em 14.02.77, conforme Ata nº 317, nos vimos na contingência de optar pela demolição e remoção imediata do mencionado galpão.

Apesar de sabermos que, primeiramente, deveríamos ter encaminhado pedido a esse órgão para demolição do galpão, gostaríamos de contar com a especial atenção por parte desse digno Conselho para este ato que, salvo maior juízo, visa a preservação do Patrimônio Histórico.

Gostaríamos, ainda, de obter do CONDEPHAAT, autorização para demolição do anexo, onde funcionava a cantina, vestiário e estacionamento do carro da Diretoria, que só produz um ruído para arquitetura do Edifício Principal. Este sim, um anexo que não envolve nenhum risco para o Edifício, pode aguardar uma decisão desse Conselho para ser demolido.

É de se ressaltar, outrossim, ser nossa intenção, encaminhar em futuro próximo, um projeto de restauro dos jardins e do Edifício Principal.

Atenciosamente, desde já agradecemos e nos colocamos a inteira disposição de V.Sas., para quaisquer informações. (Segue anexo, cópias das fotografias integrantes do Processo RUSP com parecer da Comissão de Patrimônio Cultural da USP).

UALFRIDO DEL CARLO
Diretor

Ào Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico - CONDEPHAAT.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º

32

Do OF. ADM 08088/FAU Número 170388 Ano Rubrica

INT.: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - UALFRIDO DEL CARLO - DIRETOR

ASS.: Ref. a vistoria no galpão anexo ao prédio, sito à R. Maranhão, 88 - Higienópolis, contataram na oportunidade, que o mesmo estava em estado precário, com toda madeira contaminada por "cupins".

1. À SA para juntar ao respectivo processo de tombamento.
2. Ao STCR para proceder vistoria urgente.

GP/CONDEPHAAT, 21 de março de 1988.

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente

DS/ahm.

MINISTÉRIO DA CASA CIVIL DO ESTADO - Modelo Oficial 17

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º

48

Do P.CONDEPHAAT Número 08638 Ano 69 Rubrica

INT.: CONDEPHAAT

ASS.: Solicita o tombamento da casa que serviu de sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, nesta Capital.

SÍNTESE DE DECISÃO DO EGRÉGIO COLEGIADO
SESSÃO ORDINÁRIA DE 11 DE JULHO DE 1988
ATA Nº 794

O Egrégio Colegiado deliberou aprovar por unanimidade, na sua íntegra, o parecer do STCR, favorável à solicitação de demolição (Galpão construído ao lado do prédio tombado), Vila Penteadó, nesta Capital.

1. Ao GP para oficiar ao interessado;
2. Arquite-se na STA.

GP/CONDEPHAAT, 12 de julho de 1988.

PAULO DE MELLO BASTOS
Presidente

LCA/ahm.

MINISTÉRIO DA CASA CIVIL DO ESTADO - Modelo Oficial 17

Documento de Conclusão do Grupo de Trabalho
PROJETO ANEXO-FAU

1. Breve histórico

O grupo de trabalho foi instituído pelo Diretor, cumprindo deliberação da Congregação, com a finalidade de discutir o projeto do edifício apresentado pelo FUNDUSP, de autoria do Prof. Dr. Roberto Tibau, sendo constituído por 15 professores, 15 alunos, 5 funcionários supervisores dos laboratórios sob a coordenação do diretor totalizando 36 membros (vide relação de participantes no anexo 1). O grupo reuniu-se, conforme a convocação de 01.09.88, em quatro sessões nos dias 6, 9, 12 e 14 p.p., em torno da maquete elaborada pelo LAME em caráter de urgência. Na última reunião deliberou-se que os relatores das quatro sessões integrariam uma comissão de redação para elaborar documento de conclusão dos trabalhos desenvolvidos, a ser encaminhado à Congregação.

2. Aspectos principais levantados nas reuniões

2.1. Quanto às Informações Preliminares

Em 1979 o então diretor propôs o deslocamento das oficinas para um subsolo de 2000m² em frente à avenida; em 1987 o Grupo de Trabalho de laboratórios levantou um programa de necessidades, com 6000m²; naquela ocasião foi apresentada ao FUNDUSP sugestão de um concurso para o projeto do edifício, idéia esta rejeitada pela Prefeitura da USP, por não ser compatível com a administração do campus; em 1988 Prof. Ualfrido conseguiu a assinatura do Reitor reservando o terreno vizinho à Geociências com a finalidade específica de ali serem construídos os laboratórios, a serem financiados pelo programa BID, dentro da política de desenvolver na USP um centro de excelência em Pós-Graduação.

A verba reservada para a FAU, a um custo de construção de US\$ 320/m², permitiria uma área construída de 2700m², num prazo de execução de 03 anos. Seguindo deliberação anterior da Congregação, o projeto foi encomendado ao Prof. Tibau, atual assessor do FUNDUSP, cuja etapa de trabalho Estudo Preliminar foi en-

Handwritten signature or mark.

treque em 06.09.88, constando de 4 pranchas gráficas e memorial descritivo (vide anexo 2). O memorial aborda os seis fatores condicionantes da concepção:

1. relação de vizinhança: conceitual, funcional, formal;
2. ligação física;
3. características topográficas;
4. dificuldades quanto à ligação subterrânea;
5. ampliações futuras;
6. limitações econômicas;
7. resultado final plasticamente agradável.

2.2. Quanto ao Concurso de Idéias para Repensar o espaço da FAU

Tendo em vista o histórico exposto acima e, nesta circunstância, considerando como irreversível a execução do projeto apresentado, o Prof. Gasperini propôs um concurso de idéias para repensar o espaço da FAU, dentro de um plano diretor de aplicação a médio e longo prazo. Nestas diretrizes, prevendo a atuação da futura Comissão de Ensino, estaria contida a política de integração graduação/pós-graduação nos espaços físicos da Maranhão, do edifício tombado e ampliações, contando com o desenvolvimento da informatização nas atividades de ensino e de administração. Essa proposta teve ampla aceitação, sendo complementada com a contribuição de diversas manifestações, como a da representante da Pós-Graduação, que enfatizou o conflito das correntes ideológicas dentro da Faculdade e a necessidade de uma harmonização em torno de objetivos mais amplos de ensino e pesquisa, citando por exemplo a necessidade de um maior aproveitamento da infra-estrutura da FAU pelos alunos da pós-graduação.

2.3. Quanto ao projeto de Ampliação

2.3.1. Programa

Tendo em vista a limitação da área, na redução dos 6000m² necessários para os 2700m² possíveis, houve falhas na definição dos programas, agravadas pelas mudanças de direção em curso nos laboratórios. Ao examinarem as pranchas do estudo preliminar, os supervisores constataram a necessidade de ajustar as suas

Handwritten signature or mark.

respectivas necessidades, às atuais limitações econômico/espaciais, e apresentaram documentos complementares ao programa inicial (vide anexos 3, 4 e 5). Em decorrência disso, as áreas ficaram assim definidas:

LAME - acréscimo de $300m^2$ para almoxarifado, vestiário, cerâmica e ferramentas.

LPG - acréscimo de $360m^2$ para as áreas de Coordenação, Projeto, Revisão e Arte-final, Fotocomposição, Fotomecânica, Tipografia, Serigrafia e Apoio Didático.

LRAV - reformulação das áreas, tendo em vista uma tendência geral quanto à sua evolução, totalizando $461m^2$.

Em resumo, chegou-se à seguinte tabela das áreas úteis:

	Estudo Preliminar	Acréscimo	Total
LAME	$990m^2$	$300m^2$	$1290m^2$
LPG	$423m^2$	$462m^2$	$885m^2$
LRAV	$846m^2$	$- 385m^2$	$461m^2$
Circulação coberta entre blocos	$81m^2$	-	$81m^2$
TOTAL	$2340m^2$	$377m^2$	$2717m^2$

Portanto, verifica-se que a complementação dos programas em pouco excederá a área limite de $2700m^2$ aprovada pelo BID, o que viabiliza o subsequente desenvolvimento do ante-projeto.

2.3.2. Partido

O conceito geral em torno do qual deve desenvolver-se o projeto, segundo manifestações de grande parte dos presentes, é o hinômio flexibilidade/expansibilidade. O espaço em questão deve representar e espelhar a evolução da escola ao longo do tempo, sendo dinâmico para acompanhar as mudanças constantes, próprias às atividades de produção de conhecimento que o prédio abrigará. Nesse sentido, o problema arquitetônico básico é a criação de uma célula básica inicial ampliável indefinidamente. A síntese desse conceito geral é que o prédio atual, tombado pelo CONDEPHAT, é o que foi a faculdade, enquanto o novo prédio seria o "vir a ser" da mesma.

Handwritten signature or mark.

Como diretrizes centrais para orientação do projeto citaram-se:

a) Economia - estando em terreno escasso e valioso, deve-se buscar o máximo aproveitamento da taxa de ocupação, prevendo-se já uma construção de até $40000m^2$ a longo prazo.

b) Memória - buscar subsídios mais concretos junto ao CONDEPHAT quanto à ligação ou separação dos novos edifícios ao edifício tombado.

c) Tecnologia - as técnicas construtivas a serem utilizadas no novo edifício não precisam necessariamente assemelhar-se às das do edifício tombado, ao contrário deveriam ser aplicadas novas técnicas e materiais, próprios à arquitetura de nossa época.

Dentro dessas diretrizes gerais, observou-se que o estudo preliminar apresentado responde perfeitamente ao aspecto da ocupação ampla do terreno, significando e garantindo uma posse imediata do mesmo.

2.3.3. Projeto

Inúmeras observações foram feitas sobre aspectos gerais e detalhes do projeto apresentado, podendo ser resumidas nos seguintes itens.

a) topografia - merece maior estudo o problema da drenagem ou aterro do terreno, verificando mais exatamente a viabilidade econômica de cada alternativa, bem como suas consequências para a valorização estética dos volumes;

b) cobertura - é preciso avaliar-se até que ponto é vantajoso o teto-jardim, uma vez que pode comprometer o aspecto da expansibilidade há, ainda, dificuldades na manutenção.

c) aberturas - enfatizou-se a aplicação de aberturas no bloco do LRAV para permitir maior integração com o entorno; verificou-se também a necessidade de beirais de proteção;

d) oficinas - o bloco poderia ter características de galpão industrial, com pé-direito duplo a fim de permitir futura implantação de mezaninos;

Handwritten signature or mark.

- e) acessos e circulação - é importante rever esse aspecto, garantindo entradas e saídas independentes e adequadas para usuários, funcionários, materiais e máquinas;
- f) técnicas construtivas - considerou-se que o uso do concreto resulta em "obra fechada" enquanto que a alternativa aço geraria "obra aberta", com maior flexibilidade de usos.

2.3.4. Prazos

Enfatizou-se em todas as reuniões que a questão dos prazos é política; há praticamente certeza de que na mudança do Reitor, em dezembro/89, perca-se a cessão do terreno e, em consequência, a possibilidade de aplicar as verbas do BID. Portanto, a data limite para início das obras é agosto/89. Com esses dados chegou-se ao seguinte cronograma básico:

OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO	FEBREIRO	MARÇO	ABRIL	MAYO	JUNHO	JULHO
1		2	3	4	5	6	7	8	

- 1 - Ante-projeto
- 2 - Aprovação pela Congregação
- 3 - Férias
- 4 - Aprovação pelo CONDEPHAT
- 5 - Projeto definitivo (Fundações, estruturas, instalações, detalhamento, especificação de materiais, memorial de serviços)
- 6 - Licitação
- 7 - Contratação
- 8 - Início da Obra

A análise do cronograma evidencia que, ainda que as etapas do projeto sigam seu curso normal, a partir do Estudo Preliminar apresentado, os prazos são extremamente críticos.

3. Contribuições paralelas

Durante o desenvolvimento dos trabalhos surgiram manifestações diversas de professores e alunos solicitando a abertura de um concurso para o projeto de ampliação da FAU.

Em virtude dessa manifestação, o coordenador Prof. Dr. Ualfrido Del Carlo decidiu convocar uma assembléia geral para o dia 16.09.88, às 9:00hs, onde a comunidade poderá discutir mais amplamente sobre o interesse e a oportunidade de tal evento.

4. Conclusão

Tendo em vista a necessidade premente da liberação de espaços dentro do prédio atual para abrigar adequadamente a ampliação e integração das atividades de pesquisa (pós-graduação) e ensino (graduação), houve consenso quanto à urgência da expansão, especialmente nesse momento em que estamos de posse das condições materiais - terreno e verbas - para isso.

Foi enfatizada a conveniência de agilizar-se ao máximo esse processo, buscando que o concurso cogitado não venha a interferir na construção imediata dos novos prédios.

Concluiu-se finalmente que, uma vez que a atualização dos programas dos laboratórios manteve-se dentro dos limites econômico/espaciais já estabelecidos, a realização dessas obras é totalmente viável.

Relatores:

Profa. Dra. Sheila W. Ornstein
Departamento de Tecnologia

Prof. J. L. Fleury de Oliveira
Departamento de Tecnologia

Marcia M. Signorini
Supervisora do Laboratório de Programação Gráfica

Milton José O. Frangipani
aluno de graduação

MEMORIAL DESCRITIVO

Esse projeto foi construído cuidadosamente através de uma sucessão de decisões, algumas com características de síntese e outras puramente analíticas. Foi assim que, a partir de uma análise inicial do programa, estabelecemos quais os principais fatores e condicionantes a considerar:

- 1.- Relação com o Edifício da F.A.U., não somente do ponto de vista funcional mas também é principalmente do ponto de vista formal e conceitual.
- 2.- Necessidade de uma ligação física direta e coberta com o prédio existente.
- 3.- Dificuldades relacionadas à grande depressão que ocupava parcialmente o terreno disponível com uma configuração extremamente irregular.
- 4.- Dúvidas quanto à viabilidade de uma ligação subterrânea devido à rede de canalizações existentes.
- 5.- Necessidade de prever uma ampliação futura com a área três vezes maior que a construção a projetar, com o programa definido apenas em suas linhas gerais e se possível que essa ampliação mesma pudesse também ser feita por etapas.
- 6.- O fator econômico como um dado "duro" - uma verba que não pode ser ultrapassada.

Além desses, todos os outros fatores ou objetivos comuns a todos os projetos como a necessidade de garantir conforto físico aos ambientes, atendimento correto das necessidades funcionais, etc.

Após essa análise inicial, tivemos um primeiro momento de síntese, contemplando essa extensa área de dentro da própria FAU, depois de ter caminhado por ela e de ter percebido alguns aspectos pitorescos. Sempre há coisas interessantes a preservar.

Se possível (se vier a calhar, não forçadamente) além dessas que saltam à vista e são por todos enfatizadas até um grau de exacerbação que leva até ao autoesquecimento, como é no caso, a incontestável importância deste já vetusto edifício na história da nossa arquitetura e portanto no seu presente e no seu futuro (e isso porque embora vetusto ele se mantém jovem, cheio de vida, energia e de alegria).

Esse momento de síntese se traduz num pequeno croquis que guardo até hoje e que aqui apresento pois dele derivou todo o meu projeto.

Nesse momento eu vi aquela área como um grande parque na qual poderiam ir sendo colocados à medida das necessidades, vários edifícios. E vi que isso não traria nenhum prejuízo ao edifício existente e pelo contrário poderia trazer um progresso maravilhoso para nossa escola, com um plano de desenvolvimento livre e ágil.

Além disso, essa idéia trazia de novo à tona uma das primeiras coisas que eu pensava sobre esse projeto, antes mesmo de analisar programa ou terreno: que o novo edifício (agora, novos edifícios) deveria estabelecer uma relação dialética com a FAU, um processo de negação da negação como afirmação.

Outras decisões foram se sucedendo. Fazer um aterro geral, nivelando toda a área num grande platô, seria muito caro e traria problemas com fundações, piso amado, etc. Decidimos aproveitar o nível rebaixado, apliando-o e regularizandoo; preservando porém suas características mais interessantes: a suave declividade do lado da FAU (que lhe confere o aspecto de um anfiteatro natural) e o pequeno talude irregular e arborizado do lado dos estacionamentos.

Decidi manter também o longo talude existente em toda a extensão da Avenida Prof. Luciano Gualberto.

Optei por um movimento de terra balanceado, aproveitando o desaterro necessário à ampliação da área, para suspender um pouco o piso inferior da depressão, com um aterro geral de 50cm de altura.

Como há calamentos naturais nas áreas adjacentes, os taludes serão menores que os atuais (dois metros do lado da FAU e um metro e meio do lado dos estacionamentos). Os tetos serão ajardinados para que, vistos de cima, não sejam tetos, porém jardins. Por ser de exequibilidade duvidosa, abandonei a idéia da passagem subterrânea e resolvi enfrentar corajosamente a necessidade de construir uma ligação coberta na superfície do terreno. Posteriormente decidi que essa ligação deveria ser enfatizada e teria um caráter simbólico e uma aparência provisória, como uma grua num canteiro de obras, ou uma ponte.

Minha maneira normal de projetar é essa, montando o projeto pouco a pouco de maneira a atender a todos os requisitos do programa e visando um resultado final plasticamente agradável.

EDITAL**CONCURSO "ANEXO DA FAUUSP"**Fls. n.º 10
Proc. n.º ACM/1189
Rub. 11111**INTRODUÇÃO**

Devidamente aprovado pela Congregação da Faculdade, o concurso entre arquitetos professores da própria Faculdade, para um anteprojeto de uma edificação próxima ao prédio atual que se resolveu chamar de anexo.

1. DO PROGRAMA

- 1.1 Uma planta do local será fornecida aos concorrentes, bem como o programa a ser obedecido na elaboração da idéia, junto à Secretaria Acadêmica.
- 1.2 Em função da verba ser pré-estabelecida, a área total deve ser respeitáda e os sistemas construtivos propostos deverão estar de acordo com a viabilidade econômica. Área total mais ou menos 2.700 m² e 300 dólares por m².
- 1.3 Futuras ampliações deverão estar contidas no anteprojeto, de modo a ser possível a retomada das obras a qualquer momento.

2. DAS INSCRIÇÕES

- 2.1 Todo professor arquiteto (ativo ou aposentado) desta Faculdade tem direito a participar do concurso.
- 2.2 A participação poderá ser individual ou em equipe, um professor poderá, se desejar, incluir alunos no trabalho.
- 2.3 A simples entrega do anteprojeto na Secretaria Acadêmica, contra recibo, será considerada inscrição definitiva no concurso, onde constará o nome do autor ou dos autores e toda sua equipe.
- 2.4 Os anteprojetos deverão ser entregues até dia 25 de março, às 18:00 hs.

3. DA APRESENTAÇÃO

- 3.1 Os anteprojetos deverão ser entregues em cópias heliográficas ou mesmo nos originais com desenhos essenciais na escala de 1/200 e a situação na de 1/500.
- 3.2 A padronização dos tamanhos do papel é recomendada para efeitos didáticos, de modo a que os alunos possam entender as limitações do concurso.
- 3.3 Todos os desenhos serão colocados nas pranchas de acrílico existentes na FAU, dispensando-se, portanto, suportes rígidos para os desenhos, que deverão ser entregues abertos.

Fls. n.º 11
Proc. n.º ACM/1189
Rub. 11111**4. DO JULGAMENTO**

- 4.1 De 25 a 28 de março deverá ser procedido o julgamento dos trabalhos.
 - 4.2 A escolha do projeto vencedor, será feita por uma Comissão Julgadora composta da seguinte forma:
 - 3 (três) arquitetos professores desta Faculdade, não concorrentes e nem envolvidos de forma alguma (sócios de escritório, parentesco, etc.) com qualquer concorrente, indicados pela Congregação.
 - 2 (dois) arquitetos ex-professores desta Faculdade, nas condições anteriores.
 - 4.3 O resultado do julgamento deverá ser anunciado no dia 28 de março na exposição dos trabalhos.
 - 4.4 A tarefa de julgamento será inteiramente gratuita e será considerada honrosa para ambas as partes. Cada membro do júri receberá um documento oficial de agradecimento.
- 5. DA PREMIAÇÃO**
- 5.1 Ao autor ou autores do anteprojeto vencedor ficará assegurada a elaboração do Projeto definitivo pelo FUNDUSP, segundo condições a serem estabelecidas.
 - 5.2 Somente haverá escolha de um vencedor, sendo atribuída aos demais a qualificação de "Menção Honrosa".
- 6. DA ACEITAÇÃO**
- 6.1 Uma vez entregue o anteprojeto, o autor ou autores ficarão inteiramente de acordo com este Edital, não sendo aceitos protestos posteriores.

São Paulo, 28 de fevereiro de 1989.

 PROF. EDUARDO CORONA
 Coordenador

Fls. n.º 21
Proc. n.º AC-01/89
Rub. 1111

RELAÇÃO DOS DOCENTES QUE RETIRARAM DOCUMENTAÇÃO (EDITAL, PROGRAMA E PLANTA DO TERRENO) REFERENTE AO CONCURSO "ANEXO DA FAUUSP".

NOME	ASSINATURA	DATA RETIRADA
1- BRUNO R. PADOVANO OK		01.03.89
2- DARIO MONTESANO de		01.03.89.
3- G.C. GASPERINI		01.03.89
4- FRANCISCO SEGNINI		02.03.89
5- ROBERTO CERRONE		03.03.89
6- LUCIO G. MACHADO		03.03.89
7- TERU TAMAKI		03.03.89
8- MARCELLO FRAGELLI de		03.03.89
9- ARNALDO MARTINO de		03/03/89
10- Edgar Gonçalves Dente de		03/03/89
11- JOSEMAN CUNHA		03/03/89
12- PAULO BARROS		06/03/89
13- UBYRAJARA GILIOLO de		06.03.89.
14- CESAR GALHA B. LOURENÇO de		06.03.89
15- JOSE DE A. PINTO		06.03.89
16- SILVIO BARROS		06/03/89
17- MINIMY NAMUR		06/03/89
18- STEFANO ZONETTI		07/03/89
19- EDUARDO DE ALMEIDA		07/03/89
20- JOSÉ CLAUDIO GOMES		07/03/89.
21 - ANDREINA NIGRIELLO		09/03/89
22- Candido Malta Campos Filho		11/03/89
23- SYLVIO B. SAWAYA		13/03/89
24 MARIA A. R. FRANCISCO		13/3/89
25. JOÃO WALTER TOSCAN		17/03/89

Encerradas as inscrições dia 18/3/89

Lista de participantes inscritos no Concurso do Anexo, 1989.

Fls. n.º 25
Proc. n.º AC-01/89
Rub. 1111

RELAÇÃO DOS DOCENTES DA FAU QUE ENTREGARAM O ANTEPROJETO DO ANEXO DA FAU.

Nº	NOME
01	TERU TAMAKI
02	FRANCISCO SEGNINI JUNIOR
03	GIAN CARLO GASPERINI
04	DARIO MONTESANO
05	JOSÉ CLAUDIO GOMES
06	JOSÉ DE ALMEIDA PINTO
07	ARNALDO ANTONIO MARTINO
08	SIEGBERT ZANETTINI
09	CESAR GALHA B. LOURENÇO
10	ANDREINA NIGRIELLO
11	ANTONIO RAFAEL CUNHA PERRONE
12	EDGAR GONÇALVES DENTE
13	BRUNO ROBERTO PADOVANO
14	CANDIDO MALTA CAMPOS FILHO
15	LUCIO GOMES MACHADO
16	MARCELO FRAGELLI
17	SYLVIO BARROS SAWAYA

L. Diretor, 17 (dezenete e é o número de professores que elaboraram o anteprojeto do anexo e entregaram seus folios, exatamente no dia 27/3/89, sendo que os dois últimos entregaram os seus no dia 28 (vinte e oito e 17) pela manhã cedo, devido a dificuldade do fim de semana.

28/3/89
Eduardo Farney

Lista de entrega dos anteprojetos para o Concurso do Anexo, 1989.

Fls. n.º 24
Proc. n.º AC-01/89
Rub. 1616

São Paulo, 22 de março de 1989.

Senhor Professor,

Conforme nossos entendimentos verbais, estou confirmando o convite feito ao caro colega, para integrar a Comissão Julgadora do Concurso Interno (entre professores desta Faculdade), para a construção de uma edificação, ao lado do prédio atual, que se resolveu chamar de anexo. Esse júri será composto por 5 membros, todos professores (3 da ativa e 2 ex-professores), preliminarmente ajustados e que serão anunciados até 2ª feira, dia 27, quando da entrega dos anteprojetos. Entre os nomes cogitados estão: Prof. Eduardo Kneese de Mello, Prof. Jon Andoni Vergareche Maitrejean, Prof. Miguel Alves Pereira, Prof. Eduardo Corona e Prof. Décio Tozzi (meu nome insistido por vários concorrentes).

Estou anexando a esta, um Edital do concurso, um programa e uma planta do local, bem como duas plantas dos níveis do Salão Caramelo e do Auditório, que foram entregues aos concorrentes.

Os dias reservados para o julgamento são 28 e 29 de março p. futuro, já que o anteprojeto escolhido deverá, impreterivelmente, ser entregue ao FUNDUSP, no dia 30 de março, para que a FAU não seja privada de seu financiamento do BID.

Assim, convoco o professor para o início do julgamento, às 10:00 horas, do dia 28 de março, no Salão Caramelo da FAU, onde estarão expostos os trabalhos.

Agradecendo sua aquiescência para desempenho da tarefa tão honrosa para a FAU, apresento ao colega minhas

cordiais saudações

Eduardo Corona
Prof. EDUARDO CORONA

Coordenador

enviado para: Profs. Eduardo Kneese de Mello,
Jon Andoni Vergareche Maitrejean,
Décio Tozzi
João Carlos Cauduro
Eduardo Corona

Convite aos jurados do Concurso do Anexo, 1989.

Fls. n.º 26
Proc. n.º AC-01/89
Rub. 1616

ATA DO RESULTADO DO CONCURSO DO "ANEXO DA FAU".

O júri, composto pelos seguintes professores: EDUARDO CORONA, EDUARDO AUGUSTO KNEESE DE MELLO, JON ANDONI VERGARECHE MAITREJEAN, JOÃO CARLOS CAUDURO e DÉCIO TOZZI, reunido no dia 27 de março de 1989, no recinto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, analisando detidamente os anteprojetos apresentados, destacou, por suas qualidades, os dos seguintes professores: Arnaldo Martino, Bruno Padovano, Gian Carlo Gasperini e José Claudio Gomes. Após prolongada reflexão, o júri deliberou escolher o anteprojeto do Professor GIAN CARLO GASPERINI. O júri congratula-se com a iniciativa da FAU-USP e a todos os professores, pelo elevado nível dos anteprojetos apresentados.

São Paulo, 27 de março de 1989.

Prof. Dr. EDUARDO CORONA

Prof. Dr. EDUARDO A. KNEESE DE MELLO

Prof. Dr. JON A. VERGARECHE MAITREJEAN

Prof. Dr. JOÃO CARLOS CAUDURO

Prof. Dr. DÉCIO TOZZI

*R. Diretor, junto a este
processo o original da ata
da Comissão julgadora, a
quem coube a tarefa de
escolher o projeto que deveria
ser entregue ao FUNDUSP.*

24/3/89

Eduardo Corona

Homologado pela Congregação em sessão de
14.04.89.

São Paulo, 17 de abril de 1989.

Ruth Loureiro Tamarindo
RUTH LOUREIRO TAMARINDO

Assist. Téc.

Assuntos Acadêmicos

Ata do resultado do Concurso do Anexo, 1989.

Ofício do Condephaat com diretrizes para a preservação do Edifício Vilanova Artigas.

Ofício do Condephaat com diretrizes para a preservação do Edifício Vilanova Artigas.

CONCURSO INTERNO DE IDÉIAS PARA AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO ANEXO DA FAU. Aberto a professores, em exercício ou aposentados, em equipe com alunos de graduação e pós-graduação.

Os interessados receberão junto à Seção de Expediente da FAU, os documentos abaixo:

1. Programa/Conclusão do grupo de trabalho constituído de docentes, alunos e técnicos da FAU, sobre o projeto apresentado pelo FUNDUSP.
2. Planta local em escala
3. Cópia ofício do CONDEPHAAT

Os candidatos apresentarão suas propostas de idéias em até 3 (três) pranchas tamanho A-2 e memorial, até às 18 horas do dia 7 de novembro, em envelope tamanho A-2 em papel "Kraft".

O material não deverá permitir a identificação do autor, sendo desclassificadas as propostas que não obedecerem este quesito.